

A F F O N S O S O L A N O

O ESPADACHIM DE

CARVAO

Com descrições clássicas e um ritmo narrativo contemporâneo, o leitor será apresentado a um dos melhores universos mitológicos já criados por um autor brasileiro.

Thiago Romariz, OMELETE



Fantasy

Casa da Palavra

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Ficha Técnica

Copyright © 2013 Affonso Solano

Copyright © 2013 Casa da Palavra

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direção editorial: Martha Ribas e Ana Cecilia Impellizieri Martins

Coordenador do selo Fantasy: Raphael Dracon

Editora: Fernanda Cardoso Zimmerhansl

Editora assistente: Beatriz Sarlo

Copidesque: Luísa Ulhoa

Revisão: Rodrigo Rosa

Ilustrações do miolo: Affonso Solano

Capa: Rico Bacellar

Ilustração de capa: Ralph Damiani

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
S669e

Solano, Affonso

O espadachim de carvão / Affonso Solano. - Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2013.

ISBN 9788577343508

1. Ficção brasileira. I. Título.

13-0342 CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

casa da palavra produção editorial

Av. Calógeras, 6, 1001 – Rio de Janeiro – RJ – 20030-070

21.2222 3167 21.2224 7461

divulga@casadapalavra.com.br

www.casadapalavra.com.br

Para minha vovó Eneida, que sempre gostou dos meus monstros.

Para minha mãe, que me fez gostar de ler.

Para meu pai, que me levou em muitas aventuras.

Para meus irmãos, meus companheiros de brincadeiras.

Adapak

Qualquer coisa pode ser morta. Basta acertá-la no lugar certo.

Tamtul, em *Tamtul e Magano contra a ampulheta da Rainha Estátua*.

O FILETE DE LUZ atingiu as pálpebras de Adapak, alfinetando-lhe a consciência. Ele desviou o rosto da fresta por onde a lua espiava, piscando enquanto a memória o informava da situação.

Bosta.

Adormecera. O espadachim amaldiçoou o corpo cansado e girou a cabeça cuidadosamente para os lados, sentindo a dor lhe escorregar pela coluna vertebral, punindo-o pelo descuido. Tinha cometido um erro *grave*.

Quanto tempo havia perdido? Daquele esconderijo, o jovem de 19 ciclos de idade não tinha como saber: a pouca luminosidade que penetrava no depósito era graças às brechas e falhas na madeira das paredes, porta e janela, perfurando as trevas como lanças pálidas querendo feri-lo. O lugar contava cerca de 7 passos de comprimento por 5 de largura, abrigando um par de estantes com instrumentos de jardinagem, selas, sacos de adubo e ração envelhecida – quem quer que tenha construído o aposento abandonara-o há vários ciclos, deixando a madeira podre convidar o mofo e a poeira para ali morar.

Irritado, Adapak se levantou, cauteloso quanto ao ranger das tábuas do chão; qualquer barulho, por mais baixo que fosse, era um direito que ele havia perdido. De sentado passou para ajoelhado, colando o ouvido na parede leste: insetos orquestravam sua melodia noturna e nada mais.

Espere.

As tábuas da janela dobraram-se violentamente para dentro do depósito, cuspidando farpas por cima de sua cabeça. O segundo impacto foi ainda mais forte, permitindo que a luz adentrasse livremente em feixes brancos, queimando a escuridão. Adapak moveu o corpo para o canto e desembainhou uma de suas espadas gêmeas, Igi. A lâmina de osso despertou com um silvo ao deslizar no forro da bainha, implorando para que sua superfície perfeitamente branca logo fosse maculada. Um terceiro baque agora destruíra completamente o que antes era a janela do aposento, abrindo um rombo grosseiro para o mundo exterior.

Um deles entrou.

Guiada pelas experientes mãos do espadachim, a lâmina de Igi projetou-se em linha reta, atravessando o crânio da guandiriana pela têmpora direita. Tão rápido quanto entrara, retrocedeu; colorindo as paredes com sangue e massa cerebral. Os dedos compridos da

invasora largaram a grande maça de osso que empunhava, acompanhando o corpo pesado e sem vida que desabou desajeitadamente para dentro do depósito.

As pernas de Adapak o recuaram para longe do rombo que havia sido aberto e ele encarou a criatura: espigões e placas encouraçadas brotavam de sua grossa pele vermelha-escura, desenhando-lhe uma grotesca armadura natural ao longo do corpo magro e desnudo de pouco mais de 8 cascos de altura. Por conta da deformidade súbita que a cabeça havia sofrido, o par de olhos involuídos havia saltado das órbitas e as enormes orelhas pendiam frouxas e rasgadas como velas de navio após uma intensa tempestade. A mandíbula, no entanto, ainda preservava a expressão congelada no último espasmo de vida, arreganhando a arcada de dentes irregulares. Ainda que a pélvis da guandiriana estivesse voltada para baixo, o espadachim pôde concluir sem dificuldade que aquela era uma das fêmeas-soldado, uma vez que sua coroa de chifres havia sido serrada e as placas encouraçadas não exibiam as típicas tatuagens escavadas dos machos de alto escalão.

Nascidos para a violência, Adapak refletiu, limpando a lâmina com a palma calejada.

E então vieram os guinchos.

Eles invadiram o depósito com uma intensidade ensurdecadora, ecoando pelas paredes e agulhando os tímpanos do espadachim. Ele tapou os ouvidos e estimou no mínimo cinco deles lá fora, emitindo o som insuportável para que pudessem *enxergá-lo*.

Assim que cessaram, os guinchos foram substituídos por frases do líder em sua língua-mãe, ordenando às subordinadas que adentrassem o lugar. Adapak as ouviu protestar e se permitiu um sorriso sutil de vitória; ele era consciente da natureza bruta dos guandirianos, mas sabia também que o medo do desconhecido fazia parte de quase todas as espécies de Kurgala e seus inimigos não eram exceção; tinham visto um dos seus entrar naquele pequeno armazém e ter a cabeça destroçada – agora temiam o mesmo destino.

Acompanhados de mais guinchos, dois estrondos vieram das paredes sul e oeste, sacudindo o lugar inteiro. As criaturas sentiam o cheiro de Adapak, mas o retorno de som não lhes dava sua localização *exata* – então iam derrubar a estrutura inteira até que ele fosse obrigado a sair (ou morresse sufocado sob os escombros). O rapaz ignorou a dor nos ouvidos e vasculhou o cenário em busca de opções: a janela por onde ele tinha entrado no início da noite era agora um rombo vigiado. A porta da parede norte ostentava um pesado trinco pelo lado de fora e o teto não revelava nenhuma portinhola. O próximo golpe empurrou a parede sul de tal maneira que a estante a sua frente por pouco não tombou.

Isso.

Adapak embainhou Igi ao lado da irmã Sumi e agarrou o móvel. Forçou-o para frente, mas era pesado demais. Apoiou uma das botas na parede e duplicou o esforço.

Por favor.

A estrutura tombou, trazendo com ela os instrumentos, sacos de adubo e ração há muito esquecidos nas prateleiras. Os dois últimos se abriram com o impacto no solo e se misturaram à grossa cortina de poeira que se ergueu com o estrondo. Os ataques cessaram, mas os guinchos não – Adapak transformou o esconderijo em um súbito amálgama de cheiros

e ecos misturados, confundindo seus algozes temporariamente. Com isso em mente, ele desembainhou ambas as espadas e espiou o lado de fora através do buraco na parede.

A lua de Sinanna derramava sua luz pálida sobre a clareira do bosque, cujos únicos indícios de civilização eram a casa abandonada do antigo morador do terreno, uma velha carroça sem rodas e o depósito onde o espadachim se encontrava encurralado – em frente a este, duas fêmeas-soldado guinchavam exaustivamente, movendo as narinas verticais e as orelhas avantajadas em busca de informações. As lâminas de osso de suas espadas eram amareladas, o que sugeria a confecção a partir de anbärr muito jovens.

Armas de baixa qualidade. Isso é bom.

Logo atrás das fêmeas estava o macho-líder: o mais alto, mais encouraçado e mais inteligente do grupo. Uma coroa de chifres lhe adornava a cabeça angulosa, alertando o mundo sobre seu potencial hostil. Ele portava uma rústica clava de osso amarrada à cintura e tinha a couraça marrom repleta de tatuagens escavadas, expressando sua posição privilegiada no mapa da hierarquia guandiriana.

Havia algo mais, no entanto.

No pescoço da criatura pendia um cordão de couro simples, cuja ponta segurava uma espécie de cristal esverdeado em forma de meia-lua. O pequeno artefato parecia ter sido amarrado de forma improvisada, com fios puídos cruzando entre si e ocultando parte da superfície.

Aquela era uma relíquia *Dingiri*.

Adapak estremeceu. Aquilo era ruim, *muito* ruim. Ele teria que neutralizar o guandiriano tatuado *antes* dos outros se quisesse aumentar suas chances de sobrevivência.

Pense.

Atrás do espadachim os ataques às paredes recomeçaram. Seu coração ecoava a contagem regressiva do confronto.

Rápido.

A espada Sumi partiu do buraco no depósito como uma flecha, cortando o ar em linha reta até cravar com um baque seco no tórax encouraçado do líder, por pouco não acertando a relíquia. A criatura mal começou a compreender o que tinha lhe acontecido quando Adapak saltou para fora da estrutura, passou correndo entre as duas fêmeas atônitas e pulou sobre o guandiriano, forçando-o a tombar para trás enquanto arrancava a espada de seu tórax e passava por cima do corpo, aterrissando na grama logo atrás.

Arfando, o espadachim se virou para encarar os inimigos. Os Círculos surgiram em sua mente, se preparando para os cálculos.

Comece.

As duas fêmeas avançaram aos guinchos, deixando o macho ainda atordoado no solo. Igi e Sumi rechaçaram as investidas iniciais com uma rápida sequência de floreios que culminou com uma das guandirianas tendo sua espada partida e perdendo dois dedos da mão esquerda. Adapak falseou um passo para o lado e a outra oponente arriscou uma estocada onde achou que ele estaria: a arma errou o alvo ágil quando este girou o corpo para o lado oposto, rasgou-lhe com Igi a lateral do pescoço desprovido de placas encouraçadas e desceu a afiada lâmina de Sumi no joelho direito, perfurando-lhe a junção com um esguicho vermelho. Adapak puxou as espadas e deixou o cadáver cair, ciente de que a guandiriana que perdera os dedos recuperara a arma quebrada com a outra mão e já investia um novo ataque; ele encurtou a distância e a decapitou antes mesmo que o golpe completasse o movimento pretendido.

Ao tombar do segundo corpo, os Círculos se reconfiguraram na mente do espadachim e ele limpou o sangue de Igi e Sumi. Esculpidas a partir do mais lívido osso de anbärr, as lâminas gêmeas desenhavam curvas suaves e pontas irregulares através dos 4,5 cascos de comprimento. O par de hastes onduladas da guarda protegia a empunhadura envolta em um complexo trançado de tiras de couro, terminando em uma pequena escultura representando a cabeça de um ushariani, cuidadosamente detalhada e pontuada com três pequeninas joias no lugar dos olhos: as de Igi, azuis; as de Sumi, verdes.

Passos dali, o líder guandiriano se pôs de pé. A placa encouraçada do peito esquerdo agora exibia uma rachadura extra onde Sumi havia penetrado. *Não foi fundo o suficiente para feri-lo*, Adapak lamentou, vendo a criatura tatuada desamarrar a clava da cintura enquanto dois outros chegavam correndo e guinchando da parte traseira do depósito, movimentando as grandes orelhas e brandindo espadas amareladas. Um deles também era macho.

Ah, Bosta.

Eles pararam ao lado do líder, que farejou na direção do espadachim e proferiu:

– *Ikibu.*

Adapak sentiu o pescoço retesar ao ouvir a palavra. As três magras criaturas o estudaram e guincharam uma para outra, cientes das irmãs assassinadas e hesitantes sobre como proceder. Adapak calculou mentalmente sua posição no cenário: às suas costas estava a Casa Abandonada, mas a última coisa que precisava era se encurralar em um lugar fechado e escuro outra vez.

E então o macho-líder segurou o cristal esverdeado da ponta do cordão.

Ele levou a relíquia à têmpora esquerda e começou a urrar com força, fazendo as veias do pescoço incharem como vermes bem alimentados. A fêmea e o macho menor guincharam, deram um passo para trás e abaixaram a cabeça quando uma desconfortável vibração tomou conta do bosque. Um silvo agudo soou no ar.

A varanda. A casa tem uma varanda. Corra.

O jovem disparou na direção da casa, ganhando alguns segundos antes que seus passos o denunciassem para os inimigos. A vibração no bosque desapareceu no instante em que

decidiram persegui-lo.

O espadachim subiu os degraus da varanda e armou a defesa; agora só havia passagem para um oponente de cada vez. Os dois machos chegaram primeiro e se jogaram contra a passagem sem qualquer planejamento, entalando com os espigões nas paredes e bloqueando a guandiriana da retaguarda. Ansioso, Adapak arriscou um corte no abdômen do macho menor, mas as placas abdominais negaram a lâmina branca.

Ouçá os Círculos. Não improvise.

O líder colou a relíquia na têmpera novamente, preenchendo o ar com a vibração de antes. Adapak não titubeou e saltou para fora da varanda bem a tempo; a parede frontal da casa gemeu e desabou sobre os dois machos, prendendo-os nos escombros.

No chão, a fêmea investiu: Igi repeliu o ataque enquanto Sumi desceu em cheio no topo do crânio da criatura, cravando a lâmina na placa encouraçada sem atingi-la mortalmente: era como acertar uma machadada em um tronco de árvore.

Errado de novo. Acalme-se.

A guandiriana puxou a cabeça para trás e Sumi quase foi junto, impedida por pouco pela força com que Adapak a segurava. Com a outra arma, o jovem bloqueou uma estocada desajeitada da inimiga, apoiou o pé em sua barriga e a empurrou; Sumi se desprende com dificuldade, jogando os dois oponentes em direções opostas. O espadachim se recuperou mais rápido, avançou e rasgou-lhe a lateral do pescoço. A criatura guinchou e caiu de joelhos antes de ser decapitada com um último golpe duplo cruzado.

Adapak abriu uma pequena distância da casa e refez a guarda. Os Círculos retornaram às posições iniciais, aguardando.

O macho menor foi o primeiro a se livrar dos escombros, deixando o líder para trás e atacando: Adapak se defendeu com Igi e devolveu outro ataque com Sumi, cuja intenção era amputar-lhe o braço direito armado. A lâmina, entretanto, interrompeu o corte no meio do membro encouraçado e ficou presa outra vez. A criatura urrou de dor e instintivamente puxou-a para perto, trazendo Adapak agarrado à própria arma. O guandiriano então lhe desferiu uma cabeçada violenta que o fez perder o equilíbrio e cair para trás, puxando Sumi e a criatura em um grotesco cabo de força. Adapak foi o vencedor, recebendo todo o peso da criatura no chão. Um dos espigões do ser lhe espetou o ombro.

Dor. Depois.

Trincando os dentes, Adapak largou o cabo de Sumi e empurrou o corpo do inimigo para o lado, se levantando com Igi em mãos. Ainda tonto e ofegante, ele localizou o líder, livre dos escombros da varanda e parado a alguns passos dali. A criatura encostou a relíquia na têmpera e a vibração tomou conta do bosque novamente. Ainda com Sumi presa ao antebraço, o macho menor começou a se levantar quando outro silvo soou no ar.

E então metade de sua cabeça despencou para o chão, como um chapéu escapando de um usuário distraído.

Adapak testemunhou horrorizado o corpo da criatura estremecer em choque antes de desabar sem vida, manchando a grama de vermelho. Percebendo o que a relíquia tinha feito por acidente, o líder a afastou da têmpera, mas a vibração não cessou. Desesperado, ele arrancou o cristal do pescoço e o arremessou no chão, fazendo com que um enorme reflexo esmeralda pulsasse ao seu redor. No segundo pulsar, sua mão direita caiu no solo, ainda segurando a clava.

Pela Matriarca...

Urrando de dor, o guandiriano começou a pisotear o objeto. No terceiro golpe, a vibração cessou.

Ambos permaneceram imóveis por algum tempo, esperando o que viria a seguir.

Nada aconteceu.

– A-afaste-se daí – gaguejou Adapak, quebrando o silêncio. Ele se esforçava em transmitir confiança, ainda que por dentro estivesse exausto, ferido e assustado. O líder cambaleou alguns passos para o lado, segurando o membro amputado e contorcendo o rosto. – Agora me diga por que estão atrás de m...

– *Iikibuuu...*

Ikibu.

Adapak abriu os lábios, mas a pergunta teimou em sair e quando o fez, soou quase como uma súplica:

– O que... O que é *Ikibu*?

O guandiriano nada respondeu, encarando-o com os olhos diminutos. Eles piscavam nervosos nas órbitas, inúteis como tochas sob um temporal.

– QUEM SÃO VOCÊS?! – o jovem gritou com lágrimas nos olhos. Em resposta, a criatura cuspiu no chão e avançou contra ele, desarmada. Os Círculos ordenaram e o espadachim obedeceu, trespassando a garganta do oponente com um golpe certo.

O bosque ficou em silêncio.

Ikibu.

Adapak permaneceu ali parado, observando o cadáver do líder no chão. Os Círculos desapareceram da mente do rapaz e ele sentiu as mãos começarem a tremer – *matar* ainda não era algo natural para ele, apesar de fazê-lo *bem*.

Vamos.

O espadachim olhou para o lado, onde a mão decepada do guandiriano jazia na grama, ao lado da clava de osso e da relíquia. Ele foi até lá e se agachou sobre o membro, analisando-o primeiro: o corte perfeito expunha as camadas de pele, gordura, músculo e osso, maculadas apenas pela enorme quantidade de sangue liberado na amputação. No chão em volta, duas grandes circunferências marcavam exatamente onde o reflexo esmeralda pulsara: tão perfeitas quanto o corte, elas penetravam no solo a uma profundidade desconhecida,

como se feitas por um enorme instrumento de jardinagem invisível.

Há alguns passos dali, a cabeça do macho menor parecia ter sido cortada da mesma forma.

Adapak direcionou a atenção para o objeto responsável por aquilo: a relíquia tinha sido bem amarrada à ponta do cordão de couro negro muito simples, transformando-se em um amuleto improvisado. A maior parte do cristal estava oculta sob os fios que o abraçavam, mas através dos espaços entre eles era possível confirmar sua superfície perfeitamente lisa e levemente reflexiva. Uma análise mais minuciosa, contudo, revelava uma complexa e quase imperceptível textura de diminutos hexágonos em sua extensão esverdeada. O objeto em forma de meia-lua era um pouco maior que o comprimento da mão do rapaz e sua espessura devia ter no mínimo um dedo. Ele o virou com a ponta da bota, confirmando o verso idêntico.

O espadachim encarou o artefato, pensativo. Relíquias Dingirī podiam ser recursos poderosos nas mãos das pessoas certas, mas brinquedos mortais nas mãos das *erradas* – fato evidenciado pelo que ele acabara de testemunhar. Esta, por sua vez, podia lhe render algo ainda mais importante: alguma pista sobre seus perseguidores.

Decidido, o espadachim embainhou Igi e foi até o corpo do macho menor, que ainda mantinha Sumi refém no antebraço. Ele segurou o cabo da arma com ambas as mãos, apoiou uma das botas no cadáver e puxou com força, conseguindo desprendê-la. Em seguida foi até o depósito e recuperou sua bolsa, de onde tirou um velho pedaço de pano. Então voltou até onde a relíquia Dingirī estava e a embrulhou com cuidado, guardando-a.

Dali foi até a carroça sem rodas, onde se sentou e bebeu do cantil, aliviando a garganta irritada. Em seguida, lavou o inchaço da testa e o ombro perfurado, que reclamou do contato com a água fria. *Terei que limpar melhor isso depois*, pensou, lembrando a seguir o que havia se passado.

Notara que os assassinos estavam em seu encalço novamente há duas luas e tentou despistá-los nos bosques, onde se deparou com a casa abandonada e o depósito. Se não tivesse adormecido, sua tática teria funcionado: os guandirianos investigariam a casa primeiro, atraídos pelo reverberar de uma estrutura maior e ignorando o pequeno esconderijo de início; isso lhe daria uma vantagem estratégica contra o grupo, surpreendendo-o quando estivessem divididos. Enquanto cochilava, ponderou, os violentos seres provavelmente tinham vasculhado a casa e então se voltaram para o pequeno galpão, onde captaram seu cheiro e o encurralaram como um roedor.

Não posso mais ficar sem dormir, concluiu, ainda sentindo o corpo tremer. Ele sabia que tivera sorte de escapar vivo.

Adapak se serviu de mais água, deixando o corpo esfriar. Sentiu a brisa gelada soprar contra a pele absolutamente negra enquanto passava a mão sobre a cabeça calva para enxugar o suor. Seus olhos brancos vislumbraram a lua de Sinanna, brilhando vigilante na madrugada e única testemunha do sangue derramado sob sua luz. Fechou-os por um breve instante e pensou em Enki' Nār e no Lago Sem Ilha.

E então chorou compulsivamente. Sentia falta de seu pai e de sua Casa.

E de T'arish.

T'arish

Beije-me, seu idiota.

Dagan, em *Tamtul e Magano contra o terror do abismo vermelho*.

ADAPAK DEIXOU o corpo esquentar sob o sol do meio-dia, sentindo a brisa morna soprar contra a pele negra e passando a mão sobre a cabeça para tirar as gotas de suor. Seus olhos vislumbraram a esfera amarela que brilhava orgulhosa no céu de Kurgala; única testemunha de sua vitalidade naquela tarde. Ele deslizou os pés descalços na grama macia, roçando a folhagem entre os dedos. Adorava essa sensação. Adorava fazê-lo desde criança, pelo que conseguia se lembrar.

Um sorriso de satisfação formou-se em seu rosto ao vislumbrar a paisagem; estava de pé em uma das duas ilhas que o Lago Sem Ilha possuía: esta, próxima à margem oeste, era tão diminuta que podia atravessá-la em dez passos largos e seu único atrativo parecia ser uma antiga árvore do tipo “tristonha” (ou, pelo menos, era assim que Adapak gostava de chamá-la). Seus galhos altos e curvos cascadeavam uma comprida cortina de folhas cor-de-rosa ao redor do tronco, criando um recanto natural para quando Adapak quisesse sair um pouco de Casa e ler ao ar livre.

O lago, em compensação, era enorme. Localizado na região centro-oeste do continente de Eriduria e cercado por uma cadeia de montanhas repletas de vegetação tropical, sua extensão alcançava quase uma lua inteira de caminhada da margem leste a oeste; viagem que Adapak só fora permitido fazer uma vez, acompanhado de Telalec.

E no centro do lago havia a segunda ilha, morada de Adapak e seu pai e bem maior que a primeira.

Com esta observação, a memória aproveitou também para lembrá-lo de que era hora de voltar para casa. Caminhando até a árvore, ele abriu o pequeno baú de madeira sobre a grama e guardou o livro que estava lendo – o próximo capítulo das aventuras dos irmãos Tamtul e Magano teria que esperar até o sol seguinte. Em seguida, certificou que sua faca de madeira estava bem presa à bainha do calção (já tinha perdido duas nos últimos quatro meses) e começou a entrar na água fria, observando o próprio reflexo.

Contava 16 ciclos de idade, alcançando agora pouco menos de 8 cascos de altura. Seu corpo esguio era completamente desprovido de pelos e sua pele era escura como a noite – o tom havia passado de cinza para o negro absoluto com o avançar do tempo. Seus pés e mãos contavam cinco dedos cada e não tinham unhas.

Adapak tinha um rosto anguloso e de traços bem desenhados. Ele não tinha nariz ou orelhas; apenas um par de orifícios para cada. Sua boca era pequena e de lábios finos, ocultando 28 dentes brancos e bem cuidados. Seu par de olhos também era branco, apesar de uma observação mais honesta revelar que as *pupilas* eram brancas e por isso, sem o

contraste dos globos oculares (também brancos) seus olhos finalizavam uma aparência sem vida e intimidante para um observador mais relapso.

O rapaz terminou de entrar na água e começou a nadar em direção à grande ilha. Após algumas braçadas ele se interrompeu e lançou um olhar na direção contrária – a margem oeste do lago.

Eles nunca vêm a essa hora, pensou, tentando se convencer. Olhou para o sol mais uma vez, fazendo cálculos.

Será rápido.

Adapak mudou o curso do nado, sentindo o acelerar súbito do coração repreendê-lo por estar fazendo algo que seu pai proibia. Ele nadou com calma, mantendo somente a cabeça calva para fora do nível da água e aguçando os sentidos – qualquer sinal de vida sapiente e ele abortaria a breve ousadia.

O rapaz logo alcançou a margem oeste, saindo do lago e se vendo coberto pela sombra do pilar Dingirī que ali existia; formada por centenas de milhões de pequenos cristais verdes, a estrutura com mais de 450 cascos de altura era como uma colossal estalactite que tivesse despencado dos céus e fincado no solo. Seu largo topo era uma imponente miríade de espigões compridos, apontando para diferentes direções do firmamento, como uma estrela de múltiplas pontas. Símbolos de uma era onde mortais e Dingirī caminhavam juntos, as construções eram hoje relíquias estáticas cujo propósito se perdera com a partida de seus criadores.

E este, como muitos outros pilares espalhados em Kurgala, tinha sido adotado pelos mortais das redondezas como uma espécie de altar. Pinturas, cartas, joias, estátuas, armas e até pratos de comida eram deixados, eventualmente, como presentes para o pai de Adapak.

O rapaz se aproximou de uma pintura de moldura simples, retratando duas crianças humanas sorridentes. *Que a Voz Esmeralda as guie de volta para as estrelas* diziam as palavras, escritas com minúcia em um canto do desenho. Ao lado, uma travessa de cerâmica apresentava os restos de um pássaro que chegara cozido, mas fora devorado pelos animais da floresta há tempos. Um vestido feminino jazia triste no solo, com somente um colar bonito sobre a gola para lhe fazer companhia. Um pouco afastado do pilar e em frente a uma grande pedra coberta de musgo, uma fogueira havia sido armada; em seu centro um belo elmo de osso de anbãrr repousava, escurecido pelas chamas agora extintas. As brasas ainda liberavam fios de fumaça que se erguiam como se o espírito do antigo dono da armadura estivesse se desprendendo da mesma. Uma perfuração grosseira em sua lateral sugeria a maneira como ele havia perecido.

Pedidos, símbolos de gratidão, barganhas. Pequenas cápsulas de esperança deixadas pelo mundo exterior que Adapak nunca visitaria. O que a fauna ao redor do lago não podia consumir, o pai de Adapak ordenava que seus mellat trouxessem para a Casa, para que o rapaz aprendesse por meio deles como os mortais se comportavam.

Nada era roubado. Nunca.

Tem alguém se aproximando.

Vozes graves ecoavam da densa floresta à frente, denunciando os visitantes e afugentando as famílias de sapaju que se penduravam no alto das árvores. Não havia como mergulhar sem chamar atenção, então Adapak saltou por cima da fogueira e se escondeu atrás da grande pedra, espiando dentre as folhagens que a permeavam para ver quem se aproximava.

Quatro gisbanianos surgiram da mata, conversando na própria língua. Era a primeira vez que Adapak se deparava com aquela espécie ao vivo, mas pelas ilustrações das enciclopédias ele se acostumara a chamá-los de “cabeças de arco”, devido à semelhança de seus crânios com a arma de longo alcance. Eles trajavam roupas humildes de camponês e portavam armas simples como lanças de madeira e espadas de lâminas amareladas. O primeiro da fila montava um robusto sisu de pelo marrom, carregado de bolsas, cantis e sacos de dormir. Os três outros empurravam uma esférica gaiola de bambu, cujas rodas sofriam sobre o solo irregular da floresta; a prisão abrigava uma jovem ñannariana nua, magra e de pele roxa e suja. A brisa trouxe seu aroma adocicado até Adapak, que ouvia seu choro baixo ser ignorado pelos captores.

O rapaz de pele negra se abaixou ainda mais na folhagem quando o camponês da frente parou defronte ao pilar e varreu o perímetro: com um olho em cada extremidade da cabeça, gisbanianos eram capazes de focar em direções opostas ao mesmo tempo, o que os tornava excelentes sentinelas. Satisfeito, ele desmontou do suado sisu e fez uma reverência em direção ao Lago Sem Ilha. Os outros apoiaram a gaiola no chão e o imitaram.

Aquilo era inédito para Adapak. Animais faziam parte das oferendas deixadas no pilar desde que o rapaz soube de sua existência (ao longo dos ciclos, ele mesmo libertou alguns na floresta quando os encontrava ali amarrados), mas seres *sapientes* fugiam de seu conhecimento.

Vou esperar até que partam, então irei lá soltá-la.

A inocência do rapaz ficou evidente quando um dos gisbanianos desembainhou a espada e disse aos outros que abrissem a gaiola. A ñannariana não precisava falar a língua dos captores para compreender o que estava para acontecer; ela arregalou os grandes olhos amendoados e gritou com a voz rouca de quem já o havia feito tantas outras vezes.

Faça alguma coisa.

Adapak saiu imediatamente de trás da pedra e saltou por cima da fogueira esfumaçada, pousando na grama à frente e assustando a todos. A prisioneira se calou e os cinco olharam estarrecidos para o rapaz de pele negra.

– O q-que é *isso*? – perguntou um deles, girando a cabeça de lado para poder encarar Adapak diretamente.

– O... o carvão tomou *vida*! É a manifestação de *Enki' Nār*! – exclamou o camponês mais obeso, abaixando a lança. – A *Grande Presença* veio receber nossa oferenda em pess...

– Esse não é *Enki' Nār*... – interrompeu o mais velho e forte deles, expondo os dentes quadrados e malcuidados. – A *Grande Presença* tem esse nome por uma razão.

– Essa é... uma de minhas *formas* – mentiu Adapak, falando na língua gisbaniana e tentando ocultar o nervosismo. A ñannariana permanecia muda.

– Por que um *deus* precisa de uma *faca*? – o mais velho perguntou.

Bosta.

Os camponeses se entreolharam. O obeso deu de ombros e o embuste de Adapak se desfez. O mais velho deu um passo à frente.

– Não sabemos o que você é, olhos brancos, mas não é quem disse que *era*, então sabemos que *mentiu*... E se mentiu é porque está procurando *problemas*.

– Não, eu... Eu não quero problemas, só não quero... Só não quero que a machuquem.

Os quatro lançaram um olhar para a prisioneira, estática.

– Ela é *nossa* oferta – disse o captor mais velho, dando mais um passo à frente. Suas narinas abriam e fechavam com rapidez.

– Ninguém “é” de ninguém – Adapak retrucou, baixando a mão esquerda com cuidado e soltando a bainha da faca presa ao calção. Os Círculos acenderam em sua mente. Ao lado da gaiola, o sisu mordiscou a grama.

O gisbaniano mais velho avançou com a espada contra Adapak. Este inclinou o ângulo do corpo para a direita, deixando a lâmina de osso errar por pouco e trazer seu portador para perto do alvo, que cravou a faca de madeira em seu bíceps musculoso. O gisbaniano gritou e tropeçou para o lado, tombando sobre uma cesta de frutas frescas e largando a arma. Adapak a pegou do chão e armou a defesa, mas a expressão dos outros três camponeses denunciava que o confronto estava encerrado; estavam com *medo*.

Derrube a coluna central da Casa e a Casa ruirá, lembrou-se Adapak de uma das metáforas de Telalec, se afastando do gisbaniano ferido para que os outros pudessem ajudá-lo a se levantar. Sem tirar os olhos do rapaz de pele negra, eles recuaram até o sisu.

– *Não* – ordenou Adapak, firme. – Deixem a montaria aí.

– O quê? – protestou o dono do animal. – Não é just...

Adapak fez um floreio com a espada e eles estremeeceram.

– Deixem a montaria aí – ele repetiu, encarando-os com os olhos brancos. Os quatro se calaram e partiram apressados de volta à floresta, lançando olhares temerosos para trás.

Lá se vai minha terceira faca, Adapak pensou, vendo-a cravada no braço do gisbaniano.

O rapaz se aproximou da gaiola, fazendo a jovem prisioneira se encolher. Ele julgou que ela provavelmente não falava a língua dos captores e não entendera exatamente o que tinha acontecido. Dependendo do ponto de vista, Adapak podia ser desde seu salvador até outro malfeitor ainda *pior*.

Aquela também era a primeira vez que ele via uma ïnannariana de perto, mas ele sabia que as manchas escuras e a magreza não eram características naturais daquela espécie. *Devia ir atrás deles e estripá-los*, o rapaz pensou, se arrependendo do sentimento em seguida. O odor adocicado que ela exalava não era necessariamente perfumado como certas flores, mas singular o suficiente para que a memória nunca mais o esquecesse. Sua cabeça era levemente alongada para trás, de onde uma cascata ondulada de cabelos roxos despencava. Belos cílios longos emolduravam as duas esferas negras de pupilas púrpuras que eram seus olhos, agora fundos e cansados. Um par de orifícios de cada lado da cabeça indicava os ouvidos e Adapak reparou pequenas jóias azuis coladas ao redor deles, resquícios de vaidade da vida

antes do cativo, ele julgou. Seu nariz era fino e a boca igualmente sutil, com lábios tímidos e escuros que agora tremiam.

– Eu vou tentar soltar você, certo? – ele falou na língua ñannariana, o que a surpreendeu. Então cortou as cordas da portinhola e a abriu com cuidado.

– Eu não sou *mau* – ele disse, fechando os olhos ao ouvir as próprias palavras.

Mau? Que idiota.

– Eu... não vou *lhe fazer* mal, quero dizer – ele melhorou a frase, se afastando.

– Você... fala *yimeli*.

– Sua língua? Sim – ele disse, ainda que ela tivesse feito uma constatação.

A ñannariana arriscou um movimento para fora da gaiola, receosa.

– Eles não vão voltar? – ela perguntou, olhando além das árvores.

– Não. Eu prometo – ele respondeu, oferecendo um sorriso.

Ela se pôs para fora do cárcere com um pouco de dificuldade, tocando a grama com os pés delicados. Adapak apreciou suas longas pernas, imaginando como seria impressionante vê-la correr livre nos campos onde costumavam viver. Ñannarianos se orgulhavam de sua velocidade.

Ela tinha o corpo inteiro repleto de pequeninos pontos escuros alinhados – que a princípio o jovem pensou serem mais joias, mas se deu conta de que eram naturais um pouco antes que ela cobrisse os seios e a pélvis ao perceber que ele a estudava.

– Ahn, espere um pouco – ele disse, sem jeito. – Acho que podemos encontrar algo para você vestir...

O rapaz foi até perto do altar, onde estava o vestido que vira antes e o pegou do chão, deixando o colar cair.

– Não! – ela disse, erguendo a mão. – Eu n-não posso aceitar. Esses presentes são para Enki' Nār!

Adapak olhou o vestido e riu.

– Isso não vai servir em Enki' Nār, pode ter certeza...

– N-não diga isso! – ela respondeu, horrorizada.

– Foi uma brincadeira, calma! – ele disse, desmanchando o sorriso. – Não tem problema, Enki' Nār ficará feliz se você o vestir.

– Como sabe?

– Bom, eu moro com ele.

– Você... – ela começou a perguntar, receosa – mora com um *deus*?

Adapak pensou na resposta.

– Bom, ele é meu pai.

– Oh... – ela reagiu, olhando para ele de cima a baixo e fazendo o rapaz se sentir um pouco incomodado. – É por isso que nasceu do carvão da fogueira? Para me salvar?

– Ahn... sim – ele confirmou, se arrependendo em seguida. Ela pareceu mais calma com a resposta, agora que tinha uma explicação para ele.

– Como você se chama? – Adapak perguntou, vendo-a se vestir.

– T'arishinannari.

– Isso... foram quantas palavras? – ele brincou.

– *Uma* – ela respondeu, parecendo ofendida com a pergunta. O vestido ficara frouxo, mas servira.

– Desculpe – ele falou. – Ainda tenho dificuldade com os nomes inannarianos.

– Minha língua não é tão difícil assim.

– Oh, é sim. Faz mau’lini parecer língua de sapaju – ele brincou, olhando para os pequenos animais no topo das árvores, que observavam o casal, curiosos.

– Você... fala a língua dos mau’lin também?

– Falo.

– Foi a Grande Presença que lhe ensinou tudo isso?

– De certa forma, sim. Mas tenho Telalec também para me ensinar coisas.

– Quem é Telalec?

– Ele é nosso amigo. Foi com ele que aprendi os Círculos Tibaul.

– O que é isso?

– Os Círculos? São o que me fizeram vencer a briga contra aquele gisbaniano grandalhão.

– Eu não vi nenhum “círculo”.

– Eles ficam aqui dentro – Adapak explicou, tocando o indicador na têmpora.

– São... algum tipo de feitiço, então?

– Não, eles... É algo que você *aprende*. Eles me dizem quais movimentos um espadachim Tibaul deve fazer para *vencer* o oponente, entende?

– Esses Círculos são como se fossem uma “luta”, então?

– Hmm... Mais ou menos – ele respondeu, torcendo os lábios. – Telalec não gosta de chamá-los assim. Ele diz que “amadores ‘lutam’, profissionais ‘resolvem’”.

– Parece presunçoso – ela opinou. Adapak deu de ombros, com uma expressão acordante.

– Há quanto tempo você foi capturada?

– Eu... não tenho certeza. Moro em Thal. Estava pescando com meu irmão quando eles apareceram – ela contou franzindo a testa, como se fizesse força para lembrar.

– Seu irmão. Eles?...

– *Não*, ele conseguiu fugir. Minha família deve estar me procurando – ela falou, enchendo os olhos de lágrimas e tornando-os ainda mais brilhantes.

– Thal fica a umas... – o rapaz pensou um pouco – cinco luas de caminhada daqui, pelo que me lembro dos mapas. Se você montar o sisu e seguir para oeste, vai cheg...

– Não! – ela disse, se aproximando dele. – Eles vão me achar de novo!

Era uma possibilidade. Adapak pensou mais.

– Faça o seguinte: monte o animal e vá para lá – ele disse, apontando para sudoeste. – Vai encontrar logo uma estradinha de terra. Se segui-la vai acabar chegando em Maliab, um pequeno povoado. Pergunte a qualquer um por Telalec, meu amigo de quem lhe falei, ele está lá. Não há como confundi-lo, ele é um ushariani de trança no queixo e sem uma das *mãos*. Conte a ele o que aconteceu aqui e diga que pedi para que ele a leve para sua casa em Thal. Diga meu nome: *Adapak*.

– Ada-pak?

– Isso.

– Telalec?

– Exato.

– E ele vai poder me proteger?

O jovem riu.

– Não haveria pessoa melhor, acredite. Mas leve isso só por precaução – ele falou, lhe entregando a espada roubada do gisbaniano. – A lâmina não é das melhores, mas vai servir se você precisar.

– Você não pode ir comigo?

– Eu... não posso, lamento. Acredite, eu chamaria mais atenção do que você sozinha.

Ela concordou com o olhar. O rapaz foi até o sisu e ficou aliviado em perceber que o animal era manso.

– Há moedas aqui, se você precisar – ele falou, examinando as bolsas penduradas no lombo da montaria. – Eu não entendo muito de dinheiro, mas acho que tem o suficiente. Agora suba que eu te dou as rédeas.

A jovem obedeceu, escalando a criatura sem dificuldade.

– Já montou em um desses antes? – ele perguntou.

– Sim.

– Sabe, a medida de distância que vocês mortais usam vem dos cascos desses animais. – Adapak falou, apontando para a pata peluda do sisu, que media cerca de um palmo do rapaz. Apática, ela o encarou.

Não é hora para compartilhar curiosidades.

– Você vai ficar bem, T’arish, não se preocupe – ele falou, sem graça.

– Meu irmão me chama assim – ela disse sorrindo e Adapak reparou que um dos seus dentes da frente era levemente torto.

– Ele vai ficar feliz em revê-la, tenho certeza.

– Vou contar a ele que o *espadachim de carvão* me salvou.

– Certo – o rapaz disse, divertindo-se com o apelido.

– Obrigada por me salvar dos monstros, Adapak.

– Monstros não existem – ele respondeu.

Muros

Contra a morte não há paredes, irmão.

Magano, em *Tamtul e Magano em busca da torre invertida.*

QUANDO AVISTOU os muros altos da cidade de Urpur, Adapak sentiu uma mistura de alívio e pavor. Ele achava que ali dentro estaria mais protegido do que sozinho pelas estradas, mas ao mesmo tempo isso significava expor-se em um lugar com quase mil habitantes que nunca tinham visto alguém como ele. A cidade, embora pequena, era um relevante ponto comercial graças a seu porto, e a essa hora da manhã estaria começando a ficar apinhada de gente. Ele não tinha escolha, porém; Telalec estava em Larsuria, um continente em guerra do outro lado de Kurgala. Sua melhor opção era procurar por Barutir. Ele saberia o que fazer.

Urpur era controlada pelo Conselho de Eriduria, o que significava que somente certas espécies eram permitidas em seu interior. Adapak, no entanto, não se encaixava em espécie *alguma*, então a primeira coisa que fez foi tirar a capa de dentro da bolsa e cobrir o torso e os braços antes desnudos, assim como erguer o capuz sobre a cabeça. O calor do verão iria castigá-lo, mas o espadachim de pele negra queria diminuir ao máximo sua capacidade natural de chamar atenção. Apostava que as sentinelas iriam exigir que mostrasse o rosto antes de permitirem sua entrada, mas aquela era uma aposta que ele queria muito perder.

Antes de fechar a bolsa, no entanto, ele deu uma última olhada covarde para seu interior.

Lá estava ela, atrás do saco de moedas e da relíquia recém-adquirida. A carta o encarou de volta, desafiando-o, como sempre.

Agora não.

Respirando fundo, o jovem fechou a bolsa e cruzou a linha das árvores para o descampado ensolarado, seguindo o final da estrada de terra que terminaria nos portões da cidade. Quatro luas tinham se passado desde seu confronto com os guandirianos, somando sete no total desde que deixara o Lago Sem Ilha. Seu ombro quase não doía mais e o inchaço da testa já não era visível. Seu corpo se recuperava com rapidez dos registros de violência.

Suas roupas, no entanto, não se esqueciam do passado tão fácil: respingos de sangue ainda coloriam o largo saiote de couro marrom que lhe cobria parte das coxas, amarrado ao quadril por um grosso cinto bege-escuro. Presas a ele, as bainhas de Igi e Sumi exibiam arranhões e manchas de terra. O par de botas estava surrado e com algumas costuras soltas, mas permanecia funcional. Telalec o havia ensinado que “armaduras eram para os fracos”, mas Adapak não se incomodaria em ter um pouco de *fraqueza* cobrindo-o, agora.

Ele diminuiu os passos para avaliar melhor o cenário, sentindo as pernas fraquejarem frente ao fato de que seria a primeira vez que conheceria pessoalmente um lugar assim.

Adapak estava acostumado às descrições das cidades dos livros de fantasia que lera na adolescência, detalhando muralhas gigantescas guardadas por estátuas colossais de imperadores retratados em seus auge. Urpur falhava em atender tais expectativas; seus muros eram altos e resistentes, mas a engenharia grosseira os afastava da grandiosidade e beleza que o rapaz imaginara. Grandes blocos de pedra haviam cedido ao tempo e despencado, deixando espaços vazios ou remendos apressados feitos por profissionais que não se preocupavam com a estética. Em vez de estátuas magníficas, torres circulares vigiavam o mundo exterior. Ainda que decepcionado, o jovem não pôde deixar de respeitar a capacidade dos mortais de construir estruturas a partir dos recursos naturais do mundo, algo muito distante da realidade de sua Casa.

O portão de madeira ao qual ele se aproximava estava aberto, escancarando os dentes podres no alto do arco de entrada. Um fluxo modesto de transeuntes formava uma fila razoável ao lado das baias para sisus e outros animais de montaria, que bufavam cansados sob o sol. Duas sentinelas humanas gerenciavam os portões, demonstrando a displicência característica que um trabalho mundano como aquele gerava em qualquer um ao longo do tempo. Elas passavam os olhos superficialmente pelo conteúdo das carroças e seus donos, raramente inquirindo sobre o motivo da visita de cada um. Um animal de carga começou a defecar enquanto aguardava na fila, e Adapak achou fascinante o fato de ninguém se importar com aquele ato, uma vez que as caçambas das carroças estavam repletas de frutas e vegetais destinados ao mercado. A vida nas cidades era realmente estranha, ele pensou, se juntando ao grupo.

Alguns pedintes circulavam pela área, impedidos pelas sentinelas de entrar em Urpur e forçados a lidar com a má vontade de comerciantes cansados da viagem, que os enxotavam como insetos indesejáveis. Atraído pela chegada do espadachim encapuzado, um mendigo mau'lin se aproximou. Apesar de jovem, sua pele naturalmente enrugada estava seca e pontuada de feridas, cobrindo com dificuldade o corpo magro e subnutrido de 7 cascos de altura. Envolto em trapos que cheiravam a urina, o indivíduo caminhava com o auxílio de um pedaço de madeira improvisado, ostentando uma ferida purulenta na perna inutilizada, que era fruto de seu sustento naquela condição miserável.

– Algumas escamas, senhor? – ele pediu na Língua Antiga, falada por quase todas as espécies de Kurgala. Assim que o espadachim ergueu a mão negra para lhe recusar a esmola, no entanto, ele arregalou os grandes olhos:

– *F-feiticeiro!* – o pedinte sussurrou, mancando para longe e por pouco não largando o apoio ao tropeçar assustado. Adapak não compreendeu a referência, mas ficou aliviado em notar que a atenção dos transeuntes tinha sido atraída para outro evento.

Cinco mellat deixavam os portões da cidade. Diferentes daqueles com que o jovem conviveu a vida inteira, estes tinham peles brancas e perfeitamente lisas, não trajando qualquer tipo de cobertura. As cabeças tinham o formato mais oval do que abaloado, com bocas minúsculas e enormes olhos brancos levemente espelhados que encaravam a multidão curiosa em volta.

– Voltem para a Casa de Anu' Nār, marionetes! – gritou alguém da fila de entrada, arrancando frases modestas de apoio ou discordância ao redor. Impassíveis, os seres de 10,5 cascos de altura ignoraram os protestos e seguiram o caminho pela estrada de terra, puxando

com os braços compridos uma carreta repleta de pequenos caixotes.

– Acha que *eles* tiveram alguma coisa a ver com o estrondo que ouvimos no Lago Sem Ilha? – cochichou uma senhora humana para o dono da carroça logo à frente de Adapak.

– Foi apenas um trovão, o povo inventa muita *besteira* – o gisbaniano respondeu, emburrado.

A mulher deu de ombros e buscou ao redor outro alvo para suas conjecturas, mas o espadachim se encolheu sob o capuz, esquivando-se da possibilidade.

– Está com sua moeda do Conselho, filho? – veio uma voz à sua direita.

Adapak já tinha visto muitas roupas deixadas no pilar da margem do lago, por isso reconheceu que o tecido que esse esuru de meia-idade vestia era de excelente qualidade. Seu bico era adornado com belos brincos de osso, algo que o espadachim nunca tinha visto nas enciclopédias. Ele carregava uma pequena bolsa presa à cintura.

– Pelos Quatro Que São Um, o que... *O que é você?* – o indivíduo perguntou, sem conseguir disfarçar o asco. – *Você está doente?*

– Não, eu... Eu sofri um acidente. Sou um... humano. *Me queimei* – mentiu Adapak, puxando o capuz mais para frente.

– Oh, eu... Eu lamento. Então é mais importante ainda que você esteja com seu brasão do Conselho. Posso vê-lo?

– Brasão do Conselho? Eu...

– Me refiro a isso aqui – ele disse, tirando da bolsa uma pequena moeda circular de barro, com a letra “U” esculpida em ambas as faces e pintada de branco.

– Eu... não sabia que precisava de nada disso.

– Pelos Quatro, há sempre um desavisado... Filho, se não estiver com uma dessas, aqueles dois ali não vão deixar você entrar, entende? Acredite em mim, trabalhei nos portões antes *disso* – ele falou, levantando a saia comprida e revelando uma perna de madeira. – Há quanto tempo não vem à cidade, filho?

– É a minha... primeira vez.

– Então é por isso que está falando *bosta*, tome – ele disse irritado, entregando o objeto para o rapaz. – A taxa é de 50 escamas.

Hesitante, Adapak tirou seu pequeno saco da bolsa, examinando o conteúdo: um pequeno punhado de joias coloridas brilhava entre algumas centenas de moedas. Sobre estas últimas, ele sabia que aquelas denominadas “escamas” eram feitas de madeira, os “escudos” de cerâmica e os “castelos” de osso de anbärr jovem, mas não tinha ideia do valor que as coisas tinham no mundo dos mortais.

– Tudo isso? Está certo? – ele perguntou ao sujeito, segurando a quantia na palma da mão.

– Escute, eu não tenho que ficar aqui discutindo economia com você, filho. Se quer reclamar, reclame com o Conselho, eu não tenho tempo para...

– Não, não, eu não quis dizer isso, eu... Aqui, tome – falou, nervoso. O esuru guardou o dinheiro, lhe entregou o símbolo e seguiu mancando em direção ao final da fila sem olhar para trás.

– Sabe, aquele cara te *enganou*, parceiro, ninguém precisa disso aí para entrar na cidade – falou uma voz áspera às suas costas. Adapak se virou.

O humano devia estar na casa dos 30, mas os cabelos negros, longos e malcuidados lhe adicionavam pelo menos dez falsos ciclos a mais. Ele tinha um rosto expressivo, marcado tanto por linhas de idade quanto por duas antigas cicatrizes na bochecha esquerda, que se esticaram junto a um sorriso debochado quando ele vislumbrou o rosto do espadachim.

– Pelos Espíritos, isso não foi “queimadura” – ele disse, e seu hálito azedo inundou as narinas de Adapak sem convite. O homem trajava uma curiosa armadura em camadas sobrepostas, manufaturada a partir dos ossos de um anbãrr de idade avançada, a julgar pela excelente qualidade. Tingido de escarlate, o traje exibia desenhos de linhas brancas em certas áreas, como se representassem estrias musculares.

– Ahn, sim. Foi sim – Adapak respondeu, vendo que o humano portava cinco facas muito finas e um longo chicote laminado no cinto. Nas costas ele carregava uma mochila surrada, mas o espadachim não achou que ali dentro coubesse um elmo (o que era de se esperar com uma armadura daquela categoria).

– Parceiro, eu já vi muito humano queimado e você definitivamente *não está queimado* – insistiu o homem. O dono da carroça à frente se virou para olhá-los.

– Por favor, me deixe em paz – Adapak insistiu, se virando para frente. A fila voltou a se mover.

– Certo... o que quer que você seja, está perdendo tempo, parceiro, aquele cara te fez de otário; ninguém precisa de brasão nenhum pra entrar. Se eu fosse você, ia atrás dele.

– Ei, pare de encher o rapaz – falou um maskürriano irritado logo atrás deles, balançando a pele frouxa do corpo.

– Não se meta, *lençol* – o humano de cabelos longos retrucou. – Só estou tentando avisar o meu amigo “queimado” aqui que ele foi feito de *bobo*.

Adapak se esforçava para ignorá-lo. Sob a capa, as gotas de suor faziam cócegas em seu pescoço. Uma das sentinelas reconheceu um amigo na fila e o deixou passar direto. Só faltavam duas carroças.

Só mais um pouco.

– Pelo menos me diga *o que você é*, já que eu tentei te ajudar – pediu o homem, tocando de leve o ombro coberto do rapaz.

Os Círculos coloriram a mente do espadachim e em um piscar de olhos as lâminas gêmeas estavam a poucos dedos de distância da garganta do sujeito. Por algum tempo ninguém na fila ou no portão se moveu ou disse algo. Duas carroças atrás, outro animal de carga começou a defecar.

– Ei, o que... O que está havendo aí? – gritou uma das sentinelas do portão, cutucando o companheiro barbado.

– Esse humano estava incomodando o rapaz deformado – disse o maskürriano, na fila que agora começava a se desfazer com a confusão.

– Obrigado, senhor – disse a sentinela, aproximando-se com o companheiro cauteloso. – Mas nós estamos com a situação sob contr...

– *Pelos Espíritos* que estão! – gritou o homem de hálito azedo, com os olhos fixos nas espadas de Adapak. – Tirem esse *louco* de cima de mim!

– V-vá buscar *Imitti*, rápido! – ordenou a sentinela de barba para a outra, que disparou para dentro da cidade sem questioná-la. Ambos tinham vislumbrado as mãos e o rosto agora descobertos de Adapak.

– *Senhor* – recomeçou relutante a sentinela, tocando o cabo da própria espada. – Vou pedir que solte este homem, *agora...*

Os Círculos disseram para o espadachim que ele poderia neutralizá-lo com dois movimentos. O humano da armadura vinho precisaria de três, caso tivesse tempo de sacar o chicote ou as facas.

– Senhor? – pediu a sentinela mais uma vez, desembainhando a arma.

Solte-o.

Adapak o fez. O homem de cabelos negros cambaleou para trás, esbarrando em uma carroça de arroz. Sua mão se moveu na direção do chicote.

– Amigo, por favor, não piore as coisas – falou a sentinela, quase em tom de súplica. A fila era agora uma plateia que apontava e murmurava opiniões. Alguém gritou a palavra “feiticeiro” novamente.

– Ele... Ele me segurou – o espadachim tentou explicar, vendo no rosto das pessoas o misto de curiosidade e temor que ele experimentara poucas vezes na vida. – Eu estava preenchendo os papéis de entrada e ele...

– Eu só *toquei* em você, sua aberração! – exclamou o homem, esfregando a garganta.

– Senhor, guarde suas armas, por favor – pediu a sentinela.

Adapak abriu a boca para responder, mas ao invés disso, seus olhos reviraram nas órbitas e ele desabou no chão, sacudindo o corpo em espasmos violentos. Ao lado, o mesmo acontecia com o humano de cabelos longos. A consciência os deixou.



Adapak sentia frio no centro da gigantesca câmara triangular. Sob o cone de luz esmeralda que descia do teto, ele se sentia oprimido, como se milhares de olhos o observassem de algum lugar, julgando-o. Ikibu. Infinitos arcos paralelos se estendem à sua frente, guiando-o por um corredor escuro para onde ele se viu obrigado a flutuar. Ikibu. A lua deu lugar ao sol e o chão duro e frio à areia quente. Ikibu. Uma montanha lhe sorria à frente do pilar. Ikib...

Como se puxado de profundidades abissais, Adapak despertou. Sua consciência voltou à vida repentinamente, recebendo-o com desconforto e um forte cheiro de peixe e urina. Ele abriu os olhos brancos e conseguiu discernir um teto de pedra antes que o estômago avisasse que ia vomitar.

– Primeira vez que um nekelmuliano te dá uma *olhada*, apostado – disse aquela voz áspera novamente, enquanto o espadachim se virava de bruços e regurgitava o desjejum no chão gelado. Limpando a boca, viu que ele e o humano de armadura vinho se encontravam em uma pequena cela: duas camas e um vaso para necessidades eram os únicos móveis do recinto,

com uma pequena janela alta trazendo o barulho da multidão que alimentava o comércio de Urpur do lado de fora.

Pelo menos consegui entrar na cidade, Adapak pensou, se afastando da poça de vômito. À sua frente, o homem se encontrava sentado em uma das duas camas do aposento, desprovido da mochila e armas. Adapak também se viu sem suas coisas, inclusive a capa.

– Está tudo ali – disse seu companheiro de cela, apontando para o armário além das grossas barras de madeira. – Ou pelo menos é como costumam fazer.

– O que... O que disse sobre um nekelmuliano? – Adapak perguntou, se levantando e sentindo a cabeça latejar.

– Lembra da sentinela que entrou correndo para a cidade à mando do outro? Ela voltou com um oficial superior que nos derrubou com uma só *olhada*.

O jovem espadachim foi até as barras, vendo que a cela em que se encontrava era uma dentre várias em um corredor curvado.

– *Ei!* Alguém! – ele gritou.

– Relaxe, parceiro, eles virão daqui a pouco. Devem estar almoçan...

– *Ei!!* – insistiu o jovem, ignorando o homem. – Eu sou amigo de Barutir Ob! Por favor, chamem-no!

Risadas, xingamentos e provocações de outros prisioneiros ecoaram do corredor, debochando daquele pedido inocente. Adapak se afastou das barras e sentou na outra cama da cela, esfregando o rosto preocupado.

– Parceiro, você definitivamente não é humano e muito menos sofreu alguma queimadura – falou o homem, encarando-o com um meio sorriso.

– Por favor, não fale comigo – o espadachim pediu, passando a falar na língua dos humanos perfeitamente.

– Oh, obrigado por me dizer na minha língua que *não quer falar comigo* – Jarkenun retrucou, irônico. – Qual o problema, parceiro?

– O “problema” é que eu estou aqui por *sua culpa*.

– *Minha culpa?!* – o homem replicou, esticando o par de cicatrizes da bochecha esquerda.

– Parceiro, VOCÊ que ficou louco do nada e puxou as espadas para mim!

A conversa foi interrompida pelo eco de passos. Ansioso, o espadachim se levantou e voltou até as barras de madeira. Na curva do corredor à direita surgiu uma sentinela que ele reconheceu como sendo uma das que estava do portão da cidade, carregando um pequeno livro e acompanhada de um nekelmuliano azulado. Adapak sempre fora fascinado por aquela espécie, e uma das razões era a de nunca ter sido capaz de visualizar exatamente como os oito tentáculos das costas eram capazes de carregar corpos tão pequenos, com braços e pernas tão curtos e frágeis. Ele se movimentava com equilíbrio perfeito, no entanto, enquanto a pele refletia a luz dos lampiões das paredes como um peculiar espelho vivo.

Os oficiais pararam em frente à cela e a segunda razão pela qual o jovem era fascinado pelos nekelmulianos logo se manifestou; o ser varreu o aposento até encarar o espadachim, que sentiu uma leve pontada no fundo da mente ao deparar-se com o enorme globo ocular azul capaz de derrubar criaturas várias vezes o seu tamanho.

– Diga seu nome, cidadão – o oficial ordenou com a característica voz estridente da espécie, falando na Língua Antiga. Ele apoiava os dois braços curtos no pequeno cinto da

cintura estreita, parecendo orgulhoso do símbolo que o identificava como Segunda Sentinela de Urpur.

– A-adapak, senhor. Meu brasão do Cons...

– Diga seu *nome*, cidadão – a sentinela perguntou agora para o humano de cabelos compridos.

– Jarkenum Raned – este respondeu, ainda sentado e encarando o chão. A sentinela humana registrava tudo no livro.

– Senhor, eu sou amigo de Barutir Ob, ele mora n... – Adapak sentiu outra vez a pontada na mente e interrompeu a fala, apertando os olhos e se afastando das barras.

– Os senhores foram acusados de causar tumulto no portão sudeste – a Segunda Sentinela explicou, impassível. – O cidadão “Ada-pak” será solto na manhã de amanhã, sob a multa de 60 escamas...

– O quê?! – protestou o espadachim. – Mas foi *ele* qu...

O nekelmuliano olhou para Adapak e o rapaz apertou os olhos com a dor de cabeça mais forte que já sentira na vida, vendo-se forçado a se sentar na cama, desnorteado. Tenso, a Primeira Sentinela se limitava a observar tudo.

– O cidadão Adapak – repetiu o oficial – será solto na manhã de amanhã, sob a multa de 60 escamas. O cidadão Jarkenum Raned será processado adicionalmente por porte de raiz de mochi, banida nas cidades controladas pelo Conselho de Eriduria. A multa está estab...

– Ei, vocês mexeram na minha bolsa? – Jarkenum interrompeu, fechando os olhos logo em seguida com a dor. – Ei, *pare com essa bosta*, inseto!

– Não falem até que sejam autorizados, cidadãos – disse o ser espelhado. Sua voz soava como a de um adulto imitando uma criança irritante. – A multa para porte de mochi está estabelecida em 2 escudos e 50 escamas. A próxima refeição será servida ao meio-dia.

– Imitti, não acha mesmo que devemos chamar o comandante? – sussurrou a sentinela para o superior, suspeitando da aparência estranha de Adapak.

– Não há porque importuná-lo com isso.

– Mas senhor, eu sei que vocês nekelmulianos enxergam de forma... *diferente* do resto de nós, mas esse prisioneiro é muito *estranho*.

– Se ele caiu quando eu o *olhei*, então ele é igual a qualquer outro – a Segunda Sentinela disse, voltando a atenção para os dois prisioneiros e prosseguindo: – Manifestações vocais de alto volume serão punidas. Interações físicas serão punidas igualmente, incluindo de natureza sexual.

Adapak e Jarkenum se entreolharam com caretas.

– Respeitem as regras e não sofrerão mais punições – finalizou o oficial, dando meia-volta e retornando na direção do corredor de onde viera. A sentinela humana deu uma última olhadela para Adapak e seguiu o superior.

Ikibu.

– Eu não posso ficar aqui – pensou alto o espadachim. – Eles virão e nos matarão.

– Ei, ei, garoto, relaxe! Eles vão te soltar de manhã, ninguém vai ser executado!

– Você não entende... – disse o rapaz, frustrado, se levantando para espiar o corredor novamente.

– Oh, eu entendo sim. Entendo que tomei uma *péssima* decisão hoje, pode ter certeza disso...

Ignorando-o, o espadachim foi até a parede dos fundos e saltou para agarrar as barras da janela alta, observando o exterior: até então, o único contato real que ele tivera com a vida além do Lago Sem Ilha fora com as oferendas deixadas no pilar da margem oeste. Por conta disso, a simples feira matutina que coloria a rua à sua frente lhe parecia fascinante, tal qual a plethora de aromas diferentes que dela emanava (apesar do cheiro de peixe reinar soberano). Preços eram anunciados aos gritos e negociados aos sussurros. Sepus famintos se esgueiravam entre as pernas dos feirantes, esperançosos por qualquer pedaço ou óleo que escorresse dos alimentos expostos nas barracas alinhadas.

Enquanto ponderava sobre o quão curiosa era a escolha de uma rua ao lado de uma prisão para se fazer uma feira, o espadachim viu três crianças mau'lin pararem de correr ao notarem seu rosto espiando a liberdade. Mostrando a língua, uma delas pegou uma pedra e arremessou, acertando a parede ao lado da janela assim que Adapak desceu.

– Você é de Shuru, não é? – perguntou Jarkenum, tirando os cabelos compridos da frente do rosto. – Já ouvi dizer que existem coisas bem estranhas lá, mas eu nunc...

– Eu já falei que não quero conversar com você. *Você* me colocou aqui, *você* é o criminoso.

– *Criminoso?* – ele questionou, gargalhando a seguir. – Aquele bicudo que te enganou nos portões era um *criminoso*, garoto, eu...

– E as raízes de mochi que as sentinelas encontraram na sua bolsa? Foi o “esuru malvado nos portões” que as colocou lá também?

– Ora, pelos Quatro, se o Conselho pudesse fazer tanto dinheiro com mochi quanto faz com bebida, não teriam transformado em crime, garoto! Acorde!

– *Ambos* fazem mal ao seu corpo. Talvez seja por isso que o proibem.

– *Mal?* Ora, por favor...

– *Você pensa* mais devagar, *reage* mais devagar. Não entendo por que alguém iria querer isso...

– Oh, por favor, esse discurso moralista é de graça ou está incluso na sentença desta maldita prisão?! *Ei*, me arrumem uma maldita bebida! – Jarkenum gritou para o corredor. – Quero encher a cara e esquecer desse palerma amanhã de manhã!

– Apoie-se na muleta que quiser, eu não me importo – falou Adapak, esquadrinhando a cela. – Só preciso sair daqui.

– Você é uma verdadeira peça mesmo, garoto. Eu não sei como são as coisas na “terra das pessoas de carvão” – ele debochou, fazendo aspas com os dedos –, mas aqui no mundo de verdade as coisas não são tão preto no branco assim, ouviu?

Aquele nome trouxe um calor desagradável ao peito do rapaz, sufocando uma possível réplica. Ele engoliu em seco e se apoiou nas barras voltadas para o corredor, ficando ali em silêncio. Jarkenum resmungou algo incompreensível e deitou na cama.

Ao meio-dia duas sentinelas trouxeram o almoço. Elas ficaram paradas algum tempo em frente à cela observando o espadachim. Este não se importou, no entanto, seus pensamentos estavam focados na refeição e se deveria arriscar-se a ingeri-la. Ele sabia que sua vida corria perigo, mas as duas últimas tentativas haviam sido tão descaradas que um envenenamento a essa altura soava improvável. Mesmo assim ele optou por assistir o companheiro de cela almoçar em silêncio e cair em sono tranquilo depois, para só então decidir comer as batatas e o feijão gelados.

Se eles vierem, virão com violência, pensou o jovem de olhos brancos, surpreso com o bom tempero da comida.

O início da tarde transcorreu tedioso e sem mais diálogos. Adapak se viu obrigado a fazer as necessidades no vaso em dado momento, mas isso não pareceu incomodar Jarkenum, que se distraía observando o movimento do lado de fora. Horas depois, um incidente envolvendo gritos em uma cela à direita do corredor chamou a atenção dos dois; pelo que foi possível ouvir, um prisioneiro teve um ataque de fúria até que a familiar voz estridente do oficial nekelmuliano surgiu e o homem emudeceu. Aquela espécie tinha uma habilidade incrivelmente útil, lembrou Adapak, imaginando como deveria se sentir um ser que não temia quase ninguém.

A lua de Sinanna trouxe a noite e também a hora do jantar. Uma sopa de legumes foi servida e Adapak mais uma vez se surpreendeu com o quão saborosa ela era, lamentando sobre o talentoso cozinheiro que nunca receberia o prestígio por aquelas refeições bem preparadas. O espadachim fantasiou o perfil do autor daquele jantar: seria ele apenas uma sentinela que encontrara um bom livro de receitas por acaso e o seguiu à risca? Ou talvez alguém cujo sonho de grandes conquistas como um chef de cozinha renomado fora esmagado pela autoridade familiar, presa à ignorância do “encontre um emprego do Conselho, seguro e que pague bem”? Qual fosse a realidade, Adapak se divertiu com o devaneio, que o distraiu da situação impotente em que se encontrava.

Terminando antes de Jarkenum, o espadachim pousou o prato de cerâmica vazio no chão próximo às barras e deitou-se na cama, ignorando as reclamações das costas nuas quanto à finura do colchão. Meia hora depois, uma pequena blatará surgiu e se banqueteu com os restos. Encarando o armário do lado de fora da cela, Adapak lamentou o fato de que tudo que restara de sua vida estava trancado naquela caixa de madeira. Com esse pensamento, se rendeu ao cansaço e adormeceu.



Frio. Caverna esmeralda triangular. Olhos. Ikibu. Arcos. Corredor. Olhos. Frio. Ikibu. Flutuar. Areia. Frio. Sorriso. Caverna triangular. Olhos. Ikibu. Frio. Caverna esmeralda. Olhos. Ikibu. Arcos. Corredor. Olhos. Frio. Ikibu. Flutuar. Areia. Frio. Sorriso. Caverna triangular. Olhos. Ikibu. Ikibu. Ikib...

Adapak despertou assustado, sentando-se e esfregando os olhos. Jarkenum dormia profundamente na cama ao lado, banhado pela iluminação parca que a pequena janela alta da

cela oferecia na madrugada.

Havia alguém do outro lado das barras do corredor.

O espadachim se levantou da cama com um salto, tropeçando e colando as costas na parede. Seus olhos embaçados identificaram uma silhueta inannariana sentada de pernas cruzadas no chão de pedras fora da cela.

Não é ela. Calma.

Era uma sentinela. Uma jovem sentinela inannariana, observando Adapak com olhos fascinados na escuridão.

– Justos são Os Quatro Que São Um – ele sussurrou, colocando a mão sobre a testa e abrindo os dedos para frente, em um sinal que Adapak não reconheceu de nenhuma enciclopédia. Jarkenum acordara ressaltado, sentando na cama e afastando os cabelos do rosto.

– Salve S’almu Saruma! – a sentinela falou, levantando-se com cuidado e mantendo o olhar vidrado em Adapak. – Não pude crer quando me disseram, então resolvi descer e... E aqui estou! Vislumbrando seu retorno com meus próprios olhos!

– Quem é esse aí? – Jarkenum sussurrou, também se levantando.

– Eu... não sei – o espadachim respondeu, mantendo as costas na parede.

O inannariano segurou as barras de madeira com gentileza e continuou: – Eu imploro que perdoe a ignorância dos meus colegas, ó imperador! Nem todos creem no seu retorno, mas eu sempre soube! Sempre soube que seria um dos Nove Mil!

– Esse sujeito é alguma espécie de religioso, é isso? – Jarkenum perguntou para Adapak, cuja mente ainda tentava traduzir o nome pelo que fora chamado. Soava como a Língua Antiga, mas não o suficiente para que ele a compreendesse.

– Do que foi que você o chamou? – o homem perguntou para o inannariano, se aproximando das barras e quase escorregando na poça de vômito.

– Este é S’almu Saruma, o Imperador Negro dos Nove Mil Homens! – ele respondeu, elevando a voz. Em algum lugar do corredor, alguém tossiu.

– Eu achei que seu nome fosse “Ada-alguma-coisa”.

– E é – o espadachim disse, confuso.

– O imperador tem muitos nomes em muitos lugares... – a sentinela intercedeu, colocando a mão na testa mais uma vez.

– Sim, e o... “imperador” precisa ser libertado – completou Jarkenum, imitando o gesto para o oficial. – Vocês cometeram um erro *grave*.

– Sim! – este exclamou, surpreso e emocionado em ouvir aquilo. – Eu disse a eles! Eu disse!

– O que está fazendo? – Adapak perguntou para o humano. Este o ignorou e continuou:

– Sim, irmão, você disse, mas eles não o ouviram... Mas *eu* o ouço! *Adapa* ficará muito nervoso se permanecer preso por mais tempo...

– Adapak – corrigiu o rapaz, no fundo da cela.

– ... Adapak ficará *nervosíssimo* se permanecer preso por mais tempo! – o homem repetiu, segurando as barras e encarando o ñannariano nos olhos. – Eu fui incumbido de levá-lo até o templo de Urpur, mas minha missão foi interrompida e agora estamos aqui. Na certa *você* foi enviado pelos Quatro para nos ajudar!

– Sim! Sim, eu p-posso ajudá-los, espere... – falou o sujeito, desprendendo um molho de chaves do cinto e enfiando uma delas na tranca de madeira. Adapak testemunhava tudo, dividido.

– Mais uma vez, S’almu Saruma, perdoe meus irmãos, eles não sabiam o que faziam – o ñannariano explicou, abrindo a portinhola. – Sigam para a minha direita no corredor e subam as escadas para o segundo andar. Encontrarão um escritório grande, com uma janela de onde Saruma poderá se tornar ave e voar para a liberdade!

Jarkenum por pouco não conteve a risada ao ouvir aquilo, mantendo a expressão séria e fazendo sinal para que Adapak se juntasse a eles do lado de fora da cela. O jovem hesitou de início, mas uma olhadela para o armário que guardava suas espadas o incentivou a acatar a sugestão.

– O “imperador Saruma” precisa que você abra esse armário também – Jarkenum disse para a sentinela, como se lesse a mente do rapaz de pele negra. O ñannariano o obedeceu de imediato, demorando um pouco a encontrar a chave de osso correta, mas obtendo êxito na terceira tentativa.

– Os Quatro Que São Um serão para sempre gratos, irmão – agradeceu o humano, adiantando-se para recuperar sua bolsa e armas. De olhos marejados, o oficial se aproximou de Adapak, admirando-o como um tesouro há muito sonhado. Ele balbuciou algo que a emoção sufocou na garganta, e o espadachim aproveitou a deixa para lhe perguntar algo.

– *Ikibu*. Já ouviu essa palavra antes?

– *Ikibu*? Não, S’almu Saruma, m-me perdoe – ele respondeu com sinceridade na voz. – Devo... dizê-la a alguém?

– Não, eu... Esqueça – o espadachim disse, frustrado.

– As chaves – lembrou Jarkenum, indicando-as com o queixo. – Devem ter outras portas fechadas por aí, não é?

– Ah, sim, claro, eu, ahn... Eu as deixarei com vocês – ele falou, entregando o molho a Adapak.

– Você pode ser punido se descobrirem que nos ajudou – o rapaz sugeriu, preocupado.

– Há coisas mais importantes do que isso – a sentinela respondeu sem pestanejar, virando-se e desaparecendo na curva do corredor. O espadachim foi até o armário e encarou pensativo sua bolsa e as bainhas de Igi e Sumi.

– Vamos, garoto – o apressou Jarkenum, já pronto.

– Eu... vou ficar – o rapaz sussurrou, fechando o móvel.

– O quê?

Adapak travava um conflito interno desde que pisou fora da cela; a madrugada viera sem indícios de seus perseguidores e, se ele esperasse até de manhã, seria um indivíduo livre e não um fugitivo da lei que escapou da prisão de Urpur. Ele também sabia que, se encontrasse oposição armada, os Círculos se acenderiam e vidas inocentes seriam perdidas, piorando

ainda mais a situação.

– Eu disse que vou *ficar* – reforçou, entregando o molho de chaves ao homem de cabelos compridos. – Vou voltar para a cela e esperar até de manhã.

– Oh, não, senhor, você vem comigo. Se ficar aqui vai dizer às sentinelas que fugi!

– *O quê?* Por que eu faria isso?

– Porque está com *raiva* de mim, é por isso! Agora pegue suas malditas coisas e me siga.

– Não. Vá você, eu não vou avisar ninguém – insistiu o jovem, retornando ao aposento e fechando a portinhola.

– Mas que *bosta*, você não estava louco para sair daqui? Vamos!

– Eu mudei de ideia. Vá você!

O homem mordeu os lábios, soltou um palavrão inaudível e se virou na direção contrária à que a sentinela tinha ido.

– Espere – ele disse, interrompendo o andar e se virando para Adapak. – Me responda uma coisa antes.

– O quê?

– Você não... *voa*... *Voa*?

Adapak sorriu.

– Não – ele respondeu, se afastando das barras. Balançando a cabeça, o homem partiu pelo corredor.

Adapak se sentou à cama e permaneceu de ouvidos atentos, mas não ouviu nada por um bom tempo.

Alguém gritou.

O rapaz se levantou. Tinha certeza de que o som viera do corredor e não da rua, mas o eco dificultava ter certeza da direção. *Jarkenum deve ter cortado a garganta de uma pobre sentinela*, pensou com raiva, voltando até a frente da cela. A portinhola estava destrancada e o armário estava a três ou quatro passos de distância, mas a lógica insistia que a melhor estratégia era permanecer onde estava. Passos apressados vieram da direita. Adapak apostou que veria o ex-companheiro de cela ser arrastado de volta ao cárcere antes que o sol nascesse.

A princípio, o espadachim achou que se tratava de outra sentinela, pois sob a fraca luz dos lampiões ele discerniu um humano trajando uma armadura justa de couro castanho-escuro. Ele portava uma cimitarra desembainhada e inspecionava cada cela com cuidado. O que o entregou foi a palavra que disse ao se deparar com Adapak.

– Ikibu.

O jovem de pele negra empurrou a portinhola, acertando o ombro do homem e o jogando para trás enquanto saía da cela. O humano se recompôs e iniciou um corte circular com a espada, mas o rapaz se adiantou, interrompeu o movimento com o braço esquerdo e socou a junta do cotovelo inimigo com o punho direito, deslocando-a e fazendo-o gritar de dor e largar a arma. Adapak acertou-lhe a garganta com força e ele se calou para sempre.

O espadachim foi até o armário e o abriu, desembainhando os instrumentos de violência e

escutando com atenção.
Mais estavam vindo.

O Lago Sem Ilha

No princípio, Kurgala era mar. E então Os Quatro Que São Um desceram.

Primeira Tábua Dingiri

– NÃO COLOCA o pé na água!! – gritou o pequeno Adapak. – Pode ter *alguma coisa* lá embaixo!

A canoa de madeira deslizava suave pelo Lago Sem Ilha, desenhando uma reta quase perfeita em sua superfície serena. O sol da manhã dava boas-vindas aos três ocupantes do veículo, que rumavam para a grande ilha central.

– Está tudo bem, garoto – assegurou Barutir, mascando uma raiz de mochi e recolocando os pés na canoa. – Não tem perig...

– Tem sim! – contestou o franzino e cinzento Adapak. A criança de 4 ciclos de idade se segurava no banco da pequena embarcação com força, contemplando a escuridão abaixo com desconfiança. Súbito, alguém o empurrou de leve por trás, fazendo-o se agarrar à lateral do barco com um grito de desespero.

– Dannum, pare com isso, pelo amor dos Quatro – pediu Barutir para o terceiro ocupante da canoa, que remava na parte de trás e gargalhava.

Adapak olhou com um misto de raiva e medo para o peludo sadummuniano, que arreganhava a grande mandíbula em um sorriso de desdém. Os pares superior e inferior de presas já eram maiores que o resto dos dentes, mas seriam muito maiores quando ele fosse adulto, a ponto de impedir que fechasse a boca completamente.

– Não devia tratar seu amigo assim – sugeriu Barutir para o aluno, na Língua Antiga.

– Ele não é meu amigo. Olha como é fracote! – retrucou Dannum, desfazendo o sorriso e revirando os quatro olhos.

Apesar de contar somente dois ciclos a mais que Adapak, a superioridade física do sadummuniano era evidente: o tronco largo comportava um par de longos braços musculosos que trabalhavam em conjunto com as pernas curtas no caminhar. Outros quatro braços preenchiam sua silhueta, ainda que consideravelmente menores em tamanho e força.

– É uma pena ouvir isso – lamentou Barutir Ob, balançando a cabeça calva.

O humano de pele marrom-escura estava com 49 ciclos de idade, embora aparentasse ser mais novo que o padrão que sua espécie sugeria. Ele trajava um longo manto verde em camadas, adornado por símbolos estranhos que Adapak não compreendia. Sob a vestimenta, o corpo era robusto e bem dividido entre os 8 cascos de altura, com exceção da pequena barriga indicadora de refeições levemente exageradas.

– Sei que está assustado, garoto, mas estamos sob a proteção dos Dingiri – ele disse, tocando o cristal esmeralda preso ao cordão ao redor do pescoço. – Os Quatro sabem de tudo que acontece em Kurgala, e duvido que fossem deixar um peixe qualquer nos comer no

quintal de uma de suas Casas.

– Meu pai diz que há coisas no mar de Kurgala capazes de comer *navios*! – falou Dannum, balançando a canoa.

– Para! – pediu Adapak, se encolhendo.

– Então ainda bem que estamos em um *lago* e não no *mar*, Dannum – falou Barutir, com um tom reprovador.

O sadummuniano desfez o sorriso e resmungou: – É um lago com um nome idiota, isso sim..

– Fiquem quietas, crianças, por favor – falou o humano, tirando a gasta raiz de mochi da boca e a jogando na água. – Estamos chegando.

A ilha principal do Lago Sem Ilha era cercada por altas árvores de jibá, protegendo a montanha central de olhares externos como uma fortaleza negra de madeira. Dannum direcionou a canoa para uma das poucas margens sem rochas, sentindo-a roçar no fundo barrento até parar totalmente. Barutir desceu da embarcação, afundando os chinelos na lama.

– Estamos em solo sagrado agora, meninos, sintam-se honrados – ele falou, orgulhoso, tirando uma pequena bolsa da canoa e pendurando-a no ombro. – Dannum, pegue as malas de Adapak, por gentileza.

– *Eu?* Porque o fracote não pega as próprias coisas?

– Porque você é mais forte, mais velho e tem *seis* braços, garoto. Agora pare de reclamar, pela Voz Esmeralda!

– Meu pai é oficial da sentinela de Urpur – Dannum disse, descendo do barco e molhando a sandália na lama também. – Eu não deveria estar carregando as malas de *ninguém*.

Barutir fechou o rosto e se aproximou do aluno queixoso a passos largos, parando em frente a ele e encarando-o de baixo para cima. Apesar de jovem, o sadummuniano já alcançava quase 9 cascos de altura de puro músculo e gordura, cobertos por uma volumosa pelagem avermelhada. O humano então falou com voz firme:

– Seu *pai* foi quem me encarregou de ser seu sacerdote, então se tiver qualquer outra reclamação, fique à vontade e faça a *ele*. Até lá, vou espremer seu ego até que saia um pouco de *humildade*, Dannum. Agora pegue as malas.

A criança mais velha fez cara feia e obedeceu, a contragosto. Adapak não se manifestou enquanto saía da canoa; ele olhava para o interior da ilha, interpretando cada forma e sombra com sua imaginação fértil e apavorada. Barutir se distanciou deles e já alcançou a grama à frente da linha das árvores, iniciando com as mãos uma série de movimentos ritualísticos direcionados à floresta.

– *Fracote!* Ei, fracote! Sabe por que chamam esse lago de “Lago Sem Ilha”? – sussurrou Dannum, tirando a segunda mala da canoa.

Adapak o olhou desconfiado, mas mordeu a isca:

– Por quê?

– Porque essa ilha em que estamos agora *não existia*. Não é assustador?

– Como assim?

– Como, “como assim”? É o que estou dizendo. Essa ilha inteira simplesmente apareceu no lago, de um dia para o outro, há muitos ciclos atrás. Antes só havia aquela ilhota que passamos perto antes, de canoa, e aquele pilar lá na margem oeste, onde deixamos os sisus

amarrados.

– Não, você... Você está *fingindo* isso só pra me assustar, eu sei.

– Não estou, fracote, pode perguntar para Barutir depois, se quiser.

Adapak estudou o rosto do colega em busca de trapaça, mas não encontrou. Isso o aterrorizou ainda mais e ele correu para segurar a mão de Barutir, que agora observava a floresta, atento. Foi quando viram alguém se aproximar.

– A-aquele é um dos Quatro? – perguntou a criança.

– Não – respondeu o sacerdote, sério. – É um de seus olhos. Nós os chamamos de mellat.

– Meu pai as chama de “marionetes” – sussurrou Dannum, juntando-se aos dois e pousando as malas no chão.

Adapak apertou a mão de Barutir com mais força quando a figura alta, magra e bípede caminhou para fora da escuridão das árvores com movimentos precisos. Ela era inteiramente coberta por uma complexa camada de folhas e musgo e o par de braços e pernas eram compridos e finos, terminando em mãos e pés alongados de quatro dedos cada. Sua cabeça abaloada não exibia lábios, ouvidos ou narinas; somente um par de grandes olhos ovais, verdes e espelhados.

Aquela palavra apavorou Adapak. *Marionetes* .

A criatura se aproximou com passos calculados e parou em frente aos três. Ela então se abaixou até que a cabeça ficasse bem próxima a Adapak, que se agarrou à perna do sacerdote. As enormes esferas esmeralda encontraram os olhos brancos da criança, que se viu incapaz de desviar do olhar vazio e espelhado do mellat.

Adapak .

Súbito, o ser se virou e pegou as três malas, erguendo-as sem dificuldade e sem emitir som. Em seguida deu meia-volta na direção de onde viera e parou, como que aguardando que o seguissem.

– Por que essas marionetes são tão diferentes das outras que vemos por aí, vivendo nas cidades? – o sadummuniano perguntou.

– Por que os mellat que vemos lá fora não respondem mais aos Dingirī desde que deixaram a Casa Abandonada de Anu’ Nār, infelizmente – Barutir respondeu, pesaroso. – Agora vamos, Adapak, temos que ir com ele. Dannum, você fica aqui com a canoa.

– O quê?! – ele protestou, batendo a sandália na lama. – Não! Por quê?!

– Porque essa é a vontade do Um Que É Quatro. Agora se despeça do seu amigo.

Dannum fechou o rosto e se aproximou de Adapak, que estreitou as narinas ao sentir o cheiro desagradável dos seus pelos molhados (ele secretamente o chamava de *tapete sujo*). O sadummuniano manteve os dois olhos principais no sacerdote enquanto encarava Adapak com o outro par, e então ergueu uma das mãos inferiores na sua direção. A criança se encolheu, receosa pelo histórico da relação dos dois, mas se acalmou quando o sadummuniano a pousou no lado esquerdo de seu peito frágil.

– Nascemos fracos pelo ventre, morremos fortes por Sadummun – disse Dannum em sua

própria língua, a contragosto.

A criança de pele cinza não compreendeu as palavras, mas sabia que aquele cumprimento não continha respeito algum, pois o sadummuniano nunca deixara de importuná-lo nos quase dois ciclos que foram forçados a conviver. Satisfeito, Barutir pegou o garoto novamente pela mão e ambos seguiram o mellat.

Não havia uma trilha a seguir e o avançar pela vegetação não foi fácil para a criança; ela tropeçava e parava para ajeitar as pequenas sandálias constantemente, vigiando os arredores com os olhos apreensivos. O interior da ilha não era tão escuro quanto parecia do lado de fora e ele notou que, espalhadas pela mata, existiam outras criaturas semelhantes à que carregava as malas; umas mais altas, outras com braços ou pernas mais ou menos compridos. Algumas caminhavam, outras permaneciam estáticas, mesclando-se à flora natural para um observador distraído.

Marionetes.

Após algum tempo a entrada da caverna apareceu em um paredão rochoso da montanha. Barutir sentiu o braço esticar para trás quando Adapak reduziu os passos bruscamente, não escondendo a apreensão em adentrar a passagem.

– Espere um pouco, garoto, quero mascar outra raiz antes de entrarmos – disse o humano, sentando-se em uma pedra arredondada e tirando uma pequena caixa de madeira da bolsa de ombro. O menino parou também, mas o mellat não; adentrando o enorme vão com as malas e deixando seus Convidados para trás.

– Adapak, você sabe por que Dannum não gosta de você? – perguntou o humano, abrindo a caixa e tirando dela uma raiz de mochi.

– Porque eu... Porque ele diz que eu sou *fraco*.

– Você se acha fraco?

– Eu não sei.

Barutir sorriu de leve, colocando a raiz na boca.

– Adapak, Dannum não gosta de você porque ele tem *medo* de você – ele disse.

– Ele não tem *medo* de mim, ele sempre me bate! – o garoto retrucou, fazendo uma careta de descrédito.

– Exatamente.

Adapak não entendeu. O sacerdote se apoiou na outra perna e prosseguiu:

– Bom, me deixe contar uma coisa para você... mas primeiro sente-se aí.

– Aonde?

– Eu não sei, essa outra pedra aí está bom. Isso. Sabe quantos ciclos eu tinha quando conheci essa ilha?

– Não.

– Trinta ciclos! É, eu já fui jovem também, garoto... Ou você acha que já nasci barrigudo assim? – ele brincou, dando dois pequenos tapas na barriga e divertindo a criança.

– Eu era um homem diferente naquela época e morava em um povoado ao lado da capital Alul, há muitas luas de viagem daqui – continuou, tirando o cordão de dentro do manto e o manuseando, distraído. O cristal verde em sua ponta tinha a forma de um triângulo e media

metade do dedo indicador do homem. – Lá eu era sacerdote de um templo chamado “Templo da Voz Esmeralda”, e nós tínhamos *muuuitos* alunos, muito mais do que tenho hoje, na verdade. Um desses alunos chamava-se Telalec.

– Telalec?

– Sim, e ele era um aluno muito inteligente, além de um espadachim impressionante, já naquela idade jovem.. Sabia que os ushariani envelhecem muito mais rápido do que qualquer outra espécie em Kurgala?

– Ah, é?

– Sim, é por isso que já se comportam como adultos quando ainda parecem crianças – o homem explicou. – Eles aprendem tudo muito mais rápido do que qualquer um também, é fascinante. Bom, Telalec pertencia a uma importante família de espadachins, dedicada à proteção dos imperadores de Larsuria...

– “Proteção” de quê?

– Ora, de quem quer que queira... *machucar* o imperador – Barutir explicou, escolhendo bem a palavra.

– Mas... Por que tem gente querendo machucar o imperador?

– Há *sempre* alguém querendo machucar algum imperador, Adapak. Eles são pessoas com muito poder, e por causa disso afetam a vida de muita gente. E há pessoas que querem impedir algumas decisões, ou até mesmo roubar esse poder para elas, entende?

– Acho que sim.

– Bom – o sacerdote prosseguiu. – Telalec tinha uma família muito tradicional e por causa disso o colocaram como meu aluno no templo da Voz Esmeralda, o maior templo Dingirî de Eriduria.

– Que legal!

– Na verdade, Telalec achou exatamente o *oposto* disso, Adapak. Ele detestava as aulas e questionava as Tábuas Dingirî sempre que possível.

– Por que ele ia *pro* templo, então?

– Porque assim como Dannum tem um pai autoritário que o força a ter aulas comigo hoje, Telalec tinha uma família que o forçava também.

– Por quê? – a criança perguntou, ajeitando-se na pedra.

– Acho que é porque às vezes – o homem começou a responder, fazendo uma pausa enquanto pensava no resto da frase – os pais acham que vai ser mais fácil se derem um “empurrãozinho” para que os filhos pensem da mesma maneira que eles... Eles não fazem isso por mal, entende? Quando temos uma filosofia de vida que sentimos que funciona bem para *nós*, é natural que desejemos o mesmo para alguém que *gostamos*, principalmente nossos filhos. O problema é que em grande parte das vezes, e isso digo como um sacerdote que já viu esse padrão dezenas de vezes, os filhos acabam desenvolvendo uma *barreira* contra aquela filosofia, pois estão sendo forçados a aprendê-la.

– Barreira?

– Sim, uma antipatia, quero dizer. Não me entenda errado, garoto, eu sou um servo dos Quatro, mas não acho que impor a filosofia vai fazer alguém se interessar em aprendê-la.

O humano fez mais uma pausa, mascando a raiz, pensativo.

– Infelizmente – ele continuou –, a família de Telalec não pensava como eu nesse sentido

e, como ele estava lá contra a vontade, fazia questão de demonstrar sua descrença à doutrina em quase todas as aulas. E o fato do nosso templo estar relativamente perto desse lugar onde estamos hoje, o deixava ainda mais revoltado. “Por que não vamos até a Casa dos seus ‘deuses’ e batemos na porta para ver se eles existem mesmo?”, ele sempre me perguntava. E como tinha *ódio* em seus discursos... Me lembro até hoje daquele olhar inundado de insegurança, mas disfarçado de agressão... Pobre garoto, tive que mudá-lo de turma mais de uma vez e essa atitude não o fazia ser o mais popular entre os alunos, acredite em mim.

Adapak ouviu um movimento nas folhas à distância e se virou, assustado. Barutir olhou também, mas não viu nada.

– Não é nada, não se preocupe, vamos continuar a história – ele retomou. – E então, um dia, Telalec não apareceu no templo. Pensei que estivesse doente, mas depois de três luas senti que tinha algo de errado.

– A família dele falou *pra* ele não ir mais?

– Foi o que eu achei também, Adapak, e então perguntei aos outros alunos se sabiam o que tinha acontecido. Sabe o que eles me contaram?

– O quê?

– Que Telalec tinha resolvido vir até o Lago Sem Ilha para provar que os Quatro eram lendas!

– E... E aí?

– Bom, levei a questão aos meus superiores, mas vir até aqui era fora de questão para eles, porque as Tábuas Dingirī deixam bem claro que absolutamente ninguém, NINGUÉM deve pisar nas Casas Deles. Aqueles que desobedeceram, desapareceram para sempre.

Adapak olhou em volta apavorado, lembrando-se do que Dannum tinha lhe dito sobre a ilha antes.

– M-mas... a gente tá aqui!

– Oh, sim, calma, calma – Barutir falou, levantando-se e indo até Adapak, o confortando. – Nosso caso hoje é diferente. Mas, naquela época, o templo proibiu qualquer um de vir procurar meu aluno.

– Até a família dele?

– *Até* a família dele, garoto, sim – o homem confirmou, sentando-se agora no chão ao lado da pedra onde a criança se apoiava.

– E eles não ficaram zangados porque ninguém deixou eles virem procurar por ele?

– Bom, Adapak, é complicado... Quero dizer, Telalec tinha decidido violar uma regra muito importante, entende? E se alguém fosse atrás dele, iria quebrar essa regra também, logo ficou decidido que o destino dele estava nas mãos dos Quatro.

– E... o que aconteceu com ele? Ele sumiu também?

– Bom, houve uma pessoa que não foi capaz de aceitar a decisão do Templo e decidiu vir atrás do ushariani.

– Quem?

– Bom, *eu* – Barutir respondeu, abrindo um sorriso.

– Você?!

– Sim. Eu não pude concordar com aquilo... Telalec era só um menino que tinha tomado

uma decisão estúpida, só isso. É o que jovens fazem, tomam decisões estúpidas, mesmo os ushariani.

– Eu sou *jovem*, mas não sou *estúpido* – disse Adapak, cruzando os braços.

– Não, Adapak, mas você... – o humano se interrompeu, considerando como completar a frase. – Você é *diferente*. Já te disse isso.

A criança continuou de cara emburrada. O sacerdote resolveu prosseguir com a história:

– Bom, eu pensava que talvez fosse capaz de alcançar Telalec antes que ele pisasse na ilha, então fiz uma pequena mala, aluguei o sisu mais veloz que minhas moedas podiam pagar e parti de Alul, orando para que Os Quatro aprovassem minha decisão.

– Você não ficou com *medo*?

– Medo? Claro, garoto, o que acha?! Não é errado ter medo, entende? Se alguém diz pra você que não tem medo de nada, esse alguém é louco ou idiota.

– Lá na vila o Dannum me disse que não tinha medo de vir aqui.

– Bom, *louco* eu sei que ele não é.

Adapak pensou um pouco e então soltou uma risada. O sacerdote prosseguiu:

– Enfim, segui as estradas principais perguntando por meu aluno em todas as estalagens, mas ele tinha uma boa distância de vantagem em comparação a mim. E então, depois de dez luas de viagem, eu cheguei no Lago Sem Ilha, lá perto da margem onde deixamos os sisus, está vendo? – ele disse, apontando na direção do pilar.

– Você tinha uma canoa que nem essa que a gente trouxe hoje?

– Canoa? Hah! Eu tive que vir *nadando*, garoto! Deixei minhas coisas lá e nadei até aqui, quase morri de frio...

– E achou o Telalec?

– Achei o rastro dele: dois corpos de mellat caídos logo na margem.

– Caídos?

– *Mortos*, garoto. Esquartejados pela espada de uma criança inconsequente. Orei para Os Quatro pedindo perdão e adentrei a floresta, torcendo para impedir mais blasfêmias... E depois de dois outros corpos eu cheguei aqui, nesta entrada de caverna que estamos em frente.

– E aí?! E Telalec?

– Bom – o humano falou, fazendo uma pausa para tossir. – Eu o achei *lá dentro*.

– E ele... Ele estava... Ele estava *morto*?

– Não – respondeu o sacerdote, sorrindo e cuspiendo a raiz de mochi na grama. – Ele estava bem, feliz e comendo bolinhos de geleia.

Confusa, a criança balbuciou algo, mas não conseguiu proferir nada concreto. Barutir viu a fagulha de curiosidade querendo se transformar em uma pequena chama, começando a queimar o medo que o dominava até então.

– Quer saber o que tinha acontecido dentro da caverna? – o homem perguntou, se levantando e lhe tocando o ombro.

– Quero!

– Então vamos entrar. Hoje é sua vez de comer bolinhos.

Rostos familiares

Aquele que sorri para todos é amigo de ninguém.

Dübur, o mercador, em *Tamtul e Magano e o elmo do imperador sorridente*

TRÊS DELES SURGIRAM na curva norte do corredor, de cimitarras empunhadas e passos cuidadosos. As sombras haviam denunciado suas presenças de antemão, mas Adapak pôde ouvi-los muito antes disso, sussurrando intenções obscuras enquanto avançavam pelos intestinos da prisão. Eles eram humanos de pele bege variando entre 30 e 40 ciclos de idade, vestindo armaduras justas de couro castanho-escuro e sem insígnias. Tinham rostos marcados pela vida bruta, com olhos acostumados à violência. Os dois que seguiam na frente exibiam sangue fresco nas lâminas amareladas, o que indicava que tinham encontrado resistência.

Eles mal tiveram tempo de registrar o espadachim e o cadáver do homem que ele primeiro derrubara; os Círculos os envolveram e Adapak obedeceu à risca, rasgando-os com alguns poucos movimentos e pintando de escarlata as paredes do corredor. Humanos eram mais *macios* que guandirianos, o rapaz concluiu, sem orgulho.

Com o cair dos corpos vieram os gritos dos prisioneiros das celas adjacentes, despertos pelo som da morte. Nervoso, Adapak limpou o sangue das espadas gêmeas e revistou um dos invasores da prisão: ele não possuía qualquer tipo de identificação ou sequer moedas consigo, portava apenas a cimitarra de osso de baixa qualidade e uma faca curva de madeira. O espadachim se apropriou desta última, prendendo-a na parte de trás do cinto. Decidindo que não devia perder mais tempo, ele pegou sua bolsa e seguiu com passos rápidos na mesma direção seguida por Jarkenum.

Adapak desconhecia a planta do prédio, mas sabia que Urpur não era uma grande metrópole, por isso apostou que se encontrava em uma construção relativamente pequena. E graças à espiada pela janela de seu cárcere ele sabia também que estava no térreo, o que poderia facilitar um pouco a fuga. Enquanto avançava indagando como reagiria caso se deparasse com alguma sentinela, Adapak notou que nem todos os cárceres estavam ocupados; os que estavam contavam com indivíduos curiosos agarrados às barras ou com os apavorados que se encolhiam nos cantos, estremecidos pela figura de pele negra e olhos brancos que cruzava o túnel mal iluminado. Armários surgiam em intervalos regulares, guardando os bens materiais daqueles que tinham perdido o direito de carregá-los.

Havia uma porta no fim do corredor, encostada e com o trinco aberto por Jarkenum, provavelmente. Torcendo para que a índole criminosa de seu ex-companheiro de cela não incluísse o assassinato de sentinelas inocentes, o espadachim abriu a porta com cautela, apertando os dentes com o gemido das dobradiças.

Suas narinas receberam com prazer o aroma de legumes cozidos da modesta cozinha ali

instalada, livrando a memória da urina e sangue da galeria anterior. Escutando e certificando-se de que não havia ninguém ali, o espadachim entrou, visualizando no solo as brasas fracas do fogão ainda aquecendo as panelas da sopa que ele havia apreciado há algumas horas. À sua frente, havia duas estantes que continham carnes, legumes e potes com temperos e ingredientes variados. Um pouco mais ao lado, uma mesa com copos, pratos e talheres sujos exibia o histórico do último jantar dos oficiais da prisão. Adapak contou nove pratos, ainda que aquela fosse uma estimativa arriscada de quantas sentinelas estariam no prédio. *Pelo menos é alguma informação*, pensou.

As brasas do fogão eram a única fonte de luz do aposento, uma vez que os lampiões estavam apagados. Havia duas janelas gradeadas na parede oeste da cozinha, finas e verticais demais para qualquer esperança de fuga. Na parede leste existia uma segunda porta e o espadachim ficou satisfeito em encontrá-la destrancada. Ela levava a um pequeno aposento sem mobília alguma, com apenas uma escada de madeira que ascendia para uma porta fechada e uma porta no térreo. Ele tentou esta.

Trancada.

Adapak não queria subir para o segundo andar, mas não via outra solução; voltar e arriscar a outra ponta do corredor de celas não parecia boa ideia, visto que os quatro homens que ele despachara tinham vindo de lá, sugerindo o fluxo da invasão.

Mal sua bota tocou o primeiro degrau, passos apressados soaram do segundo andar.

O espadachim recuou até o limiar da cozinha e escutou, de armas em riste. Atrás da porta no alto da escada, móveis tombaram e um som de rápido deslocamento de ar ecoou, gerando gritos abafados. A porta abriu-se com violência, revelando um Jarkenum suado e arfante, arrastando o chicote laminado salpicado de sangue. Ele errou o passo e tropeçou, batendo a armadura segmentada contra os degraus de madeira em uma escandalosa meia cambalhota. No alto da escada, dois humanos surgiram na soleira da porta. Suas posturas e armaduras diferentes às das sentinelas indicavam que eles faziam parte da invasão à prisão.

– *Ikibu* – disse o mais alto, apontando a cimitarra para o rapaz de olhos brancos. Presa firmemente à base da lâmina havia uma relíquia Dingiri.

Diferente daquela antes em poder dos guandirianos, esta era cilíndrica e caberia perfeitamente na palma da mão de Adapak. Tiras de couro a prendiam firmemente logo acima da guarda, dando um ar mais profissional à adaptação do que o amuleto guardado na bolsa do rapaz de olhos brancos.

O tempo que os invasores levaram para registrar a imagem do espadachim foi suficiente para que Jarkenum engatinhasse até os últimos degraus do chão e recuperasse o chicote caído.

– Eles mataram o nekelmuliano lá em cima, cara! – ele gritou, com os cabelos grudados no rosto. – Eles o mataram com essa *coisa*, eu vi!

– Volte para o corredor – Adapak falou para ele, tentando manter a calma. – *Agora.*

Jarkenum o obedeceu, adentrando a cozinha mal iluminada e desaparecendo para a galeria das celas. O espadachim manteve os olhos brancos nos dois invasores que desciam a escada e começou a recuar com passos lentos, buscando logo atrás o terreno mais amplo da cozinha

que os Círculos sugeriam; ele não tinha ideia do que aquela relíquia era capaz de fazer, mas pelo menos teria *espaço* para manobrar.

Não houve muito tempo para especulações; o homem mais alto apontou a cimitarra em sua direção e fechou os olhos com força, como uma criança antecipando uma palmada. A familiar vibração preencheu o ar e Adapak se jogou para dentro da cozinha, ouvindo um bizarro som de papel amassado às costas. Quando se levantou do chão e virou, reconheceu o final de um efeito que só vira uma vez na vida: parte da parede e da porta havia sido arrancada do lugar e aglomerada em um punhado concentrado de pedra e madeira estacionado em pleno ar. A massa de detritos encolhia rapidamente como se esmagada pela mão de um gigante invisível, tornando-se em poucos segundos uma pequena esfera lisa e escura do tamanho de um punho fechado. Quando a vibração cessou, ela caiu no chão com um baque pesado, rolando para perto dos pés de Adapak. Os alicerces do aposento rangeram.

Pelo rombo na parede, Adapak podia vê-los ao final das escadas e sentiu uma onda de confiança ao detectar o medo em seus olhos.

– VAMOS! – gritou o espadachim, girando as espadas e sentindo o aroma da finada sopa de legumes. Um pensamento louco lhe cruzou a mente quando ele lamentou não ter encontrado o cozinheiro misterioso para lhe agradecer aquela que talvez tivesse sido sua última refeição. Os humanos adentraram a cozinha e atacaram.

Comece.

A espada Igi rechaçou a cimitarra do primeiro homem e cortou-lhe a garganta no movimento circular de retorno, fazendo-o girar para o lado, bater o quadril na mesa e dobrar o tronco sobre ela desastrosamente, quebrando pratos usados e lançando copos e talheres contra o chão de pedra. O oponente com a relíquia chutou a armação das panelas sobre o fogão na direção de Adapak, que foi forçado a saltar para trás para não ser atingido pelos objetos e restos de sopa morna. Aproveitando o espaço, o homem saltou as brasas e investiu contra o espadachim enquanto este recobrava o foco. Adapak por pouco desviou o curso da lâmina inimiga e chutou-lhe o abdômen. O humano exalou um gemido de dor e curvou-se. Com um movimento suave, Adapak girou para seu lado esquerdo e o decapitou com um corte limpo. O corpo sem vida ajoelhou no chão quase como se ainda possuísse consciência e em seguida pendeu para trás, caindo de costas sobre o calor do fogão e escurecendo ainda mais o cenário.

Concentre-se, bosta.

– Pelos Quatro Que São Um, como foi que fez isso? – exclamou um perplexo Jarkenun, surgindo na porta do corredor das celas.

– Você está bem? – perguntou Adapak, sentindo o ombro esquerdo. – Encontrou mais deles lá atrás?

– Não, eu... Eu ouvi o barulho de *luta* e achei que... Eu resolvi voltar – ele acabou respondendo, forçando a vista na penumbra. – Aquilo na espada dele realmente é uma relíquia, não é?

– Sim – o rapaz confirmou. No centro do aposento, o corpo sem cabeça cozinhava lentamente, substituindo o cheiro de legumes pelo de carne queimada aos poucos. Ao lado da mão, a cimitarra descansava sobre as brasas, voltada com o lado da relíquia para baixo.

– Está sentindo isso? – perguntou Jarkenun, passando a mão na nuca.

Adapak notou que a atmosfera vibrava, mas de maneira *diferente* à de antes. No fogão, a cimitarra tilintou sobre as brasas.

– Temos que sair daqui!! – o espadachim gritou, agarrando o homem de armadura vinho e o arrastando para o fundo da sala da escada. A vibração se elevou e o centro da cozinha tornou-se um turbilhão flutuante de comida, pedra, carvão, madeira e carne humana, como se arrancados de seus lugares por um furacão silencioso que atingisse apenas uma área esférica e específica do lugar. O aglomerado formou uma massa compacta e começou a encolher com o bizarro som de papel amassando de antes; porém mais e mais partes da cozinha eram arrancadas de seus lugares a cada segundo, aumentando cada vez mais a esfera. A parede que dava para a rua se desfez, assim como o teto da cozinha, que fez despencar camas e armários do segundo andar. Jarkenun e Adapak mantinham as costas coladas no fundo da sala da escada, testemunhando na cozinha os móveis agora serem incorporados ao amálgama de materiais e a esfera tornar-se cada vez maior.

– Temos que subir! – o espadachim gritou para o humano de cabelos longos, que estava vidrado no fenômeno. – Essa coisa vai nos *engolir!!!*

– Que bosta é essa?!?! – ele gritou, paralisado.

Adapak agarrou seu braço e eles subiram os degraus aos tropeços, jogando-se contra a porta pela qual Jarkenun e os dois invasores tinham surgido momentos antes. Um estrondo ecoou do primeiro andar quando parte da escada foi arrancada, e eles se viraram a tempo de ver o fenômeno cessar repentinamente. A cozinha e metade da sala abaixo haviam se tornado um grande pedregulho negro e disforme.

Adapak e Jarkenun se encontravam agora em uma espécie de armazém improvisado, que guardava desde vassouras até barris de mantimentos. Havia duas outras portas visíveis: uma ao lado da que eles tinham entrado (levando para o dormitório que desabara) e outra no final da parede à direita, escancarada e vazando luz de outro aposento. No chão, um homem jazia morrediço sobre uma poça de sangue. Ele parecia fazer parte dos invasores.

– O q-que foi aquilo?! – Jarkenun exclamou, passando a mão nos cabelos ensebados. – Você viu? Era magia Dingirî *bem na nossa frente!!* Pelos Quatro...

– Você fez isso? – Adapak questionou, apontando para o homem caído.

– O quê? Oh, sim – ele afirmou, com o pensamento ainda no que havia acabado de ocorrer no primeiro andar. O invasor exibia um corte profundo e irregular que partia do peito esquerdo, subia dilacerando o pescoço e terminava em um rosto tremendamente desfigurado. A parede atrás ostentava os registros sangrentos do chicote laminado de Jarkenun: uma arma elegante apenas na aparência.

– Você conhece esses filhos de uma vadia?

– Sim – respondeu Adapak de imediato, corrigindo em seguida. – Quer dizer, não. Não

exatamente, eles... Eles vêm me caçando há várias luas.

– Por quê? O que você roubou?

– Eu não roubei nada – ele murmurou, ficando de cócoras sobre o humano agonizante. Ele gorgolejava palavras incompreensíveis em meio ao próprio sangue, que vazava da garganta desfeita. Ainda assim Adapak decidiu arriscar:

– O que significa “Ikibu”?

Os olhos do assassino não se fixavam em ponto algum. Seu estado de consciência estava além de qualquer tipo de compreensão física ou cognitiva; tudo que lhe havia restado eram espasmos involuntários.

– O QUE QUER DIZER IKIBU?! – Adapak desta vez gritou, assustando Jarkenun.

Controle-se.

Sem esperanças de obter uma resposta, Adapak se ergueu e enxugou os olhos cheios d’água.

– O que... O que há na outra sala? – o rapaz perguntou para Jarkenun.

– Venha ver.

Os dois circundaram o homem moribundo e foram até a porta do outro lado do armazém. Ela dava passagem para um escritório que claramente havia sofrido os efeitos da cimitarra-reliquia: na parede oposta a eles, ao lado esquerdo de uma porta dupla entreaberta, havia um buraco semelhante ao que Adapak vira ser feito na cozinha. A característica esfera lisa repousava no chão, ao lado de três sentinelas cujos corpos faltavam pedaços. A Segunda Sentinela nekemuliana era um deles; seu enorme olho azul encarava o espadachim como o de uma enorme boneca sem vida.

Ninguém é invencível, afinal.

Jarkenun passou por Adapak e adentrou o escritório, deixando que as velas do lustre mudassem o tom de sua armadura para algo mais alaranjado. Ele foi até o rombo da parede e espiou:

– É um corredor vazio – falou, voltando a atenção para o aposento e recuperando sua bolsa dentre os cadáveres. Havia uma janela em uma das paredes, mas ele a ignorou. A seguir foi até uma grande mesa coberta de papéis espalhados em sua superfície e começou a vasculhar as gavetas.

– Deve ter alguma chave aqui para que possamos sair lá por baixo – falou, afastando os cabelos do rosto para enxergar melhor. – Aposto que esse sujeito aí é o *figurão* do lugar.

Preso à parede logo acima da mesa havia a pintura de um imponente sadummuniano de pelos alaranjados, ostentando a insígnia de comandante da sentinela de Urpur com orgulho.

– E a janela? – Adapak perguntou.

– Tentei, mas estamos muito acima do chão. É burrice tentar saltar, acredite... A não ser que você possa realmente “se transformar em ave”.

O jovem lhe devolveu um olhar irônico.

– É sério, parceiro, se puder realmente fazer isso, essa é a hora de me dizer – o homem insistiu, sorrindo.

– Excelente piada. Escute, você estava aqui quando isso aconteceu?

– Eu cheguei até esse escritório sem problemas, e estava tentando entrar *ali* – disse, apontando com o queixo para uma porta na parede sul com os dizeres ARMAS/APREENSÕES escritos em uma pequena placa – quando comecei a escutar gritos vindo *dali* – apontou agora para a porta dupla na parede leste.

– De repente – ele prosseguiu – três daqueles *loucos* entraram pela porta, lutando contra essas sentinelas. Então um deles usou a espada mágica e... bom, você sabe.

O espadachim olhou para a esfera escura ao lado de um dos corpos.

– Você não os ajudou?

– *Ajudar?! –* Jarkenum retrucou, contorcendo o rosto em uma careta de deboche. – Parceiro, eu não deveria sequer *estar* aqui! Eu só queria cair fora dess...

– Não sem antes entrar ali e recuperar suas raízes de mochi apreendidas, não é? – inquiriu Adapak, apontando para a porta com a placa.

– Ei, as *minhas* coisas só estão naquela salinha idiota por *sua* culpa, garoto. E infelizmente continuam, porque tive que sair correndo dos três que vieram atrás de m...

Passos na madeira.

O espadachim fez um sinal silencioso para Jarkenum e ambos colaram no lado intacto da parede da porta dupla, deixando-a entreaberta para espiar: o corredor escuro seguia por cerca de oito passos até virar à esquerda em um ângulo reto, deixando uma porta fechada na esquina. Dois invasores humanos surgiram da curva, não escondendo nos rostos a satisfação de detectar luz à frente. Adapak sinalizou para Jarkenum que aguardasse ali, esperou que os homens se aproximassem mais e então escancarou a porta, aproveitando a contraluz e trespassando a garganta do primeiro. O outro gritou e empurrou o corpo do comparsa contra o espadachim, que recuou para que o cadáver tombasse entre eles. O invasor armou a defesa com a cimitarra quando a porta da esquina às suas costas se abriu.

Uma enorme figura surgiu de seu interior, abraçando o humano por trás. Os seis braços musculosos o ergueram na penumbra e o apertaram com força descomunal – o homem conseguiu exalar um princípio de grito antes que o som de sua espinha partida estalasse no corredor.

– Pela Prisão de Cristal... – sussurrou Jarkenum, logo atrás de Adapak. O sadummuniano de 10 cascos de altura abriu os braços e o corpo despencou como um brinquedo largado por uma criança desinteressada. Ofegante, ele deu um passo à frente e pegou a cimitarra do chão, deixando-se iluminar melhor e revelando a armadura da sentinela de Urpur, apertada contra a massa rubra de pelos suados.

– Vocês são o reforço? – ele indagou, tentando identificá-los na penumbra. – Onde está Deffer?

– Nós... não sabemos – Adapak respondeu. – Nós...

– Fracote, é... É você? – a sentinela perguntou.

Pai

E Eles discutiram por 600 ciclos. E então cada Um se fechou em Sua Casa, prometendo não mais sair.

E Eles se tornaram menores, pois não eram mais Quatro.

Terceira Tábua Dingirī

EM SEUS BREVES 4 ciclos de vida, Adapak só havia conhecido uma caverna antes, quando Barutir Ob o levou para caçar capingus próximo às cachoeiras de Thal, oito meses atrás. O garoto *detestou* a experiência, ficando horrorizado com a serenidade com que o sacerdote tirava a vida daqueles roedores, caminhando até os corpos trespassados pelas flechas e terminando o serviço com sua faca. A criança não compreendia aquele conceito de compaixão seletiva, onde determinados seres tinham direito à vida e outros não. Foi somente ao pôr do sol que Barutir finalmente conquistou o interesse do aluno, mostrando-lhe uma pequena gruta escondida atrás de uma das cascatas; a cortina d'água permitia que apenas uma fração da luminosidade adentrasse aquele pequeno santuário, abrigando animais que preferiam viver longe do julgamento do sol.

Mas a caverna que Adapak e Barutir se encontravam hoje não se assemelhava em nada com aquela. Seu início sim; mas após alguns passos ela deixava de ser úmida e as paredes rochosas aos poucos se tornavam cobertas por centenas de milhares de cristais verdes com diferentes tamanhos e formas geométricas, formando um túnel largo o suficiente para que eles caminhassem de braços abertos, se assim desejassem.

Assim que a claridade da entrada perdeu força, Adapak reparou em uma luz esverdeada emanando do peito de Barutir. O sacerdote tirou o cordão de dentro das vestes, revelando que o cristal triangular em sua ponta brilhava como uma pequena vela esmeralda, intensa o suficiente para iluminar o caminho. A criança rapidamente segurou a mão do homem ao ver as sombras dançando nas paredes e simulando presenças que ali não existiam.

– Barutir?...

– Sim, Adapak?

– Dannum me disse que... Que essa ilha não *existia* aqui antes. Ele disse que ela *apareceu* no lago um dia.

– Oh, sim, ele disse a verdade.

– Mas... como é que pode ser?

– Bem, Adapak, esta ilha é uma das quatro Casas dos Dingirī, e Eles são os Senhores da terra, dos mares e até do céu; podem fazer o que quiserem, inclusive mudar a localização de Suas moradas.

– Como assim? Por que Eles são donos de tudo?

– Porque... Bom, eu posso lhe contar a história Deles, se você quiser, a história do nosso

mundo segundo as Tábuas Dingirī – ele falou, interrompendo o caminhar. – É isso que você quer?

Adapak confirmou com a cabeça. O homem pigarreou e começou:

– Bom, as Tábuas Dingirī contam que no começo de tudo, Kurgala era um enorme mar sem fim. E os espíritos de Abzuku e Tiamatu eram seus senhores, e nada mais além deles existia.

– Nada?

– Nada. E então um dia os Dingirī desceram dos céus, e seus nomes eram Anu' Nār, o *Artesão*; Enlil' Nār, o *Viajante*; Enki' Nār, a *Voz* e Nintu' Nār, a *Lança*.

– Que nomes legais!

– Oh, sim, mas os Dingirī são conhecidos por muitos outros nomes também, ainda que o mais usado seja *Os Quatro Que São Um*.

– Por quê?

– Porque Eles pensavam como um e agiam como um, apesar de serem diferentes.

Adapak não pareceu entender.

– Eles eram como *irmãos* – tentou explicar melhor o homem. – Mas irmãos tão unidos, tão *amigos*, que Suas mentes eram ligadas como se fossem uma.

– Isso é estranho!

– Sim, para nós é estranho, eu concordo, mas para Eles isso era muito bom, pois permitia que fossem muito mais. As Tábuas contam que Eles trouxeram presentes para Abzuku e Tiamatu. Os espíritos ficaram tão felizes que em troca permitiram que Os Quatro fizessem Suas Casas em Kurgala, para que pudessem morar. E o nome dessas Casas eram Larsuria, Eriduria, Badibiria e Sipparu.

– A gente não está em Eriduria?

– Exato, nós moramos no continente de Eriduria, também conhecida como Casa de Enki' Nār.

– Mas você não falou que a Casa dele é só essa ilha? – o menino indagou.

– Oh, sim, mas quando Enki' Nār chegou em Kurgala, Ele e Seus Irmãos eram maiores do que nós podemos conceber, maiores que as montanhas mais altas!

– Uau...

– E Eles também criaram uma quinta Casa, que era mais um presente para Abzuku e Tiamatu. Ela foi chamada de Shuru.

– É um nome engraçado. – O menino riu.

– Bom, Os Quatro Dingirī viveram em Suas Casas por 6 mil ciclos, mas começaram a se sentir sozinhos e tristes, pois, apesar de serem Irmãos, o mundo de Kurgala era muito, mas *muuuuito* grande... E então Enki' Nār uma noite olhou para o céu e pensou: *As estrelas nunca se sentem sozinhas, pois tem muitos amigos*. E pensando nisso, colheu o pó dessas estrelas e o plantou na terra de Kurgala como sementes. E dessas sementes nasceram as espécies do mundo: os mortais, como eu.

– Mortais?

– Sim, quer dizer que nós podemos morrer um dia, de velhice, por exemplo. Todas as espécies do mundo são “mortais”.

– Então... Eles fizeram *todo mundo do mundo*?

– Sim.

– Até os guandirianos?

– Sim, os guandirianos também.

– Mas eles são... *feios* – falou Adapak com uma careta.

– Aos olhos dos Dingirī, todas as espécies são bonitas, Adapak. Não há feiura na criação. É como um artista que pinta um quadro; outra pessoa pode achá-lo feio, mas o artista sempre encontrará beleza ali.

– Eu ainda os acho feios.

Barutir sorriu e continuou:

– Bom, quando os Irmãos de Enki’ Nār viram o que Ele tinha feito, resolveram fazer o mesmo, e então *tooda* Kurgala se encheu de vida – ele falou, representando com as mãos. – E Os Quatro ficaram contentes, ensinando a língua Dingirī para Suas crias e as ensinando a cultivar, construir e conviver entre si por mil ciclos.

O sacerdote fez uma pausa para pigarrear, ecoando o som pelas paredes da caverna. E então prosseguiu:

– O problema é que Abzuku e Tiamatu não gostaram de nada disso.

– Por quê?

– Porque eles tinham permitido que apenas Os Quatro vivessem em Kurgala... e agora Kurgala *inteira* estava ocupada!

– Eles ficaram muito zangados?

– Oh, eles ficaram *muito* zangados, Adapak. Tão zangados que decidiram desfazer o acordo e acabar com tudo que existia, fazendo o mundo voltar a ser o que era antes; apenas *mar*.

– E aí?

– Bom, Os Quatro se reuniram e decidiram impedir que isso acontecesse de qualquer maneira. E então enviaram Enki’ Nār até a quinta Casa, Shuru, para tentar convencer os antigos senhores de Kurgala a não inundar o mundo, pois dentre Os Quatro, Enki’ Nār era conhecido como a *Voz*, a mais sábia de todas.

– E ele conseguiu?

– Não.

Adapak colocou as mãos sobre a cabeça, envolvido na história:

– E então?! – perguntou.

– Enki’ Nār, vendo que não seria capaz de convencer Abzuku e Tiamatu, não viu saída senão trancá-los em sua própria Casa, Shuru, transformando-a em um deserto de cristal para que nunca mais escapassem.

– Um deserto de *cristal*? – Adapak repetiu, impressionado.

– Sim, um *imenso* deserto de cristal – Barutir gesticulou, insinuando o tamanho. – Mas nem todos os Dingirī ficaram satisfeitos com a decisão de Enki’ Nār, pois não concordavam em aprisionar os antigos senhores de Kurgala. Mas Enki’ Nār era o que mais amava os mortais e se recusou a libertar Abzuku e Tiamatu. Então, Os Quatro discutiram por 600 ciclos, e ao final da discussão cada Um se fechou em Sua própria Casa, prometendo nunca mais sair. E como se separaram, Eles deixaram de ser um só e se dividiram, tornando-se menores.

“Depois disso, nós, mortais, seguimos em frente, mas, sem a sabedoria dos Dingirī, fomos

incapazes de prosperar como eles queriam ou de sequer conviver em paz. Povos criaram suas próprias línguas e tornaram-se inimigos, indivíduos subiram ao poder, se denominaram *imperadores* e criaram guerras, matando e escravizando uns aos outros... Kurgala é hoje um mundo dividido e caótico, como uma casa cujos pais saíram e deixaram as crianças sozinhas.”

– Mas os Dingirī não sabem o que aconteceu com o mundo? Eles nunca mais vão sair das Casas deles? – Adapak perguntou, enrugando a testa.

– Ah, mas é por isso que os mortais começaram a criar templos dedicados a Eles, Adapak.

– Como o seu?

– Exatamente. O templo da Voz Esmeralda é dedicado à Enki’ Nār, e nossas orações são para que Ele saia de Sua Casa e volte a ajudar Kurgala a prosperar com Sua sabedoria, como um dia assim foi. Mas há outros templos dedicados aos outros Dingirī também, e até mesmo a Os Quatro como um todo. Algumas cidades são controladas por templos, já outras preferem suas próprias formas de organização. E há tempos que... bom, que pensam de outra forma – ele disse, cuidadoso.

– Como assim?

– Existem templos que oram para que os Dingirī *nunca* saiam de Suas Casas, pois temem que um ou mais Deles possam ir contra Enki’ Nār e *libertar* Abzuku e Tiamatu... Há outros que se dedicam a encontrar e estudar todas as relíquias que os Dingirī deixaram para trás, pregando que Sua magia deve ser herdada pelos mortais. E existem até pessoas que *querem* que Abzuku e Tiamatu sejam soltos e transformem Kurgala em mar novamente.

Adapak arregalou os olhos.

– Por que alguém iria querer isso?!

Barutir se ajoelhou em frente ao menino.

– Eu não sei, Adapak. O que eu sei é que tenho fé que Enki’ Nār nunca permitiria que isso acontecesse. É por isso que dediquei toda a minha vida a Ele, pois confio em Sua Voz. E acho que depois que você a ouvir, também vai confiar – o humano falou, passando a mão na cabeça calva e cinzenta da criança. – Agora venha, vamos continuar.

Ao final do corredor o progresso foi interrompido por um paredão cujos cristais eram menos salientes e ligeiramente transparentes, revelando uma leve luminescência por trás. O humano pousou seu cristal triangular aceso na palma da mão esquerda e com a outra mão tocou a parede irregular gentilmente com os dedos. Ele então proferiu uma frase em uma língua que Adapak não compreendeu:

– *Petat babkamal lurüba anaku.*

Nada aconteceu.

– O que você falou? – o jovem perguntou.

Concentrado, o homem repetiu a ação, ainda sem obter resultado.

– Barutir?

– Essa é a língua dos Dingirī, antes a única falada por todos os povos de Kurgala, Adapak, lembra? – ele disse, sem tirar os olhos da parede. – Hoje é chamada de Língua Antiga,

infelizmente... Eu estou pedindo à Casa que permita a minha entrada, pois sou um dos seus *Convidados*... Mas devo estar fazendo algo errado, não entendo por que a passagem não abriu.

– Que passagem? – Adapak perguntou, olhando o bloqueio.

– Essa aqui... – Barutir insistiu, tocando um dos cristais transparentes. – Bosta, será que vamos ter que esperar o mellat voltar?

Adapak aproximou o rosto no paredão, notando a intrincada textura de pequenos hexágonos que cada cristal possuía: era como observar a pele de um réptil de muito perto, ainda que os milhares de “escamas” apresentassem uma simetria perfeita demais. Adapak só despertou de seu momento de fascinação quando notou que a estrutura inteira à sua frente começara a se mover.

Um dos cristais do paredão tinha finalmente reagido ao toque de Barutir. Seus vizinhos o acompanharam e se dividiram em cristais ainda menores, continuando a divisão até que se tornassem muito pequenos, realizando a seguir uma rápida sequência de deslocamentos em toda a superfície. Adapak achou que o efeito se parecia com milhares de insetos verdes que estivessem dormindo até que um decidisse se mover, forçando os outros a se reajustarem com um silvo suave no ar. Em um instante os inúmeros cristais formaram uma nova passagem em formato hexagonal.

– Acho que encontrei a maçaneta – brincou o sacerdote, sorrindo e apontando seu iluminado cristal triangular para o rosto assustado de Adapak.

Ao atravessarem a passagem, a parede voltou a ser fechar, reestrurando-se da mesma forma. O cenário agora era diferente do anterior: em vez de caminhar sobre o chão irregular, Barutir e Adapak se encontravam em uma espécie de ponte feita de um material perfeitamente liso, verde e semelhante a vidro. Ela cruzava o centro de um largo corredor cilíndrico, formado pelo mesmo tipo de cristais do corredor anterior. Alguns deles, porém, emitiam uma leve luminosidade também, como se alguém com extrema paciência tivesse acendido pequenos lampiões mágicos em seus interiores translúcidos. O menino imediatamente pensou em como Dannum ficaria com raiva ao saber como era aquele lugar mágico que ele não pôde conhecer (não que Adapak quisesse contar, mas o sadummuniano provavelmente o forçaria a fazê-lo quando Barutir não estivesse por perto).

– Agora imagine o meu estado quando passei por aqui a primeira vez... – o homem falou, erguendo o cristal do cordão acima da cabeça e também admirando o lugar. – Eu estava dividido entre três pensamentos aterradores: estar contrariando o que as Tábuas diziam, não encontrar Telalec e, por último, ter o mesmo destino que outros tiveram ao tentar invadir a Casa de um dos Quatro. Ainda assim eu não conseguia deixar de me maravilhar de estar aqui, de presenciar a magia Dingirī em sua plenitude... Foi o segundo maior momento da minha vida.

– Qual foi o primeiro?

– Meu casamento com Nafaela – o humano falou, calando-se quase de imediato em seguida.

O garoto se viu capturado pela expressão distante que se formou no semblante do homem ao dizer aquilo, dramatizada ainda mais pelo modo como a luz do cenário caía sobre seu rosto redondo. Aquele era um lado soturno que Adapak jamais havia visto no homem,

sombreado seu bom humor característico de um jeito quase assustador. Antes que aquela fisionomia se fixasse por muito tempo, no entanto, eles se depararam com uma segunda porta, cuja abertura trouxe outro tipo de emoção à mente do menino.

A princípio, Adapak teve a impressão de que eles haviam saído da montanha, pois se deparou com um estranho céu pontuado por milhões de estrelas verdes; umas brilhando mais, outras menos. Logo em seguida, entretanto, ele se deu conta de que se encontrava em uma caverna colossal, cujo teto, paredes e solo eram cobertos de cristais de variadas formas e tamanhos, forjando um inacreditável amanhecer esmeralda. No centro da câmara, as paredes se afunilavam em direção ao teto distante; partindo desse topo, um colossal pilar de cristais descia magistralmente, alargando sua estrutura conforme se aproximava do chão até terminar em uma base em forma de estrela de múltiplas pontas compridas.

– Adapak, seja bem-vindo a Casa de Enki’ Nār, a Voz – falou o sacerdote, guardando sua joia triangular de volta sob as vestes, agora apagada.

O solo além da porta por onde eles tinham vindo era feito do mesmo material envidraçado da ponte anterior, seguindo perfeitamente reto até o centro da caverna, formando uma pista solitária em meio ao mar de cristais. Os dois seguiram pela trilha, com Adapak tropeçando algumas vezes por não conseguir parar de olhar para cima, pois o pilar e sua arquitetura impossível pareciam tê-lo fascinado mais do que qualquer outra coisa; sua imensurável textura era tão complexa que o garoto tinha a impressão de que alguns dos cristais se moviam ocasionalmente, tal como as “portas” pelas quais eles tinham passado antes.

– Garoto, não desvie muito do caminho – disse Barutir. Adapak olhou para o piso e reparou que tinha saído um pouco da pista reta, mas a área onde ele pisara – antes irregular e repleta de cristais – tinha se tornado perfeitamente lisa para que ele pudesse caminhar. A criança deu alguns passos para trás e testemunhou o solo envidraçado se moldar imediatamente de volta aos milhares de pequeninos cristais irregulares de antes.

– Olha, Barutir! Olha o que eles fazem, olha! – Adapak gritou alegre, dando alguns passos para fora da pista e se divertindo com o material que se adaptava a cada movimento seu.

– Vamos, garoto, aqui não é lugar para se brincar – o homem disse, pegando-o pela mão e prosseguindo.

A pista terminava sob a base estrelada do pilar, formando um grande círculo ali. Em seu centro havia uma larga abertura hexagonal repleta de água escura e perfeitamente parada. Bem à sua margem havia algo que podia ser compreendido como um banco comprido e uma mesa; ambos partindo diretamente do chão envidraçado, como se tivessem sido esculpidos por um artista de talento inacreditável. Ao lado do banco estavam as malas de Adapak e em cima da mesa seis perfeitos bolinhos de geleia repousavam.

A criança demorou alguns instantes para identificá-los, sendo aqueles elementos mundanos contrastantes demais dentro daquele cenário surreal. Ele lançou um olhar inquisidor para Barutir, que lhe retribuiu com um sorriso e um inclinar de cabeça positivo. Adapak soltou a mão do sacerdote e foi até a mesa, sentindo o aroma dos doces dando-lhe boas-vindas.

– Estão bons? – Barutir questionou, indo em direção ao banco para se sentar.

– Estão quentinhos! – respondeu o garoto, mal contendo a geleia na boca. – Posso comer quantos?

– Quantos quiser, eu acho. São para você...

– *Puquê tmm msságuai?*

– Termine de mastigar, pelo amor dos Quatro...

– Por que tem essa água aqui? – ele repetiu, apontando para o curioso lago turvo hexagonal.

– Porque é por onde a *Voz* chegará. Olhe.

A princípio, Adapak pensou que uma enorme *planta* estivesse emergindo dali: grandes membranas fibrosas vieram à superfície primeiro, preenchendo aos poucos a água escura como se um caótico jardim verde-amarelado estivesse brotando do líquido. Centenas de compridos filamentos as seguiram, serpenteando pelas pequenas ondas que se formavam e abrindo caminho para a presença que ali se manifestava. Adapak deixou cair o resto do bolinho no chão.

Um enorme volume bulboso ergueu-se 18 cascos acima da superfície. Adapak correu para Barutir enquanto a criatura se colocava inteiramente para fora da água, revelando – em meio à massa de incontáveis apêndices e tentáculos – seis braços e quatro pernas de diferentes tamanhos, que se apoiaram nas margens e trouxeram o restante do intricado corpo de 36 cascos de altura para o solo, agora encharcado pela cascata que acarpetava sua entrada majestosa. O ser girou o que podia ser identificado por sua cabeça bulbosa na direção da criança, que só parou de tremer ao encontrar o rosto surpreendentemente simpático e alongado entre a confusa floresta de membranas e apêndices, observando-o com um par de grandes olhos azuis e serenos. Encará-los era como submergir o corpo em água morna após caminhar desnudo em uma nevasca, um choque de calmaria anormal cuja verdadeira causa Adapak só compreenderia muitos ciclos depois. Barutir se levantou e quebrou o silêncio:

– Adapak, conheça o *Um Que É Quatro, o Orador de Mil Formas... Enki' Nār, a Voz Esmeralda de Kurgala*.

O garoto entendeu que deveria dizer algo, mas não conseguiu. A presença do Dingirī provava-se um desafio extraordinário para seus sentidos, que buscavam frustrados as referências usuais de um ser sábio naquela forma imprecisa. Quando a criança conseguiu abrir a boca, o quase sussurro que saiu foi:

– Você é uma *planta*?

– Adapak! – advertiu Barutir, pasmo, desencadeando para si uma tosse brusca e úmida que resolveu lhe fazer companhia nos últimos ciclos.

E então o Dingirī falou:

– NÃO, ADAPAK, NÃO SOU UMA PLANTA, MAS SEU EQUÍVOCO É COMPREENSÍVEL.

O garoto instintivamente levou as mãos à cabeça. A frase de Enki' Nār preencheu o ar apenas em parte; trechos de certas palavras surgiram simultaneamente na mente de Adapak, complementando o sentido final da sentença, como se ditas por um pequeno grupo de pessoas falando em tons diferenciados.

– O templo da Voz Esmeralda o saúda, Um dos Quatro – falou Barutir, recuperando-se da tosse e segurando o cristal triangular contra o peito. – P-perdoe a criança, ela... não sabe o que diz.

– NÃO HÁ RAZÃO PARA TAL, BARUTIR. FOI UMA PERGUNTA HONESTA. E PERGUNTAS HONESTAS

NÃO DEVEM NUNCA SER REPREENDIDAS – o Dingirī falou, dirigindo um olhar amigável para ambos. – É COM SATISFAÇÃO QUE OS RECEBO EM MINHA CASA, MEUS CONVIDADOS. O QUE ACHOU DOS BOLINHOS, ADAPAK?

O garoto olhou para o sacerdote, encontrando nele a transmissão de confiança de que precisava para responder:

– Eu... gostei.

– A GELEIA FOI FEITA A PARTIR DA FRUTA OBIRI, ADAPAK. VOCÊ JÁ A TINHA PROVADO?

O garoto confirmou com a cabeça, ainda perplexo por escutar vozes de terceiros em sua mente. Barutir notou e intercedeu:

– Ele deve estar achando a sua... *v-voz* estranha, Grande Presença.

– PERDOE MINHA INDELICADEZA, ADAPAK, FUI DESCUIDADO AO ASSUMIR QUE O QUE É MUNDANO PARA MIM SERIA TAMBÉM PARA VOCÊ – falou o ser, erguendo o que o garoto identificou como sobrancelhas. Ele agora era capaz de discernir melhor o rosto alongado dentre os filamentos e membranas que despencavam da grande cabeça bulbosa de Enki' Nār, movendo-se como se possuíssem consciências independentes.

– Eu esqueci de explicar ao menino, Grande Voz – Barutir se desculpou.

Adapak achou que a personalidade do homem havia mudado desde que o Dingirī chegara; ele parecia ter perdido o bom humor e pensar nas palavras com mais cuidado. Virando-se para o menino, explicou:

– Adapak, essa é a forma como Os Quatro Que São Um se dirigem aos mortais. Se falassem conosco com Sua voz sagrada, seria como uma poderosa tempestade soprando contra nossos espíritos...

– É UMA METÁFORA UM TANTO QUANTO... EXAGERADA, BARUTIR. A ÚNICA DIFERENÇA SERIA QUE VOCÊS NÃO SERIAM CAPAZES DE ME COMPREENDER – explicou Enki' Nār, sorrindo. Em seguida virou-se para o menino cinzento. – ADAPAK, VOLTEMOS A SUA PERGUNTA ANTERIOR; EU NÃO SOU UMA PLANTA, SOU UM DINGIRĪ. VOCÊ JÁ OUVIU FALAR DE NÓS?

Adapak olhou para Barutir, novamente buscando a permissão para responder.

– Vamos, você pode responder – o homem confirmou, ansioso e inseguro. Adapak não gostava desse Barutir.

– Eu... – a criança começou, refazendo a seguir. – Barutir me contou que Vocês criaram o mundo e que Você salvou todas as pessoas prendendo os espíritos ruins no deserto de cristal.

– AH, SIM... – ponderou Enki' Nār, balançando os fios verdes que pendiam do queixo comprido.

– Você pode adivinhar o que eu estou pensando? – o menino perguntou. Barutir deu a impressão de que ia repreendê-lo, mas conteve-se, lembrando do que o Dingirī tinha dito antes.

– SIM, ADAPAK, ÀS VEZES.

– Eu posso aprender a falar como você?

– TEMO QUE NÃO – Enki' Nār lamentou, inclinando a cabeça. – Seu corpo não foi feito para isso.

– Ah – ele reagiu, deixando os ombros caírem. – Eu tenho que ser inteligente?

– OH, NÃO, ISSO NÃO ESTÁ RELACIONADO À INTELIGÊNCIA. NA REALIDADE... – ele começou,

fazendo uma pausa para encontrar uma metáfora. – IMAGINE QUE VOCÊ ESTÁ JOGANDO, DIGAMOS, UM JOGO DE BAMBÔ...

– Ele, ahn... não gosta muito de atividades físicas, Grande Voz – explicou Barutir.

– HM... QUE TAL DAROB?

– Ele nunca jogou darob, Grande Voz.

– ENTÃO TALVEZ ELE NÃO DESGOSTE DE ATIVIDADES FÍSICAS, TALVEZ ELE SOMENTE NÃO GOSTE DE BAMBÔ – sugeriu o Dingirî.

O humano respondeu com uma pequena reverência e Enki' Nār voltou a falar:

– DIGA-ME ENTÃO ALGO QUE GOSTA MUITO DE FAZER, ADAPAK.

– Eu gosto... Eu gosto de *ler* – ele disse, com brilho nos olhos. – Nafaela me deu o livro dos dois irmãos que são heróis e matam o monstro Rumbaba na floresta e eles têm a espada mágica que mata o monstro!

– Ele adora esse livro – explicou Barutir, passando a mão na cabeça calva do garoto.

– PERCEBO, E ISSO É MUITO BOM, ADAPAK, EU TAMBÉM GOSTO MUITO DE LER. IMAGINE ENTÃO QUE, COMO UMA BRINCADEIRA, ALGUÉM TENHA OCULTADO ESSE SEU LIVRO FAVORITO NA ENTRADA DE MINHA CASA, NAQUELE CORREDOR ONDE ESTAVA BEM ESCURO. DIGAMOS QUE EU PEÇA PARA QUE BARUTIR O ENCONTRE... O QUE ACONTECERIA?

– Ele... ia acender o cristal mágico do cordão dele e achar!

– E SE BARUTIR NÃO POSSUÍSSE ESSE CRISTAL?

– Aí ele não ia conseguir achar, porque é escuro lá.

– SIM. E SE EU PEDISSE A UM GUANDIRIANO QUE PROCURASSE?

– Ah, mas eles conseguem ver no escuro, aí não é justo...

– E POR QUE OS GUANDIRIANOS SÃO CAPAZES DE “ENXERGAR” NO ESCURO?

– Porque... porque o Barutir me disse que eles têm orelhas beeem grandes e escutam mais que todo o mundo! – o garoto explicou, desenhando-as com as mãos ao redor do rosto.

– PRECISAMENTE. AGORA, SE EU PEDISSE PARA QUE ESSE GUANDIRIANO LEVASSE SEU LIVRO ATÉ O OUTRO LADO DA MARGEM DO LAGO, LÁ FORA, ELE NÃO SERIA CAPAZ, VOCÊ SABIA?

– Não?

– NÃO. SABE POR QUÊ?

– Por quê?

– PORQUE GUANDIRIANOS SÃO INCAPAZES DE NADAR, ADAPAK.

– Ah, é?

– SIM. MAS NÓS TRÊS AQUI SOMOS CAPAZES DE NADAR, CERTO?

Ele concordou com a cabeça.

– OU SEJA, HÁ CERTAS COISAS QUE NOSSOS CORPOS SÃO CAPAZES DE FAZER NATURALMENTE E OUTRAS NÃO.

A expressão interessada da criança esvaeceu com o que parecia ser o desfecho da explicação. O Dingirî a retomou:

– MAS ISSO NÃO SIGNIFICA QUE NÓS NÃO POSSAMOS CONTORNAR AS LIMITAÇÕES QUE NOSSOS CORPOS IMPÕEM, ADAPAK. GUANDIRIANOS APRENDERAM A CONSTRUIR BARCOS PARA ATRAVESSAR OS MARES, E HUMANOS APRENDERAM A FAZER VELAS PARA ENXERGAR NA ESCURIDÃO... A DISTÂNCIA ENTRE NÓS E O QUE DESEJAMOS SUPERAR DEVE SER DECIDIDA POR

NÓS MESMOS, E NÃO SOMENTE PELA NATUREZA, VOCÊ COMPREENDE?

– Acho que sim.

– POR EXEMPLO, DIGA-ME UMA CARACTERÍSTICA NATURAL SUA QUE VOCÊ GOSTARIA DE MUDAR?

O garoto pensou por um momento.

– Eu queria ser mais *forte* – respondeu.

– POR QUÊ?

– Porque aí o Dannum e os outros meninos não iam me incomodar.

Enki' Nār olhou para Barutir à procura de uma explicação.

– É um de meus alunos, Grande Presença. Ele e alguns outros não costumam... se dar bem com Adapak.

– ACHEI QUE NÃO LEVASSE ADAPAK PARA A CIDADE.

– Eu nunca o levo, Grande Voz, como ordenou, mas como às vezes tenho que dar aulas em casa, meus alunos entram em contato com ele às vezes. Nafaela nem sempre pode tomar conta dele, me perdoe, se...

– NÃO HÁ O QUE PERDOAR, BARUTIR, É COMPREENSÍVEL.

– Eles me chamam de esquisito e me empurram – o garoto reclamou. – E sempre ficam do lado de Dannum, que é muito mais forte que eu, aí eu não tenho coragem de revidar.

Enki' Nār inclinou-se sobre a criança, cauteloso para que as gotas de água que ainda escorregavam de si não a atingissem.

– VOCÊ É UMA CRIANÇA MUITO CURIOSA, ADAPAK, E ISSO É MUITO BOM, SABE POR QUÊ?

– Por quê?

– PORQUE A CURIOSIDADE VENCE O MEDO DE MANEIRA MAIS EFICAZ QUE A BRAVURA. VOCÊ DESEJA NÃO TEMER MAIS ESSE DANNUM?

O garoto confirmou com a cabeça.

– ESSE LUGAR PODE LHE ENSINAR ISSO, ADAPAK – disse o ser, erguendo-se e admirando a colossal caverna. – MINHA CASA PODE LHE ENSINAR A SE DEFENDER DE QUALQUER ANTAGONISTA. PODE TAMBÉM LHE OFERECER TODOS OS LIVROS QUE QUISER LER E LHE ENSINAR SOBRE OS LUGARES, POVOS E CULTURAS DE TODA KURGALA SEM QUE PRECISE VIAJAR. ESTE LUGAR PODE CURAR SEU CORPO QUANDO NECESSÁRIO, E ENSINAR-LHE A CUIDAR DE SI MESMO. BASTA QUE VOCÊ QUEIRA APRENDER.

– A Casa Dele é mágica! – o garoto exclamou para Barutir.

O humano se ajoelhou no solo envidraçado ao lado dele.

– Adapak, você não se lembra, mas... já estive aqui.

– Eu? – ele perguntou surpreso, olhando para o Dingirī.

– Há mais ou menos três ciclos atrás – continuou o humano, tocando o ombro do menino para recuperar-lhe a atenção. – Eu sonhei que a Voz Esmeralda me chamava... E pelos Quatro, foi um sonho tão *real* que quando acordei pude sentir o cheiro das plantas da ilha no meu corpo... É o tipo de coisa que faz você questionar se está louco ou não, pode acreditar. Então fiz as malas e vim, e quando cheguei aqui, a Grande Presença me entregou um pequeno bebê de pele cinzenta e olhos brancos.

Barutir fez uma pausa para que o menino concluísse.

– Era... era eu?

– SIM, ERA VOCÊ, ADAPAK. – Enki’ Nār confirmou. – VOCÊ NASCEU AQUI, A PARTIR DA MINHA VONTADE.

– Como assim “da vontade Dele”? – a criança perguntou à Barutir, que respondeu com cuidado.

– Você é *filho* da Voz Esmeralda, Adapak.

– Mas... você também é filho Dele, não é? Eles não fizeram *todas* as pessoas, plantando as estrelas no chão?

– VOCÊ NÃO FOI CRIADO DESTA MANEIRA, ADAPAK – explicou o Dingirī. – VOCÊ É PARTE DOS QUATRO COMO NENHUM OUTRO DE KURGALA O É.

– Você me fez porque estava triste de novo?

– DE CERTA FORMA – o ser respondeu, melancólico.

– Logo após seu nascimento, Adapak, a Voz me disse que precisava se ausentar de sua Casa por alguns ciclos... Então eu e Nafaela fomos incumbidos de cuidar de você até que a Grande Presença retornasse.

– Mas... Barutir disse que Você nunca sai daqui – o menino indagou para o Dingirī.

– Adapak! – repreendeu o sacerdote, nervoso. – Não questione a Voz!

– ESTÁ TUDO BEM, BARUTIR. NÓS DEIXAMOS NOSSAS CASAS QUANDO NECESSÁRIO, ADAPAK. AINDA QUE MUITO RARAMENTE E LONGE DO CONHECIMENTO DO MUNDO.

– Você foi conversar com seus Irmãos pra saber se Eles ainda estão zangados com você?

Barutir lançou um olhar de desculpas ao Dingirī, mas este manteve o sorriso e ergueu uma das seis mãos como um sinal de que estava tudo bem.

– INFELIZMENTE NÃO, ADAPAK. MEUS IRMÃOS NÃO ESTÃO DISPOSTOS A ME RECEBER, AINDA. MINHA VIAGEM TINHA OUTROS MOTIVOS... MOTIVOS ESSES QUE ME AFASTARAM DE MINHA MORADA POR CERTO PERÍODO, E POR ESTA RAZÃO PEDI A BARUTIR E NAFAELA QUE O ACOLHESSEM EM SUA CASA NO CAMPO ATÉ QUE EU RETORNASSE. MINHA INTENÇÃO ERA QUE HOJE FOSSE APENAS NOSSO REENCONTRO, E QUE COM O TEMPO FÔSSEMOS NOS CONHECENDO MELHOR ATÉ QUE VOCÊ SE MUDASSE PARA CÁ DEFINITIVAMENTE, MAS... AS CIRCUNSTÂNCIAS INFELIZMENTE SE MODIFICARAM – desabafou o Dingirī, lançando um último olhar para Barutir. Este retomou a conversa:

– Lembra da história que comecei a contar lá fora, Adapak? Sobre meu aluno desaparecido? Telalec?

– Lembro.

– Ele chegou aqui na ilha com a certeza de que tudo que nosso templo dizia era mentira... Até que se deparou com os mellat. Aí ele se *apavorou* e começou a atacá-los.

– Por que ele não *sumiu* como as outras pessoas que invadiram as outras Casas? – perguntou Adapak. – Barutir disse que era isso que acontecia.

– PORQUE EU PENSO DIFERENTE DE MEUS IRMÃOS – respondeu Enki’ Nār. – O QUE VI FOI SOMENTE UMA CRIANÇA CONFUSA E AMEDRONTADA EM MEU QUINTAL, E ENTÃO ORDENEI QUE OS MELLAT RETROCEDESSEM E O DEIXASSEM EM PAZ ATÉ QUE O JOVEM DECIDISSE PARTIR POR CONTA PRÓPRIA.

– Você não ficou zangado por ele ter matado as marionet... os me-la-te? – perguntou o menino.

– ELES SE LEVANTARIAM DE NOVO QUANDO NECESSÁRIO.

– O problema, garoto – prosseguiu Barutir –, foi que quando Telalec resolveu fugir, ele prendeu dois pés em uma raiz e os quebrou.

Adapak fez uma expressão de dor.

– Exato – Barutir reforçou, apertando os olhos. – E mesmo assim ele tentou nadar de volta para a outra margem, só que começou a se *afogar*.

– CIENTE DISSO, ORDENEI QUE MEUS MELLAT O RETIRASSEM DA ÁGUA E O TROUXESSEM PARA CÁ, ONDE A CASA CUROU SEUS FERIMENTOS E EU PUDE CONVERSAR COM ELE. ALGUMAS LUAS DEPOIS, BARUTIR CHEGOU E O ENCONTROU.

– Ah, e vocês estavam comendo esses bolinhos! – exclamou Adapak, sorrindo e compreendendo o que Barutir tinha lhe dito antes de entrarem na caverna.

– Exato, os bolinhos... – retribuiu o sacerdote, também sorrindo. – Foi por isso que lhe contei essa história, Adapak, para tentar te mostrar porque que Dannum o agride, entende?

– Como assim? – o menino perguntou.

– Telalec nunca teve certeza de que os Dingirī existiam, ele *queria* que eles fossem só uma lenda, pois tinha *medo* deles, medo de algo maior, medo de algo que ele não podia *controlar* ou *compreender*. E quando chegou finalmente na ilha e se deparou com os mellat, ele entrou em pânico e os atacou exatamente porque temia aquela verdade... e a única forma de controlar, de *dominar* aquele desconhecido era dizendo para ele mesmo que podia destruí-lo, entende? É a mesma coisa que Dannum ou qualquer outro que agrida você sente; a tendência das pessoas inseguras é ferir ou *afastar* delas aquilo que não compreendem.

Adapak olhava fixamente para Barutir e o humano notou as lágrimas despontarem em seus olhos. O menino os enxugou antes que qualquer manifestação maior de emoção pudesse aflorar, perguntando em seguida com a voz baixa e trêmula:

– É por isso que... está me deixando aqui? Porque tem medo de mim?

As palavras atingiram Barutir no âmago do seu coração, trazendo à sua consciência o papel monstruoso em que se encontrava.

– Oh, não, não, pelo amor dos Quatro, não, Adapak! – ele insistiu, segurando o garoto pelos braços com firmeza enquanto seus olhos transbordavam de vergonha. – Você entendeu *errado*, eu nunca faria isso com você, eu não tenho *medo* de você! Mas Nafaela, ela... ela está *doente*, Adapak, ela...

O homem entreabriu os grossos lábios, mas foi incapaz de terminar a frase, permitindo que um silêncio desconfortável se instalasse. O grande Dingirī entrelaçou os dedos nodosos das seis mãos e perguntou:

– COMO ELA ESTÁ, DESDE A ÚLTIMA VEZ QUE...

– *Pior* – respondeu Barutir, esforçando-se para que a voz escapasse da garganta.

– Ela n-não vai ficar boa? – o menino indagou, agora soluçando.

– Não, Adapak, ela... Ela não vai ficar boa. E você não tem ideia de como dói dizer isso em voz alta, como eu tenho *ódio* de mim mesmo por nem sequer *admitir* que isso é verdade e... E eu preciso cuidar dela, você entende? Não podemos mais ficar no campo, vou ter que me mudar com Nafaela para Urpur, onde os remédios para as *dores* dela vão chegar mais rápido por causa do porto. E eu não posso levar você comigo, Adapak, as cidades são

perigosas para alguém como você e... Eu preciso me dedicar a cuidar dela até que...

Ele parou de falar, engolindo saliva e preparando-se para expelir a verdade final:

– ... Até que ela *se vá*, Adapak.

– Mas... *Ele* não pode fazer ela ficar boa de novo? – a criança perguntou, apontando para o Dingirī. – A Casa Dele não curou os pés quebrados do seu aluno? Por que não pode curar a tia Nafaela também? Você me disse que Eles podem fazer *qualquer coisa!*

– É... complicado – o homem falou.

– ADAPAK, A VIDA DEVE SEGUIR SEU CURSO NATUR... — começou o Dingirī.

– NATURAL? – descontrolou-se Barutir, com a voz tão elevada que o menino estremeceu. O homem percebeu o descuido e baixou o tom, ainda que retendo a amargura evidente nas palavras. – Me perdoe, Grande Presença, mas... eu... Eu não *entendo*. Sei que já conversamos sobre isso da última vez, mas se Você diz que não devemos permitir que a natureza nos *limite*, que devemos contornar as limitações que nossos corpos impõem, então por que não...

– É DIFERENTE – Enki' Nār falou, sucinto.

Barutir soltou Adapak e se apoiou no chão com as mãos. Seu cordão pendia reto; o cristal triangular apontando para o reflexo de um homem prestes a desabar.

– Mas... mesmo depois de toda minha dedicação, Grande Voz? – Ele tentou. – Será que... Será que não somos merecedores de Sua piedade?

– NÃO É SIMPLES, BARUTIR, EU...

– É SIMPLES, SIM!! – o sacerdote gritou, levantando e quase tropeçando nas longas vestes. – Você é *capaz*, eu sei como seria simples, EU SEI!! Vi como o pilar da Casa pode curar, vi como é fácil!!! Eu imploro, Grande Presença!! Eu n-não posso perdê-la!!

– Eu lamento, Barut...

– MENTIRA! – o homem gritou. – Depois de tudo que fizemos por Você?! De tudo que sacrificamos?! NÃO É JUSTO!!!

Barutir desviou o olhar do Dingirī para a água turva do lago hexagonal, perdendo-se em pensamentos e murmurando uma última frase inaudível. Ele despertou de seu breve estado catatônico ao notar o pequeno Adapak segurando sua mão, em silêncio. Permitindo que mais lágrimas escorressem pelo rosto cansado, ele se abaixou e abraçou a criança, implorando perdão com o gesto.

Dannum

O amanhã é apenas uma página ainda não lida.

Ümba, o feiticeiro, em *Tamtul e Magano contra a voz do Guardiã Cego*.

– *FRACOTE, É VOCÊ MESMO*, não é? – o sadummuniano indagou, arregalando os quatro olhos na penumbra do corredor da prisão.

Adapak sentiu aquela palavra atingir-lhe alguma região obscura e desagradável da memória, mas não soube identificá-la de imediato.

– E-eu, n...

– Pelos Quatro Que Desceram, é você mesmo! – a sentinela disse, alargando a mandíbula em um sorriso. O jovem sentiu a pressão no peito com a lembrança que agora emergia com força, trazendo-lhe a desagradável sensação de impotência há muito esquecida.

Fracote.

– Você conhece essa sentinela? – Jarkenum perguntou, sussurrando atrás do rapaz de pele negra e mantendo a mão no cabo do chicote.

– Olhe só para você... – o sadummuniano falou, dando um passo por cima do corpo do invasor com a espinha partida. – Da última vez que o vi, você parecia ser feito de *gravetos* de tão frágil...

Sou um fracote.

Os Círculos gritavam que Adapak era capaz de se defender, mas estar em frente àquela assombração de sua história pessoal parecia lhe cobrir os músculos com uma camada de medo irracional, paralisando-os.

– Sabe – o oficial continuou, dando outro passo pesado à frente e mantendo os olhos menores no humano de armadura vermelha –, eu esperei sozinho na beira daquela ilha por tanto tempo que comecei a desconfiar que o abandonado tinha sido *eu*, acredita? E os barulhos que aquela floresta fazia eram.. Não eram *naturais*, eu sabia disso mesmo ainda criança. E quando Barutir finalmente voltou com aquela expressão horrível no rosto, eu... Eu realmente entendi que ele nunca mais iria voltar àquele lugar.

– *D-Dannum?* – Adapak conseguiu proferir.

O enorme sadummuniano estava agora tão próximo do rapaz que seu hálito tornou-se uma lufada de ar quente e azedo, denunciando os legumes semidigeridos da última refeição. Seu par de presas superiores e inferiores era agora o dobro do que o espadachim se lembrava de quando crianças, obrigando-o a manter a boca entreaberta em uma expressão que Adapak não sabia definir entre abobalhada e ameaçadora. Ele ergueu uma das mãos inferiores e

tocou o peito esquerdo do jovem com a palma aberta, proferindo em sua língua:

– Nascemos fracos pelo ventre, morremos fortes por Sadummum. A Mãe Montanha me presenteia com nosso reencontro, Adapak do Lago Sem Ilha...

Um silêncio momentâneo se instalou entre os três.

– Dannum, o que... O que você está fazendo aqui? – o espadachim finalmente perguntou, com a voz um pouco mais firme.

– Eu *trabalho* aqui – ele respondeu, endireitando a coluna com orgulho e encolhendo a barriga que ganhara ao longo dos ciclos. – Meu pai é hoje comandante da sentinela de Urpur... Não se lembra que eu dizia quando criança que ele já trabalhava aqui?

Adapak não se lembrava.

– O que *você* está fazendo aqui, fracote? E quem é esse humano? – o sadummuniano perguntou, olhando para Jarkenum. – Vocês sabem o que está acontecendo?

– Dannum, eu... Eu estou sendo caçado por essas pessoas que invadiram a prisão – o espadachim começou a explicar. – Nós estávamos detidos nas celas do primeiro andar quando...

– Mas que *bosta*, parceiro!! – protestou Jarkenum, ainda atrás dele. – Nunca te ensinaram a *mentir*?

– Espere, você está sendo... *caçado*? E vocês são *prisioneiros*? – indagou a sentinela, confusa.

– Houve um mal-entendido – Adapak voltou a falar. – Eu estava nos portões...

O som de passos ecoando em algum lugar do prédio fez com que o rapaz se calasse. Iguamente preocupado, Dannum quebrou o silêncio:

– Escute, fracote; vi você atacar aquele *verme* ali – a sentinela falou baixo, apontando para o corpo do invasor com a garganta trespasada. –, então acredito que vocês não façam parte da invasão. E sei também que esse posto só abriga bêbados e arruaceiros, então aposto que vocês dois não foram trancafiados por nada *pior*. O que quer que tenham feito para acabarem presos se tornou *irrelevante* sob as circunstâncias atuais, entenderam? Agora venham..

Ele recuou até a porta de onde tinha saído e fez sinal para que Adapak e o humano de cabelos compridos entrassem. Após um breve instante de hesitação, eles o fizeram, encontrando um aposento acarpetado e mobiliado com uma cama larga e um armário cuja porta escancarada revelava um espelho rachado e algumas poucas roupas penduradas. Ao fundo, uma porta dupla de correr permitia que a brisa da liberdade penetrasse pela fresta, livre do aroma mórbido da prisão.

– Você viu por onde eles entraram? Os invasores? – Adapak perguntou, vendo Dannum trancar a fechadura da entrada.

– Pela varanda do dormitório leste, algumas salas seguindo o corredor ali fora – ele respondeu, virando-se para eles. – Eu, Cammat e Deffer estávamos jogando uma partida de darob na sala ao lado quando ouvimos a confusão.

– *Bosta*, há um telhado aqui, mas estamos alto demais, não há como descer – Jarkenum praguejou, apoiando-se na pequena sacada atrás da porta dupla.

O sadummuniano o ignorou e continuou a explicação:

– Corremos para ajudar, mas eles eram muitos e tinham uma maldita *reliquia Dingiri*. Perdemos... – ele fez uma pausa, e Adapak não teve certeza se ele estava fazendo as contas ou se lamentando – ... *cinco* dos nossos para aquela coisa.

Jarkenum estremeceu ao lembrar-se no que a cozinha do primeiro andar tinha se transformado.

– Deffer e eu conseguimos recuar e nos trancar aqui, no quarto do meu pai – a sentinela prosseguiu. – Achei que fossem tentar arrombar a porta, mas nos ignoraram e seguiram em frente. Julguei que fossem mercenários contratados por alguém atrás de algo da sala de apreensões, mas pelo que você me disse, eles estão atrás... de *você*?

– Acredite, eu ainda estou tentando entender – falou Adapak, encarando a porta, soturno. – Tive que fugir da ilha há várias luas... Vim até Urpur pedir a ajuda de Barutir...

– *Fugir* da ilha? Mas como...

– Onde está seu amigo? A outra sentinela? – o humano de armadura vinho perguntou para Dannum, antes que ele completasse a pergunta.

– Deffer? Longe daqui, espero – o sadummuniano respondeu, juntando-se a Jarkenum na sacada. – Há outro posto de sentinela naquela direção, estão vendo? Eu o ajudei a passar para o telhado da casa vizinha para que pudesse ir até lá e buscar reforços. Eu estava sozinho e desarmado, então esperei aqui trancado... Ouvi um estrondo agora a pouco no andar de baixo e resolvi espiar pela fechadura, até que vi aqueles dois invasores sendo atacados por vocês e saí, pensando que fossem a ajuda.

– Você está ferido? – o espadachim perguntou, varrendo o sadummuniano à procura de sangue.

– Não – ele respondeu, e Adapak pensou ver um traço de tristeza em seu rosto forte.

– Dannum – o espadachim falou, desviando o olhar para o espelho quebrado do armário –, todas essas mortes são minha culpa de alguma forma, eu... Eu não tenho como lhe explicar como a minha vida era antes disso tudo, mas você tem que acreditar que eu não sei o que está acontecendo, eu juro, eu...

– Você era uma criança boa, *fracote* – interrompeu o oficial, caminhando até o rapaz no meio do quarto e pousando uma das mãos em seu ombro –, e eu era uma criança má e arrogante.

– Eu...

– Não, *fracote*, me deixe dizer isso, certo? – ele pediu com a voz levemente embargada. Na sacada, Jarkenum permaneceu calado. – Barutir foi um bom professor para mim, um bom *amigo*. Eu... não sou muito bom com palavras, mas ele me ajudou a entender melhor o meu pai, a entender melhor porque eu tinha tanta raiva daquele jeito, ele... Ele me endireitou, sabe? Ele...

O sadummuniano hesitou por um instante, tendo dificuldade em encontrar o discurso

correto. Adapak permaneceu calado até que ele continuasse:

– Barutir nunca me explicou exatamente o que você era, e isso acabou o tornando *alvo* dos meus medos naquela época... Ainda não sei o que você é, fracote, mas sei hoje que devo pedir perdão a você, a Sadummum e aos Quatro pelo modo como agi.

O rapaz de olhos brancos não sabia o que dizer. Seu ex-companheiro de cela entrevistou:

– O que é esse “sadumun” que ele vive dizendo?

– A... “*Mãe Montanha*” é considerada a primeira sadummuniana criada pelos Dingirī – respondeu o espadachim quase que imediatamente, como se estivesse lendo a frase de uma enciclopédia. Ele descobriu que se sentia mais calmo quando o fazia.

Dannum removeu a mão de seu ombro e exibiu os dentes quadrados em um sorriso honesto:

– Barutir tinha razão em nos mandar ler, hein, fracote? Você parece ter se tornado inteligente.

– Se não tem mais raiva dele, porque ainda o chama de “fracote”? – Jarkenum indagou, esticando as cicatrizes da bochecha em uma careta.

– Todos são fracotes para um sadummuniano, inclusive você, *humano fracote* – a sentinela respondeu, fechando o rosto. – Qual a sua história com esse sujeito, Adapak?

– Eu me envolvi em uma... *discussão* com ele nos portões – o espadachim explicou. – Apartaram a briga e nos derrubaram com um nekelmuliano. Estávamos na cela quando o prédio foi invadido.

Dannum os encarou com minúcia, processando a história em silêncio. Em algum lugar na rua, alguém tossiu.

– Esse quarto não é muito seguro – a sentinela por fim falou. – Mas é o melhor esconderijo que temos até o reforço chegar. Quando tivermos retomado o controle, posso falar com meu pai, ele...

– Eles vão me achar, Dannum, eu não sei como, mas eles *sempre* o fazem – Adapak disse, examinando a tranca da entrada. – E se o fizerem antes que seu reforço chegue e quiserem arrombar o quarto, vão fazê-lo. Tenho mais chances de sobreviver se sair desse prédio o mais rápido que puder. Preciso tentar falar com Barutir.

– Fracote, tenho que lhe dizer... Barutir não é a mesma pessoa daquela época. Não sei se ele pode...

– Ele conhecia um pouco do meu... *mundo*, Dannum. Ele é minha melhor chance de tentar descobrir o que está acontecendo. Por favor...

O oficial pensou por alguns instantes.

– Posso ajudá-lo a descer até o telhado da casa vizinha, como fiz com Deffer – ele ofereceu, retornando à sacada. – E eu o encontrarei na casa de Barutir assim que o reforço chegar. Posso falar com meu pai, podemos ajudá-lo. Eu lhe devo isso.

O rapaz concordou com um aceno de cabeça.

– Excelente – Jarkenum exclamou, prendendo o chicote no cinto e avaliando a distância até as telhas.

Dannum lançou-lhe um olhar irônico:

– Eu estava falando com *ele*, não com *você*, humano.

– O quê? – O homem reagiu. – Por quê?

– Porque eu devo a *ele*, não a *você*... E *você* me parece *familiar*.

– Oh, e... isso não é bom?

– Não *esse* tipo de familiaridade.

– Ah.

– Dannum... – Adapak intercedeu, dando um passo à frente. – Ele só está aqui por *minha* culpa, eu... Eu me desesperei na entrada da cidade e ele só foi pego na confusão.

– Ele cheira a *mochi* – a sentinela acrescentou, soltando o ar pelas narinas com força.

– *Eu* coloquei a vida dele em risco. Se tirá-lo daqui vou me sentir menos mal – o jovem insistiu. O sadummuniano encarou o homem por alguns instantes, incomodado.

– A Mãe Montanha nos reuniu para que eu me *redimisse* – a enorme sentinela falou para o rapaz. – Se isso é importante para *você*, então eu o ajudarei a descer também. Direi que nunca o vi escapar e meu pai que se vire com a papelada pela manhã.

Adapak o agradeceu com um aceno de cabeça, indo até a varanda e se debruçando na sacada. Pela primeira vez sem muros ou grades bloqueando a visão, o espadachim vislumbrou a paisagem de Urpur; no centro da cidade, um belo templo Dingirī destacava-se com sua arquitetura de andares piramidais e longas escadas. Atrás dele, um pilar idêntico ao da margem oeste do Lago Sem Ilha figurava, estendendo seu imponente topo estrelado sobre os telhados e ruas.

– Com Deffer, eu me segurei no parapeito e o desci com meus dois braços mais fortes, reduzindo a distância da queda – explicou Dannum, olhando para o topo da bela casa logo abaixo da varanda. – Posso fazer o mesmo com *vocês*. Está vendo onde o telhado se junta a outro ali? *Vocês* podem descer pelas vigas, está vendo?

– Sim – o jovem respondeu.

– A casa de Barutir fica naquela direção – a sentinela apontou na direção do porto. – Quando chegar na praça, entre na primeira viela à direita e procure pelo número 301. Há uma escadinha de pedras soltas na entrada, não há como errar.

Jarkenum foi o primeiro. Ele jogou a bolsa, acertando as telhas da casa com um barulho muito mais alto do que Adapak presumira (ou talvez o silêncio da cidade apenas causasse a impressão). A seguir colocou-se para fora do parapeito e permitiu que Dannum o segurasse pelos punhos, descendo-o até que as botas ficassem a poucos dedos do telhado, onde pousou com facilidade após ser solto. A seguir foi a vez de Adapak, que jogou sua bolsa para Jarkenum, evitando mais atenção.

– Obrigado – o espadachim falou para o sadummuniano, já do outro lado do parapeito.

– Agradeça a Sadummum – ele respondeu com um sorriso, segurando-o com os braços superiores e o descendo com facilidade.

No telhado, Adapak recuperou a bolsa e se virou para partir.

– Ei, fracote, antes de ir, me diga uma coisa – Dannum pediu, do alto da sacada.

– O quê?

– Como é lá dentro? A *caverna*?

Pego de surpresa, o espadachim pensou por um instante.

– É linda – ele respondeu com um sorriso melancólico.

A armadura de Jarkenum chacoalhou quando este aterrissou na calçada. Adapak desceu as últimas vigas com cuidado e saltou logo atrás, mais silencioso e de olhos atentos: Urpur permanecia muda na madrugada, mas a luz por trás de algumas janelas vizinhas sugeria a possibilidade de alguns moradores terem sido despertados pela mistura abafada de espadas e gritos ecoando do prédio da sentinela. Além disso, mais assassinos podiam espreitar os arredores – ele não tinha como saber.

Talvez levando tudo isso em conta, Jarkenum fez sinal para que Adapak o seguisse. Os dois entraram na primeira viela à direita da residência de onde tinham descido, seguindo apressados pelos fundos de um conjunto de casas. Nos muros, cartazes coloridos anunciavam desde festividades culturais a rostos de criminosos procurados, estampando para o espadachim o gráfico comportamental das grandes cidades. Ele imaginou se os rostos dele e de Jarkenum estariam ali em breve.

Ao final da passagem, eles alcançaram uma divisão em *T*, onde o humano virou à esquerda sem pestanejar. Ao chegarem a uma esquina com um pequeno poço e alguns tanques de lavar roupa, o homem fez sinal para que parassem.

– Acho que já estamos longe o suficiente – ele falou, tirando os cabelos da face. Sob um dos tanques, um sepu de pelos emaranhados exibiu os dentes para eles e fugiu pela viela com um pequeno pássaro morto entre as garras.

– Obrigado por nos tirar daquela cela – Adapak disse. – Se não tivesse convencido aquela sentinela inannariana, eles...

– Você veio mesmo do Lago Sem Ilha? – o homem perguntou, o interrompendo. – Seu amigo sadummuniano disse algo assim quando o cumprimentou...

– Sim.

O humano lhe retornou um olhar incrédulo, repuxando as cicatrizes da bochecha. Adapak imaginou como elas tinham parado ali.

– Você é algum tipo de monge, então, é isso? – Jarkenum indagou, agachando e abrindo a própria bolsa. – Longe de mim acreditar nessas besteiras religiosas, mas... ah, *bosta!*

– O que houve? Fale baixo...

– Minhas *raízes!* *BOSTA!* – homem exclamou, revirando os compartimentos com mais insistência. – Acabei não as pegando de volta, filhos de uma vadia...

– Por que não para de ingerir iss...

– *Garoto* – o homem interrompeu, ríspido. – Não vamos começar com aquilo de novo, certo? Vamos... vamos só seguir cada um o seu caminho e com seus problemas, que tal? Você com os seus perseguidores misteriosos e eu... bom, digamos que terei explicações a dar para algumas pessoas zangadas...

– O que quer dizer?

– Nada – o humano resmungou, checando o resto do equipamento.

– Escute, você tinha razão, *eu* fui o responsável por você ter se envolvido nisso – Adapak falou, abrindo a própria bolsa. – Então acho justo recompensá-lo pelo que perdeu por minha causa...

– O quê?
– ... Aqui — ele disse, oferecendo-lhe uma pequena joia púrpura. O humano se levantou surpreso, olhando a pedra.
– Garoto... É melhor guardar isso, você...
– Por favor, eu insisto. Você só tentou me ajudar na fila dos portões e... eu estava tão nervoso que acabei perdendo o controle da situação, eu...
– Não, garoto, *pare* com isso.
– ... Eu o julguei por algo que não me cabia julgar; você é um homem bom e eu não tenho o direito d...
– *Bom?* – Jarkenum exclamou. – Pelo amor dos Quatro, ninguém é “bom”, parceiro, acorde. Por onde você esteve nos últimos ciclos, em uma *caverna*?!

Adapak não pôde conter o sorriso.

– É, ria mesmo, parceiro – o humano prosseguiu, visivelmente irritado. – Acha que o deboche vai te salvar da próxima vez que alguém te passar a perna? Acha que eu estava sendo “bom” com você na entrada da cidade? Eu ia esconder as raízes na sua bolsa, era isso que ia acontecer, garoto!

Adapak franziu a testa, sem entender.

O homem passou as mãos entre os cabelos e olhou ao redor indignado, quase como aguardasse a reação de uma plateia invisível.

– Ah, vamos, não me olhe assim, foi praticamente como se você *pedisse*! Quando vi aquele sujeito te enganando com o truque mais velho do livro, pensei: *Achei!* – disse Jarkenum.

– Como?

– É um *esquema*, entende? Filas são lugares *chatos* com pessoas *chatas* que *adoooooram* dividir suas vidas *chatas* com qualquer um disposto a ouvir. Eu me faço de orelha e quando você está distraído, esbarro em você ou derrubo sua bolsa e *tcharam!* – ele cantarolou, fazendo um gesto teatral com as mãos. – Meu pequeno pacotinho agora tem *um novo dono!*

– Eu...

– Se o otário passa pelas sentinelas dos portões eu o sigo, derrubo a bolsa outra vez e “Oh, me desculpe parceiro, mal dormi direito, sabe como é, minha esposa me deu uma canseira ontem” ou qualquer coisa.

– E... se as sentinelas do portão descobrissem as raízes comigo?

– Eu não estou nesse esquema sozinho, parceiro, tenho um colega oficial que está nessa comigo há tempos. Quando o otário é pego, ele é preso e as raízes são guardadas na...

– ... sala de apreensões – completou Adapak, lembrando-se da placa no escritório do segundo andar da prisão. – De onde desaparecem sem explicação, imagino.

Jarkenum não precisou confirmar em voz alta.

– Foi por isso que Dannum o reconheceu – o espadachim prosseguiu. – Ele trabalha com seu colega e já deve tê-los visto juntos em Urrpur.

– O que posso dizer? – o homem falou, dando de ombros. – Há poucas tavernas boas na cidade.

– Por que está me contando isso tudo agora? – Adapak perguntou, fechando a joia dentro do punho.

– Eu não sei, garoto, talvez você... – ele ficou pensativo por um instante. – Talvez você me lembre alguém. Talvez eu esteja lhe fazendo um *favor* te contando isso tudo, quem sabe? Quero dizer, a próxima pessoa que resolver te enganar pode não ser com um golpe tão pequeno como o meu e você pode se dar mal *de verdade*.

O espadachim permaneceu calado enquanto o soro da verdade lhe arranhava as veias. Ele guardou a pedra púrpura no saco, olhando com vergonha para aquele símbolo de sua óbvia inocência, exposta com maestria por aquele humano que ele mal conhecia.

– Você – ele começou a dizer, fazendo uma pequena pausa e encarando Jarkenum antes de prosseguir. O homem não conseguiu disfarçar o desconforto ao encará-los.

– Eu o quê? – o humano desafiou, protegendo-se atrás do sorriso sarcástico.

– Você tem uma vida muito *triste* – o espadachim completou. O homem desmanchou a máscara de confiança ao ouvir aquilo e Adapak se sentiu um pouco melhor por atingi-lo daquela maneira imprevista. Jarkenum ainda abriu a boca para responder, mas o que quer que havia cogitado dizer se desfez na mente antes de escapar-lhe aos lábios; ele simplesmente ajeitou a bolsa no ombro e seguiu pela esquina sem olhar para trás.

Adapak encarou as pedras da calçada por algum tempo, sentindo a solidão visitá-lo mais uma vez. Ele lamentou que aquele humano desprezível fosse a primeira pessoa com quem tivera algum tipo de conexão desde que fugira do Lago Sem Ilha, e se incomodou ainda mais por se sentir mal pela separação. *A mente às vezes parece querer nos sabotar*, pensou.

Barutir.

O espadachim reorganizou os pensamentos e olhou o céu à procura da lua de Sinanna, estimando o aproximar da manhã. Apoiou a bolsa em um dos tanques de lavar roupa e verificou todos os compartimentos – nada parecia ter sido confiscado pela prisão, incluindo a relíquia Dingirī. Adapak sabia que para um observador comum, o objeto se passava por um amuleto simples, até mesmo malfeito considerando a maneira simplória como tinha sido amarrado à ponta do cordão. As sentinelas provavelmente passaram os olhos pelo conteúdo da bolsa e concluíram que era apenas mais um item religioso sem valor material.

Satisfeito, o espadachim vestiu a capa novamente, sentindo-se menos exposto e um pouco mais confiante para seguir o caminho que Dannum lhe dera.

Àquela hora da madrugada apenas sepus e alguns poucos mendigos embriagados dominavam as ruas de Urpur, mas mesmo assim ele optou por vielas em vez das vias largas e iluminadas pelos lampiões que os bares e estalagens deixavam acesos durante a noite. Ele logo avistou a praça que Dannum havia citado como referência, mas amaldiçoou a própria sorte ao identificar dois oficiais ushariani conversando sobre a pequena ponte que levava a ela. *Isso mostra que o que houve no prédio da sentinela não alertou toda a guarda da cidade*, pensou Adapak, na dúvida se isso era bom ou ruim. Ele voltou e experimentou outro beco que também levava à praça (agora pela entrada oeste), mas parou na esquina ao se dar conta de que agora teria que atravessar o pátio inteiro até o outro lado para entrar na rua de Barutir, expondo-se sob a luz da lua de qualquer maneira.

Ele se lembrou de uma passagem em *Tamtul e Magano contra a voz do Guardião Cego*, onde Tamtul jogava uma pequena pedra dentro de um poço atrás do grupo de sentinelas, distraíndo-as e passando despercebido pelo corredor do castelo. *No mundo real o cenário não favorece o herói*, Adapak pensou, vendo que além de não haver nenhum objeto para arremessar, a disposição das casas também não favorecia tal estratégia.

Em breve o sol chegará. Aproveite a escuridão, vamos.

O espadachim ajeitou o capuz e deu o primeiro passo para a praça vazia, mantendo o andar moderado e a cabeça baixa. Ele teve que erguê-la um pouco, contudo, ao notar o pequeno monumento que enfeitava o centro do pátio; quatro esculturas de elegantes seres alados erguiam-se mais de 20 cascos acima da base de um chafariz hexagonal, entrelaçadas como se partissem de uma só espiral. Adapak não identificou que espécie de criaturas era até ler a placa montada na base: NO PRINCÍPIO, KURGALA ERA MAR. E ENTÃO OS ESPÍRITOS DE ANU' NÄR, ENLIL' NÄR, ENKI' NÄR E NINTU' NÄR DESCERAM.

Desta vez o rapaz sentiu vontade de rir, olhando a escultura que representava Enki' När e divertindo-se com a imagem que o mundo tinha de seu pai. Tal como acontecia na margem do Lago Sem Ilha, presentes de todos os tipos eram deixados ao redor do monumento e Adapak se surpreendeu com o fato dos mendigos não se apoderarem de algumas boas roupas deixadas ali.

Ele passou pelo chafariz e seguiu pelo pátio, penetrando na escuridão acolhedora da rua de Barutir sem problemas; as sentinelas o haviam ignorado. Ele procurou pelo número 301, esforçando-se para encontrar a numeração de cada casa; alguns os tinham pintado ao lado das portas, outros possuíam pequenas caixas destinadas somente para cartas (uma delas era uma réplica exata da própria casa do proprietário, algo que Adapak achou muito curioso) e outras não tinham identificação alguma.

Por favor.

Lá estava ela. Se tivesse que adivinhar, Adapak nunca diria que aquela residência pertencia ao humano que o criou até os 4 ciclos de idade; a casa que Barutir e Nafaela viviam antes de se mudarem para Urpur tinha um pequeno jardim bem cuidado ao lado da entrada e vasos de plantas em quase todas as janelas (Nafaela preferia as que não tinham flores, Adapak lembrou. Ela dizia que flores só serviam para “atrair insetos”).

A casa de número 301 escrito ao lado da porta não tinha jardim, plantas ou sequer flores a enfeitando; era uma estrutura em L de dois andares com um telhado que havia tido tempos melhores. A escada que levava à entrada principal estava carente de pelo menos três pedras que a constituíam originalmente, jogadas ao lado como se o tempo as tivesse soltado e a displicência, as mantido ali mesmo. As duas janelas ao lado da porta estavam fechadas e acima desta, metade de uma placa ornamentada dizia “Sob a prote...”, deixando o resto para a imaginação. Adapak subiu os degraus e parou no último, pensando no que ia dizer.

Olá, Barutir. Sei que nunca mais voltou para me ver como prometeu, mas estou sendo perseguido por assassinos e pensei que era hora de uma visita.

O rapaz balançou a cabeça e bateu na porta três vezes, tendo a impressão de que cada

batida era um trovão no silêncio da madrugada:

– Barutir? – sussurrou.

Não houve resposta. Ele conferiu o número pintado na parede mais uma vez e então voltou a bater:

– Barutir, sou eu, Adapak! Abra, por favor! – ele pediu, agora sussurrando tão alto que parecia estar imitando alguém rouco e não falando baixo. A resposta nunca veio. Ele foi para a parede oeste da casa, achando uma grande janela no segundo andar. Olhou no chão à procura de algo para jogar na janela, mas não havia nada; então tirou do cinto a faca curva que pegou de um dos assassinos na prisão e a arremessou, acertando a janela com o cabo.

Ninguém respondeu.

– Bosta – praguejou, recuperando o objeto do chão. O espadachim continuou a dar a volta na casa e encontrou duas janelas nos fundos do primeiro andar, também fechadas. Ele foi até a segunda, localizou o trinco interno de madeira e começou a forçá-lo com a faca (percebendo que aquele era o terceiro crime que cometia em sua primeira visita a uma cidade). Um sepu chorou no topo de algum telhado à distância. O trinco se quebrou. Adapak entrou.

O interior da casa do sacerdote cheirava a mochi e vinho. Quando os olhos do espadachim se acostumaram à escuridão, ele viu que o modesto primeiro andar consistia em três ambientes: sala de estar, de jantar e cozinha; sem portas ou divisões entre eles a não ser um único pilar central de sustentação. Adapak havia entrado pela janela próxima à quina do *L* da casa, em frente a uma pequena mesa de refeições repleta de cascas de pão e nozes espalhadas sobre uma toalha cujo bordado havia há muito se desfeito. Só existia uma cadeira para se sentar ali.

– Barutir? – ele chamou, pisando no tapete da sala de estar e recebendo silêncio como resposta.

O lugar carecia de quadros ou enfeites, com exceção de uma pintura pendurada no pilar de madeira, exibindo o retrato de uma bonita fêmea humana de pele marrom-escura: era Nafaela, sorrindo exatamente da maneira como o espadachim a tinha na memória. *Pelo menos sei que estou na casa certa*, pensou, olhando em volta. Garrafas vazias de bebida alcoólica e restos de raiz de mochi queimada se acumulavam sobre a pequena mesa de centro, mal localizada entre duas poltronas beges. Um cinzeiro de barro jazia virado no chão, espalhando cinzas nunca varridas. Contra uma das paredes, Adapak reconheceu a bela estante que em sua infância lhe apresentara dúzias de livros de aventuras fantásticas. Agora ela exibia lacunas onde o conhecimento antes ocupava.

Aquele lugar não se parecia em nada com a residência que Adapak imaginara para Barutir.

O rapaz cruzou a sala e subiu as escadas, encontrando em seu topo uma porta encostada. Ele a abriu devagar e se assustou com uma figura alta ao lado da cama. Era apenas um cabide coberto de camisas amassadas e um cobertor puído. Adapak adentrou o comprido

quarto de casal, pisando em uma calça amassada no chão. A cama estava desfeita e uma enorme mancha avermelhada se destacava nos lençóis.

Sangue.

Não era sangue; apenas uma antiga mancha de vinho que nunca iria sair. Aliviado, Adapak tocou nos lençóis.

Frios.

Sobre a pequena mesa de cabeceira ao lado da cama havia um cinzeiro partido ao meio, duas taças vazias e os restos de uma vela. Nada decorava as paredes com exceção de uma estante vazia. Ele abriu o armário do aposento e encontrou roupas simples, mas nenhuma indumentária do templo da Voz Esmeralda, tão presente na imagem que Adapak tinha do sacerdote no início de sua infância.

O rapaz retornou ao primeiro andar e foi até a cozinha; pequenos pontos alaranjados revelavam brasas ainda vivas sob o fogão de pedra, quase extintas. A armação de cozimento segurava uma pequena panela de barro com o fundo arranhado. Na mesinha ao lado havia algumas batatas, um prato sujo e um par de chaves esquecidas. Cacos de algum pote de cerâmica tinham sido varridos para perto da porta dos fundos, trancada por uma barra de madeira. Adapak passou os olhos pela dispensa, encontrando pouca variação de alimentos, mas muita bebida.

Desolado, o espadachim sentou na poltrona maior da sala de estar, notando as marcas de queimadura de fumo pontilhando o tecido. A casa não parecia ter sido abandonada pelo sacerdote, apenas malcuidada (e havia muitas roupas no armário do quarto para que tivesse viajado). Teria o humano saído para algum compromisso e ainda não retornado? *Mas já é quase manhã*, ele considerou, esfregando o rosto. Seu plano até então se resumia a encontrar Barutir e pedir-lhe ajuda, mas sua ausência o deixava sem opções imediatas, a não ser esperar por Dannum, isso se ele viesse.

Há alguém lá fora.

O espadachim deslizou da poltrona para o tapete instintivamente, por pouco não esbarrando com a bolsa na mesa de centro e derrubando as garrafas vazias no chão. Ele desembainhou as espadas gêmeas pela metade até que a consciência o lembrasse que aquele poderia ser o *donos* da casa retornando. Ou o sadummuniano. A pessoa tentou abrir a porta da frente, sem sucesso. Alguns instantes depois, o trinco da primeira janela da parede dos fundos começou a ser forçado.

Não é Barutir, concluiu Adapak, retrocedendo até a esquina da cozinha e apertando firme os cabos de Igi e Sumi. Os Círculos aguardavam contato visual com o potencial oponente para que pudessem dizer ao espadachim como proceder. O trinco cedeu e a janela abriu devagar.

A primeira perna entrou, pisando em falso na pequena mesa ao lado do sofá, balançando-a. O pé a deixou em paz e buscou estabilidade no chão, autorizando o resto do corpo a entrar. A silhueta de um humano obeso surgiu, apoiando-se lenta e desajeitadamente no parapeito da

janela, deixando a luminosidade exterior roçar sua pele marrom-escura. Ele soltou um palavrão alto quando a parte de trás da sandália da outra perna ficou presa no peitoril, obrigando-o a se apoiar com um gemido no tapete da sala para não cair. Quando se sentiu um pouco mais seguro, esticou uma das mãos e puxou a perna presa; a sandália se soltou para fora da janela e o homem embriagado tombou no chão com um estrondo. As cinzas do tapete se ergueram no ar.

– B-barutir? – perguntou Adapak, saindo da esquina da cozinha. O humano soltou um grito rouco e rolou o corpo pesado para o lado, vasculhando a escuridão com os olhos assustados. O rapaz se aproximou devagar de mãos levantadas, testemunhando o rosto de Barutir substituir pavor por ódio ao reconhecê-lo.

– V-v-você..? – ele proferiu com a voz arrastada. – *Ssseeu... desgrassçado.*

Os Círculos Tibaul

O sangue só retorna ao coração depois de cumprir os objetivos.

Tibaul Danvelec

– É UMA HONRA estar em Sua presença, Filho de Enki' Nār – disse, curvando-se à frente de Adapak. – É uma honra ser um Convidado da Casa de um Dingiri.

– É bom conhecê-lo finalmente, senhor Telalec – respondeu o menino de 12 ciclos de idade, disfarçando a insegurança. A caverna que ele chamava de *Casa* nos últimos seis ciclos havia criado um largo terreno plano em sua região oeste, onde ambos agora se encontravam. Um único fecho de luz esmeralda ali incidia, deixando o resto da gigantesca câmara repousar na escuridão silenciosa.

– Por favor, Filho de Enki' Nār, Telalec não é seu “senhor” – o ushariani falou na terceira pessoa, arranhando o sotaque carregado na Língua Antiga. – “Senhor”, “mestre”, “mentor” e afins são vestes egocêntricas que Telalec não exige... Muito menos do filho do Orador de Mil Formas.

– Eu devo chamá-lo de que então?

– O Filho de Enki' Nār chamará Telalec daquilo que desejar – ele disse, mirando as pupilas vermelhas no menino. Ocultas sob as pálpebras entreabertas, seus olhos eram difíceis de ler.

– Bom... acho que vou chamá-lo de Telalec, então. Tudo bem? – o jovem indagou com um sorriso simpático e respondeu com uma reverência.

Adapak sabia que Telalec tinha passado de 30 ciclos de idade, o que muitos ushariani consideravam como mais da metade da vida, pois seus sistemas biológicos acelerados lhes concediam raciocínio e agilidade notáveis, porém pouco tempo de vida quando comparados à maioria das espécies sapientes de Kurgala. Aquela era, no entanto, a primeira vez que o menino de pele cinza-escura se encontrava na presença de um ushariani; ele fizera questão de estudá-los antes, mas estar em frente a um era uma experiência completamente diferente: o cone de luz que a Casa emitia penetrava curioso em sua pele branca semitransparente, revelando os músculos e tendões de alguém que prezava pela perfeição física: vê-lo se mover era como presenciar um livro de anatomia tomar vida.

Telalec mantinha o braço das costas repousado sobre a corcunda, mantendo os outros dois apoiados no cinto, que por sua vez abrigava um trio de belas espadas embainhadas. Adapak achou aquilo curioso, pois no lugar da mão esquerda o ushariani exibia um coto cuja cicatriz parecia antiga. Com exceção da comprida trança pendendo do queixo, Telalec não aparentava ter apreço pela vaidade; ele vestia apenas uma tanga bege simples e um trio de botas negras, expondo a maior parte do corpo esguio repleto de cicatrizes.

O garoto, por sua vez, trajava um calção de pano branco e botas simples de couro, que ele

mesmo costurara luas atrás. Ele se encontrava no centro de um grande tapete retangular, cuja superfície continha uma ilustração magistral, detalhando um intrincado sistema de círculos, linhas e símbolos nas mais variadas nuances de cor. Até então, a única parte compreensível para o menino era o desenho de um ushariani de braços e pernas abertas no círculo central (o maior de todos) e as silhuetas de todas as espécies sápiens conhecidas de Kurgala, decorando as bordas da tapeçaria.

– O Grande Orador me explicou que, devido à curiosidade de Adapak em experimentar a vida mortal, este assumiu uma forma carnal temporária – Telalec disse, erguendo as sobrancelhas como se esperasse uma confirmação.

– Ahn... sim – Adapak a entregou.

– A vontade dos Quatro Que São Um é realmente maravilhosa – ele disse, esfregando os olhos. – Perdoe a minha reação emocional, mas é que estar aqui na Casa de Enki’ Nār mais uma vez é algo... muito pessoal para mim.

– Não tem problema, meu pai me disse o que aconteceu... Ainda bem que Ele te achou.

– Oh, sim, sim... É engraçado como um mesmo lugar pode nos causar emoções diferentes em circunstâncias diferentes, não é? – o ushariani disse, girando a cabeça triangular para apreciar a gigantesca câmara. – A primeira vez que pisei nesta Casa eu tinha o coração dominado pelo *medo*. Medo e *raiva*, é claro, muita raiva dos meus pais, do mundo... E de mim mesmo. Se a Voz Esmeralda não tivesse enxergado essa tempestade em mim e me poupado, eu nunca teria a oportunidade de pisar hoje aqui novamente e experimentar uma perspectiva completamente diferente...

– E... o que você sente hoje aqui?

– *Paz* – o ushariani respondeu sem hesitar, exibindo um sorriso contido. Sob sua pele, Adapak pôde ver os músculos avermelhados se contraindo. – Esse é um lugar de paz e sabe por quê? Olhe ao redor.

Adapak o fez. Ainda que na escuridão, o menino era capaz de identificar que o chão sob o tapete ilustrado era a única superfície lisa da colossal caverna; as paredes, chão e teto permaneciam cobertos pelo mar de cristais irregulares capazes de lhe fornecer tudo o que ele precisava.

– Telalec viveu entre imperadores por muitos ciclos, jovem Filho de Enki’ Nār – o ushariani disse, deslizando pensativo o coto do antebraço pelos fios da trança do queixo –, e tudo que encontrei foram crianças mimadas que se cercavam de coisas que não precisavam. Aqui não há móveis de madeira envernizada, talheres de osso ou pinturas exaltando egos frágeis; esta Casa é como um castelo de areia, capaz de moldar o necessário e desmanchá-lo quando não mais. Os Quatro não precisam *possuir* bens materiais para se sentirem completos e isso os torna os verdadeiros *imperadores* de Kurgala. É uma pena que o mundo lá fora tenha perdido essa perspectiva desde que Eles... se retiraram.

– O mundo é tão ruim quanto meu pai me diz? – Adapak perguntou. O ushariani inspirou para responder, mas hesitou por um instante, como se buscasse uma maneira melhor de colocar a resposta.

– Quando somos crianças, nos é dito que o mundo é... *ruim*, sim – ele por fim disse, mantendo os olhos em um ponto fixo do tapete, como se acessasse um ponto denso da memória. – Mas conforme crescemos e o vivenciamos, aos poucos entendemos que o ruim

não é puramente “ruim” e o bom não é puramente “bom”. O bom e o ruim andam juntos, você tem que aceitar um para entender o outro.

– Como assim?

– Quando um pequeno inseto, um formaggu, por exemplo, invade o território de outro para obter melhores recursos para sua colônia, ele está sendo “mau”?

Adapak pensou um pouco.

– Acho que não – respondeu.

– Por que não?

– Porque todo ser vivo quer ficar... bem, *vivo*. Se alguma coisa o impede de fazer isso, se a colônia está com poucos recursos, seus membros colocarão sua integridade física à frente de outros seres vivos. É um instinto natural, não é “maldade”.

– No entanto, sob a perspectiva do formaggu subjogado, seus irmãos são desmembrados vivos e seus filhotes arrastados para as profundezas da colônia invasora, onde uma rainha faminta sugará suas entranhas repletas de doce.

Adapak estremeceu.

– Sim, mas... insetos não têm consciência.

– Ah... exatamente... – falou Telalec, começando a caminhar pela margem da tapeçaria. – Eles não possuem consciência, mas também são deficientes de outra coisa que nós temos em abundância.

– O quê?

– *Ganância* – ele falou, tocando o coto esquerdo na têmpora. – Os formaggu interrompem o ataque uma vez que tenham o suficiente. Nós, não. Nós queremos *mais*. *Sempre*.

Adapak o encarou em silêncio, absorvendo o discurso.

– Evidentemente que por “nós”, Telalec se refere a *nós*, *mortais* – o ushariani emendou rapidamente, interrompendo o caminhar. – Perdoe meu deslize, mas o veículo que o Filho de Enki’ Nār habita na minha presença confundiu Telalec por um instante.

– “Veículo”?

– Seu *corpo de carne*, Filho de Enki’ Nār.

– Ah, sim, claro – Adapak respondeu, omitindo os pensamentos.

– Bom, tenho consciência de que o Filho de Enki’ Nār me convocou aqui pois deseja conhecer os *Círculos Tibaul*.

Ansioso, o jovem concordou com a cabeça, voltando a acompanhar o andar quase hipnótico do ushariani pela borda do tapete. Suas três pernas moviam-se sobre os desenhos com a precisão de um jogo estratégico.

– Tibaul Danvelec – ele prosseguiu. – O Filho de Enki’ Nār sabe quem ele foi?

– Sim, ele foi o ushariani criador do método – respondeu o menino, confiante. – Nascido em Druon, sul do continente de Sipparu, em 362 da era dos mortais. Seu pai era escultor de espadas e sua mãe uma bibliotecária.

– Excelente. Eu não esperava menos do filho da Grande Presença. Devo deduzir então que sabe por que Tibaul criou os Círculos?

– Depois que sua mãe morreu, ele criou um método de demonstração de espadas para ajudar a promover o negócio do pai.

– É uma bela história – Telalec reagiu, brincando com a barba trançada. – Altruísta, honrada... e *falsa*.

– *Falsa?* Mas está escrito nos livros de história...

– *Livros?* – intercedeu o ushariani, revirando os olhos. – Ora, mentirosos sabem escrever também, Filho de Enki' Nār, e na maioria dos casos o fazem *melhor* que os honestos.

– Mas...

– Tibaul não criou os Círculos para ajudar a família. Ele os criou por causa de uma *fêmea*.

– Como assim?

– Tibaul era *fascinado* por espadas de anbärr desde criança. Vendo o interesse, seu pai começou a treiná-lo desde cedo, tanto na arte de esculpi-las quanto no uso prático... Mas a mãe de Tibaul não desejava que o filho seguisse a profissão de armeiro; queria que ele se tornasse um “professor respeitável”, como ela nunca tinha sido – disse Telalec, sinalizando as aspas com a mão das costas e a direita.

– Por quê?

– É um mal comum dentre indivíduos frustrados forçar seus filhos a ser o que eles nunca foram, não importando o que os filhos queiram para si próprios.

Adapak não discordou, virando-se para continuar a acompanhar o andar de Telalec, que prosseguiu:

– Ela morreu um pouco antes que Tibaul atingisse a adolescência, mas o pai decidiu honrar o sonho da esposa e mandá-lo para a capital de Sipparu, estudar.

– *Matemática*, certo?

– Exato. Lá ele se descobriu um gênio com os números... Mas um completo *inapto* no que diz respeito a relações pessoais.

– Por quê?

– Porque ao final de sua formação ele se apaixonou por uma prostitu... Espere, Enki' Nār já lhe explicou o que são... *comerciantes de sexo?*

O garoto negou com a cabeça.

– Bem, ahn... – falou Telalec, levemente desconfortável. – Bom, o que quero dizer é que Tibaul projetou a carência materna em uma meretriz esperta o bastante para lhe ordenhar até a última moeda... além de outras coisas.

Adapak não entendeu a referência.

– Quando o poço secou – continuou o ushariani –, ela dispensou o rapaz, claro, mas ele não compreendeu o recado e *insistiu*. Insistiu até que foi espancado pelo dono da prostituta, um outro ushariani enorme.

– Prostitutas têm... *donos?*

– Evidentemente. Tudo de valor possui um *dono*, Filho de Enki' Nār, e este só não matou Tibaul de tanto espancá-lo porque a meretriz implorou para que não o fizesse, sensibilizada pela fraqueza dos oprimidos, como a maioria das fêmeas são.

– Ele desistiu dela depois disso?

– Oh, não. Semanas depois, Tibaul retornou ao prostíbulo de espadas em punho e exigindo

a fêmea mais uma vez. O dono do lugar se opôs novamente, também armado e acompanhado de mais dois ushariani.

– Tibaul ganhou?!

– Evidentemente que não, Filho de Enki' Nār... Ele *perdeu*. Na verdade, perdeu um dedo e grande parte do sangue do corpo, sendo salvo por pouco pelos curandeiros da cidade. Aleijado e falido, ele se viu forçado a retornar a Druon para trabalhar com o pai. E foi lá, humilhado e afundado em depressão, que ele criou os primeiros Círculos.

– Como?

– Seu pai esculpia armas para a guarda de Druon, então Tibaul pediu às sentinelas que permitissem que ele assistisse aos duelos de espada ilegais que os prisioneiros organizavam na prisão, eventualmente. A princípio ninguém compreendeu o que ele queria, até que dois ciclos depois ele pediu para *participar* de um.

– Um o quê? – perguntou Adapak.

– Um *duelo*. Tibaul insistiu em entrar no pátio contra o mais experiente dos prisioneiros; um notório pirata ushariani chamado *Ravar*.

– Isso era permitido?

– No mundo lá fora, Filho de Enki' Nār, as moedas mudam a opinião das pessoas mais rápido que a palavra do maior dos sábios.

– E o que aconteceu no duelo?

– Tibaul matou Ravar em poucos segundos, com um corte preciso na garganta – respondeu Telalec, tocando a própria com o coto do antebraço.

– Como... Como ele conseguiu?

– Ele havia... *enxergado* algo.

– O quê?

Telalec interrompeu o caminhar e se posicionou sobre um dos Círculos menores do tapete, virando-se para encarar o menino e explicar:

– Tibaul havia concluído que todos nós somos escravos dos moldes de nossas espécies. Somos ludibriados quanto à nossa individualidade, convencidos de que nossos comportamentos são formados pela cultura onde somos criados. Isso é uma *mentira*, uma ilusão de grandeza incentivada pela insegurança daqueles que negam a beleza da criação.

– Eu não entendi.

– Dois gisbanianos podem nascer e crescer em terras diferentes e ter criações completamente diferentes; um pode terminar a vida como um *imperador*, enquanto o outro pode perecer pobre na lavoura, mas a *carne* sobre seus ossos terá permanecido idêntica. A chave dos Círculos Tibaul está na compreensão desse molde e na de seu oponente... Tibaul enxergou essa verdade e desenvolveu as duas leis dos Círculos: *Baloac* e *Cealoc*.

– E o que elas são?

– *Sugestão* e *antecipação*. Façamos um *teste* simples para ilustrarmos; siga-me – o ushariani pediu, começando a contar em voz alta enquanto batia o pé no chão, ritmicamente.

– Dois, quatro, seis, oito, dez, doze...

– ... Catorze, dezesseis, dezoito... – Adapak o acompanhou.

– ... Quinze, onze, sete, dezessete... – mudou o ushariani, falando mais rápido.

– ... D-dezoito, vint... *não*, espere – falou o jovem, perdido.

– O que houve?
– Você mudou a lógica.
– E sua mente demorou um segundo para perceber e prosseguiu um pouco mais na lógica anterior.

– Sim...
– A mente sábia é escrava do equilíbrio. É escrava do ritmo, é escrava da *continuidade* – falou Telalec, parecendo saborear a última palavra. – Baloac, a primeira lei dos Círculos, se utiliza deste princípio para *conduzir* o oponente para onde o espadachim deseje.

– É como se fosse uma dança, então?

O ushariani ponderou sobre a comparação, deslizando o punho amputado pela trança de pelos brancos sob o queixo. Adapak descobriu que se incomodava cada vez que ele repetia o gesto.

– Pode ser encarado desta forma, sim – o ushariani respondeu.

– E a outra lei?

– Cealoc é a mais complexa das leis; a lei da *antecipação*. Durante os dois ciclos que observou os duelos, Tibaul focou em sua própria espécie e analisou o modo como os prisioneiros ushariani se comportavam em confrontos físicos, concluindo que podia encontrar uma lógica matemática para a maioria de seus movimentos ofensivos, a partir dos princípios mecânicos aos quais eles estavam restritos.

– Eu... não sei se entendi – falou Adapak, olhando para o tapete abaixo.

– Se memorizar o padrão de movimentos que seu oponente possui e souber identificar o *princípio* de cada um, será capaz de prever seus movimentos e contra-atacar.

– Mas... isso é impossível.

– E o simples ato de *caminhar* não o é, quando visto sob o olhar de um recém-nascido? – sugeriu o ushariani, voltando a caminhar pela borda do tapete. – Não parece impossível a sincronia perfeita de músculos e mente na mecânica do andar sob a perspectiva do infante, que mal é capaz de controlar a saída dos próprios *excrementos*? E o quão simples ela nos parece depois de dominada, tornando-se parte natural de nosso raciocínio?

Adapak absorveu o conceito em silêncio por um instante, em seguida perguntou:

– Então é como uma adivinhação?

– “Adivinhação” é o embuste dos ilusionistas e falsos feiticeiros – respondeu o ushariani, torcendo sutilmente a boca estreita. – Os Círculos calculam e preveem. Os Círculos *sugerem*.

– Tibaul então criou Círculos para *todas* as espécies de Kurgala?

– A princípio somente para os ushariani. Ele levou três ciclos para calcular *este* tapete – explicou Telalec, batendo o pé no chão. – *Anasepiyaush*.

– “Sob meus pés, ushariani”? – Adapak traduziu, inseguro.

– Precisamente! – Telalec confirmou, surpreso. – O Filho de Enki’ Nār fala minha língua perfeitamente, isso é fascinante...

– O que quer dizer exatamente?

– Quer dizer que neste tapete estão as fórmulas para se subjugar oponentes da espécie ushariani, armados com todo tipo de arma, ou nenhuma. Tibaul as pôs à prova com o dono da

prostituta que o havia aleijado; assassinando-o em praça pública juntamente com os outros dois que o haviam auxiliado.

– Uau. E a... *moça*?

– O interesse dela por Tibaul nunca foi real e ele era um indivíduo diferente agora – prosseguiu o ushariani, voltando a percorrer a borda da tapeçaria. – Ele retornou ao sul e desenvolveu mais nove *anasepiya*; nove “sob meus pés” para outras nove espécies. Então viajou pelos três continentes de Kurgala, realizando apresentações dos Círculos até falecer de velhice na lua 21 de Enlil’ Aräh do ciclo 417 da era dos mortais.

– Se ele só inventou dez tapetes então quem inventou os outros? – perguntou o menino, olhando as figuras da borda da ilustração. – Existem mais espécies no mundo...

– Durante suas viagens, Tibaul ensinou os Círculos para poucos, mas um jovem ushariani em especial, chamado Jer Carran, se tornou *obcecado* pelo método. Quando Tibaul faleceu, este jovem apresentou os Círculos para a maior escola de espadachins de Badibiria, a Academia.

– Eles gostaram?

– Evidentemente que não – respondeu Telalec e Adapak achou que ele se esforçou para ocultar uma risada. – Tente dizer a um bando de mau’lins antiquados que seu sistema milenar foi ultrapassado por um filho de armeiro pobre de Sipparu... Jer Carran foi *ridicularizado*.

Telalec completou a volta inteira pelo tapete, parando agora no ponto inicial.

– Felizmente – ele prosseguiu –, Carran era um indivíduo obstinado. Ele encontrou outros simpatizantes e decidiu criar sua própria escola. Nos ciclos que se seguiram, mais *anasepiya*, mais... *tapeçarias* foram criadas seguindo o método de Tibaul Danvelec, cada vez mais aperfeiçoado até que todas as espécies sapientes de Kurgala estivessem... calculadas. Os Círculos tornaram-se uma herança passada de família ushariani para família ushariani. Minha família foi uma dessas, centenas de ciclos atrás.

– Por que “de família ushariani para família ushariani”? É proibido ensinar outras espécies?

– Isso se provou impraticável.

– Por quê?

Telalec coçou o queixo barbado enquanto preparava a resposta na mente.

– Um humano, por exemplo – o ushariani explicou –, que comece a treinar nos Círculos aos 6 ciclos de idade, somente terminará aos 60. E a regra se repete para os demais povos, com algumas diferenças irrelevantes, pois não há espécie capaz de memorizá-los rápido o suficiente para uma aplicação prática... com exceção dos ushariani.

– Então...? – o jovem falou, deixando os ombros caírem.

– Sim, a Grande Presença Esmeralda me esclareceu que, apesar da condição divinal de Seu filho, este se encontra preso a certas limitações físicas do veículo de carne que ocupa no momento, como já mencionei antes... Ensiná-lo nessas condições seria impraticável; Telalec não dispõe do tempo de vida necessário. Minha proposta é...

– A CASA PROVERÁ UMA SOLUÇÃO – soou a voz de Enki’ Nār, parcialmente nos pensamentos de Adapak e Telalec e em parte ecoando pela gigantesca câmara. Centenas de filamentos verde-amarelados adentraram o cone de luz onde eles se encontravam, abrindo caminho para que a enorme presença do Dingirī emergisse da escuridão.

– Um Que É Quatro, é uma *honra* vislumbra-Lo – falou Telalec, curvando-se de um jeito que Adapak achou engraçado.

– Vamos usar os arcos de novo, pai? – o menino perguntou, encarando os olhos azuis da criatura, perdidos entre a pluralidade de tentáculos e apêndices que se moviam sobre a cabeça bulbosa.

– SIM, ADAPAK. M' ARGIDDÄ ASHNÄ.

Assim que Enki' Nār proferiu as palavras, a área lisa do chão ao redor do tapete se desfez, retornando aos milhares de cristais que texturizavam toda a câmara em seu estado original. Em seguida as mesmas se reorganizaram e ergueram seis arcos verdes de 16 cascos de altura cada, dispostos ao redor da tapeçaria. Adapak há muito havia se acostumado com a maneira com que a Casa reorganizava cômodos e outras estruturas, mas sua fascinação ainda permanecia inabalável.

– O... que são, Grande Presença? – perguntou Telalec, admirando as estruturas ao redor dele e do garoto.

– VIAS DE CONHECIMENTO – respondeu Enki' Nār, expressando o usual sorriso confortante.

– AGORA PRECISO QUE FAÇA ALGO...

– O que deseja, Grande Orador? – o ushariani indagou, apreensivo.

– PRECISO QUE FECHE OS OLHOS E MANTENHA EM MENTE OS CÍRCULOS... *SOMENTE OS CÍRCULOS* – o Dingirī explicou, enfático. – PODE FAZÊ-LO?

– Sim, Grande Presença – o ushariani confirmou, obedecendo.

– São como *livros*, Telalec... Só que mais *rápidos* – o menino falou à sua frente, antes que Enki' Nār, fora da circunferência que os arcos formavam, proferisse as palavras:

– *M' ARGIDDÄ ANAT HARANI SAL TELALEC ALAKTASA LA T'ARAT.*

Telalec sentiu uma singela vibração crescer ao redor de si, perceptível apenas pelo fato da caverna se encontrar em absoluto silêncio e seus sentidos estarem em total alerta.

Adapak, por sua vez, teve outra experiência.

A vibração o envolveu completamente e seus sentidos desapareceram. Seu corpo tornou-se nada e sua mente flutuou no vazio, desprovida dos recursos que a protegiam. E então sentiu como se a consciência esticasse pelo tempo, vivendo parte de outra vida em um instante.

E quando o mundo voltou a ter som e luz e seu corpo voltou a sentir, Adapak sabia os Círculos.

A vibração desapareceu. O jovem caiu de joelhos sobre o tapete e nele vomitou. Telalec correu até lá, ajudando-o a se levantar.

– Pelos Quatro, o Filho de Enki' Nār está bem?!

– EU DEVIA TER PREVISTO ESTA POSSIBILIDADE – falou Enki' Nār, também se aproximando.

– PEÇO PERDÃO PELO INCOVENIENTE, TELALEC.

– Eu estou bem, não se preocupe – o garoto conseguiu dizer para o ushariani, limpando a boca e se levantando com dificuldade. – Mas é como se eu tivesse p-pensado por *ciclos*.

O ushariani moveu os olhos pelos arcos, tapete e Adapak, caçando a conclusão:

– Pelos Quatro... É assim que a forma carnal do Filho de Enki' Nār *aprende* as coisas? Eu

poderia lhe ter passado muito mais do que os Círculos, poderia...

– NÃO SERIA SÁBIO – o Dingirī o interrompeu, passando uma das mãos carinhosamente na cabeça calva do menino. – A INFUSÃO DO CONHECIMENTO É CONSIDERAVELMENTE... TRAUMÁTICA PARA AS MENTES MORTAIS. OS ARCOS DEVEM SER USADOS COM MODERAÇÃO, OU OS RESULTADOS SERIAM... DESAGRADÁVEIS.

– Ele é superprotetor – brincou Adapak, esfregando os olhos.

– Então, o filho da Voz Esmeralda agora *sabe* os Círculos?

– SUA MENTE SIM, MAS O CORPO AINDA NÃO – explicou o Dingirī. – SEU TRABALHO SERÁ ENDURECER OS MÚSCULOS AINDA FRÁGEIS DE ADAPAK E FAZER COM QUE SE ALINHEM COM O QUE A MENTE SABE.

– Maravilhoso! – o ushariani disse emocionado, testemunhando o menino se esforçar para recuperar o equilíbrio. – É uma lástima que o mundo lá fora tenha que se contentar com as migalhas do que um dia teve.

– OS QUATRO TAMBÉM LAMENTAM. ANTES, ATRAVÉS DE NÓS, IDEIAS, CONCEITOS E HISTÓRIAS PODIAM SER COMPARTILHADAS ENTRE OS MORTAIS DESTA MANEIRA, UNINDO-OS DE MANEIRA INCOMPARÁVEL.

– Este é um grande momento para mim e para minha família, Filho de Enki' Nār, então peço que aceite esse gesto – Telalec disse, soltando duas das três espadas do cinto e entregando-as ao jovem. – Igi e Sumi são o presente de Telalec para o filho do Grande Orador Esmeralda.

Pasmo, Adapak segurou as armas com a propriedade de quem já o fizera antes, embora nunca o tivesse feito.

– São... incríveis – ele disse, admirando as esculturas em forma de cabeça de ushariani nos cabos e as lâminas de cor pálida. – Isso é...?

– Sim. Foram esculpidas a partir dos ossos de um anbārr ancião há muitos ciclos atrás...

– Por isso são tão brancas assim?

– Exatamente, Filho de Enki' Nār – falou o ushariani, desembainhando agora a terceira espada, cujas joias dos olhos eram amarelas. – E esta é Lukur, a irmã mais velha das três.

– Por que as chama de “irmãs”? – Adapak perguntou.

– Conforme dita a tradição da minha família, a história de Igi, Sumi e Lukur só deve ser compartilhada com o herdeiro das armas quando o treinamento estiver completo... Se assim Enki' Nār me permitir, é claro – Telalec explicou, lançando um olhar para o Dingirī.

– FIQUE À VONTADE – este respondeu.

– Sendo assim – o ushariani concluiu –, Lukur também ficará com Telalec até que o treinamento de Adapak esteja completo, da mesma forma que foi feito com Telalec, ciclos atrás.

– Obrigado, eu... não sei o que dizer – o menino falou.

– Não se deixe iludir pelos símbolos, Filho de Enki' Nār; o segredo não reside nos instrumentos, mas na técnica – o ser de pele transparente adicionou, passando o coto na trança do queixo mais uma vez.

– Sim, eu agora posso *ver* o que você falava, posso *ouvir* os Círculos calculando, sugerindo... Eles são realmente perfeitos, Telalec.

– *Nada* é perfeito – o ushariani retrucou sorrindo, erguendo o punho amputado.

Barutir

Piedade daqueles que não podem repousar, pois é no verso das pálpebras que enxergamos as respostas mais simples.

Crônicas de Saalmo Sarrum

– VOSSSCÊ VEEIO me bussscar, não veio?! – vociferou o homem embriagado, esforçando-se para manter as pálpebras abertas e formar as palavras.

– B-barutir, sou eu, Adapak – ele disse, tentando associar aquela nova imagem à do homem que tinha no coração. À sua frente estava agora um senhor obeso de 66 ciclos de idade, de rosto inchado, mal barbeado e triste. A cabeça (antes raspada para disfarçar a calvície) agora exibia dois tufos irregulares de cabelo crespo nas laterais, embranquecidos. Ele vestia roupas simples cujas manchas e odor entregavam a vida desregrada que experimentava. Barutir era uma grosseira caricatura do humano que um dia fora.

– Oh, eu *sssei* quem você é, garoto... – ele disse, levantando-se com dificuldade e liberando gases no processo. – *Sssei* muito bem quem *vvvocê* é... Você é o filho do *mentiroso*...

– Barutir, você... Você está embriagado, eu...

– *Emmbriagado*?! – ele disse, se equilibrando na menor poltrona da sala e colocando-se em pé. – Essa é a *ssssua* opinião, seu *bossstinha*!

– Barutir, estão tentando me *matar*!

– Haha! – o humano riu, cambaleando entre as pernas na direção de Adapak e apontando o dedo para seu rosto assustado. – *Vossocê* é filho de um *Dingiri*, garoto, não pode *morrerer*... Nós podemos morrer, OH SIM; nós podemos morrer, isso eu lhe digo... Nós morremos o tempo todo aqui fora, no... MUNDO RRREAL!

O espadachim retrocedeu com o último grito, batendo com as costas no pilar central da sala. Acima de sua cabeça o retrato de Nafaela balançou, fisingando os olhos injetados de Barutir.

– Ele... Ele p-podia ter ffeito, sabia? – o homem falou, entortando os lábios grossos e descendo o olhar de volta para Adapak. – Não ffaria diferença ALGUMA para Ele, Ele... Ele... Ele pode fazer o que quiser!!

– Barutir, me escute, por fáv...

– Por que ELES p-podem ser eternos e *nóissss NÃO*?! – o homem falou com raiva, batendo desajeitadamente com os punhos fechados no peito nu de Adapak.

O rapaz aguentou o golpe sem reagir, paralisado pelos olhos marejados da figura que um dia o tratara com imenso carinho.

– Ele... Ele o mandou aqui, não foi? – Barutir perguntou, modificando sua máscara de ódio para uma de horror. – Ele *mmmandou* seu pequeno MONSTRO para tirar a minha vida, não

é? Para que eu não conte a verdade para ninguém, não é?! Oh, eu descobri a verdade, sim, eu descobri...

– O quê..? Não, Barutir, me escut...

– Ele não vai devorar minha alma, *vossscê* ouviu?! – o homem falou, recuando e pisando em uma das garrafas no chão, quase caindo. – Diga a ele que minha alma pertence às estrelas, JUNTO COM ELA!! VOCÊ ME OUVIU?!

Adapak testemunhou atônito Barutir pisar com o pé descalço no cinzeiro do tapete e perder o equilíbrio. Ele tentou agarrar a mesa de centro enquanto caía, fazendo-a virar e acertar-lhe o rosto com força antes de despencar completamente no chão da sala, fazendo as tábuas sob o tapete rangerem com o peso. O espadachim permaneceu encostado no pilar, olhando as cinzas do tapete se tornarem um nevoeiro ao redor do corpo do homem, agora coberto de pontas de cigarro da mesa. Ele balbuciou uma série de palavras indecifráveis e então calou-se e deixou sua respiração pesada discursar no silêncio.

Adapak não se moveu por alguns instantes. Lágrimas lhe escapavam dos olhos brancos, aliviando um pouco da decepção de constatar que sua esperança de sabedoria tornou-se uma criatura deplorável afogada em bebida barata e depressão. O espadachim escorregou as costas no pilar até sentar no tapete, exigindo que a mente se acalmasse. “Sugerir soluções é algo simples quando não se sabe muito sobre o problema”, costumava brincar Enki’ Nār e Adapak teve uma breve crise de riso ao lembrar-se não só da frase, mas da sensação da voz do Dingirī em sua mente. Os risos se tornaram soluços de saudade, que ele abafou com a mão. Não era hora para aquilo. Não ainda.

O espadachim enxugou os olhos e se levantou com cuidado (apesar de no fundo saber que nem mesmo um trovão despertaria Barutir de seu torpor alcoólico). Ele cogitou mover o corpulento homem para longe do pequeno cemitério de fumo e bebida que se formou ao seu redor, mas não achou que faria diferença. Simplesmente passou por cima do corpo e encostou a janela por onde ele havia entrado, deixando a casa à escuridão quase total. Havia um lampião na parede ao lado da porta da frente e Adapak encontrou ali uma vela pela metade. Ele a levou até a cozinha e a acendeu nas brasas semimortas do fogão, liberando um forte odor de gordura animal que aos poucos preencheu o ambiente. O espadachim a devolveu para o lampião, vendo a luz dançar sobre o retrato de Nafaela, cujo sorriso marcava o símbolo de felicidade que a casa um dia representou para aquelas pessoas.

Adapak afastou os restos de comida da mesa de jantar e repousou sobre ela a capa e a bolsa, abrindo esta última para guardar a faca curva de madeira que pegou na prisão. E então sua mão encostou no papel e ele congelou.

Sentindo o coração martelar com força no peito, o jovem tirou a carta fechada do fundo da bolsa. Ele não sabia se era sua imaginação ou não, mas o papel ainda parecia exalar o cheiro dela, e dessa vez o espadachim estava inseguro demais para reprimir a memória: lembrou dos seus olhos e de como ele se perdia naquelas janelas misteriosas. Tinha saudade de contar coisas a ela, de fazê-la rir enquanto apoiava a cabeça em seus seios e ouvia sua satisfação. Piscando com força, o rapaz ordenou que a consciência a devolvesse à sala imaginária em que ele a trancara há um ciclo atrás. T’arish era um veneno para qual sua mente ainda não tinha descoberto o antídoto.

Retornando a carta de volta ao fundo da bolsa, Adapak viu o embrulho com a relíquia

Dingirī e o pegou, abrindo-o para se distrair. Em seguida, pegou a faca da bolsa e começou a cortar os fios de couro que a envolviam, até soltar o objeto das amarras. Passou os olhos pela centena de hexágonos em sua superfície esmeralda, como se fazê-lo de alguma forma pudesse revelar algo sobre seus últimos detentores. A textura acabou por lembrá-lo de Casa e ele se sentiu um pouco mais calmo, sendo capaz de recolocar os pensamentos em ordem.

Qual a próxima alternativa?

Telalec era a próxima alternativa. O continente de Larsuria, no entanto, ficava do outro lado de Kurgala e o ushariani, se ainda estivesse vivo, estaria no meio da guerra civil insana que havia dominado o continente. Encontrá-lo seria uma tarefa árdua, senão impossível.

“É fácil tomar boas decisões quando não há mais opções”, ele lembrou, citando mais uma vez seu pai, e decidiu que assim que amanhecesse ele iria até o porto.

O jovem pousou a relíquia e a faca ao lado da bolsa, fechou os olhos e apoiou a cabeça cansada nos braços sobre a mesa, repassando as últimas oito luas na memória. O ronco lento e profundo de Barutir o embalou, permitindo que o sono incompleto da cela da prisão o envolvesse.



Adapak nadava em águas verdes, mantendo somente o rosto acima da superfície. Seus braços e pernas tremiam; não de frio, mas de cansaço. Ele sentia como se estivesse ali há horas, em busca da margem que nunca vinha. Não havia margens até onde ele era capaz de ver: no horizonte, o céu escuro se juntava a um infinito espelho esmeralda.

O rapaz interrompeu o nado e se deixou boiar de barriga para cima, contemplando a única estrela que o observava de volta. Ali, isolada no teto negro do cenário, ela lembrava Adapak uma pequena vela, acesa por alguém que desejasse seu bem, mas que estivesse longe demais. Teria sido seu pai a acendê-la?

Antes que pudesse concluir, o jovem notou algo diferente no canto da vista; uma pequena ilha surgira a dezenas de cascos dali, marcada por uma familiar árvore tristonha. Sua cascata de folhas cor-de-rosa caía sobre uma solitária figura de pele e cabelos roxos, sentada à margem gramada e encarando a água, melancólica. T'arish estava como ele a tinha visto da última vez: linda, intimidante e triste ao mesmo tempo.

Adapak submergiu o corpo até deixar somente os olhos na superfície, sentindo o coração pulsar no peito como um tambor ensurdecido de vergonha; a visão da inannariana trouxe de volta a sensação de raiva e impotência que ele trancara com dificuldade em um quarto escuro da memória, mas que insistia em bater à porta de vez em quando. Felizmente ela não o tinha notado e observá-la em segredo conferia ao rapaz uma posição de poder que o fazia se sentir melhor. Ele começou a nadar lentamente em direção à ilhota, aos poucos discernindo melhor a expressão de tristeza que sua antiga companheira exibia, olhando a água com a apatia de quem se encontrava em uma profunda depressão. A raiva de Adapak aos poucos se transformou em pena, apesar dos

protestos de seu orgulho ferido; ele sentia vontade de ir até lá e abraçá-la como costumava fazer, confortando-a com palavras de segurança e tomando o controle da situação. Em vez de fazê-lo, no entanto, parou de nadar, como se tomado por um choque de consciência que o lembrou de todo o sofrimento que viria com aquele gesto.

Subitamente, T'arish virou o rosto na direção de Adapak. Para o horror dele, seus belos olhos amendoados tinham sido substituídos por um único e grande globo ocular verde que tomara quase todo o delicado rosto da inannariana. A esfera esmeralda o encarou e uma voz fina ecoou:

– Você realmente es... está aqui – falou Barutir.

Adapak acordou ressaltado, levando as mãos às bainhas antes que sua mente conturbada identificasse o humano a sua frente, encarando-o logo atrás do pilar entre as salas, receoso. A manhã espremia raios de luz através das frestas das janelas, amenizando o tom deprimente da noite anterior.

– D-desculpe – o espadachim falou, notando a gravidade da voz confirmar que havia dormido por algumas horas. – Eu... não tinha outro lugar para ir.

– Achei que estava sonhando ontem – o homem falou, arregalando os olhos inchados. – Já faz o que, uns... 19, 20 ciclos?

– Quinze, na verd...

– Me livrei de tudo, sabia?

– O quê?

– Depois que ela se foi, me livrei de tudo relativo a... *Eles* – Barutir explicou, tocando a bochecha esquerda na madeira e mirando o vazio. – Queimei os livros, dei as roupas do templo para os pobres... Teria me livrado das lembranças também, se pudesse.

– Barutir, eu...

– ... Mas então comecei a perceber que elas estavam *mudando*, entende? Coisas que eu achava que eram não eram mais, ou... Ou eram em lugares *diferentes!* – ele irrompeu, saindo de trás do pilar e avançando um passo. – É difícil de explicar, eu... Eu acho que quando passei a ficar longe *Dele* o feitiço começou a se desfazer e eu comecei a me lembrar *de verdade*, v-você entende?! Tudo que envolvia a ilha, a... a *caverna... você!* Tudo começou a ficar... *trocado!*

Beber constantemente deve ter ajudado, pensou Adapak, encarando a mancha de vômito sob a gola do homem.

– E-eu comecei a *anotar* tudo, antes que *trocassem!* – Barutir prosseguiu, movendo os olhos, caçando o raciocínio. – Mas quando voltava e lia, eu... Eu não conseguia me lembrar das sentenças, como se *outra pessoa* as tivesse escrito! Os lugares não eram aqueles, estava tudo e-errado!

– Barutir, acalme-se...

– Está aqui em algum lugar... – ele disse, indo até a estante de livros e revirando as prateleiras escassas. – Eu n-não entendo, eu o deixei *aqui*, eu...

– Barutir – falou Adapak, se levantando –, eu preciso de ajuda...

Ignorando-o, o homem desistiu da estante e atravessou a sala aos tropeços, subindo a escada murmurando algo ininteligível. O espadachim ouviu seus passos pesados perambularem pelo segundo andar e imaginou se aquele não seria o momento perfeito para

admitir que aquela visita havia sido um erro e deixar aquele lugar.

– Ele me fez *trocar*, entende? – insistiu Barutir, descendo as escadas com um pequeno livro de anotações. – A Casa não era aquela, Adapak! Ele me fez achar que era, mas era *outra!*

– Barutir, espere, do que você está falando?

– *Enki' Nār mentiu!* – ele respondeu, aproximando-se e encostando o objeto no peito do rapaz. Seu hálito era um sopro quente de mochi e álcool.

– Barutir, do que você está falando, eu... Escute, meu pai...

– Enki' Nār é um MENTIROSO, garoto! – o homem gritou, pegando a mão do rapaz e encaixando o livro em sua palma.

– B-barutir, você não está fazendo sentido! Por favor, eu...

– As mentiras de Enki' Nār estão *aqui*, você tem que le...

– Eu não quero saber do seu livro louco, Barutir! – Adapak reagiu, se afastando e deixando o objeto cair entre ambos. Lá fora, uma criança choramingava na vizinhança.

– *Louco?* – o homem falou surpreso, abaixando-se com dificuldade para recuperar o item.

– Eu não sou louco, garoto...

– Me desculpe, eu...

– ... eu FUI louco! – Barutir gritou, segurando com força o braço de Adapak e balançando o livro à frente do rosto. – Me ajude a *lembrar*, garoto! Eu preciso lembrar de onde foi que o bus...

– PARE de dizer isso!! – gritou o espadachim, livrando-se do aperto do homem, que se calou, assustado.

SAIA.

Com um grito abafado de frustração, o jovem foi até a cozinha e tocou a tranca da porta.

– ... Eu deveria ter voltado, garoto, e-eu sei – Barutir disse, fazendo o rapaz paralisar.

– V-você... estava com raiva do meu pai – ele conseguiu dizer, proferindo o que vinha pensando há ciclos. – Eu... compreendo.

– Nós sentimos muito a sua falta, Adapak, você não sabe o quanto Nafaela me implorou para voltar lá, mas só de pensar na voz Dele novamente, eu... Eu não conseguiria, era... insuportável!

Adapak se virou, deparando-se com um Barutir de olhos inundados, pressionando o livro contra o próprio peito.

– E eu dizia a ela que não – ele continuou –, que não tínhamos sido nada além de serviços ao criá-lo naqueles poucos ciclos; meras estantes sustentando um troféu importante até que fosse recuperado pelo verdadeiro dono...

– N-não, Barutir, vocês foram...

– E então uma noite nós estávamos bem aqui – ele prosseguiu, caminhando até o centro da sala e chutando as garrafas do tapete como se não as notasse mais. – Bem aqui nesta poltrona, está vendo? E ela estava... Ela já estava bem fraca, mas sua mente continuou forte até o fim, oh sim. E ela me d-disse: “Sabe, Barutir, a primeira vez que você me contou que iríamos criar o filho de um Dingirí, eu fiquei com muito medo...” Não, ela não disse “medo”,

ela disse “receosa” – Barutir se corrigiu, como se a lembrança das palavras exatas fosse essencial naquele momento. – Isso, “receosa”, ela disse: “...fiquei *receosa* em abrigar em nossa casa algo que fosse muito maior do que qualquer um de nós jamais seria... Mas quando você o trouxe e eu o segurei no colo, tudo que vi foi um bebê de pele cinza que me olhava como se eu... Como se eu fosse *igual*. Não havia sinal de divindade nos olhos daquela criança, a não ser pelo olhar de um bebê reconhecendo o carinho dos pais...”

O homem ajoelhou perante a poltrona e abaixou a cabeça contra a almofada, continuando o discurso em um volume baixo demais para ser compreendido. Adapak enxugou o rosto molhado com as costas da mão, sem saber o que fazer.

Saia.

Ele abriu a tranca da porta, recebendo o sol da manhã no rosto. Os fundos da casa davam para uma pequena área de banho comunitária, onde um par de fêmeas esuru enxugava três crianças à beira de um poço retangular. Elas interromperam a conversa ao vislumbrar a perturbada figura de pele negra atravessar o batente da porta, deixando que a voz aguda dos infantes preenchesse o ambiente de alegria. Antes que ele cruzasse metade da distância até a área, contudo, as esuru já estavam a muitos passos da mesma, carregando as crianças no colo e balançando os quadris no caminhar apressado.

Adapak não se importou; sua mente o agradecia por ter se afastado de Barutir, como se a destruição daquele ícone pudesse ser amenizada daquela forma. Ele se sentou à beira do poço, se permitindo perder-se na escuridão da cavidade por algum tempo. Em seguida, lavou o rosto, o pescoço e as axilas. A ação estava longe dos hábitos higiênicos de sua vida no Lago Sem Ilha, mas o contato com a água fria o fez se sentir imediatamente mais calmo.

Larsuria, então, o jovem concluiu, levantando-se e caminhando de volta para a casa.

Barutir não estava mais na sala, mas os familiares passos no segundo andar desvendaram o mistério. Adapak foi direto até a mesa de jantar para guardar a relíquia na bolsa, mas se interrompeu ao segurá-la nas mãos; sair daquela maneira parecia tão covarde quanto o que Barutir fizera com ele, quinze ciclos atrás.

Pousando o objeto de volta ao lado da faca na mesa, o espadachim voltou à cozinha e reviveu as brasas do fogão de pedra. Vasculhando a despensa, encontrou meio jarro de água e a colocou para ferver; não vira frutas na casa, mas se encontrasse alguns ovos e certos legumes talvez fosse capaz de preparar algo para aliviar a ressaca do anfitrião.

– Adapak? – chamou o humano, do quarto superior.

O rapaz cruzou a sala e, antes de subir as escadas, levantou a mesa tombada sobre o tapete. As garrafas teriam que ser recolhidas depois.

– Você tem cebolas, Barutir? – ele perguntou, abrindo a porta do quarto. – Vou fazer umas...

Adapak não terminou a sentença. Barutir se encontrava sentado à beira da cama. De pé, ao seu lado, estava Telalec.

– Chega de mentiras, filho de Anu’ Nār – falou o ushariani, vendo o jovem se aproximar, confuso. – É hora de terminar isso.

Telalec desembainhou a espada Lukur e decapitou Barutir com um movimento

descendente. O golpe foi imperfeito, no entanto; a lâmina não atravessou o pescoço completamente e permitiu que a pele da garganta segurasse a cabeça, que pendeu para frente e repousou sobre a barriga inchada do homem. Adapak gritou de horror e estendeu os braços em direção ao corpo sentado, em um gesto instintivo para impedir que o cadáver tombasse para frente. Foi quando Telalec desembainhou a outra espada do cinto e lhe amputou a mão direita.

O espadachim puxou o braço ferido para si, riscando uma linha escarlate no ar e tropeçando para trás. Telalec se preparou para outra investida, mas a mente de Adapak ordenou que o jovem se jogasse em direção às escadas e ele o fez, deslizando de peito pelos degraus até o tapete da sala. Ele se levantou a tempo de ver a silhueta do ushariani alcançar a porta do quarto.

Não pode ser. Não pode ser.

Adapak cambaleou até o centro da sala e levou a mão direita à bainha, mas sentiu como se o cabo da arma tivesse se tornado intangível. Quando olhou para o membro amputado é que se deu conta da realidade da situação: o choque impediu que a dor o informasse da gravidade do ferimento. *Se não interromper a hemorragia, vou desmaiar*, pensou, vendo Telalec descer as escadas vagarosamente.

– Você não pode existir, filho de Anu' Nār – falou o ushariani ao pisar com as botas no primeiro degrau. Ele tinha o torso desnudo como Adapak, mas vestia um saiote curto de três camadas e um par de cintos finos abrigando as bainhas das duas armas, agora empunhadas.

– Telalec, o q-que está fazendo?! – indagou o jovem, recuando até a mesa de jantar. Na cozinha, a água borbulhava sobre o fogão.

– Deuses não *sangram* – o ushariani respondeu, no centro da sala.

Adapak agarrou a relíquia sobre a mesa e a arremessou nas brasas do fogão. Telalec estampou no rosto o horror de quem sabia exatamente o efeito que aquela ação teria, substituindo a postura ameaçadora por tropeços desesperados para trás. A atmosfera vibrou com violência e uma enorme barreira curva e esverdeada surgiu entre a sala de estar e metade da de jantar, separando o espadachim (que por pouco não foi tocado pelo fenômeno) de seu agressor. Foi somente quando Adapak notou outra barreira idêntica nos fundos da cozinha que ele compreendeu o real escopo da situação; uma única e enorme *bolha* esmeralda ultrapassava os limites da casa como um fantasma.

Em vez de *pulsar* como no confronto contra os guandirianos, contudo, o efeito desta vez pareceu se solidificar enquanto a casa gemia como um enorme animal ferido. Adapak se viu preso no interior da esfera espectral, desorientado pela vibração, mas ainda capaz de distinguir Telalec através da barreira difusa; seu algoz alcançou o pé das escadas quando o fenômeno desapareceu com um forte estampido, empurrando móveis, garrafas e o ushariani para longe da bolha com um vigoroso deslocamento de ar. Imune ao efeito, como todo o interior da bolha, o espadachim testemunhou a seguir as estruturas da residência que haviam sido trespassadas pela bolha deslizarem para o chão; incluindo o pilar central.

Bosta.

Parte do segundo andar despencou, trazendo a cama (e o cadáver de Barutir) para o térreo, engolfando Adapak e Telalec em uma tempestade de madeira e pedra. Tossindo em meio à sauna de poeira, o espadachim sentiu a vibração recomeçar e viu outra bolha surgir ao seu lado – esta menor e ao redor do fogão, apenas.

Estou do lado de fora, agora. Vou ser jogado para longe. SAIA.

Ouvindo o ushariani gemer de dor na outra ponta da sala, o jovem espadachim tateou a mesa de jantar e agarrou a bolsa antes de se jogar pela janela que havia utilizado para entrar na casa durante a madrugada. Ele soltou o ar sujo dos pulmões ao aterrissar no chão de terra exterior, ordenando à consciência que aguentasse um pouco mais e sondasse por inimigos.

Não há mais ninguém.

Do lado de dentro da casa veio outro estampido e com ele o som dos móveis empurrados pelo deslocamento de ar. A janela cuspiu um jato de poeira por cima da cabeça de Adapak, que se levantou sentindo o punho começar a latejar.

Telalec?! Por qu...

Depois. Agora planeje, antes que a dor chegue.

Precisava ir para um lugar *movimentado*. Dando a volta até a frente da residência de Barutir, o espadachim entrou na viela vazia que levava à praça e a seguiu, olhando sobre o ombro. Enquanto caminhava, desafivelou o cinto e o amarrou apertado ao redor do bíceps direito – era uma técnica arriscada, mas ele precisava de algo que segurasse a hemorragia o mais rápido possível enquanto a outra mão ficasse livre para defendê-lo.

Um casal de maskürrianos passou por ele e apertou o passo, assustado. Adapak não teve certeza se era devido ao ferimento ou sua aparência natural, então se lembrou de vestir a capa.

Deixei-a em cima da mesa de jantar. A faca também.

– *BOSTA!* – exclamou, ouvindo a maskürriana dar um grito assustado atrás dele. Enfiando as bainhas das espadas na bolsa (sem o cinto elas não tinham onde ficar), o jovem parou no final da viela e averiguou a praça: as esculturas do chafariz mal respiravam sobre as dezenas de transeuntes e barracas que davam vida ao comércio matinal de Urpur.

Serei parado pelas sentinelas se me virem ferido assim.

Adapak pensou no saco de moedas. Ele o removeu da bolsa, derrubou o conteúdo no fundo da mesma e, cerrando os dentes, enfiou o coto sangrento ali, amarrando-o acima do corte.

Vá.

Respirando fundo, o espadachim adentrou a multidão, segurando as calças frouxas e fazendo pressão contra o punho, atento à retaguarda. Ele esbarrou em uma venda de cerâmica e derrubou um vaso cilíndrico no chão, deixando os xingamentos do vendedor para trás ao

penetrar em uma roda de pessoas que assistiam a uma pequena demonstração artística: um gisbaniano extremamente musculoso erguia voluntários sentados em um par de cadeiras unidas por uma haste de osso. A plateia vibrou e a mão de Adapak deu uma pontada. Ele circundou a exibição e saiu do outro lado da multidão, recebendo vaias e acusações no processo.

Preciso me cobrir.

O rapaz varreu a praça com os olhos, mas durante um mês quente como Abzuku Aräh seria raro encontrar alguém vestindo muitas camadas de roupa. Havia um sinseriano encapuzado atrás de uma tenda de flores, mas ele era alto demais. Um par de mellat chamava atenção na multidão, mas não lhe serviam de nada sem roupas.

Ali.

Um sacerdote mau'lin conversava com um trio de fêmeas humanas idosas. Adapak foi até lá e tocou-lhe o ombro.

– S-senhor, eu lhe dou essas joias pelo seu roupão – ofereceu o espadachim. O mau'lin arregalou os grandes olhos castanhos.

– P-para trás, kishpü! – ele gritou, fazendo com as mãos um sinal que Adapak não soube identificar.

– Eu nã...

– Para TRÁS! – o sacerdote exclamou, se afastando e esbarrando nas humanas e no grupo de transeuntes que começou a se formar ao redor deles. Confuso, o espadachim saiu apressado na direção contrária, quebrando o pequeno círculo antes que aumentasse. Seus algozes poderiam ser facilmente confundidos por simples curiosos.

O chafariz.

Adapak esticou o pescoço acima da multidão e localizou o monumento algumas dezenas de passos à sua direita, no centro do pátio. Chegando lá, ele viu que, em contraste com a madrugada anterior, a manhã trouxera um grande número de fiéis ao redor das estátuas, deixando mais oferendas ou simplesmente orações para Os Quatro. Causando um burburinho, o rapaz atravessou o aglomerado de pessoas e passou os olhos pelo amontoado de itens.

Ali.

O bonito manto vermelho jazia estirado no chão, cercado por quatro restos de velas grossas. Um brasão dourado havia sido bordado em seu centro, indicando a família de seu antigo dono. Adapak o agarrou e se afastou do chafariz sem pestanejar, arrancando o murmúrio revoltado dos devotos horrorizados: apoderar-se de uma oferenda deixada para Os Quatro não era contra a *lei* de Eriduria até onde o espadachim apostou; apenas algo considerado imperdoável pelos Dingirī, segundo os templos afirmavam.

Adapak, contudo, sabia que isso estava longe da verdade.

Caminhando entre a multidão, ele enrolou o pano ao redor do tronco e cabeça, permitindo que apenas parte dos braços e os olhos vissem a luz do sol. A vestimenta rubra estava longe de ser considerada *discreta*, mas ainda assim fazia com que o jovem chamasse menos atenção que antes.

– Senhora, onde ficam os portões de saída mais próximos? – ele perguntou para a dona de uma barraca de quadros. A humana de cabelos alaranjados emoldurava a pintura de um castelo destruído.

– Eu, ahn... – ela disse, distraída. – Acho que para *lá*, pegue aquela rua larga ali ao lado do restaur...

As saídas podem estar sendo vigiadas.

– Não, espere – ele a interrompeu. – Pra onde fica o oeste?

– O *oeste*? Eu sei lá, garoto...

– O *porto*! Para que lado fica o porto?!

– Oh, p-para lá, ó – ela apontou.

Adapak agradeceu e se virou, quase dando um grito ao se deparar com dois mellat estáticos à sua frente. O rapaz se viu refletido nos enormes olhos ovais dos seres altos e pálidos, que haviam se abaixado para encará-lo muito de perto. Ele queria sair dali.

Adapak.

As circunferências brancas o sugavam.

Adapak.

Ele precisava sair dali. A multidão era agora uma brisa longínqua.

Ikibu.

O espadachim tropeçou para trás e pisou no pé de uma mau'lin idosa, que deixou o quadro que examinava cair. O som ambiente voltou ao normal quando ela e a dona da barraca protestaram e ele piscou com força. Os mellat continuaram a encará-lo, mas ele retornou à massa de pessoas, assustado e sem olhar para trás.

Eles estão por aqui. Eles estão. A palavra. A palavra.

Adapak olhava em pânico para todos os lados enquanto caminhava. Cada olhar que recebia era uma potencial ameaça. Cada movimento de mão era uma arma a ser desembainhada. Gotas de suor frio arranhavam seu corpo em choque.

Calma. CALMA. Pense.

Fazendo o exercício que Telalec lhe ensinara há ciclos, ele soltou todo o ar dos pulmões, deixando as batidas do coração diminuírem. Ele olhou na direção dos mellat, mas não conseguiu achá-los. Então seguiu a orientação da mulher, entrando em uma rua de pedras e seguindo-a, tentando refazer a estratégia na cabeça: originalmente seu plano de fugir para

Larsuria visava encontrar e pedir ajuda para Telalec – o que não fazia mais sentido. O continente, contudo, ainda lhe oferecia um cenário atraente: a guerra que dominava suas terras poderia desmotivar seus perseguidores, ou no mínimo dificultá-los.

Ou posso acabar morto ou capturado por um dos exércitos que não for com a minha cara.

Um quarteto de crianças mau'lin saiu correndo de uma viela transversal, assustando-o.

Meu punho.

O espadachim se esgueirou pela via por onde as crianças haviam saído. Ali, ocluso dos olhos da cidade, ele removeu o manto da cabeça, tirou o punho de dentro do saco de moedas e afrouxou o cinto do braço, pois a hemorragia havia diminuído consideravelmente. Então o jovem decidiu devolver o cinto às calças e manter somente o pano como compressa.

– Você veio *mmme* levar? – perguntou uma voz arrastada no fundo da viela.

Adapak sacou a espada e a apontou para um sadummuniano raquítico que mancava em sua direção, envolto em trapos. Seu estado deplorável acusava as dificuldades que a vida lhe impusera, ainda que exibisse um sorriso desdentado ao vislumbrar o espadachim.

– Já está na hora, não está? A Mãe Montanha o enviou, espírito..?

– Eu... não sou quem você pensa, amigo – respondeu Adapak, cobrindo as narinas por conta do fedor que o mendigo exalava.

– Quando será a minha hora? – o sadummuniano insistiu, enchendo os olhos de lágrimas.

– Eu... – ele começou a responder, modificando a resposta no final. – Em breve, amigo, em breve.

O indivíduo consentiu com a cabeça e se deitou ali mesmo, não notando as três pedras preciosas que o espadachim deixou ao seu lado antes de voltar para a rua. O mundo fora do lago não era nada simples, ele pensou.



O final da rua abriu para o porto de Urpur e uma brisa salgada penetrou os sentidos de Adapak, pintando-lhe a imagem inédita do mar: o horizonte azulado por um instante abrandou-lhe a dor, lembrando-o do famoso palco das aventuras fictícias dos irmãos Tamtul e Magano, que ele tanto lera quando era mais jovem. Tais livros, no entanto, pareciam ter deixado de lado o forte odor de peixe e a sujeira que as dezenas de barracas faziam, assim como os roedores e sepus famintos que se esgueiravam pelas pernas dos mercadores em busca de alimento.

Embarcações de diferentes tamanhos e formas aportavam nas dezenas de docas ao longo da curva que os muros do lado oeste da cidade desenhavam na costa de Eriduria. Pássaros sobrevoavam embarcações de pesca, circundando velas remendadas que confessavam a brutalidade dos mares de Kurgala. Mulheres e crianças sorridentes recebiam maridos e pais que haviam partido há muito tempo e outras choravam pelos que não mais retornariam.

Adapak buscou dentre os gritos dos mercadores alguém que parecesse disposto a dar-lhe informações; ele sabia como funcionava a estrutura de um porto, mas nunca havia pisado em um. Duas docas ao longe, ele localizou um haakiki obeso e bem-vestido empunhando uma prancheta repleta de folhas organizadas. Ele e um humano alto discutiam algo com um par de sentinelas nekelmulianas, gesticulando ao lado de um conjunto de barris vermelhos. Sua postura e aparência sugeriam um posto profissional no porto, mas abordá-lo agora seria estupidez.

Espere as sentinelas se afast...

Dor.

Adapak cerrou os olhos e apertou o braço, aguardando a pontada passar. A tontura sinalizava para a consciência que em breve ela perderia aquela briga, e era melhor que seu corpo estivesse em algum lugar seguro quando isso ocorresse.

As sentinelas finalmente se afastaram do haakiki e do humano alto, que continuaram a conversar. Antes de se aproximar, porém, o espadachim se deu conta de que o saco sobre o coto estava visivelmente molhado de sangue, então passou a bolsa para frente do tronco, ocultando a amputação.

– Senhor, eu preciso pegar um barco para Larsuria. Tenho moedas – Adapak falou com firmeza para o funcionário.

Ele parecia muito diferente das ilustrações que o espadachim tinha visto quando estudara a espécie: a carapaça grossa originalmente repleta de pequenas protuberâncias e irregularidades parecia ter sido *lixada*, assim como os característicos filamentos que pendiam de sua mandíbula como uma barba tinham sido cortados.

– *Larsuria?* – ele indagou, surpreso, avaliando-o com os seis olhos. – Está querendo morrer?

– Tenha dó, Galeb, ele pode ter família lá, ou algo assim – defendeu o humano ao lado dele, coçando uma verruga enorme no queixo.

– Sim, eu tenho – mentiu Adapak.

– Bom – o haakiki explicou com uma expressão desanimadora –, daqui você não vai encontrar barco algum indo para lá; aquele lugar está um *caos*, principalmente agora que dizem que o imperador Mashda foi morto... As forças do leste já estão tomando a área ao redor da Casa Abandonada novamente, então toda a costa está...

– Sirara já saiu? – o humano perguntou para o colega, interrompendo-o.

– Não é uma embarcação de passageiros – ele reagiu.

– Mas vai para a Casa dos Cinquenta, não vai? Nosso amigo aqui pode pegar um barco de lá para Larsuria... se souber procurar.

Era a primeira vez na vida que Adapak ouvia o nome “Casa dos Cinquenta”, mas não questionou a oportunidade.

– Essa é a próxima embarcação a sair? – ele perguntou, sentindo outra onda de dor chegando. – C-como faço para..?

– Bom, é a sétima doca, é melhor correr – recomendou o haakiki obeso, checando a prancheta.

O espadachim agradeceu aos dois e seguiu apressado pela curva do porto.

A embarcação castanho-escuro já estava sendo desamarrada da doca quando ele a alcançou. A arquitetura haakiki era evidente na comprida estrutura segmentada e nos três imponentes mastros curvos que apontavam para o céu azul de Kurgala, conferindo à embarcação a aparência de um enorme crustáceo.

– *Espera!* Espere, eu preciso embarcar! – Adapak falou para o jovem gisbaniano que soltava as cordas. Este apontou a cabeça em forma de arco para dois mau’lin que recolhiam a rampa de acesso a estibordo. Metade do lábio superior de um deles lhe tinha sido arrancado tempos atrás, a julgar pela cicatriz, expondo a gengiva vermelha e os dentes pontiagudos.

– Aqui – o espadachim falou para os marujos, tirando um punhado de moedas do fundo da bolsa. – Preciso ir até a “Casa dos Cinquenta”, por favor.

– Tem que procurar um navio de passageiros, amigo – respondeu o mais baixo deles, sem ao menos dirigir-lhe o olhar.

– Ahn, Lira, talvez possamos ajudar o sujeito, hein? – sugeriu o mau’lin de lábio cortado, cutucando o colega ao ver a quantidade de moedas que Adapak tirou da bolsa.

– Dou-lhe 90 escudos – ofereceu o espadachim, erguendo as moedas com a mão esquerda.

– O... que há com sua *pele*? – perguntou Lira.

– Não estou *doente*; me queimei quando criança e fiquei assim – ele mentiu.

Os indivíduos se entreolharam, pensativos.

– Sirara não vai gostar disso, N’ashic – o marujo mais baixo falou para o colega em sua língua-mãe, alienado ao fato de que Adapak a dominava.

– Sirara não era sequer para *estar* aqui – o mau’lin retrucou, irritado, descendo a rampa de volta até a doca. Adapak adentrou a nau, tropeçando por causa da tontura cada vez mais forte e entregando-lhes as moedas.

– Desça até o porão e diga à Kashi que lhe arrume um lugar – ordenou o marujo de gengiva exposta. – Diga que N’ashic e Lira o mandaram.

O jovem assentiu, adentrando o convés e evitando trombar com o trânsito dos tripulantes que preparavam a partida do navio; ordens eram emitidas e cabos eram puxados em grupo, preenchendo o ar com canções masculinas e o ranger da grande besta de madeira que se preparava para zarpar.

Tenho pouco tempo, ele pensou, sentindo a consciência escoar junto com o suor sob o manto. Descendo as escadas, ele encontrou o porão escuro e mais vazio que a superfície – ainda que a mistura repentina de cheiros aumentasse sua dor de cabeça. Sons de animais ecoavam de algum lugar. Um baque forte entre osso e madeira. Caixas. Sombras. Um espaço entre barris e sacos de arroz.

Adapak desmaiou.

Histórias

Seu verdadeiro destino se encontra nas entrelinhas, aventureiro!

Berosos, em *Tamtul e Magano contra a voz do Guardião Cego*

– VOCÊ NÃO TEM MEDO que alguém os roube? – T’arish perguntou, encarando Adapak com os olhos amendoados.

– Roube o quê? – o rapaz retrucou na língua dela, sentado a sua frente, distraído. Ele massageava os pés da ïnannariana, que jazia deitada de costas sobre a grama da diminuta ilha do Lago Sem Ilha. Seus cabelos ondulados se espalhavam sobre a grama, desafiando a harmonia de cores como um estranho riacho violeta. Sobre os dois jovens, a cortina de folhas cor-de-rosa da árvore era a única coisa que os impedia de ver o céu estrelado em sua magnitude. Ao sul, a lua de Sinanna os vigiava.

– Seus livros – ela falou, apontando para o baú sob a árvore de galhos curvos.

– E por que eu teria? Tristonha os protege para mim – ele respondeu, meneando a cabeça na direção da planta.

– Estou falando sério, Adapak. Você nunca tranca esse baú?

– Meu pai diz que a confiança é a mãe de todas as trancas. Se ninguém vem até aqui, por que tenho que trancá-lo?

– *Eu* venho até aqui – T’arish falou com um sorriso, expondo o dente levemente torto. Ela tirou os pés do controle dele e o cutucou nas costelas.

– Ei, ei! Não ameace um espadachim Tibaul, sua ïnannariana insolente! – brincou o rapaz de 17 ciclos, contorcendo-se com as cócegas. Ágil, ela o agarrou pelos braços e o puxou para perto de si.

– Você nunca será mais rápido do que eu, espadachim de carvão – ela sussurrou em seu ouvido.

Daquela proximidade, seu perfume o dominava e ele se inclinou para beijá-la.

– Sabe o que acho engraçado? – ela perguntou, empurrando-o para o lado no último instante e o provocando.

– O quê?

– Você ler aquelas enciclopédias todas sérias e depois aqueles livros *mentirosos*.

– Eles não são “mentirosos” T’arish, são livros de *aventura* – ele disse, se apoiando nos cotovelos.

– São livros de fantasia, não são?

– Sim.

– Fantasia é só um nome bonito para *mentira*.

– Ah, me desculpe se Tamtul e Magano não têm “problemas emocionais complexos a serem resolvidos”... – ele falou, exagerando nos gestos e careta.

– Eu não leio *só* esses tipos de histórias, você sabe disso. Garotas também gostam de aventura.

– Mas só se tiver algum tipo de *romance* no meio.

– Claro que não, seu ridículo – ela discordou, mostrando a língua.

Rindo, ele se levantou e foi até o baú sob a árvore, tirando dele um livro de capa verde.

– Veja, esse chama-se *Tamtul e Magano contra a ampulheta da Rainha Estátua* – ele disse, entregando-o à ĩnannariana. – Tem aventura e romance, por exemplo.

– Hum. E sobre o que é? – ela perguntou com um olhar desconfiado.

– Bom, depois que eles encontraram o olho de Pht’ Angü, os cinco seguid...

– Não, não, eu quero saber sobre o que é a *série* de livros.

– Ah. Eu achei que você sabia.

– Só sei que são dois irmãos.

– Sim, são dois irmãos gêmeos humanos. As histórias deles se passam entre o fim do que vocês chamam de *era Dingirĭ* e o início da *era dos mortais*...

– Vocês chamam? – ela retrucou, erguendo a sobrancelha.

– Bom, sim, vocês do... “mundo de fora”, quero dizer.

– Você conta os ciclos de outra maneira?

– Bom, *eu* gosto de contar pelo calendário dos mortais, mas meu pai não conta.

– Não conta?

– Os Dingirĭ não “contam” o tempo, Eles veem de um jeito... *diferente*. Ele já tentou me explicar, mas eu confesso que até hoje não entendi direito. Ele diz que da perspect...

– Está certo, não precisa nem começar – ela disse, esfregando os olhos. – Da última vez que você tentou me explicar como sua Casa faz *comida*, minha cabeça ficou doendo três dias...

Adapak riu. A ĩnannariana folheou o livro e perguntou:

– Você disse que essas histórias se passam *entre* o final da era Dingirĭ e o começo da era dos mortais... Mas isso não faz sentido; não teve um “espaço de tempo” entre elas; uma acabou e a outra começou!

– Você tem certeza disso?

– Bom, está escrito nos livros de história...

– E como pode ter certeza de que quem os escreveu estava falando a verdade? E se os registros dessa época tiverem sido *perdidos*? – Adapak falou com brilho nos olhos. – Segundo o autor, houve um período esquecido na história de Kurgala onde os mortais ainda estavam se encontrando depois que os Dingirĭ se recolheram às Suas Casas, um tempo onde monstros criados por Abzuku e Tiamatu ainda existiam sobre a terra e sob o mar... Um tempo onde a magia Dingirĭ ainda era presente e manipulada por feiticeiros!

– Isso... realmente aconteceu então?

– Bom, não.

T’arish franziu a testa, frustrada.

O rapaz intercedeu antes que ela falasse:

– Mas espere, *eu* sei disso porque *meu pai* me disse e... Ele é um Dingirĭ. Mas o resto de Kurgala não pode ter *certeza*, entende? Aí que está a graça! Na *possibilidade*, no “e se...”. É

aí que nossa imaginação embarca.

– Certo, eu confesso que é intrigante – ela falou, olhando o título da capa. – Mas ainda assim é difícil de acreditar...

– Se você contar a alguém que tem um relacionamento com o *Filho de Enki' Nār*, acha que alguém vai acreditar?

Ela sorriu para ele.

– Certo, você ganhou essa, espadachim...

– E você? Nunca me disse qual o *seu* livro preferido – Adapak perguntou.

Ela pensou por alguns segundos, torcendo a boca pequena pela qual ele era apaixonado.

– Quando eu era criança, adorava uma história sobre uma ñannariana que comia flores.

– *Comia* flores?

– Eu sei que a ideia é boba, mas era um livro para crianças. Ela o fazia porque as achava muito bonitas, até que um dia se dá conta de que comeu todas as flores do jardim.

– E aí?

– Não me lembro bem do final. Acho que ela se sentava e chorava.

Adapak fez uma careta.

– O que foi? – T'arish perguntou.

– Que história *deprimente*, não acha?

– É uma *metáfora*, senhor “Filho de Enki' Nār” – ela disse, revirando os olhos roxos. – Você nunca achou algo tão bonito que quisesse manter perto de você para sempre?

– Bom... – ele respondeu, passeando os olhos pelo corpo pontilhado dela.

– Pare com isso, eu estou falando sério – ela reclamou, empurrando-o e rindo.

– Eu entendi a mensagem, só achei a personagem principal um pouco... dramática.

– Qual o problema disso?

– Eu prefiro quando o protagonista *reage* ao problema, em vez de ficar parado se lamentando.

– Isso é fácil de dizer quando se pode matar dez gisbanianos sozinho – ela retrucou, cruzando os braços e olhando para o outro lado.

– Não foi isso que eu quis dizer, T'arish, seu caso foi... diferente.

Ela não respondeu, permitindo que um silêncio antipático se instalasse entre eles. Passos dali, a canoa que Adapak construía para a ñannariana roçava a margem gramada da ilha, empurrada pela brisa fresca que soprava.

– Gosto quando a noite fica assim – ele falou, tentando retomar o clima anterior. Após alguns segundos, ela mordeu a isca.

– Assim como?

– Sem nuvens – ele respondeu. – Sem lampiões acesos perto de nós, dá para ver bem as estrelas.

– O que acha que são?

– O quê?

– As estrelas.

– Ah. Meu pai diz que são “velas de outras casas”.

– O que isso quer dizer?

– Eu não tenho certeza. É como eu disse; eu não entendo exatamente tudo que meu pai diz.

– Não é assim com todos nós? – ela retrucou, voltando a sorrir.
– Eu não saberia dizer. Nunca conheci outro pai senão o meu.
– O que o impede de sair do lago? – ela perguntou, se sentando. – São as *marionetes*?
– Não os chame assim – Adapak a repreendeu, parecendo ofendido. – E não, os mellat não me “prendem” aqui, eu... poderia sair se quisesse.
– E por que não sai? Podemos visitar Thal, conhecer minha mãe...
– T’arish...
– Ele não vai *descobrir* que você saiu do Lago até estarmos bem longe, sabia?
– “A confiança é a mãe de todas as trancas”, lembra? – ele falou, fazendo-a se calar, irritada.

Mais uma vez, o silêncio desconfortável se colocou entre eles, mas após alguns instantes foi a vez da ñannariana quebrá-lo:

– O que eles são, exatamente?
– Eles quem?
– Os... mellat.
– São como guardiões. Cada uma das Casas dos Quatro é protegida por mellat. Eles são como os olhos dos Dingirī que os criou.
– E por que os que vivem ali na sua ilha são diferentes dos que existem no resto de Kurgala, andando por aí?

Adapak se sentou ao lado dela.

– Bom – ele começou, fazendo um breve hiato para organizar o raciocínio –, sabe o continente de Larsuria?
– Certo.
– Lá é onde está a Casa de Anu’ Nār...
– Anu’ Nār, o Artesão.
– Exato. Bom, ninguém sabe por que, mas Ele desapareceu de Sua Casa há pouco mais de quinhentos ciclos.
– Seu pai não sabe para onde ele foi?
– Os Quatro não se falam há milhares de ciclos, desde que Abzuku e Tiamatu foram presos em Shuru, não lembra?

Ela concordou mais uma vez com a cabeça. O rapaz prosseguiu:

– Por causa disso não se sabe exatamente o que aconteceu, mas o que sabemos é que os mellat de Anu’ Nār a partir de então ficaram sozinhos por muito tempo, vagando ao redor de Sua Casa vazia, que passou a ser chamada de “Casa Abandonada” por alguns. Até que um dia, eles simplesmente... saíram de lá.

– Saíram? Por quê?
– Ninguém sabe direito. Mas o que se sabe é que eles saíram e começaram a vagar pelo resto de Larsuria.
– Mas *quantos* eles eram? – T’arish perguntou, enroscando os cabelos entre os dedos.
– Bom, no começo eram poucos, como são os de meu pai. Mas depois eles começaram a se reproduzir.
– Eles *podem* fazer isso?

– Podem sim. Bom, do jeito deles, pelo menos. É por isso que os mellat que você vê nas cidades ou em qualquer outro lugar são diferentes dos daqui, porque eles foram... *mudando* conforme se reproduziam. Foram ficando mais inteligentes também.

– Ah, entendi.

– Então aos poucos eles foram migrando para outros continentes, criando aldeias... E hoje são o que são.

– Você sabe falar a língua deles também? – ela perguntou.

– Não.

– Minha mãe diz que eles são *sagrados* – T’arish falou, ajeitando-se na grama.

– A maioria das pessoas os considera assim – Adapak explicou. – Há templos específicos para se adorar os mellat, inclusive.

– Por que você disse “a maioria”?

– Bom, há quem diga que eles não deveriam viver por aí como as outras espécies de Kurgala, porque foram criados após Os Quatro se separarem. Dizem que os mellat não tem alma.

T’arish estremeceu com aquela sentença.

– Não diga isso! Você foi criado depois que Os Quatro se separaram e *tem* alma – ela disse, tocando o peito do rapaz. – E você é a melhor pessoa que eu conheço.

– Eu... Bom, obrigado – Adapak agradeceu, sem jeito.

– A guerra que começou em Larsuria tem algo a ver com eles, não tem? Com os mellat? – ela perguntou, encarando a canoa que balançava na margem.

– De certa forma – o rapaz disse, mudando de posição no chão –, Telalec serve os irmãos imperadores de lá e me explicou: Larsuria é regida por três irmãos, certo?

– Certo...

– Depois que Anu’ Nār se foi e os mellat também, Mashda, o caçula, começou a tentar convencer a irmã e o irmão mais velho que a Casa Abandonada deveria ser *aberta* pelo reino, para que pudessem ter controle das relíquias em seu interior... ou assim ele pensa. Quando os irmãos discordaram e o proibiram de fazê-lo, Mashda se enfureceu e dominou a costa oeste de Larsuria com parte do exército e mercenários... Daí nasceu a confusão.

– Mas eles *abriram* a Casa? – T’arish questionou, preocupada.

– Não – falou Adapak. – É impossível entrar na Casa de Um dos Quatro, a não ser que você seja um Convidado.

– O que significa isso?

– Quando um Dingirî permite que um mortal entre em Sua Casa, ele se torna um Convidado – o rapaz explicou. – Mas Mashda não é um Convidado e nunca vai conseguir entrar lá.

– Ah. E por que os imperadores se importam, então? – a ïnannariana perguntou.

– Tem algo a ver com o símbolo do poder, muito mais do que tê-lo de verdade... – Adapak disse, encarando as estrelas. – Mashda não pode abrir a Casa Abandonada, mas por controlar a área ao seu redor ele se torna politicamente poderoso... Telalec me explicou melhor, mas a maneira como os mortais raciocinam é um pouco complicada para mim, nesse sentido.

– Eu não gosto do Telalec – T’arish comentou.

Surpreso, Adapak deixou escapar uma risada baixa.

– Por quê?

– Ele é muito... *deslumbrado* – ela disse com uma careta.

– Deslumbrado?

– Sim, parece que ele acha tudo *maravilhoso*. “Olhe, Adapak, como é milagrosa a maneira como a linda água da chuva escorrega pelos galhos da árvore até a casinha dos insetos!”

– Hahah! Ele não é assim! – o rapaz contestou, se divertindo.

– *É, sim!*

– Bom, eu... Eu não devia dizer isso, mas ele também não *adora* você.

– O QUÊ?

– Ah! – o rapaz reagiu, sorrindo. – *Você* pode desgostar dele, mas *ele* não pode desgostar de você?

– Não é isso, eu... Eu só não fiz nada para que ele não gostasse de mim.

– Você talvez tenha sido um pouco... *honesto* demais com ele.

– O quê? – ela reagiu, se levantando. – O que isso tem a ver?! Quando?!

– Calma, T’arish, não é nada demais.

– O que ele disse?

– Telalec não disse *nada*, eu é que estou sugerindo que talvez isso possa ter contribuído, só isso!

Irritada, a ïnannariana encarou em silêncio o rapaz de pele negra sentado na grama.

– Adapak, o que você acha que eu falei que possa ter feito ele não gostar de mim? – ela insistiu.

– Você... disse a ele que achava estranho um espadachim experiente como ele ter perdido a mão em um combate.

T’arish arregalou os olhos.

– Mas não é?! – ela protestou, abrindo os braços. – Ele tem *três* braços! *Três braços*, Adapak, quem perde uma luta quando se pode usar *três espadas*?!

– Não importa, T’arish! – ele falou, rindo. – Você não gosta dele, isso não é importante!

– *Pare de rir*, isso não é engraçado!

– Isso é *extremamente* engraçado!

O Verme do Mar

Monstros não existem.

Magano, em *Tamtul e Magano contra o gigante de vidro.*

– PELOS QUATRO QUE SÃO UM, olhe só para esse sujeito – sussurrou a voz grossa.

Adapak abriu os olhos, devagar. Debruçados sobre ele estavam três marujos, encarando-o na meia-luz como crianças descobrindo algo proibido. O mais próximo, um haakiki de grossos filamentos pendendo do queixo quadrado, abriu um sorriso largo e ergueu as mãos ásperas assim que viu o espadachim despertar:

– Calma, companheiro, não vamos te machuc... Ei, *guarde* essa coisa, Laattu! – o haakiki falou para o humano logo atrás, que empunhava sem jeito uma pequena faca de cerâmica.

– D-desculpe, Ollak – ele disse, colocando-a para trás das costas. O homem magro vestia um avental sujo e fedia a gordura.

– Vejam os olhos dele – apontou o terceiro indivíduo; um esuru idoso empunhando um lampião. – Acho que é cego...

– Eu... não sou *cego* – respondeu Adapak, começando a se levantar e sentindo as costas estalarem; ele ainda se encontrava no pequeno espaço entre os barris amarrados e alguns sacos de arroz, onde havia desmaiado. O manto vermelho havia caído sobre seus ombros e revelava seu rosto sob a luz trêmula que o esuru segurava. Igi e Sumi descansavam nas bainhas do cinto e a bolsa repousava no chão aos seus pés. Adapak imaginou se a tinham vasculhado.

– Sirara já sabe... *dele?* – perguntou o humano para os colegas, hesitante.

– N’ashic disse para não falarmos *nada*, Laattu – respondeu Ollak, dando um passo para trás para que o espadachim pudesse se apoiar nos barris. Quando sua mão direita pareceu transpassar o apoio, ele se lembrou que o membro não estava mais ali.

– Ele está *ferido* – sussurrou o esuru para os companheiros, rangendo as extremidades do bico com um som desagradável. – N’ashic não mencionou isso...

– Há quanto tempo deixamos o porto? – Adapak perguntou, ainda tonto. Sentia sede e fome. Lá fora, o mar parecia calmo.

– Sinanna já brilha no céu – o haakiki respondeu. – Você ficou deitado aí um bom tempo, companheiro, alguns dos tripulantes estavam começando a ficar... inquietos.

– Já ouvi falar de feiticeiros em Shuru que usam relíquias Dingirî para modificar os próprios corpos – o esuru opinou. – Meu avô os chamava de *kishpü*. Ele pode ser um.

– Shuru? – reagiu Ollak, balançando os filamentos do queixo. – Não há nada lá além de areia e vidro. E *lendas*.

– Eu não sou um feiticeiro – Adapak falou, categórico.

– G-Gala está dizendo a todos que ele é o espírito de um suposto “rei de fogo”. “*Salmu-*

Alguma-Coisa”... – falou o humano, tímido. Os outros o olharam.

– Gala é *louco* – disse o haakiki, irritado. – E aquele templo dele está *cheio* de loucos.

– Eu não sou nada disso – interrompeu Adapak. – Eu precisava sair de Urpur e fiz um acordo com um mau’lin desse navio, só isso. Ele tinha o lábio...

– ... *N’ashic*. Sim, ele nos explicou – falou Ollak, vendo o espadachim tirar o coto de dentro do saco e se certificar de que não mais sangrava. A dor, contudo, ainda estava presente.

– Está vendo, Laattu? Ele não é um “espírito”. Espíritos não perdem a *mão* – apontou o haakiki.

– Eu não gosto disso – falou o esuru ao fundo. Seu braço fino tremia, oscilando a luz do lampião.

– Não gosta do quê? – perguntou o humano ao seu lado, esfregando as mãos nervosas no avental.

– *Disso* – ele insistiu, apontando a luz para Adapak. – Desse sujeito, *olhem para ele!*

– Ele é problema de *N’ashic*, Laattu, não nosso – falou Ollak.

– Eu não sou “problema” de ninguém – se defendeu o espadachim, pegando a bolsa do chão.

– Obviamente você é o problema de *alguém* – retrucou o esuru, olhando preocupado para seu braço amputado.

– Escute, eu não vou causar confusão alguma, só preciso chegar até... Até o nosso destino. Posso ajudar no trabalho por aqui, sei como um navio desses funciona.

Sei em teoria.

– Não precisamos de nada seu, feiticeiro – o esuru resmungou, se afastando e levando consigo o lampião para longe da conversa. O humano travou um breve conflito interno e resolveu segui-lo, deixando Adapak e o haakiki na quase completa escuridão do porão.

– Me chamo Ollak – o haakiki falou, lhe estendendo a mão de seis dedos. O jovem notou que a carapaça rósea do marujo exibia pinturas complexas dentre as diversas protuberâncias irregulares, ilustrando a história de sua família, como muitos da espécie faziam.

– Adapak – o jovem retribuiu, cumprimentando-o. – Não tem *medo* de mim, Ollak?

– Se me disser o que você é, não terei razão para isso, companheiro – ele respondeu com um meio sorriso.

O espadachim pensou um pouco.

– Eu... não sei mais quem eu sou – respondeu, sentindo a dor no punho aumentar. Ollak o estudou por um momento.

– Bom, quando souber terei prazer em ouvir – ele reagiu, virando-se para ir embora. – Não é todo dia que se encontra um sujeito como você, companheiro...

– Espere, quanto tempo de viagem até nosso destino?

– Se Os Quatro soprarem a nosso favor, quinze ou vinte luas.

– Obrigado.

Ollak deu alguns passos em direção ao fundo no navio, parou como se ponderasse algo e então fez um sinal para Adapak.

– Escute, procure por Kashi, lá em cima. É um maskürriano magrelo, acho que ele pode te ajudar a cuidar *disso* aí.

– Ele é o curandeiro do navio?

– Curandeiro? – ele riu. – Companheiro, não temos nada disso por aqui.

– E... o que acontece quando alguém se machuca ou adocece?

– Normalmente *morre* – o haakiki respondeu, dando de ombros. Assim que ele se afastou, o espadachim se despiu do manto e abriu a bolsa para ver se tinha sido roubado, mas não; as moedas continuavam espalhadas no fundo, junto ao cantil, a carta e outro item que ele não reconheceu.

– Pela Matriarca... – o jovem sussurrou, tirando o pequeno livro de anotações de Barutir de dentro da bolsa.

Foi quando saí para os fundos da casa.

Sentindo-se imensamente culpado, Adapak deixou o objeto cair de volta na mochila. A última imagem que tinha de Barutir era a do homem encarando o próprio umbigo em uma grotesca pose pós-decapitação.

Telalec. Por quê?

Perturbado e incapaz de responder, o jovem abriu o cantil e sorveu o resto da água quente que ali restava. Sentia cheiro de comida em algum lugar do porão silencioso, mas isso podia esperar. Guardou os pertences na bolsa, refez o caminho que fizera de manhã e subiu as escadas.

A luz de Sinanna o recebeu na superfície, transformando sua pele negra em prateada. Acima, metade das velas arredondadas inflava com o vento salgado, empurrando o navio lentamente para o destino ainda envolto em mistério. Longe dali, no alto do castelo de popa, duas silhuetas conversavam à roda do leme, engajados em alguma história intrigante. A atividade no convés era pouca: um par de humanos verificava displicentemente os arpões da bancada estibordo, enquanto um haakiki de pés sujos roncava baixo no interior de uma das canoas a bordo, com as mãos ainda agarradas à garrafa de bebida que provavelmente o derrubara. Próximo à proa, um humano jovem, na faixa de 15 ciclos ou menos, apertava as amarras de um conjunto de caixotes empilhados. Metade de sua canela direita havia sido substituída por um pedaço de madeira, mas ele não demonstrava dificuldade em executar o trabalho sob o lampião preso ao mastro.

– Com licença... – Adapak o chamou, na língua humana. – Estou procurando por Kashi, sabe onde...

– Ele é mudo – interveio um velho maskürriano acima do peso, saindo de trás dos caixotes e fumando uma raiz de mochi enrolada em papel.

A barriga proeminente sugeria um apreço especial pela bebida, mas a pele era ainda mais frouxa do que seria natural da espécie, com dobras extras presas umas às outras por diversas argolas de bambu. Adapak lera nas enciclopédias que o sal do mar causava aquele efeito na

epiderme dos maskürrianos e se surpreendeu com a criatividade com que a cultura dos navegantes lidava com aquilo.

– Você é Kashi? – o espadachim perguntou, na língua dele.

– Sim – ele respondeu, intrigado. Logo atrás, o humano jovem parou de amarrar os caixotes para observá-los, mas retornou à tarefa quando o marujo lançou-lhe um olhar de autoridade.

– Ollak me mandou procurá-lo – Adapak concluiu. – Eu s...

– Eu sei quem você é, olhos brancos, o *navio inteiro* já sabe. Menos Sirara, acho.

– Sirara é o capitão? Acha que eu dev...

– O que houve com sua mão?

– Eu... a perdi.

O marujo entortou o rosto flácido.

– Você a *perdeu* ou alguém a *arrancou fora*?

– E-eu... Estão tentando me matar – ele confessou, arrependendo-se logo em seguida. A dor estava voltando a comprometer seu julgamento. O marujo o estudou com cuidado enquanto tragava a raiz, como se buscasse a veracidade daquela declaração.

– Normalmente é o que fazemos com o que é *diferente* – Kashi finalmente falou, soltando a fumaça. – Bom, o que você quer?

– Água limpa e ataduras, se possível. Preciso limpar meu ferimento.

– Não vai conseguir fazê-lo sozinho, acredite – ele disse, fazendo em seguida uma série de sinais para o ajudante humano, que se afastou dos caixotes mancando e desceu a escada por onde Adapak havia subido.

– Deixe-me ver o estrago, enquanto isso – Kashi pediu, apontando para o antebraço do espadachim.

– Eu ainda o sinto.

– É *normal* – o marujo falou, encarando o coto sem desconforto aparente. – É, não está tão mal, o corte foi limpo. Quem quer que o tenha feito, sabia o que estava fazendo.

Após algum tempo, o menino voltou com um pano branco e uma moringa d'água. O maskürriano apagou o fumo na lateral de um dos caixotes e fez sinal para que ele segurasse com firmeza o braço do espadachim.

– Agora prepare-se, rapaz, porque isso vai doer, certo?

Adapak concordou com a cabeça e abafou o grito quando o marujo começou a limpar o coto. Ele conheceu um novo tipo de agonia ao sentir como se o líquido passasse através de seus dedos inexistentes e lhe queimasse a palma da mão. O maskürriano fez o possível para limpar o coto naquelas condições improvisadas, enrolando-o com o tecido branco ao terminar.

– Acho que é isso – ele disse, alertando ao ajudante mudo que não pisasse na poça avermelhada que se formou nas tábuas do convés. Nauseado, Adapak não conseguiu agradecer, apoiando-se nos caixotes. Em sua mente flutuava a imagem de sua mão perdida entre os escombros da casa de Barutir.

– Torça para que o ferimento não se *corrompa*, olhos brancos – o maskürriano falou, lavando as mãos com o resto da água. – Se começar a notar um inchaço e uma vermelhidão em volta, reze para Os Quatro, porque é a única coisa que pode adiantar.

– O-obrigado.

– Como fala minha língua tão bem?

O espadachim titubeou sobre a resposta.

– Eu... aprendi. Minha Casa me ensinou.

Kashi o encarou, aguardando um desenvolvimento melhor da resposta, que não veio. Aproximando o rosto do jovem, ele então falou:

– Escute, garoto, você... Eu ia dizer que você me parece um sujeito inteligente, mas para ser honesto eu não sei *o que* você se parece, então vou apenas lhe dizer o seguinte; não seja... *sincero* assim com o resto da tripulação, entendeu?

Segurando o antebraço enfaixado, Adapak concordou com a cabeça.

O maskürriano completou:

– O clima não anda muito bom por aqui há tempos e a sua presença com certeza não ajuda os nervos de ninguém. Minha sugestão é que encontre um canto escuro e longe de todos e espere até que aportemos em Caspama.

– Eninnü?! – Adapak exclamou surpreso, finalmente entendendo para onde navegavam. O marujo o olhou com estranheza.

– Nunca ouvi chamarem-na disso aí.

– Isso foi antes dos Quatro se retirarem – o jovem explicou, pensativo. – Os cinquenta marujos de Löb, claro, faz sent...

– Kashi, o que está fazendo? – perguntou uma voz feminina atrás deles.

Uma humana e um casal de nekelmulianos se aproximavam com cautela, afugentando a escuridão com lampiões de óleo. As posturas e mãos nervosas sobre os cabos das espadas embainhadas fizeram com que os Círculos se acendessem na mente do espadachim, confusos quanto sua nova configuração anatômica.

Calma.

– Eu estava ajudando nosso convidado a fazer um curativo – Kashi respondeu apreensivo, ordenando ao ajudante humano que retornasse ao porão.

– Preciso que entregue suas armas – falou o imediato nekelmuliano para Adapak, com voz estridente e postura de autoridade. Ele pendia delicado em meio aos oito tentáculos, com o corpo azul-espelhado refletindo a luz da lua. A fêmea da mesma espécie tinha a mesma coloração, mas parecia mais nova. E *menos* confiante.

– Não posso fazer isso – o espadachim respondeu, sentindo a voz fraquejar. Tensa, a nekelmuliana girou o enorme globo ocular azul para a fêmea humana.

– Você não tem escolha – falou a mulher, dando um passo firme à frente e o encarando com o rosto confiante. Nos livros de Tamtul e Magano as humanas prezavam por madeixas longas e enfeitadas, mas esta tinha cabelos negros e um corte curto e rebelde. Assim como os demais tripulantes, poucas roupas lhe cobriam o corpo saudável, expondo a pele bronzeada pelo sol de Kurgala. O espadachim deu-lhe 25 ciclos de idade.

– Sirara quer vê-lo em sua cabine, *agora* – a voz estridente do imediato ordenou novamente. Adapak sentiu a familiar pontada de dor na consciência.

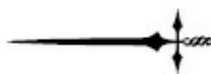
– É melhor obedecer, olhos brancos – sugeriu Kashi, dando alguns passos sutis para trás.

Bosta.

O espadachim ergueu os braços lentamente em sinal de rendição, sentindo o coto latejar. Temerosa, a nekelmuliana se aproximou e se apropriou das bainhas de Igi e Sumi, assim como da bolsa do rapaz. Este foi escoltado através do convés, notando as cabeças curiosas surgindo nas escadas do porão e por trás de engradados.

– O Imperador Negro juntará os Nove Mil Homens! – gritou alguém no fundo, sendo repreendido por vozes abafadas logo em seguida.

O jovem olhou sobre o ombro, mas não identificou o autor da frase.



A mulher alcançou a porta do castelo de popa primeiro e a abriu, fazendo sinal para que ele entrasse. Pelo estado da cabine, o espadachim deduziu que o capitão fosse um indivíduo organizado; a cama ao lado do armário estava feita, a estante de livros ordenada e todos os lampiões acesos. Seguros por três pesos de papel em forma de patas de sisu, dezenas de anotações e mapas decoravam a superfície da mesa de centro, balançando sob a brisa salgada que penetrava pelas janelas entreabertas ao fundo. Encostado na parede leste do aposento arredondado estava N’ashic, o mau’lin de lábio rasgado que deixara Adapak entrar no navio em Urpur. Ao lado dele, remexendo nos bolsos e nervoso, estava Lira, seu colega mais baixo.

– Sente-se – ordenou o imediato azulado, apontando para a cadeira em frente à mesa. Adapak obedeceu, vendo a nekelmuliana que carregava seu equipamento encostar na parede oeste e começar a vasculhar a bolsa. A humana que o escoltou até a cabine deu a volta na mesa e se sentou na cadeira principal.

– Eu sou Sirara Nanshe, capitã desta nau – ela falou, ajeitando-se no assento.

N’ashic revirou os olhos ao ouvir a frase, mas somente Adapak pareceu notar a reação.

– Eu... sou Adapak, senhorita.

Houve um instante de silêncio na cabine.

– Vejo que tem *modos*, senhor Adapak, o que é promissor – ela falou, arqueando as sobrancelhas. Apesar de queimada pelo sol, o espadachim achou sua pele boa demais para alguém naquela linha de trabalho.

– Entendo que meu empregado N’ashic o autorizou a viajar no *meu* navio – ela disse.

– Sim – o jovem de pele negra respondeu, lançando um discreto olhar para Igi e Sumi em poder da nekelmuliana ao lado. Em sua mente, os Círculos sugeriam que quebrasse a garganta do imediato azulado atrás de si, roubasse a espada da capitã em seguida, assassinasse a mulher, trespassasse a jovem nekelmuliana e recuperasse as espadas gêmeas antes que os dois mau’lin pudessem sequer reagir.

Mas sem sua mão direita, os Círculos ainda não tinham certeza.

Mesmo se funcionasse, e depois? Assassinar o resto do navio? Idiota.

– Você é um *feiticeiro*, senhor Adapak? – a capitã perguntou.

– *Não*, eu não sou um feiticeiro – ele respondeu sem paciência, sentindo o coto dar uma pontada.

– Veja isso, Sirara – disse a nekelmuliana, desembainhando Sumi até a metade. – Olhe só a *cor* dessa lâmina – ela falou, genuinamente espantada. – Nunca vi uma assim tão *branca*, esse an**ä**rr deve ter mais de 100 ciclos, no mínimo.

– Nem eu ou minha irmã podemos *ver* este *Adapak* como vocês, Sirara, então me diga; qual o problema dele? – o imediato atrás do espadachim perguntou. A humana olhou para o rapaz, pensativa.

– O “problema” é que ele *não* é nada, Thrrrilo. A pele dele não têm pelos e é negra como carvão. E os olhos são brancos, ainda por cima... Pode nos dizer o que você é, senhor *Adapak*?

Ele respirou fundo.

– Eu sou... filho de Enki’ N**ä**r.

A cabine estourou em gargalhadas.

– Certo – a capitã Sirara falou, enxugando os olhos úmidos. – E por que o filho de *Um dos Quatro* precisa tanto de uma carona até a Casa dos Cinquenta?

Adapak considerou a resposta mais uma vez.

– Eu... Alguém está tentando me *matar*. Eu precisava sair de *Urpur*.

– Entendo – a mulher disse irônica, olhando para seu punho amputado. – E quem seria louco o bastante para querer matar um *deus*?

– Estou tentando descobrir – o jovem respondeu soturno, tirando o sorriso jocoso da capitã.

A cabine ficou em silêncio até que o mau’lin Lira o quebrou, tímido:

– A palavra no *Martelo Torto* era de que um *trovão* tinha caído no Lago Sem Ilha...

– E desde quando o que se ouve em tavernas se leva a sério? – retrucou N’ashic, irritado.

– Bom, ele parecia com bastante *pressa* hoje de manhã – Lira insistiu, encolhendo os ombros e lançando um olhar intrigante para a capitã.

– Deuses não *sangram*, Lira – falou Thrrrilo, o nekelmuliano mais velho, apontando para o antebraço enfaixado de *Adapak*. – Eu ainda aposto na primeira teoria... O que foi que você fez, hein, feiticeiro? Sequestrou a criança de algum imperador zangado?

– Eu já disse que n...

– Feiticeiro ou não, se ele está mesmo sendo perseguido, agora *nós* podemos estar correndo perigo – a nekelmuliana sugeriu. A luz dos lampiões da cabine brincava em seu corpo espelhado.

– Minha irmã tem razão – falou Thrrrilo. – Belo trabalho, N’ashic.

– Vocês estão vendo isso pelo ângulo errado – o mau’lin arriscou. – Pode haver uma *recompensa* por ele.

Outro silêncio se instalou na cabine.

– Não sou esse tipo de pessoa, N’ashic – a capitã por fim falou.
– Seu tio pensaria nisso como uma forma de nos tirar desse buraco q...
– Meu tio está *morto*, N’ashic, e *EU* sou sua empregadora agora – ela o interrompeu, levantando-se da cadeira e lhe dirigindo um olhar reprovador. – Se não estiver satisfeito, fique à vontade para buscar outro emprego assim que aportarmos.

– Talvez eu o faça – o marujo retrucou, passando a língua na gengiva superior exposta. – E talvez metade da sua “tripulação” o faça também. Sem seu tio, você não é tão querida assim...

– Já chega – a jovem nekelmuliana falou, dando um passo à frente e quase esbarrando em um belo globo de madeira ao lado da mesa, representando Kurgala. Adapak notou algumas irregularidades na disposição dos continentes, mas guardou a curiosidade para si.

– Qual foi a quantia que meu empregado aqui cobrou para que o senhor viajasse conosco, senhor Adapak? – a humana perguntou, voltando a se sentar.

– Confesso que não me lembro – o jovem disse. A cabine encarou N’ashic.

– Quarenta escudos – o mau’lin mentiu, cruzando os braços.

– Deixe *cinquenta* na minha mesa e saia daqui – a capitã ordenou. – E seu eu precisar de mais para pagar as refeições do nosso convidado, tirarei do *seu* soldo.

O mau’lin jogou as moedas no chão da cabine e saiu pela porta, resmungando algo em sua própria língua. Adapak traduziu como “fêmea cujo órgão reprodutor é desagradável ao olfato”, ou algo parecido.

– O senhor pode ir também, senhor Lira. – Sirara ordenou e o marujo assustado obedeceu, deixando o jovem de pele negra a sós com ela e os imediatos nekelmulianos. Lá fora, o mar também parecia ter ficado mais inquieto.

– Bem, senhor Adapak – a capitã retomou, agora soando cansada –, como pôde ver, tenho problemas suficientes nas mãos, então a pergunta que preciso que me responda honestamente é: você será *outro* problema?

– Não. Só preciso chegar em Eninnü – ele respondeu, em seguida se corrigindo. – Casa dos Cinquenta, quero dizer.

A mulher lançou um olhar incerto para o casal de irmãos, que lhe retribuíram com um aceno positivo.

– Certo, vou deixá-lo à vontade e lhe devolver a bolsa, mas suas armas ficarão comigo até que aportemos – ela explicou, vendo a nekelmuliana as guardar em um baú atrás da mesa e lhe entregar a chave. – Não se preocupe, vou *devolvê-las* também. Não sou ladra.

– Me desculpe pela confusão – pediu Adapak, se levantando e recebendo a bolsa das mãos da jovem criatura espelhada. – Se eu pud...

– ...EERME DO MAR!!! – gritou Ollak, escancarando a porta da cabine e adentrando o aposento. Ele parecia desesperado.

– O *quê*?! – Sirara falou, se levantando. – Aqui?! Tem *certeza*?

– S-sim, senhora! – o haakiki exclamou, olhando em seguida para os imediatos. – *Vocês!* Vocês não os sentiram?!

– Sirara pediu que nós dois focássemos *nele* – o marinheiro espelhado respondeu, apontando para Adapak.

– O que está havendo? – este perguntou, vendo todos correrem para fora da cabine. Antes de sair, a capitã parou ao seu lado e o encarou com o rosto tenso:

– Se é mesmo filho de Enki’ Nār, garoto, peça que seu pai nos proteja.

A luz de Sinanna recebeu o espadachim novamente no convés, mas desta vez o navio estava fervilhando de movimento: grupos de marujos corriam para afrouxar amarras complexas, permitindo que o restante das velas adormecidas despertasse para o trabalho. Thrriilo havia alcançado metade da rede até o topo do mastro principal, lutando para se segurar no balançar do mar agitado.

E então Adapak ouviu o som mais tenebroso que já testemunhara na vida.

A princípio ele achou que o casco do navio pudesse ter arrastado em algo; um lamento longo e doloroso soou sob a embarcação, fazendo congelar o coração da tripulação.

– *Não parem!!* Temos que sair do alcance deles!! – gritou Sirara, comandando o timão no castelo de popa, acima da cabine de onde Adapak saíra. Ao seu lado, a nekelmuliana varria o horizonte negro com uma velha luneta. O objeto tremia em suas mãos.

– ALI! – exclamou um ushariani agarrado aos cabos de um conjunto de barris a bombordo. Seu aviso competiu com as dezenas de outros gritos do convés e precisou ser repetido diversas vezes até que toda a tripulação tivesse consciência do anúncio.

– Pela Matriarca... – Adapak sussurrou, localizando o colossal volume cor-de-rosa roçar o nível da água ao lado do navio. Sua mera passagem ondulou a superfície de tal maneira que a embarcação inclinou vários graus para a esquerda, negando o equilíbrio de todos. O espadachim se segurou à porta da cabine com a mão esquerda e esticou o braço amputado para que um marinheiro humano se segurasse, por pouco não rolando através do convés.

– O que é aquela coisa?! – Adapak perguntou para o homem, sentindo a embarcação retornar ao ângulo correto.

– VERMES!! Entramos no meio de um *ninho*!!

Um estrondo sob o casco sacudiu a embarcação e esta diminuiu consideravelmente de velocidade, apesar das velas inchadas pelo vento noturno. Aqueles que não conseguiram se segurar a tempo foram jogados em direção à proa do navio, junto aos caixotes e barris cujas amarras não suportaram o tranco. Um ñannariano acertou em cheio o primeiro mastro, caindo desacordado e pintando a madeira de vermelho.

– Um nos pegou! – gritou Ollak, agarrado ao corrimão das escadas do castelo de popa.

O lamento horroroso ecoou mais uma vez das profundezas do oceano, despertando uma memória antiga na mente de Adapak.

Meu pai diz que há coisas no mar de Kurgala capazes de comer navios.

– Recolham as velas! *Rápido!* – ordenou a capitã em meio ao caos. Os marujos gritavam a ordem logo em seguida, gerando um eco robusto através do convés até que ela fosse executada. A madeira dos mastros gemeu sob a força do vento, incapaz de impulsionar a embarcação, que parecia *agarrada* a algo.

Comer navios.

– Controle-se – o espadachim sussurrou para si, se juntando ao haakiki no corrimão.

De súbito, o barco deu outro tranco, voltando a avançar. Gritos de vitória preencheram o ar.

– O que houve?! – o jovem perguntou ao haakiki, que erguia o punho em vitória.

– Um dos imediatos deve ter acertado o que nos agarrou!

– Acertado *o quê?*!

Outro estrondo atingiu-lhes com força, agora no lado inferior esquerdo da embarcação e fazendo-a girar bruscamente enquanto mais uma vez reduzia a velocidade. Um grito estridente cortou o ar quando Thrrrilo despencou do cesto do mastro, desaparecendo na escuridão do mar agitado. Ao lado da capitã, sua irmã gritou em desespero.

A tripulação correu para a balaustrada a bombordo do navio, desamarrando os arpões das presilhas e os arremessando contra algo abaixo. Adapak largou a segurança do corrimão e correu até lá, agarrando-se à borda e compreendendo finalmente o que se passava: uma enorme massa cilíndrica tinha emergido da água e se agarrado à lateral do casco segmentado do navio. Como um bebê desesperado pelo leite materno, a criatura se prendera à madeira graças às dezenas de pequenos dentes negros ao redor da boca circular e agora puxava a embarcação para baixo. O corpo branco, liso e viscoso projetou-se a partir de um maior, cor-de-rosa e pontilhado de crustáceos como o rosto de um adolescente acanhado. Um cheiro azedo empestava o ar.

Vermes.

O espadachim de fato conhecia o termo graças aos livros de aventuras dos irmãos Tamtul e Magano que lera na infância, mas lá a descrição deles era tão fantasiosa que ele não tinha feito a conexão até agora. O que os marinheiros chamavam de “vermes do mar” eram na verdade mursuazagues: seres marinhos de comprimento colossal, cujos corpos anelídeos permaneciam fixos no solo marítimo enquanto as cabeças buscavam alimento na superfície. Nos livros de fantasia, eles eram descritos como monstros de feições malignas que sugavam o sangue de marinheiros com línguas compridas que invadiam o convés.

Aqui, Adapak via um animal. Um animal *faminto*, mas um animal.



Os marujos arremessavam vigorosamente os arpões contra o mursuazague, mas as armas mal o penetravam. A criatura puxava sua nova presa para baixo, mas o navio lutava para se manter acima da água, ainda que bastante inclinado para a esquerda. Adapak olhou para o castelo de popa e viu a capitã Sirara discutindo com a jovem nekelmuliana, que parecia catatônica. O verme soou seu lamento estrondoso e a embarcação afundou até quase passar da linha do convés, retornando à altura anterior logo em seguida. Alguns tripulantes haviam abandonado os arpões e se juntado à discussão entre a capitã e a nekelmuliana, que não saía de seu estado apático. Gritos de orações aos Quatro podiam ser ouvidos pelo convés. O nome de Enki’ Nār chegou aos ouvidos de Adapak.

É fácil se tomar boas decisões quando não há mais opções.

O jovem arremessou a bolsa na direção da porta da cabine e passou os olhos dentre os marinheiros na balaustrada. Havia um humano portando uma pequena faca de cerâmica na cintura, que o espadachim furtou ao passar por ele correndo. Em seguida tropeçou até uma pilha de barris e cortou a amarra principal que os mantinha unidos, permitindo que rolassem livres pelo convés caótico. Retornando até a borda, ele passou o cabo pela abertura inferior de escoamento e o amarrou com um forte nó, lutando contra a dificuldade de fazê-lo com apenas uma mão. O navio sofreu outro puxão. Recobrando o equilíbrio, Adapak passou a outra ponta do cabo ao redor da cintura e deu outro nó.

E então ficou de pé sobre a balaustrada, guardou a faca no cinto e saltou do navio.

O espadachim aterrissou sobre o mursuazague, mas escorregou na viscosidade da superfície e tombou para o lado do corpo cilíndrico, deslizando em direção ao mar. O cabo o impediu de cair na água, mas o jogou contra o lado do navio como um pêndulo vivo.

Vamos.

Ignorando a dor na cintura, Adapak escalou o casco do navio com dificuldade e saltou de volta para o animal, usando a faca roubada para se fixar melhor. Galgando-o com dificuldade, ele logo alcançou o topo novamente e se segurou nos arpões previamente arremessados pela tripulação, que agora testemunhava atônita a cena. Lutando contra o balanço, a água do mar que lhe respingava o rosto e o cheiro azedo insuportável, o rapaz começou a contar mentalmente os grandes anéis do corpo da criatura, a partir da enorme boca presa à nau.

Ali.

Logo atrás do quinto anel, Adapak se ajoelhou, guardou a faca no cinto e levantou com dificuldade uma membrana grossa e levemente transparente, quase imperceptível a olho nu. Ele então prendeu a respiração e se enfiou por ela.

Ali dentro, o mundo deixou de ser caótico: o som do oceano revoltado e dos gritos apavorados tornou-se um ruído abafado e longínquo, ainda que assustador. Na escuridão úmida e pegajosa, Adapak Tateou.

Mais fundo.

Seus dedos finalmente tocaram a protuberância arredondada e ele sorriu. O jovem a agarrou e a puxou com força para fora da cavidade, expondo-a para o ar frio da noite. E então sacou a faca da cintura e a cravou com violência no órgão rosado.

O mursuazague ecoou sua trombeta hedionda e se despreendeu imediatamente do casco segmentado do navio, lançando farpas de madeira pelo ar e puxando o corpo gigantesco para trás. O cabo amarrado à cintura de Adapak impediu que ele fosse junto ou caísse no mar, mas o jogou contra a lateral do navio mais uma vez, atordoando-o com o baque. Piscando e tentando enxergar além dos respingos e do vento que lhe castigavam o rosto, ele vislumbrou

o colossal verme serpentear o corpo branco para trás e o recolher para o interior da massa cor-de-rosa, que por sua vez retrocedeu para o fundo do mar, gerando uma onda gigantesca que balançou a embarcação de Sirara ainda mais. Exausto, o espadachim sentiu o cabo puxar e olhou para cima, vendo dois marujos se esforçando para trazê-lo de volta ao convés enquanto as velas novamente infladas empurravam o navio para longe do horror.

Veneno

Parto, mas deixo metade de minha alma contigo.

Magano, em *Tamtul e Magano contra a ampulheta da Rainha Estátua*.

NAQUELA NOITE, as estrelas brilhavam de um modo diferente. A noite não era *noite* exatamente, mas a escuridão que a caverna se encontrava no momento. As estrelas também não eram *estrelas* propriamente ditas, mas centenas de milhares de pontos verdes no teto da gigantesca câmara. Uma brisa com um leve cheiro de grama e terra molhada soprava sobre a pele negra do rapaz de 18 ciclos de idade, que admirava o cenário deitado em sua cama.

Naquela hora difícil ele precisava de um céu estrelado, então sua Casa fizera um para ele.

– NÃO CONSEGUE DORMIR? – indagou Enki’ Nār, se aproximando de Adapak. A textura irregular do chão tornava-se uma pista lisa e perfeita conforme o caminhar do Dingirī, emanando uma leve luminescência a cada passo que o ser dava.

– Não, pai – respondeu o rapaz.

– ELA?

Adapak confirmou com a cabeça. Ao lado de seu leito, os cristais do piso moldaram-se em um grande trono para o Dingirī se sentar, derramando a miríade de tentáculos sobre o solo esmeralda. Ele focou os olhos azuis nos olhos brancos do jovem e emanou Sua Voz:

– COMO É?

– Como é o quê?

– COMO É... A SENSAÇÃO?

– *Você* está me perguntando algo? – falou o rapaz, se sentando na cama. – Isso é raro.

– DINGIRĪS NÃO TÊM RELAÇÕES DESSA NATUREZA. AMAMOS, MAS DE OUTRA MANEIRA.

Adapak pensou um pouco.

– Sabe a história onde Magano conhece a Rainha Estátua?

– UM DOS PRIMEIROS LIVROS QUE LHE DEI.

– Quando eles têm que se separar, ele diz algo mais ou menos como “perdê-la foi pior do que a morte”. Eu sempre achei essa frase muito exagerada... Mas acho que pensei assim porque a interpretei errado.

– EXPLIQUE.

– Achei que ele se referia à morte *dele*, mas hoje acho que a frase se referia à morte *dela*. Como em “perdê-la foi pior do que se ela tivesse morrido”.

– DE QUE MANEIRA?

– Se a Rainha Estátua tivesse morrido, não haveria nada que Magano pudesse fazer para reavê-la. Ele iria sofrer a perda, mas seria uma história cujo fim foi determinado por algo além da sua capacidade de mudar. Algo irreversível. Me separar de T’arish foi muito diferente disso.

– PROSSIGA.

– Foi como se arrancassem parte da minha história à força, mas em vez de *desaparecerem* com ela, a trancaram em uma sala ao meu alcance, mas que eu não posso destrancar.

– MAS VOCÊ PODE REVÊ-LA SE QUISER.

– Não como antes. Ela... não me quer mais.

– AINDA ASSIM, REVÊ-LA, MESMO SEM QUE ELA SAIBA, NÃO ALIVIARIA SEU SOFRIMENTO?

– Eu... Sim, acho que sim, mas seria como um falso alívio. Porque eu saberia que não poderia fazer mais do que simplesmente espiá-la. Porque se eu o fizer, se eu... “abrir a porta”, a memória do que eu tive com ela vai se misturar à dor de quando ela me foi tirada. E isso seria... *pior ainda*. Ao mesmo tempo, saber que ela está ali, ao meu alcance, dói muito. Você entende como é complicado?

– ACHO QUE SIM – o Dingirī respondeu, movendo o olhar para o teto pontilhado da Casa. – DORMIR ASSIM O FAZ SE SENTIR MELHOR?

– Sim. Olhar para o céu me distrai, eu acho. Não sei por quê. É como olhar para a água do lago em um dia chuvoso. São tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo na superfície da água que o ritmo acaba se tornando algo... *calmante*. Faz sentido?

– ACREDITO QUE SIM.

– Como era viver lá?

– AONDE?

– No *céu*. Antes de Kurgala. Antes de tudo.

Enki? Nār demorou um pouco para responder, mantendo a atenção no alto da caverna por alguns instantes. Adapak achou que os pontos luminosos se intensificaram um pouco.

– ERA MUITO BONITO... MAS TAMBÉM MUITO SOLITÁRIO. EU COMPREENDO SOLIDÃO, ADAPAK. COMPREENDO DOR TAMBÉM, E POSSO ACABAR COM A SUA, SE ASSIM O DESEJAR.

– O que quer dizer?

– POSSO FAZER SUA MENTE SE ESQUECER DELA.

O jovem sentiu o peito esquentar ao ouvir a proposta. Ele encarou o chão, pensativo.

– Seria... como se eu nunca a tivesse conhecido?

– SIM.

– Mas e para ela?

– NADA MUDARIA. MAS POSSO FAZÊ-LA SE ESQUECER DE VOCÊ TAMBÉM, SE ASSIM PREFERIR.

Adapak abriu os lábios para responder, fazendo uma pausa para engolir em seco. Ele olhou para a região oeste da gigantesca câmara, onde aprendera os Círculos com Telalec.

– Em meus... *piores momentos* – ele prosseguiu com a voz embargada – considerei trazê-la aqui, colocá-la entre os seis arcos e fazê-la... gostar de mim outra vez. Tenho vergonha de admitir, mas pensei nisso.

– E POR QUE NÃO O FEZ?

– Porque... Bom, não seria de verdade.

– PARA ELA SERIA.

– Mas para mim não.

– UMA DECISÃO SENSATA. A SABEDORIA NÃO ESTÁ EM SE DOMAR O PODER, ADAPAK, MAS NA FORMA DE SE UTILIZÁ-LO.

– Mas é engraçado, porque isso me fez entender melhor Barutir. Compreendo porque ele ficou daquele jeito. E porque nunca mais voltou.

– EU LAMENTO MUITO POR AQUILO. GOSTARIA QUE TIVESSE SIDO DIFERENTE.

Adapak se levantou da cama, que se desfez em milhares de cristais esmeraldas, e retornou ao chão com um silvo suave.

– Pai, eu... Eu não sei por que nunca lhe fiz essa pergunta, mas... Você poderia ter curado Nafaela?

– SIM.

– Então porque não o fez?

O ser inspirou fundo e exibiu um sorriso cansado.

– NO PRINCÍPIO, MEUS TRÊS IRMÃOS E EU DESEJÁVAMOS QUE TODOS OS SERES DE KURGALA PUDESSEM DESFRUTAR DA MESMA LONGEVIDADE QUE NÓS, DINGIRĪ. PARA NOSSA INFELICIDADE, ISSO NÃO FUNCIONOU.

– Por quê?

– DESCOBRIMOS QUE ESTENDER SUAS VIDAS ERA COMO ESTICAR CADA VEZ MAIS UM TECIDO PARA ELE NÃO ENRUGAR COM O TEMPO. CHEGA A HORA EM QUE OS FIOS TORNAM-SE TÃO ESTICADOS QUE A IDENTIDADE ORIGINAL TORNA-SE... IRRECONHECÍVEL.

– Acho que entendi – disse o rapaz, voltando a se sentar na cama, que se formou no mesmo instante em que ele pensou no ato. – Acho que eu sentiria que estou fazendo o mesmo comigo se aceitasse sua oferta, pai. Prefiro tentar transformar o que tive com T’arish em algo *bom*, em vez de simplesmente... *apagá-la*.

– OUTRA DECISÃO SENSATA.

– De verdade?

– O AMOR É UMA ESTRATÉGIA BRILHANTE DA NATUREZA, ADAPAK, E ENTENDER SUA PRÓPRIA NATUREZA É O CAMINHO PARA A EVOLUÇÃO. É O CAMINHO QUE OS DINGIRĪ SEMPRE BUSCARAM.

O rapaz pensou sobre aquilo.

– Mas se eu não sou natural, por que me sinto assim?

– VOCÊ É PARTE DOS QUATRO. OS QUATRO SÃO KURGALA. TALVEZ VOCÊ SEJA MAIS PARTE DA NATUREZA DO QUE PENSA, ADAPAK.

– Talvez. Ou talvez Você não entenda nada sobre o *amor* – o rapaz retrucou sorrindo.

– DE ACORDO – o DingirĪ respondeu, retribuindo a expressão com gosto.

Monstros

Vento nenhum é favorável quando não se sabe para onde se está indo.

Illiät, em *Tamtul e Magano contra o olho de Pht'Angü*

– COMO ESTÁ A COMIDA?

– Está boa, capitã, obrigado – Adapak respondeu, limpando o canto da boca. No fogão da cozinha o carvão ainda crepitava, mas nem o cozinheiro ou outro membro da tripulação se encontravam ali além do espadachim e de Sirara.

– E seu braço? – ela perguntou, puxando um dos bancos sob a mesa e se sentando à sua frente.

– A dor diminuiu bastante, mas o coto ainda *coça*. E eu ainda sinto meus *dedos*.

– Não consigo imaginar como é – a mulher disse, se servindo de um pouco de cerveja. O lampião misturava as sombras dos dois nas paredes.

– Como estão as coisas lá em cima? – Adapak perguntou.

– O que podia ser consertado já o foi, mas perdemos três tripulantes, incluindo meu imediato Thrrrilo... Jushurr, sua irmã, ainda está abalada, mas voltou ao posto agora há pouco.

– A nekelmuliana, você diz?

– Sim. Os outros não estão exatamente *felizes* com a maneira como ela travou ontem, mas a estão deixando em paz, pelo menos.

– Ela é jovem e viu o irmão despencar no mar. É... compreensível.

– Ora, no mar não há espaço para “compreensão”, essa é a profissão dela – Sirara falou irritada, terminando a caneca de cerveja em um único gole. – Não, eu... Eu deveria ter contratado outro nekelmuliano mais experiente. Quis fazer um favor ao irmão dela pelos anos de serviço a meu tio e por pouco não pagamos o preço da minha inexperiência... Graças a *você*, na verdade.

Adapak inclinou a cabeça calva para o lado e engoliu outro pedaço de pão, sem saber o que dizer.

– O que você... *fez* com o verme? – ela perguntou, esfregando o meio da testa. – Meus homens tentaram me explicar o que viram, mas...

O espadachim pousou a comida na mesa e começou a ilustrar a explicação com a mão e o coto:

– Aquele era o *órgão reprodutor* dele. Quando se acasalam, os mursuazagues encostam a cabeça uns nos outros e o projetam para fora para trocar... bom, *fluidos*.

– Então você cortou o... dele?! – Sirara reagiu com uma careta.

– Eles não... Bom, *sim*, foi basicamente o que eu fiz.

– Espero que o maldito tenha *sofrido* – ela disse, enchendo a caneca até a metade.

– Era só um animal com fome – Adapak falou, surpreso quanto ao que a humana acabara de dizer. – Não me senti bem fazendo aquilo.

Sirara tomou um longo gole da cerveja, encarando os olhos brancos do rapaz e ponderando sobre o que ele acabara de dizer.

– Como você sabia que o verme tinha aquela coisa ali? – ela por fim perguntou, apoiando a caneca na mesa.

– Meu pai me ensinou sobre os animais de Kurgala.

– Seu pai... *Enki' Nār*? – a capitã disse, elevando as sobrancelhas e passando a mão nos cabelos curtos.

– Sim – ele respondeu, bebendo um gole d'água e a encarando de volta.

A mulher aceitou o desafio e não desviou o olhar.

– Bom, senhor Adapak, eu não sei o que você é – ela finalmente disse, se levantando –, mas sei que salvou o rabo de todos desse navio, então se precisar de algum favor, me diga.

– Quero minhas espadas.

– Lamento, mas não posso fazer isso ainda. Você nos salvou do verme, mas também *se* salvou, o que não faz de você um sujeito totalmente altruísta. Eu não sei quem você é de verdade e o que fez para estar sendo perseguido, então prefiro que fique desarmado até que cheguemos à Casa dos Cinquenta, como já lhe disse na cabine.

– Eu não fiz nada para ser perseguido – ele falou, ressentido.

– Não é o que todos alegam? – a humana devolveu, em seguida emendando. – De qualquer forma, sugiro que fique no porão a maioria do tempo para evitar elevar os nervos da tripulação. E não se preocupe, vou reforçar a ordem de que ninguém o incomode.

– Se alguém o fizer, sei me defender.

– Tenho certeza de que sabe – ela falou sorrindo e então se virou para deixar a cozinha quando o espadachim a chamou uma última vez:

– Se possível, peça desculpas em meu nome para o marujo que roubei a faca antes de pular em cima do verme. Eu... não tinha a intenção de perdê-la.

– Você é um sujeito muito interessante, Filho de *Enki' Nār* – Sirara falou, piscando um dos olhos e o deixando sozinho.



Mar de Kurgala, lua 21 de Abzuku Aräh, ciclo 1.700 da era dos mortais

Decidi escrever aqui nas folhas brancas do livro de Barutir como forma de passar o tempo e organizar minhas ideias, visto que não há muito o que fazer durante a viagem. Passei o olho pelas primeiras páginas, mas, como eu já imaginava, são apenas divagações de um homem embriagado e deprimido; ele chama meu pai de mentiroso o tempo todo e o acusa de “entrar na cabeça dele e confundi-lo de alguma forma”, mas nada é claro. Não há pontuação, praticamente, ou ordem de palavras.

Pobre Barutir.

Como não tinha acesso à tinta, improvisei um pequeno lápis a partir de um pedaço de carvão que o jovem ajudante humano de Kashi me arrumou. Além da capitã, eles e o haakiki Ollak parecem estar na lista dos poucos que não têm medo de ~~eu~~ se aproximar de mim e me ajudaram a encontrar um canto no porão onde posso dormir, bem atrás dos sacos de arroz. Os 28 tripulantes cantam, fumam ou mascam raízes de mochi (aqui a lei não tem como puni-los), bebem e jogam jogos à noite, mas sempre longe de mim; minha presença continua malvista, apesar do que fiz há duas luas. A maioria simplesmente me evita, mas alguns fazem um sinal com a mão quando me veem (o mesmo que aquele sacerdote em Urpur me fez na praça) e me chamam de kishpü; uma variação na Língua Antiga para “feiticeiro”, pelo que concluí. A única referência que tenho desse tipo de pessoas é dos livros de Tamtul e Magano, mas lá eles são apenas estudiosos de magia, sujeitos que se cercam de objetos mágicos em busca de poder. Não entendo o motivo de me compararem fisicamente com eles.

Ontem cheguei a ouvir um marujo sugerir aos colegas que eu teria sido o responsável pelo surgimento dos vermes, conjurando-os com meus “feitiços”. Fico feliz que a capitã o tenha interrompido antes que outros se juntassem ao grupo impressionado.

Meu braço amputado parou de doer, mas coça quase o tempo todo. Pior: eu sinto a ponta dos meus dedos coçarem, o que me ~~deix~~ enlouquece mais ainda, pois eles não existem mais.



Mar de Kurgala, lua 22 de Abzuku Aräh, ciclo 1.700 da era dos mortais.

Tenho sonhado com Telalec desde Urpur. Ele e Barutir. É horrível. Não vou perder tempo descrevendo, prefiro tentar esquecer. Preferia os sonhos anteriores, pelo menos eu não os entendia.

Telalec.

Não lembro direito da frase completa, mas tenho a impressão de que ele me chamou de “filho de Anu’ När” na casa de Barutir. Tenho quase certeza de que foi isso que ele falou. ~~antes de~~

Por quê?

Da última vez que nos vimos estávamos no topo de uma árvore perto de Thal, menos de um ciclo atrás. Tivemos uma conversa importante naquele dia. Ele sempre foi um amigo meu e de meu pai, mas parecia outra pessoa quando me atacou.

Será ele o responsável por tudo isso? Só um peão?

De quem?

Ele não disse a palavra “ikibu”.



Mar de Kurgala, lua 23 de Abzuku Aräh, ciclo 1.700 da era dos mortais

A coceira do braço dificulta o meu sono. Às vezes desperto de no meio da noite com o incômodo, mas acho que isso pode ter me evitado problemas: acordei essa madrugada com um sadummuniano me observando. Quando perguntei o que ele queria, ele me chamou de Salmo Saruna, ou algo parecido. É o mesmo nome que aquela sentinela da prisão de Urpur disse (tenho a impressão de que alguém gritou isso também na lua em que Sirara me escoltou para a cabine). Tentei lhe dizer que estava enganado, mas ele foi embora murmurando algo que não consegui entender.

Pegamos tempo ruim ontem de manhã. Ollak ~~me~~ disse que é impressionante que eu não enjoie com o balançar do navio, sendo marinheiro de primeira viagem que sou. Ele e Kashi resolveram me perguntar juntos o que eu era e eu lhes disse a verdade. Ollak pareceu amedrontado, mas não sei se acreditou em mim. Kashi disse que foi um maskürriano muito religioso quando jovem, mas que deixou de crer nos Dingirî há tempos (o que para mim é extremamente divertido de se ouvir). ~~De~~ No geral, acho que eles me julgam um louco deformado, mas interessante o bastante para trocar palavras comigo quando entediados.

Conversando com Ollak, inclusive, descobri algumas coisas sobre nossa capitã: O haakiki me disse que ele e Kashi trabalharam com o tio dela a vida inteira, até que o homem ~~morr~~ faleceu no início do ano. Ela ficou sozinha com a mãe idosa e resolveu tomar conta dos negócios da família em vez de vender o navio, pois o dinheiro da venda não duraria mais de dois anos, parece. Era isso ou se tornar ~~put~~ prostituta, ele disse. A humana se adaptou bem, mas tem tido problemas com alguns dos tripulantes que não concordam com os cortes de ração e pagamento que ela tem feito para sanar as dívidas do tio. Ollak também disse que o fato dela ser fêmea não facilita a aceitação para alguns. Parece algo que Telalec diria.



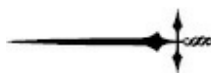
Mar de Kurgala, lua 24 de Abzuku Aräh, ciclo 1.700 da era dos mortais

“Ikibu.”

Telalec foi o único dos meus atacantes a não dizer essa palavra até agora. Ele também parecia diferente de todos os outros. Mais ~~normal~~ falante consciente.

Ao mesmo tempo, os mellat na praça de Urpur foram os únicos que falaram isso sem me atacar.

Por quê?



Mar de Kurgala, lua 25 de Abzuku Aräh, ciclo 1.700 da era dos mortais

Há algo de errado com ~~minha mão~~ meu coto.

Troquei o curativo como faço todas as luas e notei que a cicatrização está estranha. Não está inchada e nem voltou a doer (apesar de sensível ao toque), mas não está fechando como achei que iria fechar. Ao invés disso parece ter desenvolvido um pequeno par de calos brancos na ponta, algum tipo de má-formação. Nunca sofri um ferimento como esse. Eu nunca sequer fiquei doente, então não sei o que esperar de algo assim.

Vou mantê-lo limpo e observar.



Mar de Kurgala, lua 27 de Abzuku Aräh, ciclo 1.700 da era dos mortais

Fiquei remoendo o nome que o sadummuniano me chamou aquela ~~noite~~ madrugada e acho que descobri do que se trata; acredito que ele tenha dito S'almu Saruma, uma variação em algum dialeto derivado da Língua Antiga para Saalmo Sarrum, um imperador humano que alegava ser o escolhido dos Dingiri para salvar nove mil almas no dia em que a Prisão de Cristal em Shuru for quebrada. Ele se suicidou ateando fogo ao próprio corpo em meados de 300 e.m., depois de prometer que seria ressuscitado pelos Quatro na lua em que Abzuku e Tiamatu despertassem (ou algo parecido). Imagino que uma seita em seu nome tenha sido criada após isso e que alguns de seus membros me confundam com ele, por conta da minha pele negra (carbonizada) e certas características normalmente atribuídas a queimaduras (a falta de cartilagens no nariz e nas orelhas, por exemplo).

É melhor que ser confundido com um feiticeiro, pelo menos.



Mar de Kurgala, lua 28 de Abzuku Aräh, ciclo 1.700 da era dos mortais

Emagreci um pouco.

Como Kashi me sugeriu, busco minhas refeições sempre depois que a cozinha esvaziou, mas às vezes o cozinheiro já fechou tudo e eu acabo tendo que me virar com alguns biscoitos da despensa. Por causa disso cheguei um pouco mais cedo ontem e ouvi aquele mau'lin N'ashic discutindo com alguns tripulantes sobre Sirara. Depois do episódio com os vermes do mar, a capitã ficou ainda mais malvista, porque tirou um dos nekelmulianos do posto de vigia para se focar em mim. N'ashic ~~disse~~ gritou que um capitão experiente nunca teria feito aquilo e que eles vão acabar falidos ou mortos até o final do ano. Houve uma pequena briga com um humano que a defendeu e eu me afastei antes que alguém me visse na escuridão. Uma das vantagens de se ter a pele negra.

Por falar em meu corpo, minha amputação continua apresentando um comportamento

estranho. A coceira reduziu para um padrão aceitável, mas os calos brancos que descrevi antes aumentaram de tamanho. Não sei o que fazer. Tenho que começar a lidar com a possibilidade de ter que cortá-los se continuarem a crescer demais.



Mar de Kurgala, lua 29 de Abzuku Aräh, ciclo 1.700 da era dos mortais

O clima entre a tripulação não está bom. Sirara mal deixa sua cabine e quando o faz, sai acompanhada da nekelmuliana jovem; Jushurrr. Ela veio me visitar hoje de manhã, mas parecia tensa e voltou logo para o convés.

Kashi tentou me ensinar a tocar sebet, uma espécie de instrumento musical de sete cordas que eu nunca tinha ouvido falar. É fascinante, mas muito difícil. Pelo menos me distrai da preocupação do meu braço.

Sinto falta dos bolinhos de geleia do meu pai.



Mar de Kurgala, lua 31 de Abzuku Aräh, ciclo 1.700 da era dos mortais

Hoje de manhã a tripulação deu falta de um integrante.

A capitã convocou todos os trinta marujos para o convés (mais eu) e fez perguntas. Não tivemos tempestade ontem à noite e segundo os amigos do desaparecido, “ele não era de beber assim”. Era ~~esperado~~ de se esperar que eu seria o primeiro acusado: um indivíduo me chamou de “espírito sugador de sangue” (o que não faz sentido algum). Felizmente a capitã rechaçou a teoria, mas ganhei alguns olhares apavorados. Excelente...

Mais tarde Kashi me disse que o marujo desaparecido era o humano que brigara com N’ashic aquela vez na cozinha. Ouvi dizer que a capitã chamou N’ashic e outros dois para a cabine e que eles saíram de lá aos protestos.



Mar de Kurgala, lua 33 de Abzuku Aräh, ciclo 1.700 da era dos mortais

Minha mão está crescendo de volta.

Posso estar sendo otimista demais, mas não vejo outra teoria. Os calos brancos que descrevi não param de aumentar e estão começando a se parecer com um pequeno punho fechado e atrofiado, como o de um feto. Não é bonito de se ver, mas definitivamente me

colocou um sorriso no rosto e algumas lágrimas nos olhos.

Isso não é inédito na natureza; os caimani também conseguem regenerar membros amputados, mas levam muito mais tempo. Certas plantas idem.

Mas eu não sou nenhum dos dois, obviamente.

Considerando minha fama, mostrar isso para alguém aqui seria má ideia. Vou enfaixá-lo de volta e continuar observando em segredo.



Mar de Kurgala, lua 34 de Abzuku Aräh, ciclo 1.700 da era dos mortais

Acabei de ter uma conversa desagradável agora de tarde.

Como sempre faço, fui fazer minha refeição depois da tripulação terminar, mas encontrei N'ashic sentado à mesa da cozinha, sozinho. Nem mesmo o cozinheiro humano estava lá. Aposto que ele me esperava, porque não pareceu surpreso quando me viu e foi direto ao assunto: “Escute, amigo, eu não vou tentar convencê-lo de que fui um sujeito bonzinho quando deixei você entrar no navio; eu fiz pelo dinheiro, mas pelo menos fui honesto com você, não fui? Não lhe disse para procurar Kashi e que ele lhe arrumaria um lugar para ficar?”

“Sim”, eu respondi.

“Mas bastou a capitã saber da sua existência que você começou a ser tratado injustamente”, ele disse, falando baixo e gesticulando bastante. “Cercaram você como um criminoso lá em cima e o escoltaram até a cabine na frente de todo mundo, não foi? Suas armas foram confiscadas e mesmo depois de ter salvo a todos do verme, a capitã o fez se esconder aqui no porão como um roedor indesejado.”

(Enquanto eu ouvia tudo isso, decidi não lembrá-lo de quando ele sugeriu à capitã que me entregassem para os assassinos em troca de uma possível recompensa. De qualquer forma, ele continuou.)

“Você passou na pele o que a maioria de nós vem passando no último ano. Essa humana incompetente destruiu a herança do tio e vai nos deixar falidos se continuar no comando.”

“O que está dizendo?”, eu perguntei.

“Estou dizendo que se outra pessoa estivesse no comando, você teria aquelas suas belas espadas de volta e poderia circular livre lá em cima, sem se sentir diferente. Afinal de contas, você pagou pela viagem, não pagou? Isso não seria justo?”

Acho que respondi “talvez”. Não me lembro exatamente. De qualquer forma, depois disso ele se levantou e disse:

“A pergunta é: onde você gostaria de estar daqui em diante? Aqui embaixo, sozinho nesse calor? Ou lá em cima? Porque nós gostaríamos que estivesse conosco daqui para frente, ao contrário do que a capitã pensa. O que me diz?”

Devo tê-lo encarado em silêncio por um bom tempo, porque ele ficou impaciente e repetiu a pergunta: “O que me diz, olhos brancos?”

“Eu entendo a frustração de vocês, mas acho que se estão insatisfeitos, deveriam procurar outro empregador quando aportarmos”, respondi, vendo o rosto dele se desmanchar de frustração.

“Você está falando bosta, amigo. Acha que é fácil encontrar outro emprego lá fora? Não sabe como estão as coisas depois da guerra?”

“Começar outra aqui dentro não vai ajudar em nada”, respondi.

A conversa terminou ali, com ele indo embora sem dizer mais nada.



Mar de Kurgala, lua 36 de Abzuku Aräh, ciclo 1.700 da era dos mortais

Meu lápis acabou e só consegui pegar outro hoje. Depois de quase duas luas de tédio (não há livros no barco, infelizmente. Talvez na cabine da capitã, mas não tenho acesso), resolvi ler as anotações de Barutir com mais atenção. Pela Matriarca, eu deveria ter feito isso há muito tempo.

Página 12 das anotações de Barutir:

(...) São todos mentirosos todos eles são sim enki' nür o mentiroso sim ele entrou em minha cabeça e me fez esquecer da caverna triangular esquecer adapak esquecer mas eu vou anotar tudo vou sim e não vou esquecer da casa triangular do garoto ele era um bom garoto sim o Dingiri me confundiu me fez achar que o busquei no lago mas busquei na caverna triangular não esqueça não esqueça do sorriso da montanha não esqueça do bom menino (...)



Com água nos olhos, Adapak releu o trecho pela vigésima vez, com atenção especial nas palavras que ele mesmo sublinhara. O trecho se repetia pelas próximas dez páginas, com pequenas mudanças na ordem das palavras, porém retendo a estrutura principal.

– Devia ter tido mais paciência, devia tê-lo *escutado* em vez de gritar e sair da casa correndo como uma criança mimada... – o espadachim sussurrou, enxugando as lágrimas do rosto. De alguma forma, Barutir tinha conhecimento do mesmo lugar que Adapak viu quando perdeu a consciência para o nekelmuliano em Urpur, e tentou explicar isso ao rapaz, sem sucesso.

Guardando o livro e o lápis na bolsa, o espadachim respirou fundo, fechou os olhos e se concentrou. A parte insegura de sua mente insistia em dizer que a oportunidade tinha *passado*, mas o jovem espadachim não acreditava realmente naquilo.

“Oportunidades não passam, nós é que as criamos”, ele lembrou do que o pai lhe ensinara,

levantando-se de trás dos sacos onde fez residência e enxugando o suor do pescoço; como sempre, o porão ficava quente enquanto o sol figurava no céu, mas ele se havia acostumado a sair somente à noite para evitar ao máximo o contato com a tripulação (que preferia descer após o sol se pôr). Por conta disso, ele aprendeu um pouco sobre os turnos de cada marujo e com isso em mente, pendurou a bolsa no ombro e seguiu na direção de um deles em específico.

Na ré do navio, logo abaixo da cabine de Sirara, ficavam os dois quartos dos imediatos nekelmulianos da nau. Toda embarcação possuía, no mínimo, um indivíduo da espécie a bordo, cuja única função era a de proteger o navio de possíveis ataques de animais marítimos – como o que ocorrera dias atrás. Depois dos capitães, eles eram os tripulantes mais bem remunerados e instalados da embarcação. Tinham seu próprio espaço com cama e armários, além de receber melhores rações que todos.

Adapak se aproximou com cautela, pois notou N’ashic terminando uma conversa com a nekelmuliana Jushurrr no quarto esquerdo. Antes que o espadachim fosse capaz de pescar alguma palavra, contudo, o mau’lin deixou o aposento, lançando-lhe um olhar displicente ao passar ao seu lado e seguir na direção das escadas.

O jovem de olhos brancos foi até a soleira do quarto, encontrando Jushurrr deitada na cama. Seu enorme olho azul, no entanto, estudou atento o novo visitante. O pequeno recinto desorganizado era iluminado por um pequeno lampião.

– Ahn, olá – o espadachim disse, esquecendo o estado da mão enfaixada e a erguendo em saudação. O volume estava consideravelmente maior do que o da última vez que a nekelmuliana o encontrara, mas esta não reparou.

– O que quer?

– Você é... *Jushurrr*, não é? Lembra-se de mim?

Claro que ela lembra. Que pergunta...

– Seria estranho se não – ela confirmou com a voz aguda, sentando o corpo pequeno na cama e deixando os tentáculos relaxarem. Adapak olhou para o quarto vizinho, ainda com os pertences do outro imediato.

– Lamento pelo seu irmão.

– Eu lamento *mais*. O que quer, olhos brancos? – a nekelmuliana repetiu, esfregando o rosto espelhado. – Preciso descansar; estou tendo que cobrir dois turnos sem meu irmão e esta hora é uma das poucas que Sirara me permite dormir.

– Certo, escute. A capitã disse que eu poderia pedir um favor a ela, mas na verdade preciso de um favor *seu*.

– Andam me pedindo muitos favores ultimamente.

– É algo bem simples, na verdade; preciso que você me dê uma... *olhada*.

Jushurrr o encarou, sem entender.

– Preciso que você *me derrube* com uma olhada, quero dizer. – Adapak explicou melhor.

– Por que iria querer isso?

O espadachim pensou em meia dúzia de desculpas diferentes, mas nenhuma parecia mais eficaz que a verdade:

– Há algo dentro da minha cabeça, uma espécie de *memória* enterrada bem fundo, há muitos anos. De alguma forma, da última vez que um nekelmuliano me derrubou, eu pude ver um pouco dessa memória...

– Espere... Da *última* vez?

– Sim – Adapak falou, apertando os olhos. – Eu sei que soa ruim, mas... é complicado, eu...

– Você disse que era “bem simples”.

– E, *é!* Quer dizer, eu... Olhe, o que importa é que eu preciso ver mais dessa memória e para isso preciso de você.

– Como tem tanta certeza de que vai funcionar de novo? – ela perguntou. Adapak deixou os ombros caírem.

– Eu... não tenho certeza. Mas preciso tentar.

A nekelmuliana o encarou por alguns instantes.

– Isso é alguma tramoia de N’ashic, não é? – ela perguntou. – Para me *cansar*, caso eu mude de ideia?

– O quê? Não, eu não tenho nada a ver com N’ashic, eu só...

– Diga a ele que vou manter minha palavra, ele não precisa...

– Espere... Se eu fizer a capitã vir até aqui *autorizar* isso em pessoa, você o faria?

Jushurrr leu o rosto do rapaz.

– Eu... acredito que sim, mas não...

– Então me espere aqui, sim? – o espadachim lhe pediu, apressado, voltando pelo porão abafado até alcançar as primeiras escadas. Kashi e seu ajudante humano as desciam:

– Não é um bom dia para se subir ao convés, olhos brancos – o maskürriano lhe disse, apagando o cigarro de mochi em uma pilastra e seguindo pelo porão sem oferecer mais palavras.

Sem entender, Adapak subiu os degraus.

O sol do meio da tarde o saudou no convés, ao contrário dos três marujos que esfregavam o assoalho e lhe dirigiram olhares desagradáveis. Ignorando-os, ele seguiu para a cabine da capitã, passando por um quinteto envolvido em um jogo de dados sem muita motivação. Ollak estavam entre eles.

– Companheiro, o que está fazendo aqui em cima? – o haakiki perguntou, se afastando do grupo. Ele parecia tenso.

– Preciso falar com Sirara.

– Não acho que é uma boa ideia, Adapak, as coisas...

De súbito, as velas do navio começaram a ser recolhidas. O marujo de queixo quadrado olhou para os colegas.

– Será rápido, Ollak, não vou ficar muito tempo aqui em cima – o rapaz falou, despedindo-se e seguindo para a popa. Apesar do grande número de tripulantes presentes, o convés parecia estranhamente apático, com muitos deles simplesmente encostados em qualquer lugar, quietos.

Um humano e um gisbaniano conversavam em frente à porta da cabine da capitã, fechada. O que quer que estivessem discutindo, desapareceu do ar quando viram o rapaz de pele negra se aproximar.

– Sirara está *ocupada*, feiticeiro – falou o gisbaniano, cruzando os braços sobre a barriga proeminente.

– Eu não sou um “feiticeiro”. E não tem problema, eu posso esperar.

– Devia esperar *lá embaixo* – o humano falou e Adapak imaginou como ele conseguia se alimentar com tão poucos dentes.

– Isso não é da sua conta, olhos brancos, vá lá para baixo – insistiu o gisbaniano. Passos apressados soaram por trás da porta e esta se abriu, revelando a capitã Sirara. Logo atrás dela, N’ashic era visível ao lado da mesa.

– Por que perdemos velocidade? – ela perguntou, saindo para o convés e olhando as velas recolhidas. – O que... Quem deu a ordem?

– *Nós* demos a ordem – N’ashic falou, saindo da cabine. Sob o sol da tarde, o vermelho de sua gengiva exposta era ainda mais evidente. Adapak deu um passo cuidadoso para trás.

– “Nós” *quem*, N’ashic? – a humana perguntou, olhando em volta. Todos os marujos que estavam no convés começaram a se encaminhar para lá. – Está tentando fazer o que eu estou *achando* que está?

– E o que isso seria, “capitã”? – ele provocou, aproximando os grandes olhos dos dela e fazendo-a recuar, desconcertada. – Evitar que não percamos nossos empregos? Que não nos coloque NO MEIO DE UM NINHO DE VERMES de novo?!

– Aquilo foi um *acidente*, seu desgraçado! – Sirara reagiu, perdendo a compostura. O espadachim deu outro passo para trás, contando por volta de vinte marujos se aglomerando em frente à cabine.

Em sua mente, os Círculos se acenderam.

– N’ashic, isso não é certo! – gritou Ollak, se destacando do grupo.

Adapak achou que alguns tiveram vontade de apoiá-lo, mas não foram tão corajosos.

– “Certo”? – o mau’lin debochou. – Acha “certo” seu filho não ter o que *comer* no ano que vem? Porque é isso que vai acontecer se a fêmea continuar no comando, Ollak!

– Não me chame assim, seu ingrato deformado!

N’ashic desferiu-lhe um forte tapa no rosto, arrancando um murmúrio coletivo da plateia. O humano desdentado abriu um sorriso horroroso.

Bosta.

Desnorteada, a capitã Sirara desembainhou a espada e a apontou para o mau’lin. Seus dois companheiros sacaram as suas, desencadeando um efeito semelhante na maioria da tripulação em volta: o som de facas e cimitarras deslizando em tecido preencheu o ambiente.

Os Círculos começaram a calcular.

– Vocês ficaram *loucos*? – ela perguntou, olhando ao redor. Dois riscos vermelhos figuravam em sua bochecha já ruborizada, causados pelas unhas mal cortadas de N’ashic.

– Nós *estávamos* quando acreditamos que uma vadia mimada poderia ser capitã de um navio – disse um esuru atrás dela, empunhando um arpão amarelado. Gritos de apoio emergiram. Os poucos que não o fizeram se calaram, temerosos.

– Largue a arma, fêmea – ordenou o mau’lin.

A mulher a manteve apontada para ele e passou os olhos castanhos na plateia.

– Jushurrr não vai vir, Sirara – ele falou, pegando uma cimitarra que outro marujo lhe entregou. – Ter o irmão morto por *sua* culpa mudou um pouco a perspectiva da sua nekelmuliana de estimação...

A mulher abriu a boca para protestar, mas foi agarrada por trás por um sadummuniano, que a imobilizou com os seis braços e a desarmou. Ollak deu sinal que ia intervir, mas foi impedido por três outros tripulantes. Um humano revoltado avançou contra o sadummuniano com uma faca em punho, mas recebeu de outro tripulante uma estocada de arpão no quadril.

– É isso que vai fazer, N’ashic? Vai matar quem não quiser fazer parte desse seu golpe ridículo, como fez com seu colega dias atrás? – Sirara gritou, vendo o homem sangrar no chão. Dois outros marujos se afastaram do grupo, de cabeças baixas.

– Eu não preciso disso, sua *vagabunda*; sua incompetência foi o bastante para convencê-los – ele falou, puxando-a dos braços do sadummuniano e a forçando a ajoelhar no chão. Segurando-a pelo pescoço frágil, ele então lhe agarrou a gola da blusa e a puxou com violência, rasgando o tecido com um ruído desagradável. Apavorada, a mulher tentou cobrir o torso desnudo, mas foi impedida pelo sadummuniano mais uma vez, que a segurou pelos punhos e a exibiu, humilhada. Gritos de euforia tomaram o convés.

– O que acham de nos divertirmos um pouco com a nossa “capitã”, companheiros? – N’ashic sugeriu, passando a língua pela gengiva, sugestivamente. – Faz tempo que não me deito com uma *humana*...

– Pelos Quatro, o que você está fazendo?! – exclamou a voz horrorizada da jovem nekelmuliana, abrindo caminho pela multidão.

– Jushurrr, você concordou em não se intrometer! – N’ashic gritou entre os dentes.

– Derrube-os, Jushurrr! *Agora*... – tentou dizer a capitã, recebendo do mau’lin um soco na maçã do rosto.

– *Cale-se, vadia!* – gritou o autor da violência, retornando a atenção para a criatura espelhada. – Você disse que não a queria mais no comando, não foi?

– Não *desse jeito*, N’ashic! Pelos Quatro, você disse que IRÍAMAAAGH...

A ponta de um arpão emergiu do abdômen da nekelmuliana, cuspidando sangue na madeira recém-escovada do convés. Atrás dela, um esuru repleto de tatuagens empunhava a arma, exibindo no rosto a raiva extravasada em um momento de impulsividade. O corpo sem vida de Jushurrr tombou. Sirara gritou. A turba gritou ainda mais.

Os Círculos coloriram o chão.

– Solte-a!

Os olhos da tripulação focaram em Adapak, que se encaminhou para o meio da circunferência formada em frente à cabine.

– Você teve sua chance, estranho, isso não lhe diz respeito – falou o mau’lin.

– Me diz respeito *agora*. Solte a capitã.

Algumas risadas vieram em resposta.

– E o que vai fazer se não obedecermos, *homem-de-carvão*?

O nome esquentou o peito do espadachim, mas ele respondeu, firme:

– Vou matar todos vocês.

Um silêncio sepulcral tomou o convés.

– *Você?* – o marujo desdenhou. O buraco em seu lábio superior maculava ainda mais seu sorriso. – Você não está nem armado...

– Estarei dentro de alguns instantes – ele respondeu, vendo os Círculos Tibaul colorirem os quatorze integrantes da tripulação mal-intencionada. Eles o encaravam com a perigosa mistura de medo e raiva acumulada durante a viagem, engarrafada pela ordem que agora não mais existia.

O humano sem dentes foi o primeiro a avançar.

O espadachim esquivou da investida sem perícia do homem e lhe acertou uma cotovelada na lateral do rosto e outra no meio do braço, fazendo-o cair ajoelhado e largar a espada com um grito. Adapak a tomou para si em tempo de se defender de dois marinheiros armados com arpões e um velho maskürriano empunhando uma garrafa vazia. Os Círculos os despacharam em quatro movimentos, espirrando sangue naqueles em volta que testemunhavam o massacre. E então com um último floreio, Adapak girou de volta e cravou a espada na clavícula do humano sem dentes antes que ele se levantasse.

O jovem limpou o sangue da lâmina com o braço enfaixado e encarou a turba, que paralisou. Os Círculos se reconfiguraram e o espadachim ficou aliviado em constatar que eles haviam se ajustado às novas nuances de equilíbrio que a falta de uma mão o obrigava a ter.

Ainda não está perfeito, ele pensou, vendo um pequeno corte em seu ombro direito.

Os três marujos que seguravam Ollak desistiram de fazê-lo e saíram correndo.

– V-vocês *viram* isso? – perguntou o sadummuniano, ainda segurando a capitã. – Deve ser *magia*, não é possível!

– O que estão esperando?! Pelos Quatro, ele só tem uma mão! *Matem-no!* – gritou o mau’lin para a tripulação assustada.

– Não! Isso já foi longe demais, companheiros, por favor! – gritou Ollak, sem efeito. Dois marujos se entreolharam e avançaram, encorajando um terceiro.

Adapak inspirou fundo, limpou a mente e ouviu os Círculos com clareza, executando com maestria a dança letal que aprendeu com Telalec e tirando a vida de cada um deles, transformando o convés de madeira em um mausoléu improvisado.

Tremendo, o sadummuniano soltou a capitã e a empurrou para o lado, correndo para a escada do castelo de popa e apontando a espada roubada da mulher na direção do

espadachim. N'ashic rapidamente agarrou Sirara por trás, que ofereceu resistência até sentir a lâmina do mau'lin na garganta.

– Para trás! – ele gritou, recuando para o interior da cabine. – Para trás ou eu vou rasgar a garganta da vagabunda, você me ouviu?!

– Acabou, N'ashic! – disse Ollak, parado na porta do recinto. Ao seu lado, Adapak se via impotente: os Círculos não tinham respostas para situações de refém.

– *Você!* – o marujo gritou para o jovem de olhos brancos. – Você não deveria estar aqui, sua aberração!

Cuidadosa, a capitã Sirara tentou:

– N'ashic, se você me soltar nós podemos resolver isso sem derramar mais san...

– *Mentira!* – ele gritou, pressionando ainda mais a lâmina contra a mulher, que tinha que se inclinar para trás por conta da diferença de altura. – Ele vai me *matar!*

– *Não*, N'ashic, se você me deixar ir ninguém vai lhe fazer mal, está me ouvindo? Você tem a minha *palavra* – ela insistiu, olhando preocupada para Adapak. Este concordou, dando um passo para trás. De fora da cabine, ele viu os membros da tripulação que não tinham feito parte do motim emergirem do porão, retomando o controle do navio aos poucos.

– Vamos, N'ashic... – pediu Ollak.

Tremendo, ele a largou no chão, soltando a espada ao mesmo tempo. A capitã engatinhou sem movimentos bruscos até a cama ao lado.

– Ollak, por favor, escolte N'ashic até o quarto dos imediatos – ela pediu, cobrindo os seios com o lençol e evitando seus olhares piedosos.

Lá fora, uma nova plateia os esperava no convés, estampando no rosto a vergonha pela omissão no motim. O vento salgado do mar não era forte o suficiente para afastar completamente o cheiro de morte dos corpos mutilados. Adapak saiu da cabine primeiro e esperou que o prisioneiro desarmado e o haakiki passassem por ele.

– Esperem – pediu Sirara, da porta da cabine. De arma embainhada, ela se enrolou no lençol da cama de maneira improvisada, olhando para todos de cabeça erguida, ainda que seus olhos úmidos brilhassem sob o sol. Decidida, ela atravessou a passos largos a distância até o trio.

E então desembainhou a espada e a enfiou na virilha de N'ashic.

Com um grito agudo, o mau'lin caiu de joelhos, manchando ainda mais o convés de vermelho. Ollak e o espadachim se encolheram com a ação e recuaram, surpresos. Os olhos arregalados de N'ashic encontraram os de Sirara, cheios de água e ódio.

– V-você me deu sua p-palavr...

– Eu *menti*, seu desgraçado – ela falou, trespassando a garganta do marujo com a lâmina ensanguentada.

Herói

Meu herói!

Narinna, em *Tamtul e Magano contra o terror do abismo vermelho*

TELALEC CAMINHAVA SORRATEIRO na escuridão da floresta, movendo-se como um esguio animal noturno à procura da presa. Seguindo pela margem do riacho que zigzagueava pela mata, ele mantinha a mão direita no cabo da espada Lukur, como se esperasse ser atacado a qualquer momento.

Sua “presa”, contudo, estava escondida entre a copa das árvores de salamu, observando-o do alto, intrigado. Adapak encostou ainda mais o corpo nu no tronco negro, prendendo a respiração e tornando-se ainda mais camuflado enquanto o ushariani passava sob seu esconderijo, alheio à sua presença. Foi somente quando ele avançou alguns cascos que o jovem mudou de ideia, sussurrando:

– *Telalec!*

Este se virou de olhos arregalados, certo de que tinha ouvido algo além do barulho da água corrente.

– Psst! Aqui em cima, Telalec — chamou o rapaz de pele negra, acenando para ele. O ushariani aguçou as pupilas vermelhas até identificá-lo e modificou a expressão de preocupado para surpreso.

– Filho de Enki’ Nār, até que enfim! — ele disse, indo em sua direção até parar sob a árvore. — Graças aos Quatro, Telalec o está procurando há... Oh, você está... Você está *pelado*?

– *Estou, mas fale baixo, droga!* Como foi q...

Adapak viu a criatura primeiro, mas Telalec reagiu a tempo: um lalasu cinzento surgiu das folhagens do outro lado do riacho e disparou na direção do ushariani, que desembainhou Lukur e empalou o animal quando este saltou sobre as águas do rio e depois sobre *ele*. Do alto da árvore, o jovem respirou aliviado ao ver o amigo empurrar o corpo moribundo do atacante para o lado e se levantar, atordoado.

– Pela Matriarca, Telalec, você está b...

Ali. Mais dois.

– Telalec, rápido, há mais dois deles ali!! Suba, *VAMOS!!*

O ushariani jogou a bolsa no chão e usou o trio de braços e pernas para escalar o tronco negro com habilidade, por pouco escapando das garras dos animais famintos. Os lalasu, também conhecidos como “fantasmas corredores”, arranharam com raiva a madeira escura abaixo dele, rosnando e salivando para o jantar perdido.

– Eu estou... *velho demais* para isso — ele disse, arfando e se apoiando no conjunto de

galhos ao lado de Adapak. O rapaz ainda se espantava com a habilidade com que o ushariani utilizava o braço esquerdo amputado.

– Você está ferido?

– Bati com a cabeça quando caí no chão, mas estou bem — ele respondeu, limpando as folhas de grama das costas e olhando preocupado para as criaturas no pé da árvore. — Me lembre de perguntar a seu Pai por que Ele criou criaturas tão *horríveis*.

– Eles não vão subir aqui, não se preocupe.

– Tem certeza?

– Tenho, eles não têm força para escalar, só para correr.

– Foi por pouco. Eu *sabia* que tinha alguma coisa me seguindo lá atrás. *Malditos...*

– Telalec, o que está fazendo aqui? – perguntou o rapaz de 18 ciclos de idade.

– Seu *Pai* me enviou, Filho de Enki’ Nār – ele respondeu, recuperando o fôlego e embainhando a espada.

– Típico de um Dingirî mandar alguém em Seu lugar...

– Os Quatro muitas vezes agem através de *messias*, Filho de Enki’ Nār. Ele está *preocupado*.

O jovem espadachim mudou a fisionomia.

– Eu... sei. Eu não devia estar aqui, eu sei. Diga a Ele que vou voltar, Telalec, só preciso... Eu só preciso fazer uma coisa antes, só isso.

O ushariani olhou para o jovem com uma careta.

– E... para isso o Filho de Enki’ Nār precisa estar nu no topo de uma árvore?

– Eu precisava ficar *invisível* aqui em cima. İnannarianos enxergam muito bem e muito longe, e eu não queria que... ela me visse.

O ushariani olhou sobre o tapete vermelho-escuro que as copas das árvores de salamu desenhavam no horizonte. Alguns cascos para o norte, contudo, elas davam lugar a um enorme campo de grama amarelada. Lá, o riacho escapava da mata e se tornava prateado graças à lua de Sinanna, que parecia guiá-lo até o pequeno povoado de Thal, cercado por muros de madeira.

– Qual era o seu plano? Esperá-la passar aqui embaixo e saltar sobre ela pelado? – o ushariani perguntou, abafando uma risada.

– Claro que *não* – o rapaz de olhos brancos disse, não resistindo e sorrindo também. – Sei que ela ordenha as ninzunas todo dia de manhã, e daqui posso ver o pasto. Eu só queria... Só queria *vê-la*, eu acho.

– E não podia trazer uma calça escura?

– Ei, o que houve com aquele Telalec austero que me tratava como o filho de um Dingirî? – o jovem falou, brincando.

– Me perdoe, Filho de Enki’ Nār, mas foi mais forte que eu. E tem que admitir que encontrá-lo nessas condições exige um mínimo de... bom humor.

Adapak olhou para si e depois para o ushariani. Os dois estouraram em uma uníssona gargalhada abafada. Cascos abaixo, os dois lalalus rodeavam o pé da árvore, abrindo e fechando as mandíbulas duplas.

– Está certo, você tem razão como sempre, meu amigo transparente; isso é *ridículo* – o rapaz admitiu.

– Ser ridículo faz parte de ser *mortal*, Filho de Enki’ Nār. Não foi para isso que assumiu esta forma carnal?

– Eu... não sabia que algumas experiências seriam tão *dolorosas* assim – ele falou, desmanchando o sorriso e olhando melancólico para a cidade de Thal.

– İnannarianas são perigosas, Filho de Enki’ Nār. O cheiro delas faz... *coisas* com a nossa mente.

– Não é só isso. Conosco foi... diferente.

– O filho não pode conversar com a Grande Voz? Tenho certeza de que a sabedoria de...

– Sabedoria não adianta de nada se não há comunicação, Telalec – o rapaz disse, se sentando no galho negro. – Meu pai não compreende o que eu sinto, os Dingirī pensam de uma maneira... muito *diferente* da nossa. Ele não sente essas coisas, não compreende. É difícil.

– Telalec está longe de ser um Dingirī, Filho de Enki’ Nār – o ushariani falou, se agachando para olhá-lo nos olhos. – Por que não aproveita as *minhas* falhas como mortal para tentar compreender as suas?

Adapak absorveu a proposta em silêncio, olhando na direção da cidade. Os lampiões iluminavam as janelas das casas simples, transformando-os em rostos longínquos que assistiam aquela conversa secreta.

– Tudo que aprendi depois que cheguei na Casa foi baseado em *razão*, em *lógica* – o jovem começou a falar. – Meu Pai me ensinou sobre a vida que trouxe para Kurgala; o porquê dos animais e plantas se comportarem do jeito que se comportam e como podemos domá-los sem feri-los... Ele me mostrou porque a terra é a terra e os mares são os mares, e como podemos prever as mudanças naturais uma vez que entendamos sua lógica, também... E então conheci você, Telalec; conheci as duas Leis dos Círculos e comprovei tudo o que tinha aprendido sobre a previsibilidade da vida, então... Então p-por que...

O discurso do rapaz entalou na garganta. Paciente, Telalec aguardou.

– ... Por que eu não pude *prever* que ela deixaria de gostar de mim, Telalec? *Por quê?* – Adapak soltou, incapaz de segurar as lágrimas.

– Filho de Enki’ Nār, talvez esta...

– Eu *não quero* sentir isso, não mais – o rapaz disse, enxugando os olhos. – Vou aceitar a oferta do meu Pai e deixar que Ele a *apague* da minha mente...

– Se o fizer, a dor que experimentou terá sido em vão, Filho de Enki’ Nār. Para que servem as cicatrizes senão para nos lembrar que o passado é real?

– A emoção é a maior *maldição* dos mortais, Telalec. Ela transformou Kurgala no mundo que é hoje; não havia *ganância* ou *guerras* quando os Quatro estavam fora de Suas Casas, não havia *paixão*! Isso não é jeito de viver.

– Pelo contrário; ter paixão *é* viver, Filho de Enki’ Nār! Não confunda ganân...

– Viver? – o jovem o interrompeu, revirando os olhos agora avermelhados. – E não foi a vitória da razão sobre a emoção que salvou a vida em Kurgala? Abzuku e Tiamatu queriam agir baseados em *emoção*, baseados em *ciúmes*! Se meu Pai não tivesse agido com razão e os prendido em Shuru, tudo isso seria *mar*!

O ushariani passou o coto esquerdo pela trança do queixo e devolveu:

– Mas... seu Pai também não agiu com emoção ao não permitir que os mortais sucumbissem? Ele também não foi emotivo ao nos *amar*?

– É... diferente – Adapak falou, sem muita firmeza.

Como um bom espadachim Tibaul, Telalec aproveitou a deixa do oponente:

– Da mesma forma que o ensinei que o bom e o ruim devem andar juntos para que possamos entendê-los, a *razão* e a *emoção* funcionam da mesma maneira. Assim como temperos em uma sopa, se misturados com sabedoria resultam em um festival de sabores, mas se misturados de maneira pobre...

Telalec ergueu o coto como se aquilo completasse o raciocínio. Adapak olhou a cicatriz antiga e sorriu com uma lembrança repentina, e então a manifestou:

– T’arish realmente te irritou aquele dia, não?

– Sim... E sabe por que Telalec ficou irritado?

– Por quê?

– Porque ela me lembrou do motivo pelo qual perdi minha mão, Filho de Enki’ Nār; precisamente porque deixei que a *razão* me dominasse por completo.

– Como assim?

O ushariani deu uma olhada para baixo. Os animais lambiam a ferida do lalasu morto.

– *Eles* não vão a lugar nenhum agora, então acho que temos tempo – Telalec falou, se ajeitando melhor no galho desconfortável. – Dois ciclos depois que a guerra em Larsuria começou, fui incumbido a acompanhar Puannüm, a imperatriz do leste, até o acampamento de seu irmão Mashda, no oeste, para uma tentativa de trégua. Eu sabia que Mashda, no entanto, era o filho de uma meretriz sem dentes e traidor da família, e que provavelmente planejava algo *ruim*.

– Por que você foi então?

– Porque eram minhas *ordens*, Filho de Enki’ Nār; trabalhar para imperadores é bem mais complicado do que para “Conselhos”, acredite na palavra de Telalec. E Telalec não era o único: Etana, o primogênito da família, também pensava da mesma maneira. Infelizmente, a imperatriz via Mashda apenas como seu “confuso irmão caçula”, e não como ele *realmente era*, não importava quantos camponeses ele tinha assassinado para controlar a área ao redor da Casa de Anu’ Nār. Havia pressão política dos caravaneiros de Trümm também, que tiveram a rota interromp... esqueça a politicagem, o importante é que eu *fui*.

– Certo.

– Mashda era conhecido por muitas coisas, e uma delas era a de ter nomeado seu filho Balih como seu guarda-costas pessoal há muitos ciclos, desde antes da guerra. Balih era um mau’lin *louco e violento* que tinha estrangulado a própria esposa quando desconfiou que ela o traía, além de afogar o filho que desconfiou ser de outro mau’lin. *Desconfiou*.

– Pela Matriarca... Por que Mashda colocaria alguém assim como seu guarda-costas?

– Porque ele era seu *filho*, além de um espadachim experiente.

– ... Mas não dos Círculos Tibaul — Adapak sugeriu.

– *Evidentemente* que não. Ele tinha frequentado a maior escola de espadachins de Badibiria e maior inimiga do método de Tibaul: a *Academia*. Isso obviamente era razão suficiente para alguém como Balih me odiar e deixar claro que os Círculos eram uma fraude

sempre que possível. Era certo que ele ia aproveitar aquela oportunidade para me matar.

– Que família, hein? – falou o jovem, arregalando os olhos. – O imperador primogênito não podia mandar *outro* guarda-costas que não fosse você?

– Telalec era o *melhor*. E lembre-se que minha desavença com o filho de Mashda era ínfima comparada ao que estava em jogo.

A atenção dos dois se voltou para os lalalus mais uma vez, quando um deles arriscou outra escalada fracassada no tronco da árvore. O ushariani apertou os lábios, preocupado.

– Eu te disse que eles não conseguiam subir aqui — o rapaz falou, tranquilizando-o.

Telalec então prosseguiu:

– O encontro da imperatriz com seu irmão Mashda foi marcado na estrada dos Caravaneiros, um local neutro onde ambas as comitivas poderiam proteger seus representantes sem se preocupar com colinas ou árvores para emboscadas. Mas, após uma breve conversa, fomos surpreendidos por um grupo extra que havia se *disfarçado* de caravaneiros, liderados por Balih. Só não fomos massacrados porque eu tinha um... *segredo* comigo.

– Qual?

– Uma *reliquia*, um presente de seu Pai. Graças a ela, fomos capazes de nos defender, impedir que a imperatriz fosse sequestrada e afugentar o resto da comitiva de Mashda... Menos Balih, que, apesar de ferido por outro soldado, ficou para trás e me desafiou para enfrentá-lo.

– E o que você fez? – perguntou Adapak, envolto na história.

– Olhei nos olhos dele e senti *medo*.

– Medo? *Você?* – retrucou o jovem, surpreso.

– Mas é claro, Filho de Enki' Nār, medo da *loucura* que vi naqueles olhos. Aquele mau'lin tinha assassinado a própria família em um ímpeto insano de ciúmes, era um indivíduo sem nada além de ódio pelo mundo, procurando constantemente a próxima oportunidade de compartilhá-lo. Meu coração dizia que ele era um animal imprevisível, que eu devia ser cauteloso... Mas a razão me convencia de que os Círculos podiam derrotá-lo *sem esforço*. – Telalec fez uma pausa para se ajeitar no galho e concluiu: – Fui até ele enxergando os dois movimentos que iriam executá-lo com facilidade, mas quando parei à sua frente, ele largou a espada e veio correndo em minha direção, de mãos nuas e gritando. Os Círculos buscaram outra resposta para aquele ataque e eu respondi, me movendo para o lado e decepando seus dois braços, mas ele... *não parou* de me atacar. Balih se jogou em cima de mim e arrancou minha mão esquerda com os próprios *dentes*.

Adapak cerrou os olhos, quase sentindo a dor.

Telalec prosseguiu:

– “Eu aleijei um espadachim Tibaul!”, Balih gritava, ensandecido, enquanto meus soldados o tiravam de cima de mim. E continuou gritando até que eu o degolasse.

– Eu... não tinha ideia, Telalec.

– Você percebe então, Filho de Enki' Nār? T'arish tinha razão; Telalec *era* um

espadachim Tibaul muito experiente e a lógica dizia que venceria aquele oponente sem dificuldade... e Telalec foi aleijado exatamente porque ouviu a lógica sem temperá-la com *emoção*. Devia ter dado ouvidos ao *medo* que senti, e se não tivesse essa cicatriz para olhar todo dia e me lembrar do que aprendi, provavelmente iria cometer o mesmo erro no futuro.

Adapak olhou mais uma vez para as luzes de Thal, pensativo.

– Ela... me deixou uma carta no pilar da margem do lago, Telalec.

– E o que a carta dizia?

– Eu não sei, ainda não a abri. Está na minha bolsa, ali embaixo na moita onde escondi minhas coisas.

– Por que ainda não a abriu?

– Eu... não sei. O que quer que ela quisesse me dizer, achei que seria melhor se me dissesse pessoalmente, por isso que acho que vim até aqui, na esperança de que ela saísse pelos portões para que eu pudesse ir até lá e...

– E fazer o que, Filho de Enki' Nār? Você não é o *herói* dos seus livros de aventura, T'arish não precisa ser *salva* outra vez. Não há fórmula nos Círculos para reverter o que ela decidiu, não há o que consertar aqui. E não é sua culpa, também.

O jovem espadachim inspirou fundo.

– Você tem razão — ele falou, se levantando. — Vamos sair daqui.

– Graças aos Quatro — o ushariani disse, também se levantando. — Essa foi a conversa mais longa que já tive com uma pessoa pelada em toda a minha vida.

Abafando a gargalhada, Adapak espiou a base do tronco onde eles estavam; os lalasu ainda os observavam, esperançosos.

– Esses bichos são *pacientes*, não? — falou Telalec, procurando em volta por alternativas.

– Veja só isso — Adapak disse, descendo alguns galhos com perícia. Atentas, as criaturas mantinham os seis olhos nele.

– O que está fazendo?

O jovem de pele negra então assobiou com toda a força dos pulmões, ecoando o pio agudo e contínuo pela floresta antes silenciosa. Os lalasu rosnaram e bateram as patas no chão, irritados. Adapak fez sinal para que Telalec o imitasse e ele o fez, preenchendo o ar com os assobios. Os animais balançaram as cabeças e morderam o ar com as mandíbulas duplas como se algum inseto tivesse entrado em seus ouvidos e estivesse causando uma coceira insuportável. Aos poucos os rosnados se transformaram em ganidos e o maior deles saiu em disparada para o mato, com o outro fazendo o mesmo.

– Como fez isso? — perguntou o ushariani, estupefato.

– Todo artista tem seus segredos de profissão — Adapak brincou, descendo o resto do tronco e pousando na grama. — É como eu disse, meu Pai me ensinou muita coisa.

– Fascinante — falou Telalec, recuperando suas coisas do chão e vendo o rapaz pegar a bolsa e as bainhas de Igi e Sumi de uma moita. — Agora vamos, temos umas cinco luas de caminhada até o Lago Sem Ilha.

– Vai ficar conosco alguns dias? — Adapak questionou, se vestindo.

– Não poderei, Filho de Enki' Nār, tenho que voltar para Larsuria o mais rápido possível. O imperador Etana tem uma importante missão para Telalec... Uma que pode resolver muita coisa.

– É perigosa?

– Não mais que essa maldita floresta – o ushariani brincou, olhando ao redor.

– Por falar nisso, como me *achou*? – o rapaz de pele negra perguntou, calçando as botas.

– Todo artista tem seus segredos de profissão, Filho de Enki' Nār – Telalec respondeu com um sorriso, passando o coto esquerdo na barba trançada.

A Casa dos Cinquenta

Suas moedas não têm valor aqui, aventureiros!

Enmerkar, o comerciante, em *Tamtul e Magano e o tesouro da ilha submersa*

AO CONTRÁRIO DE URPUR, o porto da ilha de Caspama não os recebeu com organização e fiscais; mas com um amontoado de embarcações chegando e partindo livremente das dezenas de cais espalhados pela costa ensolarada. Em sua inocência, Adapak imaginara um lugar colorizado por vegetação e pontuado pela civilização, mas se decepcionou com o horizonte caótico de pequenos estabelecimentos, barracas e ruas mal planejadas.

E pessoas. Muitas pessoas.

No centro da ilha, ao longe, outro pilar esmeralda se destacava, idêntico ao de Urpur. Agora banhado pela luz do sol, porém, ele projetava uma sombra colossal sobre a vida dos mortais, como uma gigantesca metáfora do passado.

– Adapak? – chamou a voz feminina atrás dele. O rapaz se virou, distraído, se deparando com a capitã Sirara. Seu rosto ainda exibia o arranhão e o arroxeadado de três dias atrás, mas a sombra de vergonha parecia tê-la abandonado para dar lugar à confiança de antes.

– Sim? – ele respondeu, desencostando da balaustrada da proa do navio e colocando o braço direito enfaixado para trás do corpo. Logo não poderia mais disfarçar que uma nova mão havia crescido ali.

– Está pronto? – a humana perguntou séria, passando os dedos nos cabelos curtos. Ao fundo, o coro de ordens da tripulação aos poucos atracava o navio na plataforma.

– Estou – ele disse, passando a mão esquerda nos cabos de Igi e Sumi, penduradas de volta no cinto.

– Se sente melhor com elas?

– Sim. Obrigado por me devolvê-las.

– Era o mínimo que eu podia fazer – ela respondeu, olhando sobre o ombro. – Escute, não seria mais sensato você fazer como Kashi sugeriu? Se esconder aqui no navio até que eu ou alguém possa trazer um nekelmuliano para cá? Com minha tripulação... *reduzida* vou demorar um pouco mais do que o normal para descarregar tudo do navio, mas...

– Eu agradeço, Sirara, mas o problema é que meus perseguidores de alguma forma sempre me encontram. E se o fizerem, prefiro não estar encurralado dentro de um navio ancorado, entende? Lá fora há mais espaço para eu...

– Fazer aquela sua coisa? – ela completou, imitando os movimentos circulares com as mãos.

– Exato – ele sorriu. – E eu também não quero colocar *voc...* sua tripulação em perigo por

minha causa. Já vi o que essas pessoas fazem para chegar a mim, eles... não se importam com ninguém.

– Certo – Sirara disse, estudando-o.

Adapak sabia que ela não acreditava em quem ele era, mas parecia determinada em descobrir cada vez que o encarava, como se pudesse enxergar algo mais por trás de seus olhos brancos.

– *Bosta*. Não vou deixá-lo fazer isso sozinho, garoto – ela falou, contraindo os lábios.

– Sirara, eu já disse que...

– Cale a boca e me escute – ela o interrompeu, surpreendendo-o. – Não vai ser particularmente difícil você encontrar um nekemuliano; o problema será *convencê-lo* a atender seu... pedido estranho. Sabe, a maioria das pessoas pensa que eles podem sair derrubando qualquer um por aí, mas é algo fisicamente dispendioso cada vez que eles o fazem. Ele pode achar que é algum *golpe*, entende? Pode ser que você tenha que gastar algumas moedas para convencê-lo, pode ser que você acorde sem seus pertences depois... Você pode ser bom com essas espadas, mas já provou que é um pouco *inocente* com todo o resto.

Adapak não discordou.

– O que vamos fazer, então? – ele perguntou.

– Bom, é um pouco difícil dar direções nesse lugar, mas se você seguir para lá, está vendo? Oeste do pilar? – Sirara falou, se aproximando dele e apontando para a cidade. – Vai começar a ver placas indicando uma taverna chamada “O Dingirī Manco”...

Adapak soltou uma risada.

– Ei, eu não escolhi o nome – ela brincou, encolhendo os ombros e retribuindo a expressão. – Meu tio era um grande amigo de um dos donos de lá, fica em uma das três praças principais. Lá com certeza teremos algum voluntário para o seu... experimento. Posso encontrar com você lá assim que terminar aqui, o que acha?

– Eu... – ele começou a responder. O vento soprou o perfume dela em seu rosto e ele ouviu a imaginação brincar com as possibilidades.

Pare com isso.

– Sei o que está pensando – ela disse, austera. – Mas eu não vou embora sem ajudá-lo, prometo.

– Eu... não estava pensando nisso, mas agradeço a honestidade.

– Eu estou falando sério, sei que anteontem minha palavra não foi muito...

– Aquilo foi diferente, eu entendo – Adapak intercedeu, para o alívio da capitã.

Como que para quebrar o silêncio repentino entre eles, o navio finalmente parou na plataforma com um pequeno tranco. Sirara fez alguns sinais para os marujos, que começaram a desamarraar a carga e descer a rampa de acesso. Ele então começou a se encaminhar para lá, mas ela o chamou mais uma vez:

– Espere, garoto.

– O que foi?

– Não... Não se esqueça do que eu lhe falei sobre ser inocente, certo? As coisas aqui na Casa dos Cinquenta não são como em Urpur. Se eu chegasse em qualquer porto de Kurgala com o convés ensanguentado desse jeito, seria imediatamente questionada pela sentinela local... mas aqui? Aqui não existe um “Conselho” ou imperador com *leis* tomando conta das coisas, entende? Se arrumar uma confusão, vai ter que resolvê-la sozinho.

– Para ser honesto, acho que prefiro assim – ele disse, encarando as bainhas das armas.

– Aqui as coisas são diferentes, é o que estou tentando dizer.

– Para mim, *todos* os lugares são diferentes, Sirara – o rapaz declarou, descendo a rampa e se cobrindo com a nova capa cinzenta que ganhara de Ollak.

Conforme o espadachim se afastou do cais, o cheiro do mar aos poucos foi substituído pelo de raiz de mochi queimada, urina de sepu e suor das centenas de pessoas que se encaminhavam ou vinham do interior da cidade sem muros, carregando comida, animais, armas, móveis, roupas ou qualquer coisa que pudesse ser transportada de navio para ser vendida ou trocada ali, incluindo itens exóticos que ele desejou ter tempo de parar para conferir. Muitos dos próprios transeuntes se encaixavam nesta última categoria, ostentando tatuagens, ornamentos ou vestimentas extravagantes que Adapak sabia que não faziam parte do considerado “mundano” no resto de Kurgala, graças às enciclopédias que crescera decorando ou mesmo dos livros de Tamtul e Magano. Até espécies consideradas “instáveis”, como guandirianos e caimani, desfilavam pelo trânsito caótico, livres das reações desconfiadas que normalmente sofreriam. Talvez por conta disso, Adapak notou que raramente recebia algum olhar intrigado ou assombrado quando viam sua face negra por baixo do capuz, indicando a característica naturalmente tolerante de Caspama em relação a coisas incomuns.

Ruas estreitas e desniveladas eram sinalizadas por placas novas em cima de antigas, sugerindo uma constante mudança de cenário. Cartazes de papel decoravam as paredes, convidando compradores para os mercados das ruelas paralelas e transversais. Uma briga de facas surgiu entre dois esuru que discutiam o preço de uma joia, terminando com um deles sangrando no chão e o outro desaparecendo entre a multidão desinteressada. O que antes fora uma ilha repleta de flora e fauna parecia ter se tornado um mero palco para a ganância do mundo sem os Quatro, Adapak refletiu, negando a oferta de um vendedor de lustres insistente.

O DINGIRĪ MANCO, dizia a placa em forma de uma mão de seis dedos, apontando do alto de um poste torto. O espadachim a obedeceu, se espremendo entre os transeuntes de uma viela concorrida e saindo em uma pequena praça retangular.

E então um familiar aroma adocicado o envolveu, fazendo-o congelar.

Espera.

A memória veio tão intensa que lhe roubou equilíbrio, obrigando-o a se apoiar em uma pequena fonte de água. Foi então que ele entendeu.

Na esquina da rua por onde ele entrou havia um bonito estabelecimento de dois andares, de onde música e risadas escapavam. Três inannarianas de roupas provocantes decoravam a

entrada, sob um letreiro de letras curvadas com os dizeres O CANTO.

– Ficou curioso, criança? – perguntou a que exibia uma bela tatuagem azulada no braço, se aproximando dele e fazendo sinal para que as outras a seguissem. Seus quadris eram um convite hipnótico à imaginação.

– E-eu não... – foi o que ele conseguiu dizer, se vendo cercado pelas moças.

E pelo *cheiro* delas.

– Olhem, meninas – a menor delas chamou a atenção, abaixando o capuz de Adapak com delicadeza. – Os olhos desse kishpü no escuro devem ser... *únicos*.

– Moças, eu não sou... – o espadachim começou a dizer, dando um passo para trás e sentindo os seios da terceira tocarem suas costas. Ela tinha os cabelos presos em uma trança comprida e complexa.

– *Moças?* – ela brincou, sussurrando em seu ouvido, por trás. – Ele é educado também, meninas...

– Não se preocupe, nós gostamos de coisas diferentes aqui no *Canto*, criança – a tatuada falou, piscando o olho negro de pupilas amarelas. – Por que não entra para bebermos algo?

– Eu... agradeço o convite, mas estou procurando alguém... – ele começou a falar na língua ïnannariana.

– Ele fala *yïmeli*?! – a menor falou para as outras, erguendo as sobrancelhas. – Isso está ficando cada vez melhor!

– Nós conhecemos todo mundo que vem à Casa dos Cinquenta, criança, me diga quem você está procurando e nós prometemos que o achamos, o que acha?

Vá embora.

Não.

– Há algum nekelmuliano lá dentro que eu...

– Temos uma que vai te fazer *desmaiar* de tanto prazer, garoto, venha.

– Eu não sei s...

Entre.

Não.

ENTRE.

Nos livros protagonizados pelos irmãos Tamtul e Magano as tavernas eram descritas como lugares alegres e barulhentos, onde guerreiros corajosos se encontravam para celebrar os espólios de suas audaciosas façanhas e quem sabe se enveredar em *novas*. Adapak memorizou diversas dessas passagens dos livros quando criança, secretamente desejando um dia fazer parte de algo parecido.

A taverna que ele adentrou agora era alegre, mas as semelhanças paravam por ali.

Lá dentro, o cheiro inebriante de suas três novas amigas se misturou ao da fumaça e bebidas consumidas pelos clientes que se divertiam com as outras diversas fêmeas ïnannarianas, que dançavam exibindo corpos seminus e sorrisos falsos. A escada para o segundo andar tinha um constante fluxo de idas e vindas, monitorado por um trio de sadummunianos fortemente armados.

– Sente-se aqui com a gente, criança, vamos – a moça da tatuagem azul falou, puxando o espadachim para uma das mesas.

Logo ao lado, uma ñannariana de cabelos curtos dedilhava um instrumento musical parecido com um sebet vertical, criando um fundo onírico para o cenário.

– Se importa em me pagar uma bebida? Está tão quente lá fora, não está? – a mais baixa sugeriu, chegando tão perto do rosto do rapaz que ele por pouco achou que ela fosse beijá-lo.

– Deve ser por isso que ele está tão... *suado* – a de cabelos presos disse ao seu lado, deslizando os olhos pelo seu abdômen.

– Ahn, c-claro, eu...

– Você se machucou em alguma luta, foi isso? – a tatuada perguntou, olhando para sua mão enfaixada e para o arranhão do ombro. – Essas espadas são bonitas, você as comprou aqui? Devem exigir *muita* habilidade, não?

– Na verdade...

– Se ele dá conta de *duas* espadas, pode dar conta de *nós três*, não acham, meninas?

As três riram. Uma garçonete mau'lin chegou com a bebida.

– Qual o seu nome, rapaz? Você é de Shuru?

– A-Adapak. Não, eu...

– *Adoro* seu nome, é tão diferente...

– Quantos anos você tem?

O que há comig....

A fêmea tatuada colocou a mão delicada na coxa do rapaz. As outras se aproximaram, sorrindo.

Espere. Vá.

Fique.

– Esp-pere, eu...

– Você está muito *nervoso*, Adapak, o que acha de subirmos para o segundo andar e te ajudarmos a... relaxar?

– Vai ser *muito* gostoso, Adapak...

Vá. VÁ.

Não.

ESPERE.

O espadachim se deu um forte tapa no rosto. A ñannariana que tocava o instrumento errou uma nota. As risadas no fundo diminuíram. Seu raciocínio desanuviou.

É o cheiro.

– O que foi isso, criança?

– Desculpem, eu... Eu me lembro que vocês disseram que tinha uma nekelmuliana aqui, não

foi?

– Ah – a fêmea mais baixa reagiu, olhando para as outras duas, confusa. – Nós... achamos que você estava *brincando*. Quer dizer, não dá para fazer nada com uma nekelmuliana a não ser que você seja...

– *Fazer?* – Adapak perguntou, piscando. Ele estava fazendo um esforço colossal para se concentrar.

– Sim, *fazer*, ora. Você sabe... – a tatuada disse, erguendo as sobrancelhas sugestivamente.

– Ah, não, eu... – ele se levantou. – *Não*, não foi isso que eu quis dizer, eu quis diz...

– Criança, nós aqui não *julgamos* ninguém; se você gosta de *se divertir* com nekelmulianos e é feliz assim, então...

O estabelecimento inteiro encarava o rapaz, incluindo os seguranças.

– Eu *gosto* dele nervoso – a ñannariana do cabelo trançado falou, mordendo o lábio inferior. – Ele é tão diferente que acho que podemos até fazer um desconto, não acham, meninas?

Pela Matriarca.

– Descon... Esperem, vocês... – ele se interrompeu, se abaixando até elas e continuando a pergunta falando bem baixo. – Vocês... fazem *sexo por dinheiro*?

As três se entreolharam e riram. A música ao fundo voltou a aumentar.

– Eu *adorei* esse garoto – a mais baixa disse, terminando de virar a bebida.

– Fascinante... – Adapak exclamou, olhando em volta e reavaliando o cenário. Os seguranças ainda o encaravam e ele resolveu se sentar à mesa novamente. O aroma doce delas voltou a afetá-lo e ele piscou com força.

– Mas vocês... – ele falou, escolhendo com cuidado as palavras – não se sentem *mal* fazendo isso?

– *Mal?* – a tatuada retrucou, parecendo ofendida. – E por quê?

– Bom, quero dizer, vocês estão vendendo seus... *corpos*.

– Já me basta minha irmã, eu não tenho que ouvir essa porcaria aqui também – disse a fêmea de cabelos presos, se preparando para levantar.

A fêmea mais baixa a segurou pelo braço e se dirigiu ao garoto, séria:

– Não, L'ïnnha, sente aí, deixe-me dizer uma coisa, garoto; sabe por que não me sinto mal? Sabe por que *adoro* o que faço?

Tenso, o rapaz negou com a cabeça.

– Vou te dizer por quê – ela prosseguiu. – Porque nossa profissão me faz ver a *realidade* das coisas, entende? Nós lembramos ao mundo que não importa o quão altas nossas torres subam ou quantos livros algum intelectual pedante tenha lido; somos todos só um bando de *animais*. Animais vestindo *pano* por cima das carcaças, mas ainda assim animais. Gostamos de nos convencer do contrário, mas só porque temos vergonha do que realmente somos capazes.

– Eu... peço desculpas, moças, de verdade – Adapak falou, tímido. – Eu realmente não

tinha a intenção de ofender ninguém, é que eu nunca... Eu nunca soube que...

– Seu pai nunca o levou em um lugar assim quando você... sentiu vontade? – perguntou a tatuada.

– Eu não costumava sair muito de Casa – ele respondeu, arriscando um sorriso.

Elas se renderam à honestidade dele e sorriram de volta. O decote da mais baixa convidou o olhar do rapaz.

Concentre-se.

Adapak se deu outro tapa no rosto, fazendo-as saltarem de susto.

– Pelos Quatro, o que há com você?!

– Desculpem. Olhem, eu não quero...

Eu quero.

– Eu não *posso*... “subir” com vocês – ele se recompôs, se levantou e pegou algumas moedas na bolsa. – Peço desculpas se dei a impressão errada, mas é que eu fiquei um pouco... Eu...

– Nós *entendemos*, criança, está tudo bem – a tatuada falou, desapontada.

– Se mudar de ideia, sabe onde estamos, olhos brancos – disse a de cabelos trançados.

Adapak deixou na mesa uma quantia de moedas que julgou suficiente para pagar as bebidas e saiu do lugar com o coração ainda batendo forte.

Na praça ensolarada, o amálgama de cheiros trouxe quase que imediatamente seu raciocínio de volta. *Que perda de tempo*, ele pensou, procurando pela rua que seguia para oeste.

– Com licença, irmão? – Veio uma voz às suas costas.

O espadachim se virou e viu um humano encapuzado muito magro, saindo do mesmo estabelecimento.

– O que foi? Errei o valor da bebida?

– Oh, não, eu não trabalho lá, irmão, sou apenas um cliente... e um comerciante em busca de oportunidades – o homem disse, se aproximando e removendo o capuz.

Ele não era um humano comum.

Seu nariz e orelhas pareciam ter sido queimados há tempos, sendo reduzidos a orifícios com pequenas elevações ao redor. Sua cabeça completamente calva era adornada por quatro pequenas relíquias Dingiri, que haviam sido confeccionadas como joias e presas à pele levemente esverdeada e mais grossa do que o normal, quase como couro. Seus olhos também apresentavam um estranho tom esmeralda na parte normalmente branca, e Adapak achou que exibiam a inteligência de um homem observador.

– Eu... não quero comprar nada, obrigado – falou o jovem.

– Na verdade eu não *vendo*, irmão, eu *compro*. Sou um comprador de relíquias Dingiri e estou muito interessado no material que o senhor tem aí.

O espadachim o encarou sem entender.

- Eu... não a tenho mais, ela... Espere, como sabe disso?
 - Bom, não é difícil notar; o senhor as está exibindo para todos aí na cintura – o homem disse, direcionando o olhar para as espadas do rapaz.
 - O quê?
 - Estas são Igi e Sumi, não são?
 - Ahn... sim, são. Mas...
 - Seria muito esperançoso da minha parte perguntar se está em poder de *Lukur*, também?
- A terceira irmã?...
- Eu... Não, ela...

Telalec.

- ... Não está comigo – o rapaz respondeu.
 - Entendo – o humano respondeu, transparecendo no rosto esverdeado a decepção.
 - Está me dizendo que elas são relíquias Dingirī?
 - O... senhor não sabia?
- Adapak negou com a cabeça, removendo Sumi da bainha e examinando-a.
- Eu estou surpreso que um irmão kishpū não as tenha reconhecido! – o homem exclamou.
- Adapak se lembrou imediatamente do que um dos marinheiros do navio havia dito no porão: *“Já ouvi falar de feiticeiros que usam relíquias Dingirī para modificar os próprios corpos. Meu avô os chamava de kishpū”*.
- Você... é um “feiticeiro”, não é? – o espadachim perguntou para o homem, surpreendendo-o.
 - Eu... Bom, sim, irmão – ele respondeu, um pouco ofendido. – Embora não aprecie o termo depreciativo.

Agora entendo a comparação que fazem comigo.

- Me desculpe, é que eu... Esqueça – pediu Adapak, disfarçando a inocência. – Eu consegui essas espadas há pouco tempo e não tive tempo de examiná-las... Quer dizer, elas não se *parecem* com relíquias.
 - De fato, irmão, de fato; o coração Dingirī de cada irmã está oculto em seu interior – ele disse, desenhando com as mãos magras a forma do cabo das espadas.
 - Até hoje não notei nada de diferente nelas.
 - Irmão, acho que não devemos ignorar a oportunidade que nos foi apresentada aqui; devemos nos reunir para uma conversa mais... *privada* – ele disse, retirando um pequeno papel enrolado do bolso e o entregando ao rapaz.
 - “Tesouros do Passado”? – Adapak leu em voz alta.
 - O nome é um pouco... *clássico demais*, eu admito... – o homem disse, exibindo poucos dentes na simpatia. – Mas é um negócio de família e meu tataravô o nomeou assim há muitos ciclos. O nome acabou *pegando*... além de ter um valor nostálgico, claro.
- O espadachim lhe ofereceu um sorriso cortês.
- Eu entendo que talvez não tenha a intenção de vendê-las – o homem disse –, mas acho que podemos trocar informações pertinentes sobre o material, ainda mais descobrindo agora

que o irmão desconhecia a verdadeira natureza do que carrega.

– Eu... vou considerar, senhor?...

– Ubara Tüt, aos seus serviços, senhor?...

– Adapak.

– Seria um prazer poder analisá-las de perto, irmão Adapak. O senhor pode me encontrar no *Tesouros do Passado* sempre depois que Sinanna estiver no céu. Não há como errar, fica em frente ao grande pilar, na praça do meio.

– Certo. Obrigado, Ubara – o espadachim agradeceu, dando uma última olhada no papel e o guardando na bolsa.

– Que os Quatro nos vigiem – o humano se despediu, fazendo uma pequena reverência e retornando ao interior do estabelecimento das ïnannarianas.

Adapak permaneceu ali parado mais alguns instantes, ainda buscando na espada Sumi algum traço Dingirī. Parecia impossível que não soubesse identificar algo pelo qual esteve cercado praticamente a vida inteira.

Há coisas mais importantes do que isso agora, ele pensou, embainhando a arma e localizando a rua que seguia para oeste.

Aos poucos, o fluxo de pessoas aumentou consideravelmente, sugerindo a aproximação de uma região concorrida. A passagem enfim abriu para uma das praças que Sirara havia mencionado; não uma como a que o espadachim tinha estado em Urpur, mas um espaço gigantesco, comportando centenas de pessoas em uma euforia mercantil. Não parecia haver nenhuma ordem ou categorização na disposição de barracas e tendas espremidas uma ao lado da outra, com proprietários de todo tipo de item gritando ofertas e negociando preços. Adapak se permitiu levar pela curiosidade e parou naquelas que mais lhe chamavam a atenção, perguntando valores e aprendendo um pouco sobre aquele mundo que ele nunca imaginou que pudesse um dia visitar. Uma tenda comandada por um casal de maskürrianos idosos desafiava os sentidos dos clientes com meia dúzia de painéis de barro, que borbulhavam com temperos diversos e coloridos. Faminto, o jovem espadachim investiu em uma cuia de legumes cozidos que iluminou seu paladar como nenhum outro alimento que ele já tivesse comido, nem mesmo aqueles que sua Casa era capaz de fazer.

Enquanto comia e observava encantado uma humana comandar um estranho aparato de costura, um burburinho mais alto na multidão chamou sua atenção.

Uma dúzia de guandirianos atravessava a feira, montados em dois enormes anbärr avermelhados. *Os pesados herbívoros devem ser um pouco menores que o navio de Sirara*, o espadachim pensou, contando as inúmeras placas ósseas e espigões ao longo dos corpos quadrúpedes. Um animal daquele tamanho devia ter muitos ciclos de idade, ele estimou e, por essa razão, seus ossos deviam valer uma verdadeira fortuna.

As costas encouraçadas dos anbärr estavam carregadas com dezenas de mercadorias, que iam desde diversos tipos de armas até tapetes de couro, transformando-os literalmente em um “comércio ambulante”. A comitiva seguiu na direção do colossal pilar esmeralda, localizado na outra grande praça ao lado.

Adapak perguntou à humana costureira por direções para o *Dingirī Manco* e logo o avistou. O estabelecimento tinha apenas um andar, mas era bem largo e pelo que era possível se ver das janelas, estava lotado de clientes animados. Uma grande placa sobre a porta dupla

exibia o desenho de uma criatura engraçada que o espadachim nunca identificaria como um Dingirī, não fosse o nome do lugar. Rindo, ele entrou.

Agora sim, ele pensou, deparando-se com algo próximo às descrições de tavernas que Tamtul e Magano frequentavam; brasas fracas brilhavam na lareira central, cercada de mesas e cadeiras repletas de machos e fêmeas de todas as espécies bebendo e comendo. Alguns gritavam bravatas para os amigos entretidos, outros trocavam segredos em cantos menos iluminados. Ao lado do balcão principal, um velho instrumento de cordas sofria nas mãos de um esuru claramente embriagado, preenchendo o ambiente com uma música terrível.

Feliz por receber poucos olhares curiosos, Adapak encontrou uma mesa vaga e se sentou, ainda se acostumando ao cheiro forte de carne e bebida do lugar. Ele achou estranho que as paredes fossem decoradas com cabeças de animais empalhados, mas considerou que aquela era a maneira dos mortais se convencerem de que estavam acima da cadeia alimentar.

Havia um pequeno cartaz sobre a mesa de madeira. Nele, uma ilustração mostrava dois gisbanianos musculosos se encarando. Eles faziam expressões descontentes e empunhavam espadas de maneira ameaçadora. Decorando o resto do espaço, letras chamativas diziam *O DINGIRĪ MANCO APRESENTA: MAMAGAL CONTRA AGA – OS MESTRES ESPADACHINS SE ENFRENTARÃO PELO TROFÉU DOS CINQUENTA!! LUA 41 DE ABZUKU ARĀH AO SUBIR DE SINANNA. LOCALIZAÇÃO: PRAÇA DO PILAR.*

Balançando a cabeça, o espadachim pousou o papel na mesa quando uma atendente humana se aproximou.

- O que vai querer, kishpū? – ela perguntou, mascarando uma raiz de mochi.
- Vocês tem leite de ninzuna?
- *Leite?* É claro que não, isso não é uma maldita fazenda.
- Ahn... *água*, então, por favor.

A mulher buscou a jarra no balcão e a deixou na mesa do espadachim, saindo para atender outros clientes. Após satisfazer a sede, ele apoiou o antebraço enfaixado na madeira e começou a desenrolá-lo, trazendo a nova mão direita para a luz. Ainda maravilhado, ele abriu e fechou o punho cinza-claro, sentindo os dedos ainda dormentes, mas vivos. Ele imaginou se a cor da pele aos poucos se igualaria ao resto do corpo, mas a verdade era que isso não importava.

Adapak deixou o tempo correr, entretendo-se com as conversas que era capaz de identificar e traduzir na taverna barulhenta. Aos poucos, a luz que penetrava pelas janelas enfraqueceu e o carvão da lareira central foi reacendido, aquecendo novos clientes e deixando saudade naqueles que deixavam o estabelecimento.

Entediado, o jovem tirou o caderno de Barutir da bolsa e começou a folheá-lo. Ele o tinha feito dezenas de vezes durante o resto da viagem de navio, mas ainda se agarrava ao fio de esperança de encontrar mais alguma coisa que fizesse sentido dentre aquelas palavras desconexas. As palavras-chave como “caverna triangular” e “sorriso da montanha” o faziam lembrar das imagens que vira nos portões de Urpur, mas tudo era muito confuso.

Vamos ver se esse plano idiota funciona, ele pensou, guardando o pequeno livro.

No fundo da bolsa, a carta o desafiou mais uma vez.

Adapak tirou-a com a mão cinza, como se aquilo de alguma maneira representasse uma nova postura de confiança. Ele tocou o selo de cera bege como tinha feito dezenas de outras vezes, imaginando as palavras que ele protegia.

– Boas notícias? – veio da voz feminina à sua esquerda. Adapak ergueu os olhos e se deparou com a capitã Sirara acompanhada de Ollak e Kashi, que o saudaram e imediatamente pediram bebidas à atendente.

– Descobrirei depois – o jovem respondeu, guardando o envelope na bolsa. Foi só quando os três se sentaram que repararam na novidade.

– Você... não tinha perdido essa mão aí? – perguntou o haakiki, arregalando a meia dúzia de olhos. Os outros o acompanharam na tensão, em silêncio.

– Ela... cresceu de novo – o espadachim falou, torcendo os lábios.

– Está cada vez mais difícil de achar que você *não é* um feiticeiro, senhor Adapak – a capitã confessou de sobrelhas erguidas.

– Eu já disse a vocês o que eu sou, vocês é que não acreditam.

– Depois das coisas você fez no navio, estou começando a mudar de ideia – falou Kashi, brincando impaciente com as argolas de bambu da pele frouxa enquanto a bebida não chegava.

– Vou falar com o amigo do meu tio, meninos, já volto – avisou Sirara, se levantando e indo até o balcão.

– Sabe – disse Ollak, admirando o cartaz sobre a mesa –, se eu soubesse fazer o que você faz com as espadas, ficaria *rico* nesses torneios...

– Ele tem um ponto, olhos brancos – Kashi falou, bebendo um gole da bebida roxa que tinha acabado de ser entregue. – Você poderia vencer qualquer um desses sujeitos sem suar... ainda mais agora que tem as *duas mãos*.

– Por que eu faria isso? – Adapak perguntou, segurando o cartaz.

– Bom, é uma competição, olhos brancos, para ver quem é melhor. – disse o maskürriano. – E há *muito* dinheiro envolvido...

Adapak balançou a cabeça.

– Os Círculos me foram ensinados para que eu me defendesse de quem me quisesse mal, e não para agredir outros em disputas *egocêntricas* – o espadachim falou. – Esse anúncio chama esses lutadores de “mestres”... *Mestres* verdadeiros não lutam em uma arena em troca de moedas.

Ollak e Kashi se entreolharam.

– Acho que você está sendo um pouco exagerado – falou o haakiki, se ajeitando na cadeira.

– Não acha que os mortais deveriam se unir para construir coisas, em vez de se destruir? – insistiu o espadachim.

– Ninguém *morre* nesses torneios, garoto – falou Kashi. – Há juízes e regras...

– Enfeites para disfarçar um símbolo de *desunião*. E desunião é tudo que Kurgala não precisa mais...

Antes que a conversa seguisse, Sirara retornou à mesa, acompanhada de um nekelmuliano mais velho cuja pele não refletia tanto quanto os outros que o espadachim havia conhecido.

– Adapak, esse é Mēsh-he, ele é segurança do Dingirī Manco e concordou em... ajudá-lo – ela disse.

– É um pedido *peculiar* – falou o indivíduo, de pernas cruzadas e suspenso pelos tentáculos. – Mas posso sentir que você também o é.

– Eu posso lhe recompensar por...

– Não há necessidade – ele falou, erguendo a mão. – Onde quer que façamos?

O jovem olhou em volta.

– Pode ser aqui mesmo, eu acho.

– Tem mesmo certeza disso, garoto? – a humana perguntou, mordendo os lábios. Ollak e Kashi arrastaram suas cadeiras um pouco para trás, encarando a cena com preocupação.

– Faça.



O mundo perdeu a luz e o som. Adapak sentiu a pele esfriar e abriu os olhos no interior de uma colossal caverna triangular, cujas paredes eram como as da Casa que crescera. Ikibu. Fora do cone de luz que descia sobre ele, olhos ocultos o observavam da escuridão.

Ele os sentia. Sentia que eles o julgavam. Ikibu. O jovem se levantou do chão e viu que uma sequência de grandes arcos paralelos seguia até o fim de um corredor, por onde ele flutuou. E então as paredes de cristal se dissolveram em areia e o cone de luz se transformou na lua de Sinanna. Ikibu. As ondas do mar soavam em algum lugar, saudando-o. Ao seu lado, uma montanha de topo retilíneo sorria para ele. Ikibu.

O espadachim abriu os olhos outra vez, agora no mundo real. Seu estômago jogou para fora os legumes cozidos que ele havia comido na praça, sujando a borda da mesa da taverna.

– *P-papel...* – ele balbuciou, limpando a boca com as costas da nova mão cinza. Ao fundo, a música mal executada do esuru aos poucos aumentava.

– Ele acordou! – falou Sirara para Ollak e Kashi, que se aproximaram da mesa segurando suas canecas, apreensivos.

– Papel, eu... preciso de um papel... – Adapak disse desorientado, se levantando com dificuldade e sendo amparado pela capitã:

– Espere um pouco, senhor filho de Dingirī, você ainda está...

Ignorando-a, o jovem pegou o cartaz do duelo de espadachins e passou pelos três, se agachando sobre a lareira e pegando um pedaço de carvão que não queimasse seus dedos. Alguns clientes reclamaram quando ele esbarrou neles ao retornar tropeçando para a mesa. Sentou-se e começou a desenhar freneticamente no verso do papel.

– Ele acordou? – perguntou o nekelmuliano que o derrubara, se aproximando do grupo e se deparando com a cena estranha.

– Acho que você o deixou *retardado* – sugeriu Ollak, apoiando a caneca na mesa e se dirigindo ao rapaz com cautela. – Ei, companheiro, você está nos entendendo...

– AQUI! – Adapak exclamou, segurando o haakiki agora apavorado e lhe mostrando o

desenho tosco que tinha feito. – Onde fica isso?!

– E-eu não...

O espadachim o soltou e voltou a desenhar desesperado, transcrevendo para o papel as imagens que tinha visto antes que desaparecessem de novo da memória. Intrigados, Kashi, Sirara e o nekelmuliano Mësh-he se posicionaram atrás dele, aos poucos enxergando o desenho tomar forma.

Subitamente, Adapak interrompeu o rabiscar, afastando o pedaço de carvão do papel como se um mero traço adicional fosse comprometer sua identificação. De olhos marejados, ele se virou para o trio, perguntando com o rosto se algum deles reconhecia aquele lugar. Eles olharam entre si, para Ollak e depois para o espadachim. Em algum lugar da taverna, alguém deixou cair uma caneca de bebida, arrancando gritos divertidos.

– Me... parece a praia da Montanha Gentil – arriscou Sirara, arqueando os ombros. Os outros confirmaram em silêncio.

Ainda sentindo a cabeça doer, Adapak se levantou e segurou a mulher pelos ombros:

– Por favor, Sirara... onde fica esse lugar?

Sem desviar dos olhos brancos e angustiados do rapaz, ela respondeu:

– Bom... em Larsuria. É a Casa Abandonada de Anu' När.

Ikibu

Cuidado, aventureiros, pois a casa da criatura é feita de mentiras!

Elulu, o profeta, em *Tamtul e Magano contra a ameaça de Rumbaba*.

ADAPAK APROXIMOU o rosto do chão uma última vez, vendo a gota de suor pingar da testa negra para a superfície verde. Ele ordenou aos músculos trabalhados dos braços que fizessem o último esforço do dia e eles o obedeceram, empurrando o torso do espadachim para longe do solo como guerreiros orgulhosos ao som dos tambores do coração.

Exausto, o jovem de 19 ciclos se levantou. Ao seu redor, a Casa havia se reorganizado em rampas, bancos e apoios com diferentes formatos que ele usava para se exercitar diariamente desde os 12 ciclos de idade. Telalec o havia ensinado a compreender e trabalhar o corpo da mesma forma que os ushariani faziam, apreciando a dor muscular em vez de rejeitá-la. Aceitando-a como uma aliada na construção de um Adapak então capaz de realizar os movimentos que os Círculos exigiam de maneira precisa, como um verdadeiro espadachim Tibaul.

Satisfeito, o rapaz pegou do chão o livro que trouxe para ler durante os intervalos de cada exercício e pediu a Casa que desfizesse a área. Ela assim o fez, transformando as estruturas novamente nos cristais que acarpetavam a colossal câmara. Dali ele olhou para o centro da caverna e vislumbrou seu Pai sentado sob a base estrelada do magistral pilar de cristais. De olhos fechados, o Dingiri dormia consciente, pois Ele também estava em cada mellat espalhado pela ilha.

Era ali, completamente em silêncio, que Ele passava a maior parte do tempo.

Sentindo o estômago reclamar, Adapak seguiu para a região leste da Casa. Quando Enki' Nār se locomovia pela câmara, sempre o fazia em linhas *retas*, mas o rapaz ainda gostava de se divertir como quando criança, caminhando em zigue-zague e se maravilhando com os cristais verdes se adaptando a cada passo seu. Desde cedo ele descobrira que não importava o quão rápido corresse; a Casa sempre transformava o piso na superfície lisa e envidraçada antes que seu pé tocasse o chão.

Outra coisa que ele descobrira ciclos atrás é que a Casa era capaz de fazer e desfazer estruturas em qualquer lugar do piso, paredes ou teto; com exceção daquelas que abrigavam objetos trazidos de fora. Era por isso que a biblioteca e o armário permaneciam sempre visíveis no lado leste.

A biblioteca consistia em cinco colunas cilíndricas dispostas em formato de cruz, repletas de livros e enciclopédias vindas dos cinco continentes de Kurgala. O jovem escalou a escada em espiral envolvendo a mais alta delas (a do meio) e na penúltima estante encaixou *Tamtul e Magano e os muros da fortaleza de areia*. A capa desgastada mostrava dois humanos em plena forma física agarrados a uma enorme e monstruosa besta alada, que

sobrevoava uma estranha cidade murada enquanto tentava arrancá-los das costas. *Um clássico*, ele pensou, sorridente.

Logo ao lado da biblioteca, existia o armário, que consistia em um trio de longas e curvas estantes envidraçadas, expondo os objetos que os mellat traziam para Adapak do altar da margem do lago: pinturas, armas, vestimentas e outros símbolos do mundo exterior ajudavam a saciar a curiosidade do rapaz e a compreender melhor a realidade dos mortais. Ali também era onde ele guardava alguns de seus itens pessoais, como as roupas e a bolsa que costurara, o primeiro livro de fantasia que ganhara de Nafaela, os tapetes dos Círculos Tibaul, as espadas de treinamento (de madeira), além de Igi e Sumi. Nessa mesma primeira estante havia uma prateleira dedicada somente aos presentes que T'arish lhe dera, assim como a carta que ela deixara para o jovem.

Adapak se aproximou da segunda estante, onde foi capaz de juntar uma pequena coleção de pinturas ilustrando a história da criação de Kurgala. O primeiro quadro mostrava um oceano infinito, coberto por uma espessa camada de nevoeiro. Dos céus, os Quatro Dingirī, que o artista desenhara como algo semelhante aos mellat, porém *alados*, desciam montados em carruagens douradas como o sol e guiadas por majestosos sisus de fogo (Adapak não entendia por que uma criatura com asas precisaria de uma carruagem voadora, e lamentou não ter a oportunidade de perguntar o porquê disso ao autor da obra). As palavras diziam: *“No princípio, Kurgala era mar, e os espíritos de Abzuku e Tiamatu eram seus Senhores. E nada mais além Deles existia, pois assim Eles desejavam. E então Os Quatro Que São Um desceram, e Seus nomes eram: Anu' Nār, o Artesão; Enlil' Nār, o Viajante; Enki' Nār, a Voz e Nintu' Nār, a Lança.”*

Adapak seguiu pela estante, olhando a sequência de pinturas até parar na quinta. Nela, Enki' Nār se encontrava sentado de pernas cruzadas sobre uma bela ilha enquanto fios prateados o circulavam em espirais. As palavras explicavam: *“Mas Abzuku e Tiamatu não gostaram de ver Seu antigo mundo repleto de mortais e decidiram acabar com toda a existência, retornando Kurgala ao mar que um dia fora. E então os Quatro enviaram a Voz até a Quinta Casa de Shuru, para convencer os antigos espíritos a não inundarem o mundo. Mas ele falhou.”*

A sexta pintura mostrava o Pai de Adapak assoprando o nevoeiro para o interior de um colossal bloco envidraçado, pousado sobre um deserto interminável. Dentro do bloco, o nevoeiro tomava a forma de duas criaturas horrendas e gigantescas, que batiam os punhos nas paredes de sua nova prisão. Os dizeres prosseguiam: *“Incapaz de convencê-los, Enki' Nār não viu alternativa senão trancar os antigos senhores de Kurgala na Prisão de Cristal em Sua própria Casa, transformando-a em um infinito deserto.”*

Como se para fazer contraste à sequência de quadros, o espadachim olhou para uma pintura menor na estante logo abaixo. Ela mostrava uma família mau'lin composta de um casal idoso e seis filhos, reunidos em frente a uma cabana simples em uma fazenda. O quadro não tinha os costumeiros pedidos inscritos nas oferendas deixadas na margem oeste do lago, mas Adapak sempre apostara que a pintura tinha sido deixada por um dos filhos, orando para que o Dingirī guiasse o casal de idosos de volta às estrelas. Ele lançou um olhar para o centro da caverna mais uma vez, onde Enki' Nār repousava como uma estátua imponente, derramando a massa de incontáveis tentáculos sobre o chão como uma cascata verde-

amarelada congelada no tempo. No mundo dos mortais, os pais por muitas vezes eram figuras heroicas para os filhos, além de projeções físicas de seus futuros. Para Adapak, apenas metade disso era realidade.

De repente, a caverna tornou-se vermelha.

– *Pai?* – exclamou o rapaz assustado, testemunhando cada cristal dentre os milhões que compunham a Casa mudar de verde para escarlate. Até o armário e a biblioteca pareciam banhados em sangue. Enki' Nār não despertou da posição no centro da câmara, para onde Adapak correu com toda a velocidade.

– Pai, o que está acontecendo?! – o jovem gritou, agarrando um de seus tentáculos. O Dingirī não se moveu. – PAI!!

Enki' Nār abriu os olhos e o tom da Casa tornou-se mais escuro. Ele pousou as esferas azuis em Adapak e Sua voz ecoou poderosa como um trovão, não somente na mente do rapaz, mas em toda a caverna:

– ELES ENTRARÃO.

– P-pai, o que está acontecendo? – o jovem perguntou, vendo o Dingirī se erguer. A superfície da Casa inteira parecia se mover agora, crescendo aos poucos espigões que se entrelaçavam de uma parede à outra, como uma gigantesca teia escarlate aos poucos sendo tecida.

– NÃO SEI COMO, MAS NÃO POSSO NOS PROTEGER, ADAPAK. ELES ENTRARÃO.

– De quem você está falando, pai? Eles *quem*?! – o rapaz exclamou, olhando ao redor, desesperado. A caverna gemeu com um estrondo.

– ADAPAK, PRECISO QUE PRESTE ATENÇÃO NO QUE VOU LHE DIZER. OLHE PARA MIM – o Dingirī disse, segurando os ombros do jovem e abaixando a cabeça bulbosa para encará-lo mais de perto. – PEGUE SUAS ARMAS, SUA BOLSA E VOLTE ATÉ AQUI. FAÇA ISSO AGORA.

– Pai, eu...

– AGORA, ADAPAK!

O rapaz disparou na direção do armário, tropeçando e mudando o curso enquanto espigões e pontes aleatórias cresciam vagarosamente por todo o lugar. Guinchos horrorosos ecoaram pela caverna, gelando o sangue do jovem. A nova geografia e iluminação tornavam difícil a visão do cenário, mas ele foi capaz de identificar que na parede sul, por onde ele entrara com Barutir há quinze ciclos, uma abertura surgiu. Sombras grotescas se moviam por trás da teia de espigões cada vez mais complexa. A Casa crescia, dificultando que avançassem com rapidez.

Alcançando as estantes do armário, Adapak pegou as bainhas das espadas, seu cantil e a bolsa. Ele ouviu mais guinchos vindo da parede nordeste, mas não conseguia enxergar além dos cristais emaranhados.

Ela.

Ele agarrou a carta de T'arish e a enfiou na bolsa também.

– ADAPAK! – chamou a voz de Enki' Nār.

O jovem se virou e viu que o caminho que tinha feito havia sido bloqueado. Como se atravessasse uma densa floresta virgem, ele se esgueirou entre a cadeia de cristais e espigões crescidos, ouvindo guinchos e gritos guturais em todo o lugar.

Não.

Sob o pilar central da Casa, Enki' Nār jazia caído sobre uma poça negra. Ao seu redor, três guandirianas o cheiravam, armadas com espadas e lanças manchadas de vermelho.

Adapak gritou. As criaturas apontaram as enormes orelhas para o rapaz e guincharam.
– *Iikibuuu...* – uma delas exclamou, antes que todas avançassem contra ele.

Os Círculos Tibaul se acenderam.

Igi e Sumi saltaram das bainhas como relâmpagos, rechaçando as investidas das guandirianas com perfeição e fechando a primeira seção de movimentos com uma garganta perfurada, um rosto cortado e uma lança partida. A criatura desarmada tropeçou para o lado e recebeu com um grito a lâmina de Sumi entre as costelas. A de rosto ferido cambaleou para trás e caiu com as costas encouraçadas no chão liso ao lado de Enki' Nār, guinchando por ajuda.

– *Ikibuuu!* – ela gritou, antes que a lâmina de Igi lhe trespassasse o pescoço.

Adapak puxou a arma para si e piscou os olhos com força, como se despertasse de um torpor. Os Círculos não tinham ordenado que executasse a criatura no chão, mas ele o fizera sem pestanejar, sentindo como se já o tivesse feito centenas de outras vezes. Entretanto, essa era a primeira vez que ele sentia o peso de cada corte e a resistência que as lâminas sofriam, diferente de quando treinava com Telalec nas sombras que a Casa criava.

Tremendo e confuso, ele olhou para as lâminas de Igi e Sumi, maculadas de vermelho.

Pai.

O espadachim se aproximou de Enki' Nār e viu aliviado que este ainda respirava, apesar da poça de líquido negro que aumentava cada vez mais.

– Pai, está me ouvindo? – o rapaz perguntou, tocando o rosto alongado do Dingiri. Outros guinchos ecoaram ao longe; mais invasores se aproximavam, atrasados pelo labirinto de espigões.

– Peça a Casa que o cure, pai, *rápido!*

– NÃO, ADAPAK... VOCÊ SE LEMBRA DO QUE LHE DISSE SOBRE ESTIRAR O TECIDO DA VIDA? POIS OS MEUS JÁ FORAM ESTIRADOS DEMAIS... – o grande ser falou com um sorriso surpreendentemente sereno.

– Pai, por favor! – o espadachim pediu, de olhos molhados. Acima dos dois, as pontas da base estrelada do pilar haviam crescido a ponto de tocar as paredes da câmara esmeralda, se mesclando cada vez mais aos outros milhares de espigões entrelaçados.

– AGORA VOCÊ PRECISA ME OUVIR, ADAPAK: SEM OS PREPARATIVOS CORRETOS, A CASA PERECERÁ ASSIM QUE MEU CORPO PERECER, VOCÊ COMPREENDE? ELES NÃO SABIAM DISSO, OU NÃO TERIAM ME FERIDO... NÃO PODEREI MANDÁ-LO PARA MUITO LONGE, ENTÃO, QUANDO

ESTIVER LÁ FORA, PRECISO QUE SE AFASTE DA ILHA O MÁXIMO QUE PUDER...

Atordoado, o jovem olhou para cima. O pilar começou a vibrar tão intensamente que o chão tremia.

– VOCÊ COMPREENDE, ADAPAK? – o Dingirī repetiu, segurando-o pelos ombros. Os guinchos se aproximavam. A vibração agora fazia tremer os ossos do rapaz.

– S-sim, eu entendo.

– CORRA, ADAPAK – Enki’ Nār falou com pesar, tocando a cabeça calva do jovem com uma das mãos.

O espadachim teve a impressão de que todos os milhões de cristais da câmara se acenderam ao mesmo tempo, cegando-o com a luz esmeralda. Os guinchos e a vibração cessaram imediatamente, sendo substituídos pelo farfalhar de folhas ao vento e o bater suave de água em terra. Adapak sentiu o calor do sol lhe tocar o corpo dormente e abriu os olhos brancos.

Ele se encontrava em frente ao pilar da margem oeste, cercado pelas oferendas que os mortais ali deixavam. As pontas do topo estrelado da estrutura também haviam crescido, mas agora retrocediam lentamente, retornando-o à forma original e reduzindo a sombra sobre o solo. Desorientado, o jovem se ajoelhou, esfregando o rosto suado e olhando na direção da grande ilha do lago: corpos de mellat jaziam nas margens, esquartejados. Atrás deles, as silhuetas dos invasores se moviam dentre as árvores, como insetos vitoriosos sobre um enorme doce a ser consumido.

Corra, Adapak.

Ele passou os olhos pelas oferendas espalhadas, buscando algo que lhe fosse útil. Uma armadura de ossos de anbärr jazia em frente a uma pequena pedra, onde um pergaminho aberto narrava os feitos do antigo dono. *Pesada demais*, pensou o espadachim, largando o elmo no chão. A pintura de um humano de bigodes fartos acompanhava um conjunto de roupas simples; Adapak experimentou as botas e viu que lhe serviam. A seguir apertou o cinto ao redor do saiote de couro marrom e prendeu as bainhas das espadas ali. Ao lado de uma cesta de frutas, um amontoado de joias e moedas tinha sido despejado. O jovem pegou um pequeno saco de pano e o encheu com elas, guardando-o na bolsa.

Um estrondo ensurdecedor ecoou da Casa, fazendo-o se encolher. Milhares de aves coloriram os céus de Kurgala, escapando das copas das árvores, aterrorizadas. A vibração recomeçou.

Corra.

Mas ele não conseguiu. Pequenas ondulações preenchem a água escura do lago, como se um terremoto silencioso estivesse ocorrendo. Nuvens começaram a se formar no céu, obscurecendo o dia. O vento roçava estranho na pele negra do espadachim.

E então algo começou a acontecer com a Casa.

Primeiro Adapak achou que a água do lago estivesse secando, mas então entendeu que era

a *margem* da ilha que começara a retroceder, como se ela e a montanha que abrigava estivessem subitamente encolhendo. Troncos de árvores se partiam enquanto elas se entortavam em direção ao centro do lugar, aos poucos sendo arrancadas do solo e voando para lá junto à lama, pedras, raízes e plantas que constituíam o quintal da grande Casa de Enki' Nār e Adapak. Um bizarro som de papel amassado ecoava pela floresta, enquanto o centro da montanha se tornava um sol negro para onde a ilha inteira encolhia. Adapak aos poucos testemunhou seu lar se tornar um bizarro amálgama esférico de tudo que um dia fora, reduzindo de tamanho cada vez mais até despencar nas águas do lago como uma grande rocha disforme.

Um trovão ecoou e uma chuva fina começou a cair, lavando as lágrimas do rosto do espadachim.

Deuses

Ninguém viaja mais rápido do que Puzur.

Puzur, em *Tamtul e Magano e os muros da fortaleza de areia*

– A CASA DE ANU’ NÄR? – Adapak indagou, aproximando o rosto suado ao de Sirara. – Tem *certeza*?!

– Seu desenho ficou bem *parecido*... – a humana disse, dando ênfase à palavra – com a praia da Montanha Gentil, na costa oeste de Larsuria...

– Realmente lembra a Casa Abandonada – confirmou Ollak, limpando o vômito do espadachim da mesa com o pano que a atendente trouxera. Kashi e o segurança nekelmuliano também estavam intrigados. Esse último se dirigiu à capitã:

– Escute, Sirara, só vim me certificar que ele tinha despertado, preciso voltar ao trabalho... Vocês ficarão bem?

– Sim, Mësh-he, obrigada – ela disse, voltando-se para o rapaz de pele negra e apontando para o desenho que ele fizera. – Garoto, você precisa ir até esse lugar, é isso?

– Acho que sim... – ele respondeu, esfregando os olhos para afastar a dor de cabeça.

– Você escolheu um péssimo lugar para querer visitar, olhos brancos – falou Kashi, se sentando à mesa. – A Casa Abandonada é a *razão* dessa guerra estúpida; aquele lugar está um *caos*, principalmente agora que o imperador Mashda foi morto.

– Se ele tiver *sorte* pode encontrar um navio clandestino que vá daqui para a costa leste de Larsuria – falou Ollak, passando os dedos pelos fios grossos da barba. – De lá, ele pode tentar cruzar até o outro lado, mas...

– ... Mas a não ser que saiba ficar *invisível*, não vai conseguir chegar sequer *perto* da casa de Anu’ När – completou Kashi. – Aquele deve ser um dos lugares mais guardados de Kurgala agora...

Pensativo, Adapak se serviu de um copo d’água para tirar o gosto ruim da boca. As cabeças de animais empalhados pela taverna o encaravam, ameaçadoras. Sirara quebrou o silêncio da mesa:

– Não tenho condições de ir à Larsuria, garoto, ainda mais com minha tripulação desse jeito... mas posso ajudá-lo a procurar alguém, como Ollak sugeriu.

O espadachim ia responder, mas se interrompeu ao notar o jovem ajudante humano de Kashi entrar mancando pela porta dupla do estabelecimento. Ele carregava um embrulho comprido.

– Ah, você achou? – o maskürriano falou, fazendo sinal para que o menino se sentasse à mesa.

– Onde está a família dele? – Adapak perguntou.

– Está olhando para ela – Kashi respondeu, desembrulhando algo que Adapak identificou

como um instrumento de pesca desmontado. – Eu o encontrei aqui mesmo, em Caspama, ciclos atrás. Estava voltando do “Canto” quando achei que tinha escutado um bebê chorando... Segui o barulho por uma viela e o achei caído no chão, ao lado de um poço. Acho que a mãe desistiu de jogá-lo e fugiu.

– Pela Matriarca... – falou Adapak, olhando para o garoto, que parecia alheio à conversa enquanto montava a vara de pesca. – Quem faria isso com um bebê?

– Alguém que não quisesse um bebê sem perna, acho – respondeu o maskürriano, tocando o toco de madeira da criança. A atendente se aproximou com duas canecas de alguma bebida espumante cujo cheiro o espadachim achou extremamente enjoativo, mas que foi recebida com entusiasmo por Ollak e Kashi.

– Então, Adapak, o que quer fazer? – perguntou Sirara, se apoiando na mesa.

O espadachim pareceu perdido em pensamentos por um instante.

– Eu... preciso pensar um pouco lá fora – ele por fim respondeu, pegando sua bolsa e se dirigindo à saída.

A noite não parecia ter diminuído a atividade em Caspama; tochas e lampiões haviam surgido por toda a praça, conferindo novos tons ao comércio, que estava constantemente se renovando. Encostado próximo à janela do lado de fora da taverna, o encapuzado espadachim reparou que espécies notívagas, como sinserianos e uggael, agora faziam parte do oceano de transeuntes, enquanto as predominantemente diurnas tinham reduzido consideravelmente de número. Ele apoiou a bolsa no chão e observou a multidão como tinha feito com o mar nos últimos dias de viagem, deixando-se embalar pelo movimento enquanto a mente procurava por respostas inexistentes.

– Se queria um canto silencioso para pensar, não vai achar aqui na ilha – veio a voz de Sirara, que saía pela porta do Dingirī Manco.

– Esse lugar nunca para? – ele perguntou, dando espaço para que a mulher encostasse à parede ao seu lado.

– Fiz a mesma pergunta para meu tio a primeira vez que ele me trouxe aqui. Eu nunca tinha visto tantas pessoas juntas antes, fiquei apavorada, não larguei a mão dele nem por um instante...

– Você... ainda era uma criança?

– Sim, 11 ou 12 ciclos. Minha mãe detestou a ideia, mas meu tio insistiu que era importante eu “conhecer o centro do mundo” – ela disse, engrossando a voz como se o imitasse.

– Esse não me parece um lugar para crianças – Adapak falou, olhando sobre o ombro e pela janela do estabelecimento. Lá dentro, Kashi e o jovem humano haviam terminado de montar o instrumento de pesca.

– A história do garoto te incomodou, não foi? – a mulher perguntou.

Meditativo, o espadachim voltou a encarar a multidão.

– Eu não tinha ideia do quão... ruim era o mundo – ele finalmente disse.

– Sim, é ruim – ela falou pesarosa, passando os dedos sobre o corte no rosto.

– Quando eu era criança – Adapak começou a dizer –, conheci alguém que julgava ser *ruim*. Era um conceito simples e muito poderoso para mim, especialmente quando comecei a ler livros de aventura, onde os vilões representavam a antítese do que os heróis queriam.

Ainda assim eu não os compreendia; quero dizer, por que um mago iria querer despertar uma criatura gigantesca para destruir Kurgala? Isso não fazia sentido...

Confusa, Sirara franziu a testa.

– Ahn sim, esse seria o mago *Sargonu*, personagem de um livro de fantasia que eu gosto – Adapak explicou com um sorriso acanhado.

– Ah, quer dizer que até *deuses* leem livros baratos de fantasia? – Sirara provocou, erguendo as sobrancelhas.

– Entre outras coisas – ele retrucou, sorrindo. – Mas ele é um personagem fictício, claro, um ícone de uma intenção mal desenvolvida... Só depois que cresci que entendi exatamente porque as pessoas no mundo real agiam daquele jeito, entendi o que o *medo* pode fazer com elas. Mas ainda assim me assusta saber que bastou os Dingiri deixarem os mortais sozinhos para que ficassem desse jeito.

– Nós ficamos com *medo*, eu acho. Como filhos abandonados – Sirara sugeriu, séria.

Adapak pensou em dizer algo, mas julgou que encarar o comércio em silêncio seria melhor.

– Sabe, para alguém capaz de lutar contra dez pessoas ao mesmo tempo, você é um sujeito bem *sensível* – ela acabou dizendo.

– Eu não... – ele começou a responder, mas parou ao ver que a humana sorria.

Uma chuva fina começou a cair.

– Escute – Sirara começou a falar, colocando a mão sobre o rosto e impedindo que a chuva caísse sobre seus olhos –, há uma taverna na praça do pilar cuja frequência é *péssima*... e infelizmente é o tipo de lugar onde podemos encontrar alguém que te leve a Larsuria. O que acha de tentarmos a sorte?

– Você não precisa fazer isso, Sirara, já me ajudou bastante.

A mulher descolou as costas da parede e se virou para ele.

– Não, garoto, eu *ainda* não o ajudei o bastante – ela disse, irritada. – *Bosta*, você salvou a minha maldita vida naquele convés, está entendendo? Sabe o que eles iam fazer comigo caso você não... – a capitã interrompeu o discurso, como se o que fosse dizer fosse horrível demais para lhe escapar da garganta.

– Sirara, eu... – ele começou a dizer.

– Não me olhe assim, garoto, está entendendo? – a humana falou com raiva, chegando ainda mais perto dele.

Adapak podia sentir seu hálito suave de cerveja e indagou por que os mortais ingeriam bebidas que cheiravam tão mal.

– Está prestando atenção no que eu estou dizendo? – ela questionou. – Eu não sou nenhuma *princesa* magrela e estúpida que não sabe se defender; posso não ser tão boa com uma arma como você, mas já matei sujeitos duas vezes o meu tamanho...

– Eu... acredito em você – Adapak disse, sem saber exatamente como reagir.

A mulher viu a expressão ressaltada do rapaz e pareceu se surpreender com o que tinha causado, se afastando um pouco dele.

– Agora vamos – ela disse, se recompondo e fazendo sinal para que ele a seguisse.

Os dois abriram caminho pelo tráfego de pessoas até alcançarem uma larga rua formada por pedras brancas, por onde seguiram buscando sempre que possível a cobertura de marquises e toldos. Adapak ofereceu a capa para a capitã, que recusou.

– Conhece a história da Casa dos Cinquenta? – ela perguntou para o rapaz.

Ele julgou que ela estivesse tentando puxar assunto para aliviar a tensão de antes, então mordeu a isca:

– Ahn... não muito.

– Depois que Os Quatro se recolheram às Casas, esta ilha foi tomada pelo imperador do leste de Badibiria, Miscir, que a deu de presente para sua filha caçula, Caspama.

– Uma *ilha* de presente? – Adapak reagiu.

– É o que dizem – ela falou, dando de ombros. – Contam também que Miscir usava uma coroa feita a partir de uma relíquia Dingirī que o permitia ver o *futuro*... até o dia em que ele teve a visão de que a coroa seria roubada. E então a pregou no próprio crânio para impedir que o fizessem.

– Você acredita que ele tenha mesmo feito isso?

– Não sei – ela falou, pulando sobre uma poça. – Pessoas fazem coisas absurdas por relíquias Dingirī, isso é fato.

– Se ele via o futuro, não poderia evitar que fosse roubada, afinal?

– Engraçado, perguntei o mesmo para o meu tio – ela disse, sorrindo para o rapaz. – Mas ele me disse que “o tormento de se ver o próprio futuro é vê-lo se aproximar sem poder alterá-lo”.

– Você concorda? – Adapak perguntou.

– Não – ela respondeu, sem pestanejar. – E Miscir também não, por isso que pregou a maldita coisa na cabeça, pois achou que dessa maneira poderia alterar seu futuro.

– E conseguiu?

– Não – a mulher falou, fazendo sinal para que atravessassem a rua de pedras. – Ele acabou perdendo a cabeça inteira para Löb e seus cinquenta marujos, que invadiram a ilha durante a comemoração do aniversário de sua filha, bem aqui.

– Pela Matriarca...

– Sim, Löb não era um sujeito muito agradável – Sirara falou, aguardando uma pequena caravana de uggaels cruzar a esquina para poderem prosseguir. – Ele decapitou Miscir e tomou sua filha Caspama como esposa, transformando a ilha em um ponto de comércio neutro entre os continentes. Quer ouvir outra curiosidade?

– Claro.

– Meu tio me disse que os nomes dos cinquenta marujos de Löb estão escritos no verso de algumas dessas pedras – ela falou, apontando para o chão da rua. – E que as iniciais de cada um deles, se arrumadas na ordem certa, formam a localização da cabeça coroadada de Miscir, escondida por Löb aqui mesmo, na ilha.

– O final da história não poderia ser melhor que isso – Adapak brincou, continuando a

acompanhar Sirara.

Ocasionalmente ela apontava para algum estabelecimento e compartilhava alguma outra história que o tio havia lhe contado, revelando aos poucos a importância daquela figura paterna e esmaecendo cada vez mais a postura rígida que havia estabelecido no navio.

Eles finalmente chegaram à praça do meio, que provou ter o dobro do tamanho da anterior (ainda que o mau tempo a tivesse esvaziado um pouco e lotado ainda mais as tavernas). A comitiva de guandirianos havia firmado acampamento no centro da região, próximo à base afinada do colossal pilar Dingirī, que por sua vez bloqueava a luz que a lua derramava sobre os enormes anbärr já sonolentos. Ao lado deles, um estabelecimento pintado de verde se destacava pela arquitetura distinta em forma de abóbada. A placa na porta de entrada explicava: TESOUROS DO PASSADO.

– Sirara, podemos fazer um rápido desvio? – ele perguntou, semicerrando os olhos brancos sob a chuva que se intensificara. – Preciso falar com uma pessoa dentro daquela loja.

– “TESOUROS DO PASSADO”? – a capitã leu em tom jocoso, seguindo-o. – Vai começar a procurar a cabeça de Miscir também?

– Hoje à tarde conheci alguém que talvez possa me ajudar com algo. Vamos, será rápido... – ele pediu, se aproximando da porta ornamentada.

Adapak ouviu um som agudo tilintar quando entrou no estabelecimento. Intrigado, ele olhou ao redor quando Sirara lhe cutucou o ombro:

– Calma, espadachim, estamos a salvo – ela disse, apontando para um pequeno sino de vidro montado sobre o batente da porta.

– É uma boa ideia – o rapaz de olhos brancos falou, observando o interior da loja sem janelas e mal iluminada; estátuas, vasos, tapetes, lustres, enfeites, móveis e outras dezenas de objetos curiosos que remetiam-se aos Dingirī preenchiam o lugar, que se encontrava tão entulhado de coisas que seu tamanho exato era difícil de mensurar. Uma pequena placa pendia do teto, alertando: ESTE ESTABELECIMENTO É PROTEGIDO POR PODEROSOS ENCANTOS. LADRÕES SOFRERÃO AS CONSEQUÊNCIAS.

– Sutil – o jovem comentou, reparando em uma figura muito alta e esguia que parecia estar organizando uma estante na parte oeste do lugar.

– Odeio esses *mellat* – Sirara disse, olhando para a criatura de cabeça oval, que parecia alheia aos dois. – Era dele que você estava falando?

– Não, era um humano; um *kishpü* – o jovem explicou, abaixando o capuz molhado. Ele se aproximou de uma pedra entalhada com a Língua Antiga, protegida por um cubo de vidro. – Algumas dessas coisas me parecem realmente velhas. Isso data do princípio da era Dingirī... se for legítimo.

– E essas aqui? – a mulher perguntou, avaliando uma estante repleta de pequenas esferas de vidro esverdeadas. – São realmente... *reliquias*? Sabe, daquelas que as pessoas encontram por aí esquecidas e que... *fazem* coisas?

– Não – ele respondeu, olhando os globos de perto. – A cor não é a mesma e a textura parece que foi riscada no vidro, consegue ver? Me parecem *réplicas*.

– Acha que esse lugar é uma fraude?

– Não necessariamente. Relíquias podem ser *perigosas*, não seria inteligente deixá-las

expostas para qualquer um poder mexer... ou *roubar*. Talvez por isso ele tenha réplicas.

– São bonitas, pelo menos... – Sirara falou. – Você deve estar se sentindo em casa aqui, garoto.

– Menos do que você imagina – ele disse, sentindo como se estivesse dentro de uma versão distorcida da realidade em que crescera. Lá fora, a chuva aumentava, abafando os guinchos dos guandirianos. – O que seu tio lhe disse sobre esse lugar?

– Ele nunca me trouxe aqui, e eu também nunca me interessei – ela disse, segurando agora nas mãos uma vela espiralada. – Não posso dizer que minha família era muito *religiosa*.

– E você, nunca quis constituir uma família própria? – o rapaz perguntou.

– Eu... – ela começou a responder, parecendo ter sido pega desprevenida.

– Desculpe, eu não queria ser *rude*, só fiquei *curioso* – ele explicou.

– Tudo bem – ela disse, passando a mão nos cabelos molhados. – Acho que o mais próximo que cheguei de constituir uma família foi com um *traste* em Urpur. Até hoje não sei o que vi naquele homem idiota. Talvez eu tenha uma queda por cabelos compridos...

– *Irmão kishpü*, que Os Quatro o saúdem... – disse uma voz humana vindo dos fundos da loja, interrompendo a conversa dos dois.

O feiticeiro de pele esverdeada havia trocado o capuz por um manto comprido, que lembrava o que Barutir costumava vestir nos ciclos em que tomou conta do pequeno espadachim.

– Sirara, este é Ubara Tüt – Adapak apresentou. – Acho que ele pode me ajudar com algo.

– Ao seus serviços, capitã – o feiticeiro disse, fazendo uma reverência.

A mulher arregalou os olhos.

– Como sabe que?...

– Os presentes que Os Quatro nos deixaram nos conferem grandes poderes, Sirara Nanshe – o homem falou, tocando as joias que circundavam sua cabeça calva.

– Ou você já me viu no cais e *arriscou* – ela devolveu, apertando os lábios.

– Talvez, Sirara Nanshe, talvez... Ou talvez esteja temerosa em se expor mais ainda para *ele*, não? – Ubara provocou, apontando para Adapak e abrindo um sorriso perturbador.

O espadachim achou que a pele bege da humana tinha se tornado levemente avermelhada com a pergunta.

– Eu... não tenho paciência para esses *embusteiros*, garoto – ela disse, irritada. – Vou esperar você lá perto da porta, prefiro ficar perto daquele mellat...

– Certo... – Adapak respondeu um pouco confuso, vendo-a se afastar com passos fortes.

– Eu... peço desculpas – o kishpü falou para Adapak, torcendo os lábios grossos. – Eu não devia ter...

– Pode mesmo ler os pensamentos das pessoas? – o rapaz lhe perguntou.

– *Ler* é um termo um tanto quanto... *fantasioso*. *Ouvir* seria mais adequado. Posso ouvir certos trechos de pensamentos, sim, mas é preciso ser um bom observador do mundo físico também, e unir as duas artes, digamos.

– Como assim?

– Ouvi o som do *mar* se repetir na mente de sua amiga... então reparei em sua pele bronzeada e nos calos das mãos. Fiz um julgamento em cima de sua postura confiante e arrisquei uma posição de comando ao invés de serviçal.

– Impressionante – o espadachim admitiu. – Consegue fazer comigo?

– É improvável que um kishpü possa ouvir a mente de outro, não acha? – o humano falou, torcendo o rosto deformado.

– Sim, claro – o rapaz disse para disfarçar, apontando em seguida para as bainhas de Igi e Sumi. – Então, o que pode me dizer sobre elas?

– Venha comigo, irmão – Ubara Tüt falou animado, caminhando por um dos corredores que os artefatos da loja formavam em direção aos fundos da loja. Lá, um pequeno escritório desorganizado completava a sugestão de vida caótica que aquele humano se via cercado há ciclos. Três estantes repletas de livros do mesmo tipo se apertavam no pequeno espaço, ocupado também por caixotes cheios de quinquilharias empoeiradas. Pilhas de papel descansavam sobre o balcão comprido da frente, por onde o kishpü deu a volta.

– É ali que você guarda as verdadeiras relíquias? – Adapak perguntou, notando um alçapão trancado no chão do recinto.

– Exatamente. Ali ficam os verdadeiros... *tesouros* – o humano disse enquanto procurava algo específico na segunda estante.

– Vi um mellat lá na frente da loja – Adapak falou, apoiando a bolsa no balcão. – Ele... faz parte da loja, de alguma forma?

– Oh sim, ele é meu, digamos, *assistente* – o homem falou, passando a procurar em outra estante.

– Achei que eles não tivessem uma identidade própria... – o jovem falou, estranhando o que o homem dissera.

– Eles *não têm* – o feiticeiro confirmou, tirando um velho livro carcomido da prateleira –, mas esse aí apareceu com um grupo há ciclos atrás, quando meu tataravô ainda estava aqui, e fizeram algum tipo de *acordo*. Eles gostam de ficar perto de relíquias, de catalogá-las... Sabem lidar com elas. Desde então ele faz parte da loja.

O homem apoiou o livro sobre o balcão, abrindo-o em uma página previamente marcada. Cobrindo as narinas por conta da poeira, o espadachim se aproximou.

– Meus registros datam suas espadas em aproximadamente 520 da era dos mortais – Ubara começou a falar, examinando as páginas. – A história delas começa com três irmãs gisbianas inseparáveis... Consegue adivinhar seus nomes?

– Igi, Sumi e Lukur? – arriscou Adapak, confirmando que acertou pelo sorriso do feiticeiro.

– Precisamente. Segundo está escrito, eram filhas de um poderoso kishpü chamado *Yarlagandu*, senhor de um conjunto de terras ao sul de Badibiria.

– O nome não me soa familiar – falou o jovem, desembainhando as duas armas e as pousando sobre o balcão.

O humano prosseguiu:

– Algumas passagens sugerem que ele fizera um grande favor a *Enlil' Nār*, o *Viajante*, e que em troca recebeu do Dingirī três pequenas “pedras mágicas”... – Ubara fez uma pausa e

apontou para os olhos da escultura de ushariani no cabo de Igi. – Uma *azul* – ele disse, tocando em seguida os olhos de Sumi –, uma *verde*...

– ... E uma amarela – completou Adapak, atento. – Estão no interior das empunhaduras.

– Exatamente – o homem sorriu. – Yarlagandu as transformou em pingentes e presenteou cada filha com um, e então chegamos à primeira parte interessante da história...

– Qual parte? – o espadachim perguntou, se aproximando ainda mais do homem.

– Ele disse – prosseguiu o feiticeiro – que enquanto suas filhas usassem as “pedras mágicas”, as... *reliquias*, elas nunca se perderiam uma da outra.

Adapak sentiu um calor no peito ao ouvir aquilo.

Telalec.

– Nunca... s-se perderiam? – o jovem repetiu, ouvindo o coração acelerar.

– Me permite? – Ubara falou, apontando para a espada Sumi.

O jovem de pele negra concordou e o homem a segurou gentilmente.

– Dizem – o feiticeiro começou a explicar, apontando para os olhos verdes da escultura do cabo – que sob a luz de Sinanna, as joias se acendem levemente quando apontadas em direção uma da outra. Um detalhe minucioso, devo admitir, dificilmente perceptível para aqueles que o desconhecem...

É assim que ele me encontra.

– Você está bem, irmão kishpü? – o humano perguntou, notando a expressão assombrada de Adapak.

– Sim, eu... Isso na verdade faz bastante sentido – ele explicou, segurando Igi perto do rosto. Os olhos azuis da cabeça do ushariani permaneciam opacos. – Como as pedras foram parar no cabo das espadas?

– Oh, sim, agora chegamos na segunda parte interessante da história... e um pouco confusa, temo dizer – Ubara exclamou, apoiando Sumi de volta no balcão e voltando a atenção para o livro. – Dizem que assim que as filhas de Yarlagandu deixaram de ser crianças, ele contou a elas que as “pedras mágicas” eram capazes de muito mais... Ele disse que juntas, elas eram uma *ponte*.

– Uma... “ponte”?

– Chegaremos lá, me acompanhe – pediu Ubara, prosseguindo. – Yarlagandu possuía um guarda-costas em particular; um ushariani chamado *Puzur*.

– Espere, *esse* nome me soa familiar – Adapak falou, confuso. – “Puzur” é nome de um personagem da série de livros *As aventuras de Tamtul e Magano*.

– Precisamente – o homem falou, sorrindo. – Uma adaptação ficcional de alguém verdadeiro. Surpreso?

– Muito – o jovem confessou, balançando a cabeça. – Nunca achei que alguns personagens dali fossem baseados em pessoas de verdade...

– Oh sim, ainda que a versão *real* de Puzur não tenha sido tão... *heroica* quanto à dos livros de fantasia.

– Por quê?

– Ele acabou por se envolver... *romanticamente* com Sumi, digamos. E então...

– Deixe-me adivinhar – Adapak o interrompeu. – Sumi contou a Puzur sobre as “pedras mágicas”.

– Precisamente – o feiticeiro disse, virando a página. – O ushariani *roubou* as relíquias e as levou até um armeiro de Badibiria cujo nome os registros infelizmente não dizem... Mas sabe-se que lá ele as integrou a três belas espadas e a partir daí começou uma vida de roubos através dos cinco continentes de Kurgala... mas de maneira muito *estranha*.

– Por que “estranha”?

– Porque aqui os registros começam a se contradizer – Ubara falou, apontando para uma das datas do livro. – Existem passagens narrando a presença de Puzur em continentes diferentes com a diferença de poucos dias, o que é *impossível*. São tantos registros que é quase como se ele fosse mais de uma pessoa... ou pudesse cruzar os oceanos em pouquíssimo tempo.

– Nos livros de Tamtul e Magano, Puzur tem *botas mágicas* que lhe permitem “correr mais rápido que o pensamento”, sempre que está chovendo – falou Adapak, pensativo.

Ponte.

– “Juntas, elas são uma ponte” – falou Ubara, como se adivinhasse o pensamento do espadachim. – “Uma ponte mágica sobre os oceanos” é a conclusão mais próxima que já se chegou sobre o termo, como se Puzur possuísse alguma maneira de se viajar tão rápido pelo mundo...

Antes que Adapak pudesse acrescentar algo, a figura esguia do mellat se aproximou do escritório, caminhando com seu andar preciso.

– Não se incomode com ele, podemos... – o feiticeiro começou a dizer, mas então a criatura pálida parou em frente ao espadachim e o encarou com os enormes olhos.

Adapak.

O espadachim se viu mais uma vez mesmerizado pelas esferas brancas, incapaz de raciocinar claramente. Ubara se tornou um ruído insignificante enquanto ele se via refletido ali, ouvindo a voz suave que sussurrava somente para ele.

Adapak.

Ikibu.

Com um grito, Adapak se desvencilhou do transe e cambaleou para o lado, batendo com o quadril no balcão. Ressaltado, ele ergueu a lâmina de Igi na direção do apático mellat.

Subitamente, o espadachim sentiu como se uma parede invisível se chocasse contra ele, empurrando-o para longe até jogá-lo contra um conjunto de vasos altos na parede oposta ao balcão. O som de cerâmica se partindo ecoou pela loja. Tonto e inalando a poeira que se ergueu, o jovem começou a se levantar sentindo as costas protestarem.

– O que pensa que está fazendo, levantando armas aqui dentro?! – exclamou Ubara para o espadachim, tocando as joias presas à cabeça.

– ... E-ele me *assustou!* – Adapak gritou para o humano, se apoiando em uma estante baixa.

– Do que você está falando, irmão? Abaixei a espada! – o homem o alertou, dando a volta no balcão e se colocando ao lado do mellat.

Pisando desajeitado nos cacos de cerâmica do chão, o espadachim obedeceu, embainhando a arma e mantendo os olhos sobre o mellat. Sirara chegou correndo.

– Pelos Quatro, o que está havendo?! – ela exclamou, com a mão no cabo da própria lâmina.

– Está tudo bem, Sirara, espere... – Adapak falou, erguendo as mãos e voltando a atenção para o feiticeiro. – Me desculpe, Ubara, mas o *mellat*, ele... Ele disse algo, uma palavra que venho ouvindo de pessoas que querem me *matar!*

– Do que ele está falando? – o homem perguntou ao mellat, que o encarou da mesma maneira que fizera com o rapaz.

– Suas narinas estão sangrando – Sirara avisou a Adapak, se aproximando com um olhar preocupado.

Ele limpou o rosto com as costas da mão cinzenta.

– *Ikibu* – falou o feiticeiro calvo, encarando confuso o ser magro de cabeça abaloada.

– *Sim!* – o espadachim exclamou, dando um passo na direção do balcão. – Por favor, eu... o que isso quer dizer?!

– *Resultado* – o homem respondeu, perturbado.

Ikibu.

– Por favor, Ubara – Adapak pediu, tropeçando em outro pedaço de cerâmica –, preciso perguntar algo para ele, é *muito* importante, por favor!

– Eu... Eu não acho que...

– Por favor, foi um *acidente*, eu pagarei pelos vasos, eu prometo, mas... eu preciso que me ajude, Ubara...

O homem de pele esmeralda fitou o rapaz por um tempo, lançando olhares ocasionais para a confusa Sirara e os itens quebrados atrás deles. Lá fora, a chuva permanecia intensa, abafando os guinchos dos mercadores guandirianos ao lado da loja.

– Os mellat possuem um dialeto próprio, derivado da Língua Antiga – o feiticeiro finalmente disse, relutante. – Ele vai ser capaz de entendê-lo, mas vou precisar traduzir o que ele responder... em minha *mente*.

– Adapak, em nome da Prisão de Cristal, o que está acontecendo? – perguntou a capitã.

– Não se preocupe Sirara, eu... Eu preciso saber – o rapaz de pele negra falou, chegando perto de Ubara e do mellat. Evitando encarar o ser de olhos espelhados, o espadachim começou então a direcionar as perguntas para o feiticeiro:

– Pergunte a ele *o que é esse*... “resultado” – o jovem disse.

O mellat focou o olhar em Ubara, que moveu os lábios em silêncio, como se ouvisse algo.

– Ele disse... que *você* é o resultado – o homem falou, intrigado.

– *Eu?* O qu...

– *O que Anu’ Nār viu, nós mellat vimos* – Ubara falou, antes que o espadachim dissesse

algo mais. A voz do feiticeiro tornou-se monótona e seus olhos presos nos da criatura pálida, como se tivesse se tornado uma extensão da vontade da criatura.

Marionete.

– *O que o Artesão fez, nós testemunhamos* – o humano calvo prosseguiu, de olhos arregalados. – *Mas o resultado não foi apresentado aos outros, o resultado foi roubado da Casa do Artesão...*

Na entrada da loja, o sino da porta soou.

O som despertou Ubara do torpor. O humano piscou com força enquanto a consciência lhe era devolvida. O mellat permaneceu estático.

– Você está bem? – Sirara perguntou para o feiticeiro.

– Eu... sim, eu... Escutem, acho melhor vocês partirem – o homem disse, virando-se para o espadachim e a mulher.

– Ubara – falou Adapak –, eu insisto, nós...

O espadachim se calou ao ouvir um chiado pesado de respiração aumentar até revelar os quatro caimani que haviam entrado na loja. Sob as vestes simples, as escamas coloridas dos seres curvados resistiam ao forte tom esverdeado dos itens da loja, movimentando-se como se tivessem vida própria.

– Nós estamos *fechados* – falou Ubara, mas os caimani o ignoraram, abrindo e fechando as narinas das papadas à medida que avaliavam o cenário com os olhos cor-de-rosa. O par de membranas no topo de suas cabeças lembravam Adapak das velas do navio de Sirara, só que muito mais enrugadas e falhadas. O mais obeso deles deu um passo à frente do grupo e apontou para o espadachim com o braço encaroçado.

– *Ikibu* – o ser falou com a voz rouca.

Enquanto Adapak empurrava Sirara para trás e desembainhava Igi, os Círculos Tibaul coloriram o chão sobre os seres escamosos, que por sua vez desembainharam as espadas curvas e ergueram as lanças de osso. Antes que o combate tivesse início, contudo, os caimani foram empurrados na direção de onde tinham vindo pela mesma força invisível que o espadachim fora vítima antes. O som de estantes derrubadas e de vidro se quebrando reverberou pelas paredes do estabelecimento.

– O q-que é isso, você é algum tipo de criminoso procurado, é isso?! – Ubara perguntou para o espadachim, agora parecendo desesperado.

O mellat foi para trás do balcão, mas manteve os olhos reflexivos na direção de Adapak.

– Não, Ubara, me ouça, por favor! – o rapaz pediu, erguendo a mão cinza para o kishpü. – Eu não estou com eles, eu...

– Eu não me importo, quero todos fora daqui, *agora!!* – ele disse, pegando a bolsa e a espada Sumi do balcão e as jogando em direção ao jovem.

– Eles estão se levantando! – gritou a capitã, sacando a espada e olhando as silhuetas dos caimani por trás das quinquilharias da loja.

Adapak fez sinal para que ela seguisse por trás das estantes da parede oeste em direção à

saída, e assim ela o fez. Os seres a ignoraram, no entanto, mantendo os olhos róseos focados no alvo de pele negra.

– Deixe que eu cuide deles, Ubara – o espadachim falou, recuperando o equipamento do chão e se colocando à frente dos inimigos. – Fique atrás do balcão até q...

Adapak não terminou a frase; o mundo rodopiou quando ele foi arremessado através da loja junto com os caimani, acertando um conjunto de barris repletos de pergaminhos. Lâminas tilintaram pelo chão do lugar. O sino da porta soou no ar.

Vamos!

Sentindo como se tivesse sido atropelado por uma manada de sisus, o rapaz de olhos brancos se levantou desorientado, à procura das espadas e da bolsa. Um dos caimani se ergueu, também desarmado, e avançou contra ele, projetando a mandíbula e por pouco não abocanhando seu rosto. Adapak colocou o antebraço contra a papada da criatura e tropeçou para trás, acertando com as costas nuas em um espelho triangular preso à parede. O espadachim então ergueu a bota direita e desceu com força contra o joelho esquerdo do oponente, dobrando-o para trás com um estalo.

Ali.

Adapak empurrou o caimani ferido para o lado e se jogou para o chão do lado oposto, onde Sumi o aguardava. Os Círculos coloriram os dois inimigos que avançaram armados. O espadachim se levantou e recuou, floreando com a lâmina de osso até tirar a espada de um e trespassar a garganta do outro. O caimani desarmado pegou um quadro de madeira e o jogou de qualquer jeito contra Adapak, que se protegeu com o braço esquerdo livre. A quarta criatura, o caimani obeso, passou à frente do companheiro e tentou a sorte, mas os Círculos o sangraram com dois movimentos.

A mão nova funciona.

– *Saiam daqui!* – gritou o feiticeiro, do fundo da loja.

A criatura desarmada tropeçou para trás, emitindo o chiado úmido enquanto arfava. Sua cabeça acertou em cheio um lustre do teto, deixando-a desorientada e preenchendo o estabelecimento com reflexos de luz giratórios. Adapak não desperdiçou a chance, encurtando a distância até a criatura e a decapitando.

– *Iikibu!* – gritou o caimani com o joelho quebrado, ainda caído ao lado do espelho. Ignorando-o, Adapak varreu o chão com os olhos e localizou a espada Igi junto à bolsa. Recuperando-as, ele saiu pela porta com pressa, deixando os lamentos da criatura para trás, junto aos reclames de Ubara.

Lá fora, a chuva castigava a ilha de Caspama.

Relâmpagos clareavam o céu nublado, projetando a sombra do pilar Dingirī sobre a praça, agora muito menos movimentada. Os mercadores guandirianos haviam montado uma tenda

entre os anãrr adormecidos, e testemunharam Adapak se deparar com dois caimani guardando a entrada da “Tesouros do Passado”.

Lâminas cortaram gotas de chuva. Sangue e água se misturaram no chão. Ao cair dos corpos, comerciantes e transeuntes se protegeram atrás de barracas e estruturas, aguardando a violência terminar sem interferir, como era costumeiro naquele lugar sem lei.

– *Adapak!* – chamou a voz de Sirara, em algum lugar.

– Sirara?! – o rapaz gritou, apertando os olhos sob a tempestade em busca da humana. Um relâmpago clareou a cena e ele a localizou.

Entre o acampamento dos guandirianos e a loja de Ubara, Telalec e Sirara se encontravam parados em frente à base estreita do gigantesco pilar Dingirī. O ushariani mantinha a mulher de refém, pressionando a lâmina da espada Lukur contra seu pescoço. Ela tinha sido desarmada e olhava para o espadachim com dificuldade sob a cortina de chuva.

– É como o final de um daqueles seus *livros*, não é? – Telalec falou alto o suficiente para que Adapak pudesse escutá-lo sob o temporal. Seu corpo semitransparente era uma estátua de vidro sob a água que caía, permitindo que o reflexo do pilar às suas costas o colorisse levemente de esmeralda. Ele parecia se equilibrar com certa dificuldade, mantendo a terceira perna levemente fora do chão. – Todos os ingredientes para um final dramático: a *chuva*, a *donzela em perigo*... a diferença é que aqui o *herói* não sabe que é o *vilão*, não é verdade, *filho de Anu’ Nār?*

– T-telalec, por que está fazendo isso?! – Adapak exclamou, não entendendo por que ele trocara o nome do seu pai.

O ushariani pousou as pupilas vermelhas na mão curada do rapaz.

– Impressionante... Mais um verdadeiro *milagre* dos Dingirī, é claro – ele falou irônico, apertando o próprio braço esquerdo amputado contra o abdômen da mulher. – Gostaria de ter esse *luxo*.

– Adapak, quem é esse *filh*... – Sirara começou a falar, calando-se ao sentir a lâmina de Lukur ser pressionada com mais força contra sua garganta.

Adapak interrompeu o andar a cerca de seis passos dos dois.

– Eu disse à humana que Telalec é bem rápido, e que não seria prudente tentar se *soltar* – o ushariani falou, segurando o cabo da arma com firmeza. – Diga a ela que é verdade, filho de Anu’ Nār; diga a ela o que aconteceu com *Barutir*...

– N-não se mova, Sirara – o jovem preferiu dizer, engolindo em seco.

Assustada, ela concordou com a cabeça. A multidão curiosa aumentou ao redor deles.

– Não a machuque, Telalec, *por favor*...

– Seu ponto fraco sempre foram as *fêmeas*, não é verdade, filho de Anu’ Nār? – o ser de pele semitransparente falou entre os dentes. O vento soprava contra a comprida trança em seu queixo, balançando-a como uma língua traiçoeira. – Vi como você a olhava quando saiu da taverna na outra praça... Telalec devia ter percebido *antes*, devia ter compreendido os sinais da verdadeira natureza dos Dingirī!

– Do que você está falando, Telalec?... – o rapaz indagou, impressionado com a expressão maníaca no rosto do antigo amigo. Ele não parecia a mesma pessoa com quem Adapak convivera por ciclos.

– PARE DE MENTIR! – o ushariani gritou, fazendo o rapaz estremecer. – Eu já sei sobre

a Casa de Anu' Nār! Sei o que você é, sei de *TUDO!*

Súbito, o espadachim sentiu as mãos começarem a tremer. Ele olhou para baixo e viu os olhos das esculturas dos cabos de Igi e Sumi acesas como se ocultassem velas fantasmagóricas ali dentro.

E então uma forte vibração tomou conta da praça de Caspama.

Por um momento o jovem achou que fosse mais um trovão, mas quando a sensação persistiu, ele logo a reconheceu; os milhões de cristais do pilar atrás de Sirara e Telalec começaram a se mover, causando gritos de pavor da multidão em volta. Sem largar a refém assustada, o ushariani olhou apreensivo para o cabo também aceso de Lukur, e em seguida para o topo estrelado da gigantesca estrutura, que começou a gerar e esticar espigões para todos os lados.

– Isso é algum *truque* seu, é isso?! – Telalec gritou para o rapaz, sacudindo Sirara entre os braços.

Um raio brilhou nos céus, revelando o crânio pálido do ushariani sob a pele branca. Misturada à chuva e ao vento, a vibração quase os ensurdecia.

– Não, Telalec, eu n-não sei o que está acontecendo, eu juro!

– Não minta para mim, filho de Anu' Nār!! *NÃO MINTA PARA MIM, EU PASSEI PELOS ARCOS, EU VI!!*

Os incontáveis cristais que formavam o pilar Dingirī se acenderam ao mesmo tempo, transformando a estrutura em um grande farol verde. O espadachim fechou os olhos e parou de sentir as gotas de água tocar seu corpo. O vento desapareceu e a vibração também, e tudo que restou foi o som de sua respiração nos próprios ouvidos.

Adapak abriu os olhos e viu que se encontrava no interior de sua Casa.

Não. Espere.

Ele estava no interior de *uma* Casa Dingirī. A colossal câmara esmeralda tinha um formato diferente da caverna de Enki' Nār, aproximando-se mais de um triângulo. Do topo, um pilar idêntico ao da antiga morada de Adapak descia diretamente sobre ele, Telalec e Sirara, que ainda se viam desorientados sobre o grande círculo envidraçado que a textura de cristais da caverna havia formado no chão. O ushariani soltou a mulher, que cambaleou alguns passos para frente até se prostrar de joelhos. Seu corpo ainda estava molhado e ela tremia de frio.

Juntas, elas são uma ponte. Era assim que Puzur viajava pelo mundo.

Alguns passos distantes do pilar, e às costas de Telalec e Sirara, Adapak identificou uma grande circunferência formada por seis altos arcos envidraçados, também idênticos aos que ele crescera acostumado a usar. Ao lado deles e largada sobre um majestoso trono de cristal, estava uma enorme planta morta.

Por um breve instante, Adapak buscou nas enciclopédias em sua mente por alguma referência para aquele vegetal ressecado e frágil. Durante esse ínfimo momento, o jovem não reconheceu um rosto alongado e oculto em meio às milhares de membranas endurecidas pelo

tempo – a face uma vez sábia do Dingirī era agora uma máscara cadavérica sem olhos, encarando o vazio.

Pela Matriarca...

– Não sei como você fez Adapak, mas aqui estamos – Telalec falou, olhando ao redor. – Seja bem-vindo à *Casa Abandonada de Anu' Nār*...

Sirara arregalou os olhos e começou a se levantar, mas foi agarrada pelo ágil ushariani, que a trouxe para perto de si e colocou a espada contra seu pescoço outra vez.

– Me solte, seu filho de uma vadia!! – ela gritou, calando-se quando ele a segurou pelos cabelos curtos.

Telalec parecia equilibrar-se com dificuldade; havia algo de errado com sua terceira perna.

– *Você* nos trouxe aqui, Telalec, quando visualizou esse lugar em sua mente – Adapak explicou, jogando a bolsa para trás e examinando os olhos de Igi e Sumi, agora apagados. – Nossas espadas têm mais de um segredo...

– Ah, então o filho de Anu' Nār finalmente descobriu como Telalec sempre o encontrou... – o ushariani disse, mancando um pouco para trás.

– Por que fica me chamando assim? – Adapak indagou, vendo os Círculos fazerem e refazerem cálculos, impotentes.

– Porque você *o é*, filho de Anu' Nār – Telalec falou, abrindo um sorriso.

– E-estamos na... na *Casa Abandonada de Anu' Nār*? – a mulher perguntou, fazendo o melhor que podia para avaliar o cenário. – E-em *Larsuria*? Isso é imposs...

– *Nada* é impossível para os Dingirī, humana, *nada* – Telalec a interrompeu, admirando a enorme caverna. – E este lugar é a prova disso; a prova do poder que Eles possuem, e como o usam para brincar com as nossas vidas, nos fazendo pensar que Eles são algo que *não são*... Está vendo? Ali, no trono de cristal?

O ser de pele semitransparente virou sua refém um pouco para trás, para que ela pudesse ver o corpo do Dingirī.

– O q-que é aquilo?... – ela perguntou.

– Aquilo era um *deus* – ele exclamou, voltando os olhos vermelhos para Adapak. – Eu o descobri no final do ciclo passado, quando me esgueirava oculto entre o exército do oeste, à espreita do imperador Mashda...

– *Essa* era a missão que você mencionou aquele dia? – Adapak indagou. – Assassinar o irmão caçula dos três imperadores?

– E acabar com essa guerra *estúpida*? Sim! – o ushariani confirmou. – Etana, o primogênito da família, me enviou, mantendo tudo em segredo da irmã, é claro... Foram ciclos de preparação, de subornos bem planejados... Até que o fatídico dia chegou e eu me vi disfarçado de sentinela, acampado na praia da Montanha Gentil, bem no quintal desta caverna. Nossos espiões diziam que Mashda trazia mulheres para a praia para se divertir... e foi ali que Telalec o *executou*. E quando recuei para perto da rocha da montanha para me esconder, ela simplesmente... *se abriu* para mim.

– Você... é um Convidado dos Dingirī – o rapaz de olhos brancos constatou.

– Precisamente – o ushariani confirmou, puxando a cabeça de Sirara para trás. – Surpreso, eu adentrei a Casa Abandonada... e me deparei com Anu’ Nār, *morto*, sentado logo ali, próximo aos arcos.

Adapak olhou para o corpo de Anu’ Nār ao longe.

– Telalec não pôde acreditar, é claro – o ushariani continuou. – Como poderia um dos Quatro Que São Um... *morrer*? Desesperado, me vi debaixo dos arcos, implorando por respostas... e elas *vieram*! As seis estruturas funcionaram da mesma maneira que fizeram quando lhe passei o meu treinamento nos Círculos, filho de Anu’ Nār, exatamente como você me disse naquele dia: “são como livros, só que mais rápidos”, lembra? Mas desta vez foi *Telalec* quem adquiriu o conhecimento... Sim, Telalec foi o receptor de parte das lembranças que Anu’ Nār havia deixado para trás... E sabe o que eu vi?

– O q-que?

– *Vi o seu nascimento* – Telalec falou, encarando-o. – Eu *sei*, Adapak.

O ushariani aguardou uma réplica, mas o espadachim apenas o fitou, confuso. Como uma pedra de gelo ao sol, Telalec aos poucos desmanchou a expressão de afronta do rosto e sussurrou:

– Você... *não sabe*, não é? Você *realmente* não sabe, é tão ignorante quanto eu era...

– NÃO SEI O QUÊ?! – o espadachim gritou, perdendo o controle. As gotas da chuva de Caspama ainda escorriam pelo seu torso desnudo.

– Ninguém nunca parou para questionar por que Abzuku e Tiamatu “não gostaram” quando Os Quatro Que São Um povoaram Kurgala com mortais – falou Telalec. – Ninguém nunca se atreveu a perguntar mais do que as “Tábuas Sagradas” diziam, oh, não... *Simplesmente aceite, Telalec, é a vontade dos Quatro... BESTEIRA!*

Sirara estremeceu com o grito próximo ao ouvido.

– Os Quatro não povoaram Kurgala porque estavam “sozinhos” – o ushariani prosseguiu. – Eles não se *sentem* sozinhos; a insegurança é uma característica dos mortais, um *defeito* nosso, os Dingirī estão muito acima disso... Oh, não, Eles nos colocaram aqui por outra razão; Eles nos colocaram aqui como um *experimento*...

Adapak e Sirara ouviam tudo, atônitos.

– Mas os antigos senhores de Kurgala não gostaram nem um pouco de terem seu lar *usado* desta maneira – o ushariani prosseguiu, torcendo os lábios. – Abzuku e Tiamatu aceitaram a presença dos Dingirī em seu mundo porque eles eram... *evoluídos*. Mas os *mortais*? Nós somos *sujos*, nós matamos, roubamos e enganamos uns aos outros no instante em que nossos “pais” deixam de nos supervisionar... Nossa presença maculou o solo perfeito de Kurgala como sementes ruins... e como bons jardineiros, Abzuku e Tiamatu decidiram arrancar nossas raízes...

– ... Retornando Kurgala para mar – completou o espadachim, anestesiado.

– Precisamente – Telalec confirmou, de olhos arregalados. – Os Quatro queriam impedi-los não porque “nos amavam” como dizem as tábuas mentirosas; mas porque Eles não queriam ver Seu lindo experimento *destruído*. Houve uma discussão sobre como Eles

deveriam proceder, mas Enki' Nār se precipitou e aprisionou Abzuku e Tiamatu na Prisão de Cristal, antes que uma solução mais diplomática fosse acordada entre todos.

Adapak se lembrou da pintura que vira em sua própria Casa, mostrando Enki' Nār prendendo duas criaturas gigantes dentro de um enorme bloco envidraçado.

– Os irmãos da Voz Esmeralda não gostaram do que Ele fez, é claro – continuou Telalec, fascinado pelo próprio discurso. – E por isso Os Quatro discutiram e discutiram até que, incapazes de entrar em acordo, decidiram por *interromper* o experimento, Se recolhendo às Suas Casas...

Houve uma pausa enquanto Sirara e Adapak absorviam a história.

– Mas Anu' Nār nunca abandonou o experimento – o ushariani prosseguiu, lançando um olhar sobre o ombro para encarar o corpo do Dingirī. – Oh, não, com a ajuda de Seus mellat, o Artesão continuou o trabalho em segredo por muitos ciclos, até que finalmente chegou ao resultado: *você*.

– *Eu?* – o espadachim reagiu.

– Sim, você! – o ushariani afirmou. – Você é a *união* de todas as espécies de Kurgala, Adapak, *esse* era o objetivo do experimento.

– “União”? Você é *louco* – Sirara falou perplexa, nos braços do captor. – Nada disso faz sentido!

– Faz sentido para *Eles* – o ushariani exclamou, apontando para o corpo de Anu' Nār. – Porque é *isso* que somos para essas criaturas, vocês não compreendem? Somos *insetos*... *NÃO!* Somos *menos* que insetos; somos um monte de barro à disposição para que Eles experimentem e observem. Somos *brinquedos* nas mãos de crianças mais antigas do que podemos imaginar... Vocês tinham que *ver* o que eu vi nos arcos para sequer *começar* a compreender...

– O que... O que deu errado? – o jovem perguntou, encarando as órbitas vazias do Dingirī, ao lado dos arcos.

– *Enki' Nār* – Telalec respondeu, dramático. – Em uma decisão infeliz, Anu' Nār convidou Enki' Nār até esta Casa, aqui em Larsuria, para que o Irmão pudesse ver em primeira mão que o experimento estava finalmente terminado. Através dos arcos eu testemunhei você, Adapak, ainda um recém-nascido guardado como um importante tesouro no interior deste pilar.

O espadachim olhou para a imensa base estrelada acima deles. O ushariani continuou a explicação:

– Sua existência significava que Os Quatro poderiam finalmente retornar para os céus e libertar Abzuku e Tiamatu da Prisão de Cristal... Isso não seria problema para os outros Dingirī, mas Enki' Nār sempre fora... *diferente* deles nesse sentido, menos *divinal*, talvez... Algo aconteceu com ele nos ciclos em que viveu separado dos Irmãos; Ele de alguma forma desenvolveu um... *apreço* pelos mortais, acredito. E a Voz Esmeralda sabia o que iria acontecer com eles se Abzuku e Tiamatu fossem libertados... E por saber disso, Ele assassinou seu próprio Irmão, ali, naquele mesmo trono.

– Isso não é verdade – o espadachim falou, apertando com força os punhos ao redor dos cabos das espadas. – Meu pai não era um assassino.

– Eu *vi* isso acontecer, Adapak – Telalec justificou, segurando a mulher agora pela nuca. –

Vi tudo através dos arcos, diretamente das memórias de Anu' Nār e dos mellat que o haviam auxiliado.

– Então por que matar Anu' Nār e não *me* matar? – Adapak falou. – Por que estou vivo se o objetivo Dele era que o fim do experimento nunca fosse descoberto pelos outros Dingirī?

– Temo que essa resposta só Enki' Nār soubesse, uma vez que as memórias de Anu' Nār nos arcos terminam no momento em que ele é assassinado – o ushariani disse, desapontado. – Tudo que pude concluir é que depois de matar o Irmão, Enki' Nār partiu daqui, deixando você *adormecido* dentro do pilar. Sabemos que os mellat que aqui viviam aos poucos abandonaram a Casa, deixando você sozinho aqui por muitos ciclos... até o dia que Enki' Nār retornou para buscá-lo... por alguma razão.

– Barutir não me buscou em Eriduria então, ele me buscou aqui, na Casa de Anu' Nār em Larsuria – o espadachim concluiu, enxugando as lágrimas e encarando o chão esverdeado. – Era isso que ele estava tentando me dizer, que meu pai de alguma maneira o enganou, fazendo-o pensar que nunca tinha vindo aqui...

– Quando os arcos desta Casa me revelaram tudo isso, Telalec soube que duas coisas deveriam ser feitas: a primeira era destruir *você* e todos que sabiam de sua existência, filho de Anu' Nār. Você é o símbolo da arrogância e do desprezo que Os Quatro têm por nós, mas ainda mais importante: é um risco à existência de toda a vida em Kurgala. Se os Dingirī o descobrirem, tudo estará acabado...

O espadachim aguardou o resto da conclusão.

– A segunda coisa que eu sabia que tinha que fazer era destruir os Dingirī, para que Kurgala ficasse livre de suas tramoias e experimentos para *sempre* – Telalec exclamou. – Mas eu sabia que para realizar tudo isso eu precisaria de recursos; aos poucos fui capaz de extrair mais memórias de Anu' Nār dos arcos, aprendendo a dominar esta Casa e parte de seu *poder*, incluindo isso: *kima Telalec labiruti*.

Assim que Telalec proferiu a frase, uma suave vibração preencheu a caverna triangular e a base do pilar sobre eles se acendeu, cegando-os com uma forte luz verde. Tão rápido quanto surgira, o fenômeno desapareceu; e quando Adapak abriu os olhos, algo na postura do ushariani havia mudado.

– Você quase a quebrou quando derrubou a casa de Barutir sobre mim, sabia? – Telalec exclamou, pisando com firmeza com a perna antes debilitada. – Uma pena que não funcione com ferimentos *antigos*...

– Quem eram os assassinos que você mandou atrás de mim? – Adapak inquiriu. – Se não queria que ninguém mais soubesse da minha existência, por que contou para mais pessoas?

– Oh, eu não “contei” para ninguém sobre você, filho de Anu' Nār, eu fiz algo melhor que isso – o ushariani prosseguiu –; graças ao conhecimento que ganhei de Anu' Nār, eu entendi que os arcos podiam fazer muito mais do que simplesmente *transferir memórias*. Eu descobri que através deles eu seria capaz de plantar ideias e *vontades* em outros... Então, sabendo que havia centenas de soldados e mercenários a serviço de Mashda nos arredores desta Casa, eu atraí alguns deles até aqui e os transformei em *ferramentas* para minha missão.

– Você os transformou em *escravos* – Adapak disse entre os dentes.

– Sacrifícios necessários para se atingir um bem muito maior – Telalec disse, forçando Sirara a ficar de joelhos e mantendo a espada em sua garganta. – Da mesma forma que, ciclos atrás, expliquei-lhe sobre a sobrevivência dos insetos, está lembrado? Não há “maldade” no que eu fiz, seria muita inocência pensar assim..

– Você *estragou* a mente deles, eu *vi* como eles ficam, repetindo a mesma palavra do idioma mellat, avançando contra mim mesmo desarmados...

– Sim, desagradáveis efeitos colaterais que meus conhecimentos limitados sobre os arcos me impediram de resolver – o ushariani explicou, não parecendo incomodado. – Experimentei com muitos indivíduos até encontrar espécies que aceitassem a passagem pelos arcos sem muitos... *danos* à mente. Descobri que apenas os intelectos mais *fracos* eram suscetíveis, também. Se tivesse sido capaz de converter nekelmulianos, por exemplo, você não teria me dado todo esse trabalho.

– Se tudo que você diz for verdade, se o que você viu nos arcos significar realmente isso tudo – o espadachim disse, dando um passo à frente –, então você é tão horrível quanto os Dingiri.

– Não me compare com esses *monstros*, filho de Anu’ Nār, não *ouse* – Telalec falou, irritado.

E com esta última frase dita, cortou a garganta de Sirara.

Adapak gritou. Os olhos ainda conscientes da mulher encontraram os dele enquanto ela tombava para o lado, segurando o corte do pescoço e derramando o sangue no solo envidraçado. Cego de ódio, o rapaz de pele negra correu em direção ao ushariani, permitindo que os Círculos desenhassem o destino de sua vida.

As lâminas de Igi e Sumi se encontraram com a de Lukur em uma dança extraordinária de golpes e contragolpes, tirando lascas de pele e gotas de sangue que por pouco não se transformavam em golpes fatais. Como soldados que Adapak treinara por ciclos, os músculos do espadachim obedeciam aos movimentos com honra, anulando cada possibilidade letal oferecida por Telalec e retribuindo com outra igualmente rechaçada. Adapak era Telalec e Telalec era Adapak, mesclados como um único espadachim enfrentando a própria sombra.

Exaustos, eles finalmente rodopiaram e abriram uma pequena distância entre si. O combate os havia levado para dentro da circunferência formada pelos enormes arcos, alguns passos longe da base do pilar. Em meio às batidas do próprio coração, o jovem de olhos brancos ouviu o gorgolejar de Sirara atrás dele, ainda viva.

– Você não pode *existir*, será que não compreende, isso?! – Telalec gritou entre o respirar pesado. – Como pode lutar pela vida quando sabe que ela própria representa o fim de Kurgala?!

Adapak lançou um olhar para a esquerda. Passos dali, Anu’ Nār jazia largado no assento de cristal, como um cobertor velho e castigado pelo tempo. O jovem encarou as grandes órbitas negras da criatura, que outrora abrigaram olhos tão serenos quanto os de Enki’ Nār; o Dingiri que ele aprendera a chamar de pai.

E então o espadachim fechou os olhos e sussurrou:

– *M’argiddä anat harani sal Adapak alaktasa la t’arat.*

Assim que Adapak sentiu os arcos ao seu redor começarem a vibrar, ele trouxe à própria memória tudo que se lembrava de sua vida: todas as histórias que ouvira de Barutir e Nafaela, e o carinho que sentia por eles. Cada ameaça proferida por Dannum, e o medo que guardara dentro de si durante aqueles primeiros ciclos. Ele tentou visualizar cada uma das enciclopédias que decorara na biblioteca; cada ilustração de animal e vegetal, cada linha de texto que lera e relera. Adapak se lembrou das línguas que aprendera a falar e de como as treinava nas longas conversas que tinha com Enki’ Nār, conversando sobre as maravilhas de Kurgala. O espadachim enxergou os Círculos e seus cálculos. Ele se lembrou dos livros de Tamtul e Magano, revivendo cada aventura fantástica, cada item mágico, cada monstro derrotado.

E por último, ele repassou cada momento que tivera com T’arish, incluindo tudo de bom que sentira por ela e tudo de ruim que sofrera quando ela o deixou.

Telalec, por sua vez, teve outra experiência.

A vibração o abraçou com tanta intensidade que seu corpo se tornou dormente. Seus olhos deixaram de ver, seus ouvidos pararam de ouvir e sua pele semitransparente não sentia mais o ar frio da caverna. E então sua consciência foi brutalmente estirada através do tempo, vivendo todos os detalhes dos 19 ciclos da vida de Adapak em apenas um instante.

E quando a vibração cessou, o mundo voltou ao normal e seu corpo voltou a sentir; Telalec não era mais Telalec.

O ushariani tombou no chão liso, dobrando e redobrando a coluna violentamente, como um peixe sufocando fora d’água. Ele repuxava os lábios em uma caricatura horrorosa enquanto os olhos giravam em todas as direções, transcrevendo a batalha dolorosa que sua mente travava ao tentar lidar com a vida inteira que os arcos haviam lhe transferido. Sua respiração se transformou em espasmos cada vez mais fortes e espaçados. Um fio de saliva lhe escapava da boca entreaberta, escorrendo pela trança do queixo e pingando no chão.

Por fim, Telalec parou de respirar.

Adapak embainhou Igi e Sumi, pegou Lukur do chão e correu de volta para Sirara, caída sobre uma poça de sangue sob a base do gigantesco pilar da caverna. Desesperado, o espadachim ajoelhou ao lado da mulher, cuja vida se esvaía rapidamente. Seus olhos brancos encontraram os dela, que ainda retinham um resquício de consciência, temperados com medo e confusão.

– *Kima Sirara Nanshe labiruti...* – o jovem então sussurrou, segurando as mãos frias da mulher.

Os cristais da base do pilar se acenderam, banhando os dois de luz e os envolvendo com vibração. Adapak não ousou desviar seus olhos dos dela, acompanhando a reação assustada da mulher ao sentir o corte da garganta se fechar como se Telalec nunca tivesse lhe feito mal.

E quando o fenômeno terminou, ela caiu em um sono profundo, curada.

Segurando uma das mãos da mulher com a mão cinzenta, o espadachim pegou a espada Lukur com a outra mão, colocando-a ao lado de Igi e Sumi e mentalizando o Lago Sem Ilha.

Os olhos das armas se acenderam.

Enquanto os espigões do pilar voltavam a crescer e a caverna a vibrar, Adapak olhou para a sua bolsa, a alguns passos dali. Ele se imaginou correndo até lá e tirando a carta de T'arish de dentro dela, abrindo-a finalmente. Ele visualizou a bela letra da ïnannariana no papel branco, implorando por perdão e pedindo para vê-lo novamente. Adapak sentiu as palavras aos poucos curando seu coração magoado, desfazendo o passado e inundando seu peito com a felicidade que ele não merecia ter perdido. Era o desfecho perfeito para aquela história de amor; uma conclusão digna das aventuras fantásticas de Tamtul e Magano.

Mas ele não estava nos livros de Tamtul e Magano.

Adapak era o protagonista de sua história real, cuja conclusão daquele capítulo já havia sido escrita ciclos atrás por T'arish, não importando o que aquele pedaço de papel ocultava.

E pensando nisso, Adapak fechou os olhos e se deixou envolver pela luz esmeralda, sentindo saudade dos bolinhos de geleia que seu pai fazia.

Epílogo

– SUA CASA FICAVA MESMO LÁ? – Sirara Nanshe perguntou, apontando para o centro do Lago Sem Ilha. – Depois daquela ilhazinha ali, com a árvore torta?

– Sim, bem lá no meio – Adapak respondeu.

A sombra do pilar da margem oeste os protegia do sol da manhã, que saudava as aves alegres que sobrevoavam as copas das árvores de isu. Atrás do casal sentado na grama, as oferendas que os povos de Kurgala costumavam deixar para Enki' Nār pareciam escassas.

– Não sei como é a sensação de se perder o lar, mas sei como é perder a figura paterna – Sirara falou, ao lado do rapaz.

– Já não sei se devo continuar a chamá-lo assim – o espadachim respondeu, mantendo o olhar no horizonte.

– Enki' Nār voltou à Casa Abandonada para buscar você, não voltou? – ela insistiu. – Me parece a atitude de um *pai*, pelo menos para mim...

– Sim, mas por que ele voltou? – o rapaz de pele negra questionou, encarando a água calma. – Depois de tudo que vi, não sei mais se o que ele tinha por mim era afeto ou...

– Você não “viu” nada – a mulher de cabelos curtos o interrompeu, irritada. – Aquele ushariani é quem disse aquilo tudo, *você* não tem certeza. Deixe que a lembrança do seu pai seja a última da *sua* memória, e não a das palavras de um louco assassino.

– Acho que você tem razão – ele disse pensativo, olhando para a pequena ilha da árvore tristonha, cuja cascata de folhas cor-de-rosa ele tinha saudade de ver de perto. – Sabe, eu ainda tenho alguns livros guardados em um baú ali.

– Ali aonde? Naquela ilhota?

– Sim.

– Que tipo de livros?

– Tamtul e Magano – ele disse.

Sirara deu de ombros.

– Você... *nunca* leu nada deles? – o rapaz indagou boquiaberto. – *Tamtul e Magano contra a ampulheta da Rainha Estátua?*

Ela negou com a cabeça.

– *O olho de Pht'Angü? A ameaça de Rumbaba?!*

– Nada – a mulher falou, entortando a boca de um jeito engraçado.

– Pela Matriarca, agora eu *realmente* tenho que nadar até lá – Adapak falou, balançando a cabeça e sorrindo.

– O que vai fazer agora? – ela indagou, olhando para as espadas Igi, Sumi e Lukur ao lado dele. – Você pode ir para qualquer lugar de Kurgala, pelo que me explicou. Qualquer um que tenha um daqueles pilares, pelo menos.

– Acha que há algum lugar no seu barco para o filho de um Dingiri? – ele perguntou, arriscando um sorriso.

– Isso... é o que um dos heróis dos seus livros faria? – ela retrucou, erguendo a

sobrancelha.

– Depende – Adapak disse, mudando de posição na grama. – Magano é o mais sério dos irmãos, o mais *cuidadoso*... Ele provavelmente diria que o mais sensato seria ir atrás dos mellat e tentar descobrir mais sobre mim... Mas *Tamtul*? Tamtul é o *impulsivo* da dupla. Ele provavelmente beijaria a princesa antes que ela sequer respondesse a pergunta.

– Vejo que meu discurso na frente do Dingirī Manco não adiantou de *nada* – ela retrucou, apesar de não parecer irritada. – Uma “princesa indefesa”, é isso?

– Bom... você foi feita de refém *duas vezes* desde que a conheci. – ele falou com uma careta.

– É verdade... – ela disse, passando os dedos na garganta. – E nesses seus livros de fantasia, as princesas por acaso acertam um *tapa* no rosto do herói atrevido?

– Eu... não sei – ele respondeu, pego de surpresa.

– É seu próximo mistério a ser resolvido então, espadachim.